



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**MICAELE OLIVEIRA EUGÊNIO COSTA**

**CORPOS, CRUZES E RESSURREIÇÕES: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DAS  
EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO DE MULHERES LÍDERES DA PASTORAL DA  
CRIANÇA**

**SÃO CRISTÓVÃO  
2017**

**MICAELE OLIVEIRA EUGÊNIO COSTA**

**CORPOS, CRUZES E RESSURREIÇÕES: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DAS  
EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO DE MULHERES LÍDERES DA PASTORAL DA  
CRIANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Ciências da Religião da Universidade Federal de  
Sergipe como requisito para obtenção do título de mestra  
em Ciências da Religião

**Orientador:** Prof. Dr. Romero Júnior Venâncio Silva

**SÃO CRISTÓVÃO  
2017**

**MICAELE OLIVEIRA EUGÊNIO COSTA**

**CORPOS, CRUZES E RESSURREIÇÕES: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DAS  
EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO DE MULHERES LÍDERES DA PASTORAL DA  
CRIANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Ciências da Religião da Universidade Federal de  
Sergipe como requisito para obtenção do título de mestra  
em Ciências da Religião

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Romero Júnior Venâncio Silva**  
**Orientador**

---

**Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani**  
**Examinador Interno**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Lopes da Silva**  
**Examinadora Externa**

## DEDICATÓRIA

*Àquelas que falaram [e falarão a quem se  
interessar],*  
**(mulheres, líderes, voluntárias, filhas, irmãs, tias,  
companheiras, mães,  
jovens, adultas, idosas, estudantes, professoras,  
cabeleireiras, manicures, agentes comunitárias de  
saúde, auxiliares de serviços gerais,  
receptionistas, costureiras, aposentadas, pardas,  
negras, brancas,  
católicas, catequistas, coordenadoras da Pastoral  
da Criança, do Batismo, da Legião de Maria,  
ministras da Eucaristia, guerreiras, corajosas,  
sonhadoras, mulheres que fazem a diferença, que  
vão à luta com fé e determinação, corpo de  
mulher na sua relação com outros corpos,  
mulheres do sertão nosso de cada dia) pelas  
plurais contribuições para a materialização desse  
escrito.  
*A vocês, meu agradecimento, meu carinho e minha  
admiração.***

## AGRADECIMENTOS



É chegado o momento de render graças...

Agradeço a Antônio Eugênio (meu inesquecível e, por isso, sempre “presente” pai) que em 10 anos, de (con)vivência comigo, mostrou-me, na prática, o quanto esse mundo binário, segregacionista e sem graça não passa de uma ideia construída e fracassada. Na garupa da tua bicicleta eu me sentia completamente livre. Na sua companhia, andei por lugares “impróprios” para meninas.

Àquela que me concebeu, Josefa Oliveira Eugênio, e de quem herdei minhas mitocôndrias, quero agradecer por todo apoio ofertado ao longo da minha existência, sobretudo, pós-morte física do meu saudoso pai... Parece impossível, aos olhos de uma sociedade machista, três mulheres, “sozinhas”, se virarem, de maneira digna, neste mundo. Quantas vezes ouvimos: “Não tem pai, mas é direitinha, né? ” Ou ainda, lembrando-me da ocasião em que assumiu, dias depois, o trabalho do teu companheiro (Cambista do Jogo do Bicho), com vistas a obter uma grana para nos virarmos, disseram: “Aquela viúva não sentiu a morte do marido. Já foi atrás de macho”. Nos viramos. E com dignidade. Levarei comigo, sempre, a sua bravura e os valores (esses que importam!) ensinados. Pelo incentivo constante para que eu me dedicasse aos estudos, minha eterna gratidão! Se hoje tenho a oportunidade, estando inserida numa sociedade de oportunidades desiguais, de sentar nesta cadeira para digitar esse agradecimento, devo-lhe muito.

À minha amiga e amada irmã, Morgana Oliveira Eugênio, pela parceria firmada ao longo desse ciclo que beira ao encerramento. Pelos esforços desmedidos para que eu alcançasse metas pré-estabelecidas; pelas peregrinações constantes com minha cria, para que eu tivesse a oportunidade de assumir aquilo a que me propunha; pelas vezes que tentou me consolar ante minhas angústias humanas, e depois comemoramos juntas, minha gratidão eterna! Essa relação está para além do nosso vínculo consanguíneo. (Flores)cemos e (flores)ceremos sempre!

À minha amabilíssima Vó, Maria José de Oliveira, venho agradecer pelas palavras de apoio, pelas orações e pela confiança, em mim, depositada. Não esqueço o pé de cajueiro Vó, passe o tempo que passar! Como esquecer? Como esquecer que mesmo não tendo frequentado a escola, por motivos socioeconômicos diversos, e não sabendo ler as palavras (mas sabendo ler o mundo) me ensinava, com muito entusiasmo, a juntar letras, soletrar palavras e, mais tarde, ler frases? Aquelas tardes, em que nos sentávamos no cajueiro pra tomar a leitura,

levarei comigo sempre, com muito amor, orgulho e gratidão. Tudo isso marcou (e ainda marca) meu corpo, meus sentidos, minha história.

Ao meu Vô, José Nunes, por ser um homem tão especial na minha vida. Por me encorajar sempre, por me apoiar nas minhas decisões: “Tá tudo bunito, Micaele!” O brilho do seu olhar e o seu sorriso de alegria me deixam (in)quieta, reflexiva e tudo isso resulta, sempre, em confortantes abraços. Espero tê-lo, ao meu lado, por muito tempo.

Ao meu Amigo, Orientador, Companheiro e Cúmplice, Valter Costa, meu respeito e apreço. Estamos juntxs nessa empreitada desde o início dela. E, desde sempre foi meu sustentáculo quando a incerteza, a indignação e a tristeza vinham ter comigo. Você que, na experiência do cotidiano, buscou assumir, sem se eximir, aquilo que a sociedade ainda destituiu dos homens, suas responsabilidades paternas. Sou feliz por tê-lo ao meu lado. Agradecida por acreditar nos meus sonhos e, sobretudo, romper assimetrias de gênero para sonhar/caminhar/alçar voo junto comigo.

Ao meu amor grandão (Gabriel Costa), quero agradecer pelos abraços, beijos, massagens, carinhos e risos largos a mim ofertados ao longo dos seus dois aninhos de existência. Você tem me permitido transitar entre a felicidade e a angústia, uma relação linda de ambígua, livre de dogmas e de ideologias maternalistas... Um amor conquistado!

Àquelas e àqueles que me estenderam as mãos, os braços, o corpo, para acolher meu amor grandão, quando surgia a necessidade do meu afastamento/isolamento para cumprimento das obrigações acadêmicas, e Valter estava empenhado em tarefas outras, meus agradecimentos mais profundos: Fátima, Mayra, Vitória, Hugo, João, Arnaldo (minha família do coração); Mãe e Mananinha (minha família consanguínea); Vadinho (sogro e parceiro); Thays (prima querida); Lucineide e Sônia (companheiras estimadas).

Ao meu (des)orientador Romero Venâncio, pela abertura epistemológica, pelo estímulo no desenvolvimento de uma pesquisa com perspectiva feminista, pelos livros emprestados, pela confiança e liberdade de escrita “demasiadas” (que desencadeavam angústias, confesso) e pelo acolhimento ao longo desse trajeto, minha perene gratidão. Essa postura metodológica, cheguei à conclusão, é o jeito romeriano de livrar, quem está adentrando no universo da ciência, de sistemáticas e exegéticas impostas de cima para (em)baixo/guela a dentro. Enfim... Como diria você, agora vai/foi!

Às mestras e aos mestres que, desde o meu privilegiado ingresso (há exatos vinte e três anos) no universo da educação, cruzaram minha vida escolar e, depois, acadêmica, gostaria de agradecer pelas partilhas, mediações e diálogos. Cada um/a teve sua contribuição (tenha sido

ela encarada de forma positiva ou negativa) no que hoje me constitui, são pedaços de mim, gente que carrego comigo.

Às queridas Alice Alexandre Pagan e Marina Santos Correa, pelas inestimáveis contribuições tecidas na ocasião da qualificação de mestrado, gratidão! “Pedaços” de vocês estão contidos nesse escrito.

A Marina Macedo, tradutora estimada, pela parceria firmada.

Aos queridos camaradas Izaias Goes, Juracy Júnior e Thiago Santana, pela companhia, pelos despertares e pela amizade cultivada. Presentes da Pós-Graduação! Minha turma de pertença.

Ao Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais - GESEC/UFS/CNPq, pelas discussões e contribuições teóricas. A partir dessa experiência horizontes foram arregaçados.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josefa Eliana Souza, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS, pelo parecer em favor da concessão de MINHA bolsa de estudo, por direito e justa razão, depois da via-crúcis de requerimentos e recorrências, por mim vivida. Apesar da minha “não prioridade acadêmica” (status cunhado por AUTORIDADES, dada a minha “condição” de mãe e meu direito de afastamento temporário do programa) e de um direito ter anulado outro, tive acesso ao apoio financeiro legítimo de que tanto necessitava à época.

À banca examinadora de defesa, nas pessoas da professora Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Lopes da Silva e do professor Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani, pela leitura e contribuições para aprimoramento da nossa reflexão.

*Muitos têm habilidade com as palavras. Denominam-se visionários, mas não vêem.  
Muitos têm o dom da língua, mas nada para dizer. Não os escutem.  
Muitos que têm palavras e língua, não têm ouvidos. Não podem ouvir e não saberão.*

*Gloria Anzaldúa*



## RESUMO

A pesquisa investigou as relações entre a doutrina católica e a histórica “feminização” do voluntariado da Pastoral da Criança. Para tanto, foi adotado um viés metodológico interseccional, que considera, no caso específico dessa busca, a religião e o gênero, como marcadores sociais estruturantes das relações humanas. Ao longo do estudo, manteve-se um diálogo das Ciências da Religião com a fenomenologia feminista proposta pela freira, teóloga e filósofa Ivone Gebara. O método fenomenológico contribui com os estudos das religiões na medida em que propõe a ressignificação de conceitos científicos positivistas e uma superação de binarismos e hierarquias patriarcais. A cotidianidade epistemológica é o fundamento deste método e ponto de partida dessa pesquisa. Para ter acesso às experiências vividas, adotamos a técnica de entrevista, do tipo semiestruturada, com uma única respondente. Antes da seleção das mulheres a serem entrevistadas, acessamos o Sistema de Informação da Pastoral da Criança. A intenção foi verificar o quantitativo de municípios, com paróquias pertencentes à Arquidiocese de Aracaju/SE, com o trabalho voluntário ativo. Cada município, em questão, foi representado, na pesquisa, por uma mulher líder. Por conseguinte, a pré-ocupação metodológica esteve centrada na captação das relações estabelecidas, por essas lideranças, com a ação pastoral e com os princípios cristãos da doutrina social da igreja católica. Uma leitura cuidadosa das narrativas foi desenvolvida para o tracejo de interpretações possíveis acerca do fenômeno estudado. Os testemunhos ouvidos revelaram que, mesmo estando “presas” a um sistema de dominação patriarcal, “confinadas” a lugares tradicionais, experimentando sentimentos de culpabilidade e embebedas da virtude cristã da obediência, as líderes voluntárias assumem, por outro lado, funções que lhes garantem a construção de uma figura protagonista, no ambiente público. Além disso, elas acessam conhecimentos e relações humanas que modificam suas vidas, seus corpos, seus sentidos, suas crenças. As interpretações desenvolvidas, ao longo desse escrito, tratam-se apenas de algumas perspectivas ante uma pluralidade de possibilidades.

**Palavras-Chave:** Catolicismo. Gênero. Pastoral Social. Fenomenologia Feminista.

## ABSTRACT

The present research investigated the relationship between Catholic doctrine and the historic "feminization" of Pastoral da Criança's volunteer work. In order to do so, an intersectional methodological bias was adopted in the specific case of this study, where religion and gender were considered as social markers structuring human relations. Throughout the study, a dialogue of Religion's science was maintained with the feminist phenomenology proposed by the nun, theologian and philosopher Ivone Gebara. The phenomenological method contributes to the studies of religions insofar as it proposes the re-signification of positivist scientific concepts and an overcoming of binarisms and patriarchal hierarchies. Epistemological everydayness is the foundation of this method and the starting point of this research. To access the lived experiences, we adopted the semi structured interview technique with a single respondent. Prior to the selection of the women to be interviewed, we accessed the Information System of Pastoral da Criança. The intention was to verify the quantitative of counties with parishes belonging to the Archdiocese of Aracaju / SE, with active volunteer work. For the present study, each county was represented by a woman leader. Therefore, methodological pre-occupation was centered on understanding the relationships established by these leaderships with the pastoral action and with the Christian principles of the social doctrine of the Catholic Church. A careful reading of the narratives was developed for the possible interpretation of the phenomena studied. The testimonies have revealed that, even being "trapped" in a system of patriarchal domination, "confined" to traditional places, experienced guilty feelings, and steeped in the Christian virtue of obedience, voluntary leaders assume functions that guarantee them the construction of a leading figure in the public environment. In addition, they access knowledge and human relationships that modify their lives, their bodies, their senses, their beliefs. The interpretations developed, throughout this writing, deal only with some perspectives in a plurality of possibilities.

**Key words:** Catholicism. Gender. Social Pastoral. Feminist Phenomenology.

## Lista de Figuras

Figura 01: Faixa de Möbius.....	23
Figura 02: Laços de Amor.....	41
Figura 03: Zilda, aos quatro anos de idade.....	45
Figura 04: Zilda e colegas da equipe de vôlei do Colégio Divina Providência .....	48
Figura 05: Formatura de Zilda (1959).....	49
Figura 06: Casamento de Zilda.....	50
Figura 07: Família de Zilda (1970) .....	50
Figura 08: Formatura de especialização em Saúde Pública na USP (1977).....	51
Figura 09: Convite para a celebração em homenagem a Dr. <sup>a</sup> Zilda .....	52
Figura 10: James Grant e Dom Paulo Evaristo Arns.....	52
Figura 11: Localização geográfica do município de Florestópolis .....	55
Figura 12: Irmã Eugênia Piettà (primeira coordenadora da PC em Florestópolis) .....	56
Figura 13: Primeiros treinamentos de líderes .....	57
Figura 14: Primeiro grupo de líderes.....	57
Figura 15: Turma da primeira capacitação de líderes, em Florestópolis (1983) .....	57
Figura 16: Bispos e Arcebispos da Arquidiocese de Aracaju/SE, em ordem cronológica.....	62
Figura 17: Mapa da Arquidiocese de Aracaju/SE .....	63
Figura 18: Representação administrativa da igreja católica romana .....	65
Figura 19: Relação da Pastoral da Criança com a Igreja e a República Federativa do Brasil..	65
Figura 20: Variáveis resultantes sobre as motivações para voluntariar na PC.....	81
Figura 21: Oração do Líder da Pastoral da Criança .....	84
Figura 22: Árvore da PC.....	89
Figura 23: Lideranças da PC .....	90
Figura 24: Crucifixion de Eric Drooker .....	93
Figura 25: Mensagem da Coordenadora Nacional da PC.....	99
Figura 26: Reportagem especial “Voluntariado, a força que transforma” .....	99
Figura 27: Mulheres voluntárias da PC .....	100
Figura 28: Rosana Paulino (Ainda a lamentar).....	102
Figura 29: Edwina Sandys (Christa).....	110

## **Lista de tabelas**

Tabela 1: Características socioeconômicas das mulheres líderes entrevistadas.....	74
Tabela 2: Cargos ocupados, na Pastoral da Criança, pelas mulheres líderes entrevistadas .....	75

## **Siglas Utilizadas**

BA - Estado da Bahia

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CR - Ciências da Religião

ML - Mulher Líder

PC - Pastoral da Criança

PR - Estado do Paraná

SE - Estado de Sergipe

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I GÊNERO E RELIGIÃO .....</b>	<b>22</b>
1. A PREEMINÊNCIA FEMININA NOS ESPAÇOS SAGRADOS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO .....	26
2. ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS FEMINISTAS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA RELIGIÃO.....	34
3. A PASTORAL DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA INTERSECIONALIDADE DE GÊNERO E RELIGIÃO .....	36
4. SER VOLUNTÁRIA: O “DÊSTINO” ENDEREÇADO AO “SEGUNDO SEXO” .....	39
5. “BENDITA SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES”: A FIGURA DE MARIA COMO INSPIRAÇÃO NO TRABALHO MISSIONÁRIO .....	42
<b>CAPÍTULO II PASTORAL DA CRIANÇA .....</b>	<b>44</b>
1. ZILDA ARNS NEUMANN: UMA MULHER PARA ALÉM DO SEU TEMPO .....	45
2. A PROPOSTA DE UM PROJETO PARA SALVAR VIDAS .....	52
3. O PROJETO: UMA MISSÃO DE FÉ E VIDA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO SABER .....	54
3.1 FLORESTÓPOLIS: A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA .....	55
3.2 FRONTEIRAS, CRÍTICAS E EXPANSÃO DA PASTORAL DA CRIANÇA: BREVES CONSIDERAÇÕES .....	58
<b>CAPÍTULO III CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>60</b>
1. UNIVERSO .....	61
2. SELEÇÃO DAS ENTREVISTADAS.....	66
3. O MÉTODO FENOMENOLÓGICO FEMINISTA .....	68
4. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA FEMINISTA .....	69
5. AS ENTREVISTAS .....	71
6. ANÁLISES DAS ENTREVISTAS .....	72
7. PERFIL DAS MULHERES LÍDERES ENTREVISTADAS .....	73
<b>CAPÍTULO IV NARRATIVIVÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>
1. UM APOSTOLADO DE MULHERES: MÚLTIPLOS ENCONTROS DE CORPOS .....	77
2. MOTIVAÇÃO VOLUNTÁRIA: INGRESSO, EXPERIÊNCIA E ADESAO.....	80
2.1 CRIANÇAS: "PARA QUE TODAS TENHAM VIDA E A TENHAM EM ABUNDÂNCIA " .....	82
2.2 CARIDADE CRISTÃ: “EIS-ME AQUI, SENHOR!” .....	83
2.3 FORM(AÇÃO): “DAI-LHES VÓS MESMAS DE COMER” .....	87
2.4 FÉ E CORPO EM MOVIMENTO .....	88
2.5 A PALAVRA SE FEZ/FAZ LÂMPADA PARA OS PÉS, PARA AS MÃOS, PARA O CORPO INTEIRO .....	89
3. A VOCAÇÃO VOLUNTÁRIA TEM SEXO/GÊNERO.....	90
4. “AS MULHERES É PRA TUDO...” .....	100
5. VIA-SACRA DO COTIDIANO .....	103
6. MARIA: UMA MULHER A SER IMITADA(.)(!)(?) .....	110
7. ELAS METAMORFOSEARAM...! .....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE C - ENTREVISTAS TRANSCRITAS .....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE D - FORMULÁRIO SOCIOECONÔMICO .....</b>	<b>195</b>
<b>ANEXO A - PEDIDO DE ABERTURA DO PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO DE ZILDA ARNS.....</b>	<b>199</b>
<b>ANEXO B - RELATÓRIOS DE ENVIO DE FABS .....</b>	<b>201</b>
<b>ANEXO C - LOGOTIPO DA PASTORAL DA CRIANÇA.....</b>	<b>220</b>

## INTRODUÇÃO

*... as culturas mudam sempre, embora se queira manter que há realidades eternas,  
absolutas e imutáveis. O imutável é a mutabilidade da vida.*

*(Ivone Gebara)*

Historicamente, foram construídas, socializadas e naturalizadas as diferentes funções sociais atribuídas a homens e mulheres. Este processo implicou na “superioridade” de um sexo e “inferioridade” do outro. Dos homens “espera-se” virilidade, rispidez, coragem, dominação, indisponibilidade, independência. Das mulheres, fragilidade, docilidade, timidez, subordinação, disponibilidade, dependência. Esses são apenas alguns, dentre tantos, dualismos construídos ao longo das gerações. Apresentam-se tão bem estabelecidos, que para muitas/os são parte da natureza inata humana. Sabemos que não. Esse processo não é natural. Isto porque, “as muitas formas de fazer-se mulher ou homem são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente. Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas” (LOURO, 2007, p. 09). Sendo assim, interrogar, descortinar e contestar essa trivialidade “sedimentada” se faz necessário.

O que hoje recebe o nome de patriarcado pode ser responsabilizado pelas disparidades que atravessaram e atravessam, ainda, as relações sociais de gênero<sup>1</sup>. Antes de pensarmos gênero, enquanto ferramenta analítica feminista, vamos resgatar, de modo breve, algumas características elementares que sustentam uma sociedade patriarcal. O patriarcado, em tempo anterior à sua redefinição pelo feminismo, "caracterizou-se por uma estrutura de poder piramidal, onde os pais possuíam o poder de posse e decisão sobre as mulheres, os filhos, os servos, os escravos. Essa estrutura é sustentada por estruturas multiplicadoras de controle, exploração e desumanização" (TOMITA, 2006, p. 150-151). É na organização política, econômica, religiosa, que o patriarcado assume forma e se apropria das mulheres, dominando-as, encarnado na figura masculina.

Importante ressaltar, contudo, a não exclusividade de homens liderando o sistema patriarcal. Nas palavras de Heleieth Saffioti (2015, p. 108), o patriarcado “funciona como uma

---

<sup>1</sup> Palavra de origem inglesa (gender) utilizada para descrever a diferenciação social, que envolve relações de poder, entre homens e mulheres. (GEBARA, 2000; WEEKS, 2007).

engrenagem quase automática” Isto porque pode ser acionada, a qualquer momento, por qualquer pessoa, inclusive por mulheres. Daí dizer-se que o patriarcado é um sistema que funciona, inclusive, sem a presença de homens. Estando, as mulheres, “imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes” (SAFFIOTI, 2015, p. 181).

Convicta da dificuldade de serem detectadas as raízes primeiras da sociedade patriarcal, da influência dessa sociedade na determinação de “ofícios masculinos e femininos”, da persistência, ainda, de estruturas hierárquicas e excludentes regendo a dinâmica social, Ivone Gebara escreve:

O modelo antropológico patriarcal se desdobrou na história do Ocidente em muitas formas e foi o responsável pela produção de uma série de comportamentos ideológicos que justificaram múltiplas explorações, isso desde o colonialismo, o escravismo, o racismo, as classes sociais e a dominação no relacionamento homem/mulher. (GEBARA, 1990, p. 10).

No campo da religião, os ensinamentos judaico-cristãos foram baseados numa perspectiva patriarcal, aonde os homens assumem a posição de liderança e normatização de leis reguladoras do convívio social e mulheres ocupam espaços subalternos no lar e na igreja. Desse modo, a religião patriarcal imita o patriarcado clássico, "os homens, considerados 'pais', são os detentores de todo o poder e, como o patriarcado, é sustentada por estruturas multiplicadoras de controle e exploração, seja do ponto de vista de classe social, gênero, raça, orientação sexual, etc." (TOMITA, 2006, p. 151). Não obstante, uma imagem masculina de Deus é elaborada como reflexo dos princípios doutrinários.

Dada essa estruturação e influência históricas, encarar as religiões como “espaços complexos portadores de contradições e ambiguidades, de produção, reprodução e transformação de relações sociais e, todos os domínios, aqueles do culto, dos símbolos, como saber, e não somente o da organização, é uma questão teórica” (NUNES, 2015, p. 10). E, por ser uma questão teórica devemos nos ater aos fatores condicionantes e determinantes implicados na constituição dessas normatizações. Para isso, podemos partir do princípio básico de que “não é o sexo que determina valores e ações e sim as relações sociais, fundamentalmente, as de classe, gênero e raça/etnia, articuladas dialeticamente” (CISNE, 2012, p. 21). Acrescente-se a função da religião nesse processo que define identidades.



Afinal, “pensar as representações de gênero demanda, também, pensar o papel da religião na construção social dos sexos” (SOUZA, 2004, p. 123).

Para a problematização dessas determinações binárias, com fundamento patriarcal, o feminismo da década de 70 vai influenciar a constituição de uma ferramenta analítica – o conceito de gênero. Agora, os fenômenos considerados genderificados, ou seja, vistos a partir de um olhar que normatiza o que é ser mulher e o que é ser homem na sociedade, poderão ser desvelados e compreendidos de maneira crítica numa perspectiva redefinidora das relações sociais humanas. As “naturezas feminina e masculina” poderão ser questionadas, negadas e situadas historicamente. Refletir sob esse prisma permitirá, como afirma Márcia Macedo, “romper com qualquer tendência à adoção de explicações reducionistas e simplificadoras de processos multideterminados e historicamente situados” (MACEDO, 2008, p. 396).

Partindo para o campo da teologia, na tentativa de promover esses deslocamentos epistemológicos, nessa área do conhecimento, teólogas feministas veem propondo novas práticas teológicas, a partir de uma hermenêutica que visibilize as mulheres. Buscam, elas, questionar a autoridade de um corpo literário (a bíblia) e subverter suas posições, as que lhes são permitidas, de agentes da história sem serem intérpretes e protagonistas dessa mesma história. Com a palavra, a teóloga católica Rosemary Ruether:

Mulheres teólogas enxergam através das sucessivas camadas de distorções que justificam este sistema opressivo. Procuram refletir criticamente sobre nossos símbolos herdados junto às nossas questões reais a partir de experiências de todos os dias. As mulheres cristãs têm que superar a timidez e os sentimentos de culpa com que a cultura patriarcal as tem socializado. É preciso ousar abordar estas veneráveis construções teológicas, com suas reivindicações de autoridade infalível, e repensá-las a partir do contexto da vida diária, a partir do “cotidiano”. (RUETHER, 2014, p. 180).

Críticas/os feministas estão cientes de que a teologia tradicional hegemônica tratou de fortalecer a “desigualdade entre homens e mulheres como consequência de justificativas baseadas em diferenças biológicas e mandatos divinos” (DEIFELT, 2003, p. 173). Descoberto o esquema, as/os pesquisadoras/es engajadas/os nesse campo científico se ocuparão de desdogmatizar essas crenças validadas pelo discurso religioso em consonância com a vontade de Deus Pai e Filho e Espírito Santo.

Rosemary Ruether, em sua obra *Sexismo e Religião*, dedicou-se à problematização desse monoteísmo masculino bíblico. Para esse exercício reflexivo, voltou ao tempo em que a imagem divina dominante era uma Deusa, ou tinha-se o emparelhamento desta com uma divindade masculina. Conclui que,

o monoteísmo masculino reforça a hierarquia social do domínio patriarcal através de seu sistema religioso de um modo que não ocorria com as imagens emparelhadas de Deus e Deusa. Deus é modelado de acordo com a classe dominante patriarcal, e pensa-se que ele se dirige diretamente a essa classe de homens, adotando-os como seus “filhos”. Eles são seus representantes, os parceiros responsáveis do pacto com ele. As mulheres como esposas tornam-se agora simbolicamente reprimidas como a classe servidora dependente. (RUETHER, 1993, p.51).

Em síntese, no cerne das propostas desse trabalho teológico feminista se desenvolverão diversas críticas e reflexões ante as formulações patriarcais da fé. A teologia feminista se empenhará, grosso modo, em “revelar, criticar e interpretar a teologia tradicional e a história da igreja a partir do ponto de vista do gênero, mas também, na maioria dos casos, reconstruir a tradição, tanto em sua forma espiritual como prática” (VUOLA, 2015, p.51). Enfim, tudo aquilo que fora ocultado ou naturalizado nos discursos e práticas religiosas da instituição católica romana, será agora problematizado – a representação masculina de Deus, a ambígua (mãe-virgem) figura de Maria, a estrutura hierárquica kyriárquica<sup>2</sup> da igreja e a não permissividade de mulheres acessarem o ministério e os espaços de decisões, a interpretação sexista das sagradas escrituras, a não consideração das diferenças de gênero no interior do movimento da teologia da libertação. São essas algumas das questões que serão atravessadas pelo novo jeito de fazer teologia. A história das mulheres será resgatada, recriada, recontada.

Essa proposição de uma hermenêutica da suspeita em torno da cosmovisão cristã, fortemente marcada pelo androcentrismo<sup>3</sup>, nos direciona para aquilo que consistiu o ponto de partida dessa investigação – o expressivo número de mulheres constituindo o corpo voluntário<sup>4</sup> da Pastoral da Criança (PC), um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Com vistas a orientar o caminho inicial da pesquisa, traçamos as seguintes questões: Como compreender a intensa presença feminina na igreja e, mais especialmente, no trabalho voluntário da PC? O que as mulheres buscam e o que

---

<sup>2</sup> Kyriarquia/Kyriocentrismo – neologismo cunhado pela professora de Novo Testamento Elizabeth Schussler Fiorenza. Derivado das palavras gregas “senhor” ou “senhor de escravos” “pai de família” (Kyrios) e “governar ou dominar” (Archein). Trata-se de uma redefinição da categoria analítica de patriarcado. É um sistema sociopolítico de dominação no qual uma elite de homens educados de posse mantém o poder sobre mulheres e outros homens. (FIORENZA, 2009, p. 28).

<sup>3</sup> “É um fenômeno de ordem sociocultural na qual a visão e as experiências masculinas adquirem hegemonia ao ponto de serem identificadas como sinônimas do gênero humano” (COSTA; RODRIGUES, 2011, p.149).

<sup>4</sup> No Brasil, o trabalho voluntário está regulamentado na Lei 9. 608, sancionada por Fernando Henrique Cardoso, em 18 de fevereiro de 1988.

encontram na PC? Qual o lugar social garantido às agentes voluntárias<sup>5</sup>? Até que ponto esse lugar social é subsumido ao das suas funções biológicas? Até que ponto esse trabalho voluntário às submete a uma estrutura discursiva e institucional mantenedoras de relações assimétricas de gênero e, por outro lado, até que ponto garante que elas sejam protagonistas das suas histórias?

As atividades de assistência, cuidado e atenção, requisitos básicos para o desenvolvimento das atividades da PC, são direcionadas, cultural e historicamente, às mulheres, “inerentemente aptas”, à imagem e semelhança da Virgem Mãe Maria, às referidas funções. Aqui residiria uma hipótese explicativa para o maior número de mulheres no voluntariado da PC. Essa adesão vai de encontro, ainda, e essa seria outra hipótese possível para ensaiarmos algumas possibilidades de respostas àquilo que interrogamos, com a opção evangélica preferencial pelas pessoas mais pobres, proposta e incentivada pela igreja católica romana<sup>6</sup>, como imitação à vida de Cristo. Cabe a ressalva de que essa opção “foi feita pela igreja, inicialmente em Puebla, assumida pela CNBB e, posteriormente, adotada pela Pastoral da Criança pois, entre os pobres, marginalizados e excluídos, a criança e a mãe são as que mais sofrem” (Pastoral da Criança, 1996, p. 38). Indo ao encontro das pessoas marginalizadas, as mulheres, maioria na igreja, estariam desenvolvendo aquilo que é a missão do povo leigo, defender e lutar pela dignidade humana.

A partir de um viés interseccional<sup>7</sup>, que considerou a religião e o gênero, enquanto marcadores sociais estruturantes atuando no contexto específico da PC, a pesquisa investigou as relações entre a doutrina católica romana e a histórica “feminização” do voluntariado da PC. Como meios para alcance desse propósito, buscamos: 1) identificar, com base na transversalização de gênero, como a religião, nesse caso específico, o catolicismo romano, investe na construção das identidades femininas; 2) Averiguar os princípios católicos que

---

<sup>5</sup> Todas aquelas pessoas que livremente se colocam à disposição para o trabalho da Pastoral da Criança, sem remuneração, sem vínculo empregatício ou jurídico de qualquer espécie, dedicando-se à concretização dos objetivos da entidade. (Art. 3º, Capítulo II, Estatuto da Pastoral da Criança).

<sup>6</sup> Fragmento da Doutrina Social da Igreja católica Romana:

**182** O princípio da destinação universal dos bens requer que se cuide com particular solicitude dos pobres, daqueles que se acham em posição de marginalidade e, em todo caso, das pessoas cujas condições de vida lhes impedem um crescimento adequado. A esse propósito deve ser reafirmada, em toda a sua força, a opção preferencial pelos pobres. Trata-se de uma opção, ou de uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Ela concerne a vida de cada cristão, enquanto deve ser imitação da vida de Cristo; mas aplica-se igualmente às nossas responsabilidades sociais e, por isso, ao nosso viver e às decisões que temos de tomar, coerentemente, acerca da propriedade e do uso dos bens. (Extraído do Compêndio da Doutrina Social da Igreja).

<sup>7</sup> Termo que coloca em relevo a diversidade de identidades e experiências ao considerar a articulação de marcadores sociais, por exemplo, sexo/gênero, com outros eixos identitários (classe, raça, etnia, sexualidade, geração, religião, territorialidade) constituindo discursos e práticas que orientam para desigualdades, subordinações, violências, exclusões, privilégios. Voltaremos a esse conceito mais adiante.

fundamentaram a gênese e fundamentam o trabalho missionário da PC; 3) refletir até que ponto esse trabalho voluntário submete, as líderes voluntárias e, por outro lado, até que ponto lhes confere protagonismo e empoderamento.

Em se tratando da divisão sistemática dessa dissertação, decidimos organizá-la em quatro capítulos. No primeiro capítulo foi feita uma análise interseccional, cruzando os marcadores sociais religião e gênero, para entendimento da representatividade majoritária das mulheres na igreja católica romana e, especificamente, na PC. Neste tópico refletimos sobre o discurso normativo kyriárquico da igreja católica e sua influência no estabelecimento de relações assimétricas de gênero. Bebemos da fonte da teologia feminista para a problematização das questões suscitadas ao longo desse exercício.

No capítulo seguinte, delineamos um breve panorama histórico da gênese da PC em Florestópolis (PR). Como se deu sua implementação, quem foram as/os protagonistas, quais foram os desafios e o que resistiu ao longo do tempo, são questões que nortearam o material discursivo dessa seção. A intenção foi contextualizar a emergência da PC, com ênfase na motivação da proposta e nas influências religiosas da sua fundadora, Zilda Arns, na constituição dos princípios metodológicos basilares que configuram a dinâmica da atividade pastoral. Não nos debruçamos sobre a chegada da PC em terras sergipanas, visto que essa busca resultaria noutra dissertação.

No terceiro capítulo, apresentamos algumas informações sobre o universo da Arquidiocese de Aracaju/SE e o processo de seleção das mulheres líderes entrevistadas. Foram descritas, também, as trajetórias metodológicas da pesquisa, com suas técnicas de coleta e análise de dados.

Por fim, nos dedicamos, no último capítulo, a apresentar as vozes das mulheres líderes entrevistadas. Com base na ideia de experiência situada, difundida entre os estudos feministas, foi permitido que as voluntárias falassem a partir de suas realidades vividas. Esse recurso metodológico tornou possível visibilizar essas mulheres “anônimas” e “silenciadas” e abrir espaço para que narrassem suas experiências, dramas e sentimentos, enquanto mulheres, líderes, voluntárias e cristãs. Segundo Ivone Gebara,

recolher narrações da vida de mulheres não é novidade para o feminismo. Busca-se sair do silêncio em que as mulheres permaneceram nas análises chamadas científicas e permitir sua expressão livre. Ouvir suas vozes, seus sentimentos, seus desejos, suas dores e esperanças, é a matéria prima do feminismo e consistiu no caminho para ampliação do nosso espectro de inferências possíveis. (GEBARA, 2000, p.23, grifo nosso).

Em síntese, a pesquisa problematizou as socializações de gênero, a partir de uma perspectiva feminista, no trabalho voluntário da PC. Mais do que respostas, buscamos refletir o lugar disponibilizado e o alcançado, para/pelas mulheres, nesse espaço com viés religioso.

# **CAPÍTULO I**

## **GÊNERO E RELIGIÃO**

*O discurso da diferença foi justificador das desigualdades,  
sobretudo, quando se apresentou como legitimado por leis da natureza  
ou pela vontade dos deuses.*  
(Ivone Gebara)

Com este capítulo, pretendemos resgatar estudos sobre a posição das mulheres no âmbito da igreja católica romana, bem como apresentar uma reflexão crítica sobre a majoritariedade dessas mulheres nesses espaços sagrados. Para efetivação desse exercício, utilizamos, especialmente, algumas contribuições da teoria feminista e da teologia feminista. Essa introdução bibliográfica permitirá possibilidades para pensar os aspectos religiosos imbricados ao “objeto” de estudo dessa pesquisa – as mulheres líderes e voluntárias da PC.

Antes disso, gostaríamos que pensássemos na íntima relação existente entre gênero e religião. Nas maneiras como o gênero opera sobre as religiões e as religiões sobre o gênero. Lembrando um texto da bióloga Anne Fausto-Sterling, aonde ela resgata uma ideia proposta por uma filósofa feminista, Elizabeth Grosz, para se fazer perceber como corpo e mente se entrelaçam, propomos pensar gênero e religião, como esta última o fez, a partir da faixa de Möbius.

A faixa de Möbius é um enigma topológico, uma fita torcida uma vez e colada nas duas pontas para formar uma superfície retorcida. Podemos acompanhar a superfície, por exemplo, imaginando uma formiga que anda por ela. No começo da jornada circular a formiga está claramente do lado de fora. Mas à medida que avança na fita retorcida, sem jamais se afastar do plano, acaba por passar para a superfície interior. Grosz propõe que pensemos o corpo – o cérebro, músculos, órgãos sexuais, hormônios e mais – como a superfície interna da faixa de Möbius. A cultura e a experiência constituiriam a superfície externa. Mas, como sugere a imagem, as superfícies interna e externa são contínuas e podemos passar de uma para a outra sem nunca sairmos da superfície. (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 65-66).



Figura 01: Faixa de Möbius  
Fonte: FITA, 2013<sup>8</sup>

Analogicamente, podemos pensar em pessoas (na superfície interna da faixa) e instituições religiosas, com seus discursos e práticas, (na superfície externa da faixa), ambas as superfícies se envolvendo no tempo e no espaço, mediante suas particularidades. Essa comparação ganha consistência quando somos levadas/os a refletir, a dinâmica contida nessa faixa, a partir da interpretação da teóloga Renate Gierus:

Estruturas patriarcais, ideologias iluministas e racionais tomaram a frente na sociedade ocidental, “alisando”, desfazendo a superfície retorcida da faixa de Möbius, partindo-a. A linearidade, hierarquias, linguagens brancas, masculinas e verbais tomaram seu lugar. A linguagem não-verbal, o sentimento, a emoção, a pluralidade e a diversidade, bem como mulheres e pessoas de outra origem étnica passaram a ser a minoria, a superfície interna de uma faixa, agora com dois pólos, com começo e fim, dualista, dicotômica. (GIERUS, 2004, p. 46).

Pensar as representações de gênero requer, portanto, pensar na influência da religião incidindo sobre elas, partindo-as, alisando-as. Afinal de contas, como afirma a historiadora Margareth Rago: “as religiões formam os indivíduos, definindo os valores morais e as regras de conduta” (RAGO, 2015, p. 66). Destarte, seria surreal, pensar em relações de gênero, que implica relações de poder, distante da esfera religiosa.

Sobre gênero consideremos algumas contribuições teóricas. O gênero, como conceito, é elaborado de maneira mais sistemática por Gayle Rubin, dentro do contexto do feminismo da década de 70. (MOTTA, 1999, p. 198). Ele surge enquanto ferramenta analítica e, também política. Em 1990, no Brasil, o termo começa a ser difundido, a partir do trabalho de Joan Scott *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. De acordo com essa última, o conceito de gênero

é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas

---

<sup>8</sup> FITA de Moebius. Microargumentos, 14 mai. 2013. Disponível em: < <http://microargumentos.blogspot.com.br/2013/05/fita-de-moebius.html> >. Acesso em: 12 jul. 2016.

que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, p. 07, s.d.).

A ênfase nesse caráter construtivo social da ferramenta analítica não desprezou, por outro lado, a sua dimensão biológica. Guacira reafirma o dito quando expõe: “não há, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuais, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22). Desse modo, o conceito fará referência às maneiras como as características sexuais são interpretadas e representadas, historicamente, nas diferentes culturas e também no interior de grupos sociais (raciais, étnicos, religiosos, de classe). Isso, sem desconsiderar que, gênero está para além de papéis sexuais socialmente delineados. O gênero faz parte do sujeito, o constitui.

Haja vista essa tendência, de relacionar o conceito de gênero àquilo que é construído historicamente, gostaríamos de realçar que “o conceito de sexo também é socialmente construído” (AGUIAR, 1997, p. 19). Assim, categorias bipolares fixas não dão conta da variedade de realidades vividas por homens e mulheres. Adotando esse pressuposto evitamos a (re)afirmação de universalizações dicotômicas.

Por isso, a proposição de uma desconstrução das dicotomias imperialistas, historicizando-as, averiguando as hierarquias implicadas. Essa desconstrução dicotômica dilui, exatamente, a constituição de cada polo inventado (homem-mulher), esclarecendo que “cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não há a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras)” (LOURO, 1997, p. 32). Não há a mulher voluntária da PC, mas as mulheres com suas particularidades históricas e subjetivas.

Diante disso, deve-se abandonar a ideia de que gênero pode ser universalmente aplicado. Pois, “a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2007, p. 11). A historiadora Joana Maria Pedro vem corroborar com a afirmação quando diz: “as questões sobre o gênero só podem ser feitas e respondidas em contextos específicos. No caso da categoria ‘gênero’, sua utilidade está em apontar o caminho para investigações específicas de significados” (PEDRO, 2015, p. 33). Ela nos alerta, ainda, para os estudos que



têm incorporado a ferramenta de análise gênero de modo a criar vítimas ou heroínas. Essa atitude, de certa forma baseada numa universalização da aplicabilidade do conceito, tende a tornar esse campo de estudos fragilizado. Buscamos fugir dessas vitimizações e/ou endeusamentos, enquanto dialogávamos com o nosso “objeto” de estudo.

Quanto às relações possíveis entre os estudos acadêmicos de gênero, feminismo e religião, proposta, inclusive, dessa pesquisa, essas trazem consigo algumas dificuldades e possibilidades, para as quais devemos dispensar atenção, sobretudo na nossa atualidade. Refletindo sobre as questões teórico-metodológicas que norteiam os estudos de gênero e os estudos da religião, a teóloga feminista Elina Vuola destaca dois problemas a serem encarados e enfrentados: primeiro, o que ela chama de cegueira feminista quanto à relevância da religião, quando se refere à indiferença das feministas diante a força cultural da religião na vida das mulheres (subestimação da religião) e, segundo, a utilização da religião como lente para os estudos de gênero, ou seja, a religião sendo considerada como único fator determinante para a submissão das mulheres (superestimação da religião). Com relação ao primeiro ponto, ela explica:

(...) existe uma espécie de cegueira feminista quanto à relevância da religião. Em outras palavras, a religião não é vista/analisa/considerada como um fato (multifacetado) na vida das mulheres, particularmente no que se refere aos aspectos positivos, empoderadores ou libertadores da religião, mesmo quando muitas pessoas, entre elas, mulheres de diferentes tradições religiosas, declaram o contrário: que sua tradição religiosa as empodera, sustenta e consola – embora muitas vezes de forma contraditória e plena de tensão. (VUOLA, 2015, p. 41).

Quanto ao segundo problema, a religião como marcador exclusivo da sujeição de mulheres, a mesma pondera:

(...) existe uma atitude em relação à religião que poderíamos chamar de paradigma religioso, ou religião-como-ótica nos estudos de gênero. Nesse caso, a religião é vista como o fator principal e único na vida das mulheres. Em outras palavras, as mulheres são vistas principal ou exclusivamente pela ótica da religião (...) Assim, apresenta-se a religião como meta principal ou até única da situação da mulher ou de construções de gênero em diferentes culturas. (VUOLA, 2015, p. 42).

A partir dessas colocações, ela nos convida a pensar na possibilidade de que nenhuma religião é somente sexista e que consideremos, ao longo da história, as várias lutas travadas, por homens e mulheres, contra a legitimação de uma teologia cristã patriarcal. Ao mesmo tempo, sugere que não se deixe de lado, nas análises que cruzam os marcadores gênero e

religião, a experiência religiosa vivida. Para ela, essa é uma postura metodológica indispensável. Isto porque, se “a crítica feminista percebe a religião somente ou principalmente como instituição, torna-se cega às múltiplas formas vividas da identidade religiosa das pessoas, que incluem a resistência de muitas mulheres às suas tradições religiosas” (VUOLA, 2015, p. 46). Um feminismo anticatólico, que se ocupa apenas das hierarquias religiosas, corre o risco de afastar de si muitas mulheres, sendo motivo, ainda, para que elas entendam a ação como secular e antirreligiosa. Além disso, a depender do discurso utilizado, as mulheres, sobretudo as religiosas, podem ser consideradas anormais, alienadas. Buscamos considerar essas reflexões, quando na ocasião do exercício reflexivo sobre os elementos emergentes nas narrativas das mulheres líderes entrevistadas.

## 1. A PREEMINÊNCIA FEMININA NOS ESPAÇOS SAGRADOS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Basta passarmos em frente a uma igreja católica romana para notarmos que a mulher é presença majoritária nas celebrações religiosas. Pensando nisso, refletir as causas que sustentam essa participação calorosa, mesmo diante os limites e ambiguidades que integram a estrutura hierárquica dessa instituição, resguarda relevância para os estudos que inter cruzam gênero e religião. Para Maria José Rosado-Nunes,

(...) as religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é 'sagrado' nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. (ROSADO-NUNES, 2005, p. 363).

Em se tratando desse investimento da religião na população feminina convêm alguns resgates históricos sobre a relação igreja-estado. Elemento fundamental e consequente da separação legal da igreja e do estado, pós-período da proclamação da república, o processo de clericalização do catolicismo brasileiro se efetiva depois de alguns bispos se esforçarem para

organizar a igreja. Com o Concílio de Trento, no século XVI, providencia-se a centralização da ação religiosa em torno dos sacramentos, para os quais a figura do padre é indispensável. Era necessário retirar das Irmandades, comandadas por leigos (no período colonial, núcleos de organização e transmissão de crenças e práticas religiosas) seu peso político e religioso. Diante a necessidade de um público dócil às normas que se implantaria, as mulheres são eleitas alvo privilegiado da ação da igreja. Desenvolvem-se projetos específicos para essa população feminina – associações femininas de piedade; movimentos religiosos nos quais a eleição de mulheres é fundamental. Pode-se afirmar que a clericalização do catolicismo brasileiro, foi, portanto, a sua feminização. Interessante atentar que a participação das mulheres no catolicismo colonial foi bastante restrita. Voltando para o contexto republicano, a intenção da incorporação das mulheres pela instituição estava atrelada à pretensão de diminuição ou anulação do poder do laicato masculino. Assim, esta “feminização” do catolicismo longe de significar um investimento de poder das mulheres nos espaços sagrados, configura-se mesmo numa reafirmação da sua condição de subordinada. (ROSADO-NUNES, 2007). Aqui, caberia dizer que o kyriarcado, enquanto termo utilizado para redefinir a categoria de patriarcado, começa a delinear-se.

Debandeando um pouco do pensamento acima apresentado, Linda Woodhead (2002, p. 02), evidencia que “para compreender a participação feminina na religião em uma dada sociedade, devemos compreender os espaços sociais disponíveis para as mulheres nessa sociedade” Significa dizer que, no mundo moderno, a natureza participativa das mulheres na religião estará intrinsecamente relacionada ao tipo de sociedade na qual estão inseridas. Pensando assim, Linda organizará sua teoria reflexiva baseando-se em três tipos de sociedades, a citar: 1) Sociedades ocidentais altamente diferenciadas e industrialmente avançadas; 2) Sociedades semi-diferenciadas/ não-ocidentais/ pós-coloniais e 3) Sociedades sem diferenciação. Contribuirá para o nosso estudo as reflexões contidas no tópico de número três.

A diferenciação estrutural que perpassa as sociedades ocidentais favorecerá a separação das atividades sociais nas diversas instituições. Este fenômeno implicará na divisão social do trabalho. O que antes era executado por um indivíduo será responsabilidade de um coletivo de pessoas especializadas. “Essencial a essa diferenciação nas sociedades industrializadas desde pelo menos o século XIX era o desenho da clara distinção entre vida ‘privada’ e ‘pública’. Esta era (*e persiste, ainda, em algumas sociedades*) uma distinção de gênero” (WOODHEAD, 2002, p. 03, grifo nosso). Aos homens cabia o controle das

instituições primárias (leis, comércio, regime militar); atividades desenvolvidas no espaço público. Como parte desse processo “a religião foi racionalizada e gradualmente pressionada a retirar-se da esfera pública e mundana nas modernas sociedades ocidentais, ela gradualmente deslizou para dentro da esfera privada” (WOODHEAD, 2002, p. 04). Este deslocamento explicará, em parte, o expressivo número de mulheres fiéis. As igrejas e capelas se tornarão o espaço privilegiado para as mulheres. Somente assim, será possível acessar outro espaço além do lar e,

assim, elas poderiam acumular igualmente capital social e cultural; poderiam exercer um poder considerável – nas ordens religiosas, nos círculos de igreja, nos grupos de voluntárias, etc. Na verdade, o Cristianismo abriu um caminho parcial para o mundo público, através da participação voluntária em organizações de caridade e, talvez de forma mais marcante, no trabalho missionário fora do país. (WOODHEAD, 2002, p. 04).

No período pós-guerra, esse cenário sofrerá algumas modificações com a inserção de mulheres na esfera pública, atuando nas já referidas instituições primárias.

Ainda sobre a preeminência feminina que irá se configurar na práxis religiosa, Gebara, em entrevista concedida a Rosado-Nunes (2005, p. 303) torna pública sua opinião:

A forte presença feminina é devida à fragilização crescente das mulheres pelo sistema capitalista atual, altamente desagregador. Muitas buscam no consolo imediato que uma celebração religiosa pode dar alguma força para enfrentar os problemas do dia-a-dia. Entretanto, esse consolo imediato, na maioria das vezes, reduz as mulheres a seu papel doméstico e reforça a reprodução de um modelo de dominação masculina – a dominação dos pastores ou padres. Nessa perspectiva, é bom lembrarmos de novo que, sendo as teologias feministas não aceitas institucionalmente, não temos um lugar alternativo para oferecer às mulheres serviços de que elas necessitam. Além disso, como não temos reconhecimento público institucional, para a maioria das mulheres necessitadas de consolo religioso é na “casa de Deus”, no prédio, na igreja que se vai buscar o que se precisa. As teologias feministas nunca entraram na elaboração da catequese, nas liturgias, na simbologia cristã oficial. Por isso têm um papel secundário na vida da maioria das mulheres, sobretudo quando as mulheres estão necessitadas de amparo e ajuda.

Como se pode perceber, essa intensa presença de mulheres nas igrejas tem sido alvo de diversos questionamentos e posições. Mas, sua presença continua lá – marcante e naturalizada. “Por que há tantas mulheres em busca de Deus? O que as religiões oferecem às mulheres e o que as mulheres dão às religiões?” (ROSADO-NUNES, 2005, p. 364).

Não é nossa propensão encerrar respostas para a questão. Mas, convém destacarmos que a organização institucional piramidal da igreja católica contribuiu, ao longo do tempo,

para a configuração da ideologia patriarcal/Kyriárquica e das suas formas de controle, sobretudo, sobre os corpos femininos. E aqui reside um problema que merece atenção. A afirmação da diferença serviu e serve tanto para sublinhar a identidade quanto para manter a dominação. Concordamos com Souza quando discute:

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades. *E, mantém suas ambiguidades.* (SOUZA, 2004, p.122, grifo nosso).

Partindo dessa realidade e vislumbrando outra, feministas e teólogas tem debatido a importância da desnaturalização das desigualdades existentes nas relações entre homens e mulheres que povoam o imaginário coletivo e as representações sociais. Como consequência de uma hermenêutica da suspeita, as fragilidades religiosas serão desnudadas e problematizadas a partir, inclusive, do evangelho sob uma ótica heterodoxa.

Para a discussão de novas possibilidades de posição social que vão se apresentar às mulheres com esse movimento, cabe ressaltar algumas breves considerações históricas que envolverão uma ressignificação do monopólio sacralizado. Maria Isabel da Cruz, em seu trabalho *A mulher na igreja e na política*, vem contribuir para o delineamento desse panorama histórico:

Nos meados dos anos 1960, a igreja da América Latina, se configura muito sensível à realidade dos empobrecidos, e dentre eles as mulheres. Os movimentos popular, sindical, social e feminista contribuíram para que a hierarquia da Igreja deixasse “a luz entrar”, na vida pastoral e na forma de organização das comunidades. Com isso, abriram-se as portas para um novo modo de evangelizar, começando a olhar de perto a realidade e as reais necessidades de seu povo. Com o olhar renovado e sensível aos pobres e oprimidos as mulheres começam a ocupar espaços antes ocupados apenas por homens. As teólogas, religiosas e leigas se engajaram na reflexão e no debate da Teologia da Libertação e na participação nas comunidades Eclesiais de Base, o que acabou por impulsionar esse avanço. (CRUZ, 2013, p.51).

Além desse marco histórico “inclusivo”, há a segunda onda do feminismo que vai coincidir, inclusive, com o final do Concílio Vaticano II (1962-1965). A partir desse movimento, que vai protestar as desigualdades de gênero e propor diálogos além discurso patriarcal, as mulheres desenvolverão novas expectativas para suas histórias e rejeitarão qualquer tentativa baseada em concepções tradicionais que as limite. Importante destacar o

incômodo que esse levante ocasionou. A antropologia teológica, da igreja católica romana, até então, “baseava-se na ideia de que as mulheres derivavam dos homens, subordinavam-se a eles e limitavam-se a suas identidades e papéis como mães, esposas, freiras ou virgens consagradas. A Igreja nunca mais seria a mesma” (HUNT, 2014, p.160). Pode-se dizer que até o Concílio Vaticano II, somente homens elaboravam o saber teológico e orientavam a vida espiritual das mulheres. Até hoje, somente homens tomam assento nas assembleias em Roma, sede do governo e decisões do catolicismo, reforça Rosado-Nunes (2007). Mas, o “poder sagrado” dos homens nas instituições religiosas começa a ser questionado (Gebara, 1987, p. 158). O feminismo teológico do século XX vai criticar as estruturas patriarcais das religiões, em especial, do cristianismo. Alves e Pitanguy (1985) destacam:

Com a ampliação desse espaço democrático surgem novas esferas de atuação. Embora sem um cunho especificamente feminista, não se pode deixar de mencionar a participação da mulher em Associações de Bairro, de Donas de Casa, Clubes de Mães, *Pastoral da Criança*, etc., que marca a presença feminina na esfera pública e significa uma conscientização para seus problemas específicos e suas potencialidades. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 74, grifo nosso).

Em meio a toda essa efervescência, a igreja católica, mesmo tendo condições objetivas e subjetivas para empoderar as mulheres, resiste. O feminismo parece atemorizar a sua verticalidade e também a santidade da vida religiosa, deixando de apontar novos paradigmas. (CRUZ, 2013, p. 17-18). Com efeito, mesmo diante a expressiva literatura, hoje disponível, resultado das discussões e elaborações teológicas feministas, em todo o mundo, resistências persistem, principalmente, por parte dos “homens de Deus”. A suspeita e as tentativas de desconstrução desse discurso teológico patriarcal parecem amedrontá-los e ameaçar a estrutura piramidal da igreja. Isto, porque para eles:

(...) a Teologia é sagrada e, nesse sentido, marcada pela imutabilidade. Frequentemente esquecem que é produção humana, como qualquer outro conhecimento, e que não só é condicionada por uma série de fatores históricos, políticos, econômicos e sociais, mas que necessariamente evolui no espaço e no tempo. Confundem o sagrado com o jeito masculino de fazer Teologia. E é este jeito que é sacralizado, enquanto que o humano sagrado, muitas vezes, é deixado de lado. (GEBARA, 1990, p. 25).

E é desse jeito que o catolicismo segue firme na sua fidelidade à tradição passada, contribuindo para o fortalecimento do controle sobre o gênero feminino ao configurar, através do seu discurso kyriárquico, o modelo de uma boa mulher (cordata, silenciosa, caridosa), modelo este ancorado na imagem da Virgem Maria, a mãe de Jesus. Os “milagres” da

desalienação dos homens, da desconstrução de estereótipos consolidados pela família, e particularmente pelas mães, não serão “materializados”, enquanto perdurar essas fronteiras religiosas.

De acordo com Gebara (2009), o movimento feminista, especialmente a partir da década de 80, vai trabalhar essa questão da identidade feminina tentando abri-la para além dos estereótipos tradicionais. Estes fixaram uma identidade às mulheres ligada à maternidade como vocação primeira e até exclusiva. Junto a essa determinação aparece o ícone representativo do kyriarcado da igreja católica – a figura da Virgem Maria.

Esse modelo feminino, apresentado como exemplar, reporta à fragilidade, à submissão, à maternidade. Às mulheres destina-se a “servidão voluntária”. Influenciadas pelas normas patriarcais da instituição religiosa, as mulheres vão se dispor a participar de movimentos que, ao invés de libertá-las, vão reforçar sua submissão ao “primeiro sexo” e favorecer a extensão dos seus afazeres domésticos nos espaços sagrados.

As mulheres se veem, a partir dessa dinâmica religiosa, levadas a atender ao chamado da igreja para a transformação da sua comunidade e vislumbram nessa responsabilidade uma consumação da sua preocupação última em temor ao seu Deus, pelo bem do Seu reino, com fim de agradá-lo. Sujeição e empoderamento parecem oscilar nesta ação missionária. Há uma espécie de explicação divina para tudo que acontece com elas enquanto se doam em benefício da/o próxima/o. Para Gebara (1986):

É o mundo dos mistérios de Deus; Daquele que conhece todas as coisas e inclusive sabe as razões do nosso sofrimento [...] as mulheres [...] projetam a partir de seu discurso explicativo ou de seu discurso de esperança construções religiosas mais ou menos estáveis, certas que ao menos momentaneamente parecem dar-lhe ânimo e segurança. Deus sempre sabe o que é bom para nós e sabe porque isto ou aquilo está acontecendo. (p.87-88).

Analisando a simultaneidade e a ambiguidade que repousam no ícone da “Virgem Maria”, Nancy Pereira argumenta:

A “imagem” da virgem associada à família, à assistência e à saúde tanto no registro das políticas de assistência como nas políticas voltadas para as famílias e mulheres tem uma história que articula teologia e política. É a história do forte acento intervencionista da Igreja/das Igrejas nos assuntos do Estado pressionando todo o conjunto social em especial na matriz cristã católica, mas também para as variações do mesmo tema evangélico o que explica um ecumenismo conservador compartilhado. (PEREIRA, 2015, p. 56).

Nessa reflexão, a autora, se ocupará das múltiplas centralidades da “Virgem Maria”; desde aquela que está circunscrita no aparelho estatal (colonial, imperial, republicano, militar e democrático) àquela representada e venerada nas romarias da igreja popular. Ao fazer uma revisitação histórica em busca das expressões/(res)significações marianas na cultura brasileira, ela percorrerá uma trajetória, sobretudo histórica, que preserva os usos do ícone mariano nos discursos e também nos imaginários religiosos atentando para a manutenção de vínculos igreja-estado. Adotando essa metodologia, ela transitará no passado para refletir o presente. Resgatará o culto à Virgem Maria na Europa, o desembarque desse catolicismo no Brasil, a declaração de Maria como “patrona” nacional, a influência do protagonismo católico, as políticas de assistência no período getulista, especialmente, o estreitamento entre as Misericórdias e o estado. Para ela, as históricas negociações igreja-estado resultarão na “caracterização caritativa da assistência social – expressas nas virtudes da Virgem Maria” e numa “suposta legitimidade da Igreja Católica de intervir nos assuntos relacionados com os serviços públicos de assistência, de modo especial nas políticas de maternidades e apoio à infância” (PEREIRA, 2015, p. 61). Longe de esgotar sua incursão, Nancy chega à institucionalização do cargo de primeiro-damismo no Brasil, especificamente na organização da Legislação Brasileira de Assistência (LBA), na década de 40, pela primeira Dama Darcy Vargas, e alerta: “Esta projeção, a partir do ideário católico romano no ícone da Virgem Maria, consolida um lugar para o feminino no âmbito privado e deriva daí sua participação na vida política, de modo específico, no campo da assistência como extensão da família e do feminino” (PEREIRA, 2015, p. 62). Essa aproximação, entre teologia e instituição estatal, longe de ser esgotada ou dissolvida, continua a demarcar os lugares de mulheres religiosas, voluntárias, primeiras-damas, mesmo com a emancipação das mulheres em curso.

E, aqui, voltamos às mulheres líderes da PC. Aqui, nos deparamos com as heranças/influências simbólicas de poder advindas das relações igreja-estado. Uma estratégia que tendeu/tende a moldar o feminino como quem tem misericórdia e se prontifica à doação. “Mantidos os factóides históricos e imagéticos – da Virgem e da primeira-dama – nós ainda sofremos e enfrentamos esta estratégia patriarcal que, nos bons e maus tempos, no passado e ainda hoje, posicionam o caráter sexista da Igreja e do Estado” (PEREIRA, 2015, p.64).

Neste sentido, o discurso da diferença promoveu/promove desigualdades, sobretudo quando se apresentou/apresenta como legitimado por leis naturais, influências estatais ou pela vontade de Deus pai. Esta construção cultural trouxe/traz prejuízos e fronteiras para o



empoderamento<sup>9</sup> de mulheres. Contudo, a “velha” conhecida frase vem esclarecer a incompatibilidade desses discursos que insistem fazer parte do itinerário celebrativo religioso – “Não se nasce mulher, torna-se” (Simone de Beauvoir).

Ainda a despeito do kyriarcado romano, embora se tratando de uma longa citação, transcrevemo-la por considerá-la significativa para a síntese dessa reflexão. Ela revela aquilo que está circunscrito no ideário católico, um ideário monopolista, responsável em grande parte, pelas desigualdades de gênero que assola nossa sociedade. A história que se inscreve na constituição das normas de linguagem dessa instituição precisa ser refletida, questionada e, por que não dizer, banida. Maria José Rosado-Nunes entende, e convém repensar o que foi consolidado na história do catolicismo brasileiro, que:

ao se constatar, sociologicamente, a estrutura da divisão do trabalho religioso entre clero e laicato, sem mencionar que esse clero é, de forma absoluta, masculino e celibatário, deixa-se de compreender algo que é parte intrínseca da maneira como essa religião (catolicismo) organiza-se institucionalmente e que tem efeitos sobre o discurso e a prática dessa religião, sobre a forma como ela atua na sociedade e, principalmente, sobre a vida de suas fiéis e das mulheres em geral. O uso genérico da categoria “clero” impede a análise das relações de poder que presidem a organização da igreja católica. O lugar diferenciado atribuído às mulheres e aos homens é ineludível em qualquer análise que se faça dessa religião, independentemente da explicitação de seu caráter feminista ou supostamente “neutro”. A consequência de uma suposta “neutralidade” é a da invisibilidade das mulheres na análise. O tratamento genérico dado a fiéis e agentes no campo religioso, assim como o tratamento gramatical no masculino, acaba por tornar as fiéis invisíveis nos relatos históricos, como nas análises sociológicas, e por subsumi-las no masculino genérico – isso, além de distorcer dados empíricos relativos à religião (ROSADO-NUNES, 2007, p. 114-115).

Longe de esgotar essa discussão, gostaríamos de comunicar nossa posição teórica frente à dinâmica que envolve religião e mulheres. A intenção é não encaminhar esse estudo para solos pantanosos. Seguimos uma linha de pensamento, e faz-se necessário evidenciar essa tendência, que não apenas pensa na função alienante da religião, mas também na sua contribuição para a “libertação”, mesmo envolta com todas as ambiguidades possíveis, de adequadas. Estamos convencidos de que as religiões “não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras que contribuem para a subordinação das mulheres” E

---

<sup>9</sup> Conquista processual da autonomia, da autodeterminação que implica na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior desse processo é questionar, desestabilizar, acabar com o a ordem patriarcal (...) de modo que tenhamos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”. (SARDENBERG, 2006, p.02).

que, “como fieis, as mulheres podem se submeter ao poder disciplinador das religiões, mas podem, igualmente, por sua ação e seu pensamento, contribuir para a sua mudança” (NUNES, 2015, p. 10).

A título de “conclusão”, se por um lado a religião “contribui para reforçar a situação de subordinação das mulheres na sociedade e na cultura, por outro lado, ela é o espaço no qual elas são a maioria e onde, muitas vezes, encontram amizade, compreensão, acolhida e consolo nas situações difíceis de sua vida” (OROZCO, 2009, p. 134). Não há como escapar de atravessamentos ambíguos, se a religião se constitui num fenômeno humano.

## 2. ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS FEMINISTAS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA RELIGIÃO

“Talvez se possa dizer que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência do discurso da Teologia Feminista” (ROSADO, 2001, p. 79). É partindo desse engajamento de teólogas na proposição de novas exegeses bíblicas que serão delineadas, nessa seção, as influências e implicações desse novo discurso envolvendo o universo católico romano.

Sabe-se que, “as análises feministas da religião tiveram início com o desenvolvimento de uma crítica interna à religião, feita por mulheres adeptas e praticantes da fé cristã” Deste modo, será “enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o Feminismo atuará, de início, no campo religioso” (ROSADO, 2001, p. 81). Como nos disse Nancy, pensando sobre omissões e silêncios hermenêuticos de toda uma tradição bíblica, “nos terrenos baldios do texto bíblico, nós, as mulheres, vamos nos encontrando e fazendo as perguntas que não foram feitas, tecendo argumentos pelo avesso, inventando variações e rupturas com nossos corpos gozosos e dolorosos na história, na teologia e na igreja dos homens” (PEREIRA, 2009, p. 85).

A obra de Elisabeth Cady Stanton *The Woman's Bible*, publicada no final do século XIX, nos Estados Unidos, será considerada o ponto de partida para a constituição do campo teológico feminista. Trata-se, esta, da “primeira elaboração feminista de interpretação do texto bíblico, feita por mulheres especialistas na área” (ROSADO, 2001, p. 81).

Há quem simpatize e quem repudie a ideia de problematização da teologia tradicional, por parte da teologia feminista. Pensando nesses dois pólos, aceitação-negação, Ivone Gebara

(1990), partindo do pressuposto de que resistências possibilitam novos caminhos para a reflexão feminista, propõe pensarmos em, pelos menos, quatro exemplos de oposição que se levantam ante os malabarismos das incômodas filhas de Eva:

1. A oposição da cultura: a consolidação de comportamentos distintos para mulheres e para homens e a divisão social do trabalho, baseada nessa ideologia, enrijece a dinâmica das relações humanas, naturalizando-a, sem abrir margem para que modificações possam ser exercitadas e efetivadas. A cultura patriarcal, pensando e agindo desse modo, opõe-se às mudanças, de hábitos construídos e fundamentados milenarmente, propostas pelo feminismo.

2. A oposição dos homens: como sintoma desse sistema, temos o medo de alguns homens, simpatizantes com o movimento, em engajarem-se. Veem a novidade como coisa de mulher, aliás, foram socializados para ter esse vislumbre. Nesse sentido, o movimento feminista propõe, também, um processo “de desalienação do homem, de libertação de certos estereótipos e condicionamentos que a sociedade, a família e especialmente a mãe lhes impuseram” (GEBARA, 1990, p. 19).

3. A oposição das mulheres: Essa oposição estará, intrinsecamente, ligada à classe social dessas mulheres. No caso das mulheres que vivem no universo popular, rodeadas de problemas de saneamento básico, escassez de água, falta de moradia, de emprego, não se pode pensar que verdadeiramente se oponham ao movimento feminista. O que acontece, de fato, é que “vivem num tal estado de agressão, em todos os sentidos e níveis, que se sentem bloqueadas a ir além da organização que satisfaça uma necessidade imediata” (GEBARA, 1990, p.21). Por outro lado, as mulheres pertencentes à classe média e alta, por assumirem uma posição privilegiada, a posição de ‘bonecas de luxo’, uma zona de conforto e segurança, questionam o esforço do movimento em contrapor, inclusive, uma ordem divina. Não podemos desconsiderar que há exceções, nos dois casos.

4. A oposição da igreja: As instituições cristãs, embora não escapem das resistências supramencionadas, resguardam um diferencial que as potencializam, são detentoras do divino, do sagrado. E isso, dificulta, ainda mais, a efetivação de mudanças na esfera religiosa, afinal, agem de acordo com a vontade de Deus Pai. As elaborações teológicas de mulheres são relegadas. Configuram-se numa afronta herética, uma ameaça ao poder daqueles que sempre estiveram à frente dessas produções, por inspiração e desejo divino.

### 3. A PASTORAL DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA INTERSECIONALIDADE DE GÊNERO E RELIGIÃO

Podemos falar em vários eixos de subordinação que moldam e controlam a vida das mulheres, dentre os quais: gênero, classe, raça, cor, etnia, orientação sexual, religião (CRENSHAW, 2002). Cumpre salientar, no entanto, que não compreendemos a real condição das mulheres na sociedade considerando apenas o fato de ela ser uma mulher (gênero) vivendo numa sociedade sexista<sup>10</sup>. Faz-se necessário conhecer, também, a sua classe, sua cor, sua idade, dentre outros marcadores sociais. Por esse motivo, dada a nossa sociedade e seus vários e diferenciados sistemas de opressão, se faz necessário, para os estudos feministas, considerar o conceito de interseccionalidade, “um instrumento analítico para se estudar, entender e responder às formas pelas quais o gênero intersecta com outras identidades e como essas intersecções operam em contextos determinados e contribuem na construção de experiências específicas de opressão e privilégios” (SARDENBERG, 2011, p. 83). Essa adoção assume relevância uma vez que a ferramenta analítica gênero não é suficiente para uma compreensão mais acurada de certos fenômenos interacionais.

Esse conceito (interseccionalidade) foi difundido pela afro-americana Kimberlé Crenshaw, com vistas à identificação das consequências, a nível estrutural e dinâmico, decorrentes da interação entre dois ou mais eixos de subordinação num determinado contexto social. Trocando em miúdos, a partir de cruzamentos interseccionais é possível refletirmos sobre identidades e subjetividades, bem como sobre as posicionalidades das pessoas nessas intersecções. Para tornar o conceito didático, Crenshaw utilizou a analogia de avenidas se cruzando. Segundo sua proposição, os vários eixos de poder – raça, gênero, classe, etnia, religião, geração, etc., “constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas de desempoderamento se movem” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Esses sistemas de opressão vão se sobrepondo, se entrecruzando, de modo que intersecções complexas vão sendo materializadas. Ela exemplifica, para tornar a conceituação metafórica mais contundente:

As mulheres racializadas, frequentemente, estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por

---

<sup>10</sup> “Postura que se constitui em marcante ameaça à democratização da sociedade porque exclui, discrimina e limita a participação das pessoas em função de seu sexo” (FAGUNDES, 2011, p. 110).

múltiplas opressões, posicionadas nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A partir dessas considerações podemos perceber, pelo menos, não somente, dois eixos de subordinação envolvidos na organização da PC – gênero e religião. Buscamos encarar esse organismo de ação social, na perspectiva dessa interseccionalidade.

Em estudos analíticos, de natureza feminista, é de fundamental importância a consideração desses marcadores sociais como partes integrantes e definidores de certas particularidades fenomenológicas. Sem essa visão, a compreensão dos fenômenos sociais torna-se obsoleta, fragilizada.

A vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (ou ensejam ao analista entrever um sentido...). Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. Cada conjunto desses constitui-se, então, numa dimensão básica da vida social, mas nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade. (MOTTA, 1999, p. 193).

Quando pensamos em religião é preciso que tenhamos a questão de gênero em foco. Pensando assim, procedemos abaixo uma análise que nos servirá de exemplo para a apresentação de algumas considerações, ainda que breves, sobre a interseccionalidade aplicada ao universo da PC.

Dados do sistema de informação da PC<sup>11</sup>, referentes ao segundo trimestre de 2016, revelaram que de um total de mais de 172 mil voluntárias/os mobilizadas/os 92% são mulheres e 8%, homens<sup>12</sup>. Significa dizer que o trabalho da Pastoral é alicerçado na contribuição da figura feminina. Assim, esse organismo merece atenção e análise crítica de gênero. Quanto a este aspecto, vale transcrever uma fala da sua fundadora, Zilda Arns, que aparece nos escritos de Batalha (2003): “O trabalho da Pastoral é centrado na força das mulheres. E os homens, como ficam? Bem, os homens não têm muito o perfil para o trabalho” No mesmo material que aparece essa narrativa, ela conta um entre muitos casos em que o esposo não aceita a participação da esposa na Pastoral:

---

<sup>11</sup> Dados extraídos da Revista Pastoral (ano 2, nov.dez./2016/jan.2017). Disponível em: < <https://www.pastoralda-crianca.org.br/revista-pastoral-da-crianca>>. Acesso em: 09 mai. 2017.

<sup>12</sup> Os números referentes à Arquidiocese de Aracaju/SE, universo dessa pesquisa, aproximam-se desse quantitativo. Há, segundo dados do Sistema de Informação da PC, um total de 2.475 líderes atuando nessa arquidiocese. Desse total, 2.234 (90,2%) são mulheres e 228 (9,2%) são homens. Disponível em: <<http://si.pastoral.dacrianca.org.br/pastcri-prg/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

(...) aconteceu no Ceará. Quando a líder ia sair para as reuniões, ele batia nas pernas da companheira ou jogava água quente. A coordenadora local fez duas visitas ao homem; na primeira bateu-lhe a porta na cara. Na segunda, ele disse que o problema era que a mulher estava aprendendo cada vez mais, enquanto ele estava ficando cada vez mais burro. A saída foi colocá-lo para trabalhar também na Pastoral, ajudando a pendurar a balança na árvore para o dia do peso (*sic*). (BATALHA, 2003, p.145).

Nas falas supracitadas algumas considerações são necessárias e urgentes. Primeiro o fator determinante de papéis sexuais. Como o trabalho da Pastoral exige cuidados, carinho e acolhimento, o homem “não dispõe” de habilidades para assumir o cargo. Diferente da mulher, que encontra nesse serviço uma quase extensão dos seus serviços domésticos. Uma vez que essa ideologia é difundida pela própria fundadora da Pastoral, que assume essa postura, talvez, devido sua herança cultural religiosa, tem-se a naturalização dessas divisões sexuais e esta trivialidade, por sua vez, acaba por influenciar as líderes que, por conseguinte, influenciarão o comportamento das meninas e dos meninos acompanhadas/os. Mais uma vez, voltamos ao argumento da natureza sistêmica do patriarcado, de Heleieth Saffioti. Isto é, de que o mesmo pode funcionar sem a presença dos homens. Na segunda fala, percebe-se o quanto a atuação da mulher no espaço público se constitui em uma ameaça para o homem, que para bloquear esse acesso se utiliza dos mais variados artifícios, inclusive da violência, seja esta física e/ou psicológica. Além disso, a saída encontrada para o problema. O homem que antes não tinha perfil para o trabalho, agora é incluído para que a situação de conflito, estabelecida entre o casal, seja amenizada. Quanto à violência física e psicológica sofrida pela companheira encontra-se em segundo plano de análise, em prol da ordem e paz familiar, ou como em muitos casos, em nenhum plano. Por isso,

tem sido importante o amplo reconhecimento da transversalidade de gênero como uma categoria de grande valor heurístico para a análise de uma série de desigualdades que atravessam a vida de homens e mulheres, como relações de poder; o que evidencia as desvantagens vivenciadas por mulheres em todo mundo, especialmente quando intersectadas por fatores como classe, raça ou etnia, *religião* e idade ou geração. (MACEDO, 2008, p. 397, grifo nosso).

Buscar explicações histórico-dialéticas é imprescindível para análise da “condição” feminina no trabalho voluntário da PC. Afinal, sabemos, não será o sexo quem determinará valores e ações, mas as relações sociais de classe, gênero, raça e outras, historicamente elaboradas.

#### 4. SER VOLUNTÁRIA: O “DESTINO” ENDEREÇADO AO “SEGUNDO SEXO”

Para a doutrina clássica da igreja, “o amor e ação estão contidos na fé e dela não podem ser separados” (TILLICH, 1985, p. 73). Essa pregação cristã da ação/doação como fundamentais para uma manifestação correta da fé, teve problemáticas implicações de gênero. E, obviamente, “as mulheres foram as mais atingidas por essa teologia da renúncia e do sacrifício, pois foram definidas como seres-para-o-outro, para servir, não só do ponto de vista material, mas também sexual” (TOMITA, 2006, p. 149). A religião patriarcal sequestrou os seus desejos. “A costela removida tornou-se um objeto, um 'outro', separado da criação original de Deus, o varão. É esta a função das mulheres na religião: ser o 'outro', a estrangeira em relação à divindade. O varão é o normativo da criação” (TOMITA, 2006, p. 153).

Partindo desse pressuposto, pode-se inferir que o trabalho das voluntárias, que se disponibilizam à missão da PC, é uma expressão de fé avivada por ações concretas de amor ao próximo, uma espécie de materialização da fé.

Ao longo da história do cristianismo, a valorização dos marginalizados foi transformada e muitas vezes usada ideologicamente pelos poderosos. Estes passaram a prometer a realização da dignidade humana apenas numa outra vida já que as elites, temerosas de perderem seus privilégios, não permitiam a igualdade e a justiça nas relações. A “outra vida”, o céu, passou a ser o lugar ansiado pelos que pareciam estar condenados ao sofrimento e às injustiças terrenas. E, enquanto o céu não acontecesse, se poderia tornar a vida dos pobres mais suportável através das obras de caridade. (GEBARA, 2006, p. 41).

O fato das voluntárias se disporem às intempéries, à violência presente nas comunidades marginalizadas, para chegar aos bolsões de pobreza e tentar garantir vida em abundância às crianças acompanhadas bem como às suas famílias se configura num ato de sacrifício pela dignidade das pessoas mais empobrecidas e concretiza aquilo que seria a missão religiosa do povo leigo. De acordo com Pereira (2005, p. 83), “no catolicismo, orientado pela doutrina Cristã, o sacrifício tem função primordial. Cristo foi oferecido em sacrifício, num ato apaziguador da violência contextual da sua morte” Talvez, possa-se inferir que as líderes voluntárias da PC acreditem que serão agraciadas por seguirem o exemplo de doação do Cristo e da sua mãe. Cabe destacar que, segundo Batalha (2003), as voluntárias são, em sua vasta maioria, humildes. É a mulher pobre, muitas vezes, analfabeta o motor da PC. Assim, há que se considerar a esperança religiosa, também, como parte da cultura da pobreza, já dizia a teóloga Ivone Gebara.

Mesmo diante da exposta submissão a princípios kyriárquicos e, de um certo prolongamento das atividades domésticas nos limites da igreja e também das atividades da PC, queremos reafirmar a existência de outros vieses que merecem atenção no processo reflexivo sobre o trabalho voluntário das mulheres na PC – o protagonismo, a valorização e o ‘empoderamento’ dessas mulheres líderes fora dos muros do espaço privado.

Muitas mulheres são desvalorizadas diariamente em seus lares; sofrem os mais variados tipos de violência; seus afazeres domésticos não são reconhecidos como trabalho. Nas visitas mensais, essas mulheres se deparam com mulheres que enfrentam a mesma dura realidade. As histórias se encontram e, por vezes, suscitam alguma força para o enfrentamento de adversidades conjugais e encorajamento para a tomada de uma atitude libertadora. Assim, sua Vida Maria pode ser reescrita. Nas palavras de Zilda Arns: “Se uma líder é valorizada, é como um pagamento, porque muitas vezes ela sofre em casa, ela não sabe o que é alguém dizer ‘muito obrigado’ ou ‘você é importante pra mim’” (BATALHA, 2003, p. 73). “Na Pastoral eu me sinto útil” (Citação de memória).

Por outro lado, ao assumir o papel de educadoras, ensinando as mães a serem cuidadoras (feminização dos conhecimentos), fazer o muito com o pouco, as voluntárias da PC tendem a desenvolver, no espaço extraluar, atividades idênticas àquelas desenvolvidas no seu espaço doméstico. E, “a Igreja Católica, assim, repõe uma antiga definição de engajamento de mulheres no espaço público e mesmo profissional como voltado ao cuidado físico, um simulacro de sua atuação no espaço privado” (ANJOS, 2007, p. 30). A minoritariedade de homens na PC pode ser explicada, senão, ao menos pensada, a partir desse processo educativo e formativo de subjetividades. Não por acaso, geralmente, as filhas das voluntárias dão continuidade ao trabalho das primeiras, na comunidade local, garantindo a existência e fortalecimento da rede solidária. Dificilmente nos deparamos com o contrário, meninos que são acompanhados na sua primeira infância tornarem-se líderes adiante.

Não bastasse isso, há uma ênfase na relação mãe e filha/o desde antes do nascimento nos materiais formativos da PC. O pai não é excluído das orientações, mas, o foco é, essencialmente, na figura materna. Assim a mãe, especialmente, recebe da líder que a acompanha, orientações sobre como cuidar da sua alimentação, da sua higiene, a importância do pré-natal, seus direitos no parto, cuidados primeiros com a/o bebê, vacinas. Essa partilha de conhecimentos se dá, sempre, à luz do Evangelho. A amamentação, por exemplo, “embora recomendada por critérios médicos, é fundamentada religiosamente” na PC. (ANJOS, 2007, p. 31).





Figura 02: Laços de Amor <sup>13</sup>

Fonte: Site oficial da PC ([www.pastoraldacrianca.org.br/](http://www.pastoraldacrianca.org.br/))

A cartela acima nos faz pensar nos corpos das mães acompanhadas. Nos faz pensar no quanto, nesse período, “a mulher normalmente fica escondida, uma vez que a característica que recebe destaque é a maternidade, não o ser mulher (...) a mãe é ‘simplesmente’ mãe e não uma mulher” (LEMOS, 2006, p. 83). Um corpo sacralizado, pelo fato de estar grávido – “Você está mais iluminada, pois carrega no seu ventre uma nova vida!” Um corpo supervalorizado por estar sendo fonte do amor de Deus. Um corpo “apropriado”, que recebe orientações deterministas. Um corpo aonde o prazer não é evidenciado. Um corpo em prol da reprodução, a favor do reino de Deus. Essa idealização, como nos diz Marga Stroher, “raramente considera o corpo em sua dinâmica e potencialidade de vida, dor e sofrimento, alegria e prazer, pois o trata como se fosse uma matéria inerte, portadora apenas de determinadas funções biológicas” (STROHER, 2009, p.110). Na PC, as concepções da maternidade humana fundidas às concepções da maternidade de Maria resultam na consolidação de uma maternidade sagrada. “Nesse cuidado do corpo prenhe, do corpo que amamenta e cria, está expressa a mulher considerada digna de atenção e celebração pela Igreja: a que vai ser mãe, a grávida, a mãe” (ANJOS, 2007, p. 32). Não se pode negar, a assertiva de que “os corpos são gendrados<sup>14</sup>, recebem um imprint do gênero”, na PC. (SAFFIOTI, 2015, p. 81).

<sup>13</sup> São cartelas entregues, mensalmente, às gestantes acompanhadas pela Pastoral da Criança. Contém informações sobre o desenvolvimento do bebê, as alterações no corpo da mulher e incentivos para que ela faça seu pré-natal.

<sup>14</sup> Segundo SAFFIOTI (2015, p. 81), “o vocábulo gendrado, oriundo de gender (palavra inglesa para gênero) tem sido utilizado por feministas, na falta de um adjetivo correspondente ao substantivo gênero. Trata-se de um neologismo, incorporado do inglês (gendered) e ainda não dicionarizado. Pode-se falar em corpo gendrado para designar não o corpo sexuado, mas o corpo formatado segundo as normas do ser mulher ou do ser homem”.

## 5. “BENDITA SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES”: A FIGURA DE MARIA COMO INSPIRAÇÃO NO TRABALHO MISSIONÁRIO

“Eis aqui a serva do senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38) <sup>15</sup>. “Há, sem dúvida, uma cooptação do poder de Maria aos poderes sagrados masculinos”, afirma Gebara (2009, p.14). Nas aparições, continua a teóloga,

ela pede que se construam igrejas ou capelas, que se reze o terço ou o rosário, que se façam sacrifícios ou penitências. Entretanto, muito pouco se ouviu dizer que ela mandasse construir hospitais para os aidéticos, escolas para os favelados ou que pedisse que uma ditadura militar fosse derrubada ou que as mulheres fossem respeitadas em sua dignidade ou que uma reforma agrária fosse organizada e implantada. (GEBARA, 2009, p. 14).

Aqui reside um ponto que merece questionamento e reflexão. Esses pedidos marianos servem, de fato, aos interesses de alguém? Quem?

Segundo Fiorenza (2009, p. 29), “Maria, a serva do Senhor, pura, humilde, paciente, cheia de tristezas, silenciosa, que se doa por completo é pregada às mulheres como o modelo que deve ser imitado, mas nunca poderá ser alcançado” Mesmo assim, mulheres e mães são convidadas a seguir o exemplo de Maria, a fim de manter obediência à vontade suprema de Deus. Objeto para o outro, sexo para o outro, cuidado para o outro, serviço para o outro, prazer para o outro, mas não para elas, eis a essência do convite. Esse “processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível” (LOURO, 1997, p. 63). “Que as mulheres aprendam no silêncio a sua sujeição”, já dizia São Paulo apóstolo. É assim que a mariologia tradicional sustenta o sistema cultural de sexo-gênero e o internaliza através de discursos e normas a serem seguidas. Em suas reflexões, Dorothee Solle afirma que

esta imagem da mulher, assim como historicamente se apresenta no cristianismo, pode ser reconhecida em sua forma mais clara naquela representação ideal de Maria que nos contempla da Gruta de Lourdes como figura de gesso: com os olhos abatidos e o corpo oculto até o ponto da irreconhecibilidade, ela representa a dessexualização e a humilhação. Ela está entronizada sobre nós de maneira transfigurada e sublime. Ela é pura, nós imundas. Ela é dessexuada, nós temos desejos e paixões sexuais. Nós jamais podemos alcançá-la, e por isso devemos sentir culpa e ter sentimentos de vergonha. Isso mais uma vez nos torna humildes. Um símbolo criado para ensinar a auto-opressão aos oprimidos, a autocensura aos inseguros e auto-exploração aos explorados. (SOLLE, 1991, p.78).

---

<sup>15</sup> A Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2008.

Esse simbolismo mariano é marcante para o contingente feminino. A imagem mariana “concentra uma ambiguidade extrema pela valorização concomitante da virgindade e da maternidade. Erigindo a virgindade em culto, é o controle da sexualidade feminina e a normatização dos comportamentos sexuais que a igreja visa” (ROSADO-NUNES, 2007, p. 495).

Mediante a dogmatização em torno da figura europeizada da mãe de Jesus, como exemplo a ser seguido pelas mulheres, se faz necessária uma ressignificação desse modo mulher de ser, a fim de possibilitar relações de gêneros mais igualitárias e, sobretudo, humanas. Nesse contexto, a mariologia feminista surge como subsídio de encorajamento e proposição de uma nova hermenêutica acerca do feminino. Esta mariologia “exige que as mulheres, hoje, sejam libertadas de um jugo simbólico que fez de Maria o exemplo da mulher poderosa e ao mesmo tempo submissa, a serviço de uma organização hierárquica masculina e dominadora” (GEBARA, 2009, p. 24).

Dentro do contexto da missão voluntária da PC, Maria é considerada a primeira líder de todos os tempos, quando na ocasião da sua visita à sua prima Isabel, que se encontrava na condição de gestante. Percebe-se, a partir desse episódio, a relação da figura mariana caridosa, assistencialista, com a figura da mulher líder voluntária, que, assim como ela o fez, se dispõe a visitar gestantes e suas famílias.

## CAPÍTULO II

### PASTORAL DA CRIANÇA

*É semente que se planta (Pastoral da Criança),  
são frutos que a gente colhe (Pastoral da Criança),  
faz nossa gente gerar vida, celebrar a confiança, animados na missão.*<sup>16</sup>

Florestopolitana, a PC surge depois de uma conversa entre James Grant (ex-diretor executivo do UNICEF) e Dom Paulo Evaristo Arns. O primeiro, propunha que a igreja católica romana deveria se posicionar frente o alto índice de mortalidade infantil daquela época (anos 80).

Em 1983, a primeira experiência foi posta em prática, no município de Florestópolis. Naquele tempo o município com maior índice de mortalidade infantil do Paraná. Cerca de 70% daquela população era constituída por boias-frias.

Com uma metodologia comunitária inspirada nos evangelistas e com o auxílio de 76 mulheres que se disponibilizaram para o primeiro treinamento e depois à missão, a PC vai aos poucos conquistando espaço no país afora. Assim, “a Pastoral da Criança faz: organiza grupos, trabalha com o que existe, eleva os dons aos céus, distribui e avalia se todos estão saciados” (PASTORAL DA CRIANÇA, 1996, p.25).

Na PC, embora haja solidariedade, existe hierarquia. A despeito dessa verticalidade, Dom Aloysio José Leal Penna (ex-presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança), esclarece:

São Paulo, na sua primeira carta aos Corintos, nos recorda que cada um tem o seu Dom, mas o espírito é o mesmo. Assim também é na Pastoral da Criança. A estrutura e a hierarquia se fazem necessárias apenas para organizar e agilizar o trabalho; mas cada função, da Líder Comunitária à Coordenação Nacional, tem a mesma importância perante Deus. (PASTORAL DA CRIANÇA, 1996, p. 05).

Com um trabalho reconhecido internacionalmente, essa rede de solidariedade, atualmente, atinge as mais diversas comunidades; desde as urbano periféricas, às ribeirinhas, indígenas e quilombolas.

---

<sup>16</sup> Música *A semente* de Zilda Botelho.

## 1. ZILDA ARNS NEUMANN: UMA MULHER PARA ALÉM DO SEU TEMPO



As falas compiladas e transcritas nesse tópico são da própria Zilda Arns e foram publicadas pela série Depoimentos Brasileiros da Editora Leitura, no ano de 2003. Para compor o livro *Dra Zilda: vida plena para todas as crianças*, a PC solicitou, aos familiares de Zilda, permissão para inclusão de algumas memórias destacadas na publicação anteriormente citada. A reflexão aqui proposta estará embasada nessa autobiografia. Pretende-se com ela, apresentar ao/à leitor/a com que frequência e relevância as influências religiosas aparecem na história de Zilda e a posteriori na PC.

Em Forquilha, município de Santa Catarina, Zilda, juntamente com sua família, experencia as várias etapas de desenvolvimento da sua infância. “Tenho lindas recordações de minha infância. Sou a 12ª de 13 irmãos, 07 mulheres e 06 homens”, revela. A família de Zilda professava a fé católica apostólica romana e tinha uma rotina que envolvia muitos aspectos religiosos, por exemplo: “Rezávamos antes e depois de comer”. Dos irmãos e das irmãs – 9 serão professores, 4 com doutorado, 2 engenheiros, 1 agricultor e ela, médica. “Dos professores, três religiosas da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora: Irmã Gabriela, Irmã Maria Helena e Irmã Hilda, e dois padres franciscanos: frei João Crisóstomo, que se dedicou à educação, e o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito de São Paulo, conhecido pela sua defesa dos direitos humanos” (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014).



Figura 03: Zilda, aos quatro anos de idade, ao lado do pai, da mãe, dos irmãos e das irmãs  
Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014

Retratando a realidade da comunidade de origem de Zilda, àquela época, e as influências desse contexto para sua vida e pensamento, o historiador Marcelo Thimoteo da Costa escreve que Forquilha era uma

colônia agrícola de imigrantes europeus no interior catarinense, universo onde a espiritualidade católica ditava o correr dos dias e consolidava laços comunitários, inspirando trabalhos de assistência mútua. Assim, pode-se dizer que a conexão entre fé religiosa e atuação pública começou a ser inculcada em Zilda já nos primeiros anos de vida, na sua colônia de origem. A propósito, tais agrupamentos, espalhados pelo Sul do Brasil, seriam, ao longo de boa parte do século XX, notável celeiro de vocações sacerdotais (a numerosa família Arns, por exemplo, daria à Igreja alguns de seus filhos). (COSTA, 2015, p. 153).

A título de exemplo da influência religiosa na vida da fundadora da PC, vejamos uma recordação por ela mesma. Se trata do evento em que seu pai, Gabriel Arns, vive uma crise devido a presença de pedras na vesícula, urrando de dor, por vezes:

Fui ao meu quarto rezar; queria pensar como Deus se compadeceria de meu pai e o livraria do terrível sofrimento. Todas as noites tínhamos o costume de rezar o terço de joelhos. Era muito demorado; para mim, uma espécie de penitência. Comecei a me comunicar com Deus perguntando-lhe quantos terços eu deveria rezar para meu pai sarar. Seriam dez, parecia pouco; cinquenta, creio que seria pouco ainda; cem, ainda era pouco; o ideal seriam mil terços. Senti que esse sacrifício todo traria a compaixão de Deus. Então, prometi que rezaria mil terços. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 35).

Em se tratando da sua mãe, Helena, essa tinha muitas habilidades quando o assunto era saúde. “Éramos todos muito saudáveis. Mamãe dizia que onde se cuida da boa alimentação e onde há sol dentro de casa não entra médico”, rememora Zilda. E continua, “de fato, não precisávamos de médico, pois ela lia muitos livros de medicina caseira que recebia da Alemanha<sup>17</sup> e procurava aplicar as recomendações”. Para Zilda, dona Helena foi sua grande inspiração na missão da PC. “Uma imagem que me lembra muito a infância é a minha mãe, na varanda da frente de nossa casa, recebendo as mães com crianças doentes ou que vinham apenas para pedir conselhos. Ela era referência na comunidade” Com esta atitude tornava-se claro a eficiência da partilha do saber na resolução de problemas de pouca complexidade. Mais tarde esse comportamento irá refletir na vida profissional de Zilda e na metodologia comunitária da PC.

Zilda descreve, ainda, a perseguição que a sua família sofreu à época da segunda guerra mundial. Seu tio, o professor Jacob Arns, a título de exemplo, foi preso por nove

---

<sup>17</sup> Importante ressaltar que a família de Zilda era descendente de alemães.

meses, em Forquilha, por ter se recusado queimar um atlas de geografia escrito em alemão. “Vi, muitas vezes, minha mãe chorando e jogando livros e revistas escritos em alemão no forno de assar pães” Ela conta que nesse contexto todos/as da família cuidavam para não falar em alemão no espaço público.

Na igreja de Forquilha, Zilda e os/as irmãos/ãs cantavam em latim. “A gente sabia toda a missa de cor, até o Agnus Dei”<sup>18</sup>, afirma. Os ensaios aconteciam na sua casa, para não incomodar o padre Felix, já bem idoso, segundo ela, e porque na sua casa havia um órgão. A propriedade desse instrumento indica a classe social de sua família.

Aos dez anos de idade, Zilda vai residir em Curitiba (PR), sua segunda cidade natal. O que a levou à nova cidade foi o fato de em Forquilha só haver ensino até a 5ª série do ensino fundamental. Para continuar os estudos, mudou-se.

Os pais trataram de construir uma casa em Curitiba. Ela morava com os irmãos e as irmãs. “Eram três lotes, e a casa ocupava o do meio. De um lado, havia o campo de vôlei; nos fundos uma garagem sem carro, mas com uma bela mesa de tênis. No outro lote, cultivávamos verduras, frutas e chás, criávamos galinhas e coelhos”. Percebe-se, mais uma vez, que a família de Zilda ocupava uma posição financeira privilegiada.

Não tínhamos empregada, somente uma diarista às segundas-feiras. Os irmãos mais velhos estudavam e trabalhavam para ajudar na manutenção da casa. Meu trabalho era fazer o almoço durante a semana. Era ajudada pela caçula da casa, Zélia, e seguia um cardápio rigoroso e gostoso, organizado por minhas irmãs mais velhas, que me ensinavam com esmero. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 48).

Embora estivesse ocupando o espaço público, algumas atividades permaneciam muito bem estabelecidas entre os sexos masculino e feminino, na rotina de Zilda e seus irmãos e suas irmãs.

Zilda estudava no Colégio da Divina Providência, dirigido por freiras de origem alemã.

---

<sup>18</sup> Em latim Agnus Dei significa Cordeiro de Deus. Trata-se do quinto e último integrante do Ordinário da Missa.



Figura 04: Zilda e colegas da equipe de vôlei do Colégio Divina Providência (1952)

Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014

Durante sua adolescência diz ter-se dedicado à catequese. “Durante sete anos, dediquei-me à catequese. Lia muitos livros nos fins de semana e frequentava a Congregação Mariana<sup>19</sup>, onde meu irmão Felipe Arns era líder” A catequese e a figura de Maria, a mãe de Jesus, ganha espaço na vida de Zilda. Mais uma vez, o aspecto religioso aparece na caminhada da fundadora da PC.

Com 16 anos de idade, Zilda decide estudar medicina. Recebe, de imediato, o apoio da mãe. Já seu pai julgava que ela deveria ser professora, uma vez que acreditava ser a educação a mais poderosa ferramenta para a transformação do mundo. Zilda relembra como tudo se encaminhou:

Quando meu irmão, Dom Paulo Evaristo Arns, veio de férias, em 1949, e frei João Crisóstomo e todos os irmãos estavam juntos em Forquilha, lembro-me bem de que papai, com seus dois filhos franciscanos e Osvaldo, que mais tarde se tornou o reitor da Universidade Católica do Paraná, passeavam de um lado a outro no gramado em frente à nossa casa. Da varanda, fiquei imaginando o que eles tinham tanto para conversar. Quando voltaram, dirigiram-se a mim com carinho, dizendo que haviam refletido muito sobre a minha insistência em ser médica e chegaram à conclusão de que eu deveria seguir aquilo que achasse melhor. Senti-me liberada, mas, ao mesmo tempo, no meu coração pesava a responsabilidade por eu ter decidido sozinha os rumos do meu futuro. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 53).

Esta descrição torna evidente a necessidade de aprovação, da escolha de uma mulher, pelas figuras masculinas da família. Contudo, é uma mulher que estuda e alcança o espaço

---

<sup>19</sup> As Congregações Marianas surgem em 1563 com o jesuíta Pe. Jean Leunis. Foi ele, o responsável pela organização de um sodalício (grupo), cujos membros se distinguiam por uma vida cristã e mariana fervorosa e pela prática de diversas formas de apostolado, entre os alunos do Colégio Romano, localizado em Roma. No Brasil, as Congregações Marianas existiram no período colonial, sobretudo nos Colégios da Companhia de Jesus e praticamente desapareceram com a expulsão dos jesuítas, em 1759. Foi fundada, novamente, uma Congregação Mariana, agregada à Prima Primária, em Itu, no estado de São Paulo no ano de 1870. A partir de então, elas cresceram, notoriamente, por todo o País, quer em Paróquias ou em outros ambientes. Os Congregados Marianos brasileiros podem ser reconhecidos, nas reuniões ou celebrações da Igreja, por estarem usando no pescoço uma fita de cor azul (cor litúrgica da Virgem Maria), em cuja extremidade está uma medalha prateada com a imagem do Nosso Senhor Jesus Cristo de um lado, e do outro a da Mãe Santíssima, a Virgem Maria. Estas informações podem ser acessadas no site oficial da Confederação Nacional das Congregações Marianas no Brasil. Disponível em: < <http://cncmb.org.br/>>. Acesso em: 04 jun 2016.



público, sendo liberada, inclusive, dos afazeres domésticos, para estudar. “Já não havia tempo para ser catequista da paróquia e visitar as famílias da favela, o que me enchia a alma de alegria, nem de jogar vôlei, a não ser aos sábados. Estudava das 19 às 23 horas, além de ir ao colégio (manhã) e cursinho pré-vestibular (tarde)” Ela conta que eram 960 candidatos concorrendo à 120 vagas. Na lista de aprovação constavam 06 mulheres e 114 homens. Ela conta como se sentia entre os/as colegas de turma: “Sentia-me constrangida no primeiro ano de Medicina no meio de tantos homens” Segundo relato da mesma, o curso não condizia com o que esperava. “Só pude encontrar felicidade ao ajudar os pacientes no hospital; não me sentia bem lidando com os cadáveres, que me faziam imaginar onde estaria a alma deles; rezava por todos” Mais uma vez os elementos caridade e oração irrompem na autobiografia de Zilda. Diante “uma forte referência religiosa na primeira socialização, a escolarização em escolas católicas, a catequese, sua atividade como médica é concebida como cuidado e educação” (ANJOS, 2007, p. 40).



Figura 05: Formatura de Zilda (1959)  
Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014

Casou-se com Aloysio Bruno Neumann, irmão de duas colegas suas, em 26 de dezembro de 1959, uma semana após sua formatura. “Eu o achava bem bonito. Tinha uma família muito religiosa e um irmão que estudava para ser padre”, conta Zilda. Eles conviveram dezoito anos e tiveram seis filhos, sendo o primeiro filho vítima de um trauma no parto. Quando Aloysio morre, aos 46 anos de idade, vítima de afogamento, o filho mais velho, “Rubens, tinha 14 anos; Nelson, 12; Heloisa, 10; Rogério, 7; e a mais nova, Sílvia, 4”.



Figura 06: Casamento de Zilda: Zilda e Aloysio celebram com os/as irmãos/ãs religiosos/as (Frei João Crisóstomo Arns, Ir. Maria Gabriela Arns, Ir. Maria Helena Arns e Pe. Oswaldo Guilherme Neumann, irmão de Aloysio Neumann)

Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014



Figura 07: Família de Zilda (1970). Da esquerda para a direita, em pé: Sandra (filha adotiva), Heloisa (filha), Aloysio (marido), Zilda, Silvia (filha); sentados: Rubens (filho), Nelson (filho) e Rogério (filho)

Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014

Sobre a vida profissional de Zilda, elencamos alguns acontecimentos que comprovam o seu "rompimento" com papéis sociais de gênero, por meio de sua inserção no mundo acadêmico e sua visibilidade nos campos religioso, político e econômico:

1960 - Nomeada médica da Secretaria de Saúde de Estado.

1965 - Assume a direção da rede de Postos de Saúde de Curitiba.

1977 - Especializou-se em Saúde Pública na Universidade Federal de São Paulo.

1979 - Coordena as atividades do Ano Internacional da Criança, no Paraná.

1982 - Criação do Projeto da Pastoral da Criança

2002 - Recebe o prêmio de Heroína da Saúde Pública das Américas.



Figura 08: Formatura de especialização em Saúde Pública na USP (1977). Da esquerda para a direita: Aloysio, Dom Paulo, Zilda, a filha Heloísa e o filho Rubens  
Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014

É inegável que Zilda é uma mulher para além do seu tempo. Mesmo com as fortes marcas religiosas em sua história, sua descendência alemã, seu acesso à universidade (um espaço frequentado quase que absolutamente por homens, naquele tempo), um casamento e filhos/as, ela desbravou fronteiras de gênero estabelecidas pela ideologia patriarcal com vistas a concretizar seus sonhos. Há que se considerar, também, por outro lado, a favorável posição econômica da sua família, essencial para que ela tivesse acesso a uma educação privilegiada.

Em 12 de janeiro de 2010, Zilda é vítima de um terremoto, em Porto Príncipe/Haiti, enquanto tentava implantar a PC naquela região...

Em 10 de janeiro do ano de 2015, foi organizada uma celebração em homenagem à Dra. Zilda. O intuito era lembrar o quinto ano do seu falecimento e fortalecer o compromisso da sociedade com as crianças. Na ocasião foi feita a entrega oficial da moção (Anexo A) de apoio ao pedido de abertura do processo de beatificação da mesma. O evento aconteceu na nova arena da baixada em Curitiba/PR. A entrada foi gratuita. Para a garantia de hospedagens solidárias, a PC mobilizou famílias nas paróquias de Curitiba. O evento contou, ainda, com o Programa de Voluntários (voluntários/as residentes, ou não, em Curitiba como responsáveis pelo acolhimento dos/as visitantes). Caravanas de todos os estados brasileiros foram prestigiar o momento que entraria para a história desse organismo de ação social. Atores/as globais (da emissora rede globo de televisão) foram responsáveis pela articulação da celebração juntamente com a coordenadora nacional, Vera Lucia Altoé e o filho de Zilda, Nelson Arns. A Celebração Eucarística contou com a participação de Dom Geraldo Majella Agnelo, Dom Raymundo Damasceno Assis, Dom Aldo di Cillo Pagotto e Padre Reginaldo Manzotti.



Figura 09: Convite para a celebração em homenagem à Dra. Zilda.  
Fonte: site da PC (<https://www.pastoraldacrianca.org.br>)

## 2. A PROPOSTA DE UM PROJETO PARA SALVAR VIDAS

Era 1982. Durante uma reunião sobre a paz mundial, da Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra (Suíça), o diretor executivo da UNICEF, James Grant, em conversa com Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, na época, o convence sobre a possibilidade de desenvolvimento de algum projeto, por parte da igreja católica romana, para salvar a vida de milhares de crianças que morriam desidratadas. A ideia era que o conhecimento chegasse até às mães de forma simplificada e que a ação fosse preventiva.



Figura 10: James Grant e Dom Paulo Evaristo Arns  
Fonte: ARAÚJO, 2000

Em resposta, Dom Evaristo, ao voltar para o Brasil, telefona para a sua irmã Zilda Arns, médica sanitária, apresenta a ideia e pergunta se a mesma aceitaria torná-la concreta. Zilda aceita a responsabilidade de criação de um projeto que mudasse efetivamente o quadro a que estavam submetidas as nossas crianças. Há esse tempo, ela completava cinco anos de viuvez. Aquele momento é descongelado em sua memória:

Tínhamos o hábito de fazer vitamina todas as noites, os cinco filhos à minha volta, na cozinha; procurava estar ao lado deles em todos os momentos possíveis. Aquela noite, que sucedeu ao telefonema de Dom Paulo, foi muito especial. Lembro-me do que lhes disse: 'Hoje, a mãe vai fazer um café preto para não ter sono, para refletir e elaborar um plano sobre como a Igreja poderá salvar milhões de crianças do mundo, com trabalho feito na comunidade' Mostraram-se interessados e foram dormir. Eu me concentrei. Estava sentada na mesa da copa e rezei para o espírito santo me inspirar (...) Esse trabalho feito pela Igreja deveria ser altamente replicável, barato, atraente e impulsionado pelo amor fraterno (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 90).

Ao refletir sobre a mais adequada metodologia para que o projeto missionário se efetivasse nos bolsões de pobreza, Zilda inspirou-se na sua mãe, Helena, e seu trabalho comunitário em Forquilha, bem como na sua experiência enquanto pediatra do Hospital de Crianças Cezar Pernetta, sua atuação como médica e mais tarde como diretora de postos de saúde das periferias de Curitiba. A linguagem utilizada no material teria de ser simples, para que fosse acessível, mas, respaldada em conhecimentos científicos.

Eram tempos difíceis tanto para o país, economicamente falando, quanto para a igreja. Nas palavras de Costa (2015, p.154), uma breve leitura do contexto histórico:

Em termos nacionais, já correndo o terço final do mandato de João Baptista Figueiredo (1979-85), o último dos sucessivos generais que ocuparam a presidência da República desde o golpe civil-militar de março de 1964, a conjuntura econômica revelava-se particularmente preocupante. No triênio 1981-83, o Produto Interno Bruto (PIB) declinou 1,6% em média. A depressão na esfera produtiva fez o emprego e a renda nacionais recuarem, em termos comparativos, mais que o verificado quando da grande crise de 1929.

Essa deterioração econômica vai impactar de forma negativa a sociedade brasileira, mais especificamente a população pobre. Além da crise econômica, a igreja brasileira vivia um período de conflitos e incertezas, ante a emergência da chamada teologia da libertação. Sobre essa conjuntura, escreve Costa (2012, p. 155):

Os anos 1980 trouxeram para a Igreja Católica do Brasil as incertezas advindas do acirramento de um conflito interno duradouro herdado da década anterior, uma divisão motivada por razões teológicas e pastorais – e também ideológicas e políticas. No mesmo período, cresceu notavelmente a repressão das instâncias doutrinárias romanas àquela que era a mais original (e polêmica) contribuição eclesiológica da América Latina, a Teologia da Libertação. Teologia, a propósito, que contava com numerosos defensores em postos de projeção e poder na Igreja local

A PC opta por uma postura precavida ante esse cenário conflituoso. Dada a escolha, não multiplicava a "atuação caritativa tradicional católica, tampouco abraçava o tom contestador da Teologia da Libertação" (COSTA, 2015, p. 160). Essa ação intermediária tornaria possível o apoio e o firmamento de alianças com diferentes grupos da realidade católica da época.

### 3. O PROJETO: UMA MISSÃO DE FÉ E VIDA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO SABER

O episódio da multiplicação e distribuição dos cinco pães e dois peixes, que estavam com aquele menino, entre cinco mil homens e, os doze representativos cestos com o que sobrou depois de todos terem se fartado, narrado no Evangelho de São João, será a luz para que Dr.<sup>a</sup> Zilda dê forma e corpo ao projeto missionário que lhe foi incumbido.

Adapte essa metodologia do milagre ao projeto, ao organizar as comunidades e identificar líderes que, capacitados e com o espírito de fraternidade cristã, multiplicavam o saber e a generosidade nas famílias vizinhas. “Dai-vos vós mesmos de comer”, não esperem sempre pelos outros, pelo governo. Muitos problemas poderiam ser resolvidos pelas próprias mães. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 92)

A influência do pensamento cristão católico acompanhará, como se pode notar, todas as etapas de desenvolvimento do projeto da PC. Importante realçar que o processo de partilha do saber, pelas lideranças, e aplicação dos conhecimentos adquiridos, pelas mães, implicará o reforço da responsabilidade materna quanto ao bem-estar dos/as filhos/as.



### 3.1 Florestópolis: A Primeira Experiência

Na época, arcebispo de Londrina, Dom Geraldo Majella Agnelo, foi indicado pela CNBB para acompanhar o trabalho de implementação do trabalho criado pela Dr<sup>a</sup> Zilda.

Iniciar o trabalho em uma única paróquia, para testar a metodologia, foi a decisão tomada, a priori. Somente após os resultados dessa experiência-piloto o projeto se expandiria para todo o Brasil.

Funcionária pública da secretaria de saúde do Paraná, Zilda não poderia ausentar-se do estado sem licença e no caso de efetivação de pedido, isto lhe renderia processos burocráticos que poderiam atrasar a implementação do projeto. Diante do “obstáculo” e tendo acesso ao quantitativo de mortalidade infantil<sup>20</sup> no estado do Paraná, uma vez que, tinha participado no planejamento da secretaria de saúde, Dom Geraldo e ela decidiram testar o modelo na Arquidiocese a qual estava alocado o primeiro – Arquidiocese de Londrina. Assim, Dom Geraldo poderia dar maior suporte durante o processo.



Figura 11: Localização geográfica do município de Florestópolis  
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

No entanto, uma visita inesperada interrompe o planejamento de Dom Geraldo e Zilda. A implementação primeira tomaria outros rumos. Nas palavras de Zilda, assim aconteceu:

Quando Dom Geraldo e eu estávamos refletindo sobre o projeto, entrou na sala a Irmã Eugênia Pietta, responsável pela Paróquia de São João Batista, em Florestópolis. Imediatamente, ela ficou empolgada, confirmou que lá morriam muitas crianças e havia muitas desnutridas. O município, a 100

<sup>20</sup> Florestópolis, pertencente à Arquidiocese de Londrina, era o município com maior índice de mortalidade àquela época, com 127 mortes por mil crianças nascidas vivas (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 94).

quilômetros de Londrina, tinha aproximadamente 14.700 habitantes. Cerca de 72% das famílias eram de boias-frias, que ora trabalhavam nos canaviais, ora nas colheitas de café ou de algodão. No intervalo entre as duas colheitas, passavam longos meses sem serviço. Eu disse a Dom Geraldo: ‘Deus está sinalizando. Não é por nada que a Irmã chegou nesta hora’ A partir desse momento, ficou decidido que essa história de Fé e Vida começaria a ser colocada em prática na paróquia São João Batista, que tinha o tamanho do município de Florestópolis. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 96).



Figura 12: Irmã Eugênia Pietta (primeira coordenadora da PC em Florestópolis)  
Fonte: ARAÚJO, 2000

Após esse encontro, Zilda e a Irmã Pietta agendaram uma reunião para promover a proposta às pessoas que mostrassem interesse e de dispusessem ao serviço missionário. Zilda rememora:

Naquela tarde, com todo o plano na cabeça e, principalmente no coração, pedi à Irmã Eugênia que reunisse 20 líderes de Florestópolis, que não fossem da área da política, mas que ajudavam a formar opinião, como professores e outros. No sábado à tarde, fiz a primeira reunião. Era setembro de 1983. Expus-lhes as principais causas da morte de crianças no município, falei sobre como poderiam reverter a situação e sobre qual era a metodologia de multiplicar o saber e a solidariedade para salvar vidas. *Havia muitas professoras no grupo e líderes da Igreja; todas se mostravam interessadas e entusiasmadas*<sup>21</sup> (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 97, grifo nosso).

Desta sorte, em 1983, no município de Florestópolis (Paraná), o projeto-piloto será posto em prática, com o auxílio de 76 voluntárias. Para a capacitação, Zilda, escreveu, à mão e em linguagem simples, um material sobre as cinco ações básicas que norteariam o trabalho voluntário - pré-natal, aleitamento materno, vigilância nutricional, soro caseiro e vacinação. “Escrevi todo o material à mão, e Rose, datilógrafa que a Secretaria de Saúde colocou à disposição, datilografou tudo com muito esmero. No primeiro ano, eu só contava com Rose.

---

<sup>21</sup> A intenção do grifo é atentar para a majoritária presença de mulheres nesses espaços que unem fé e serviço, a possibilidade de relação entre esse fenômeno e o discurso religioso católico romano e ainda, a relação entre mulheres e docência. Algumas implicações dessa observação serão problematizadas mais adiante.



Depois, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) proporcionou o contrato de uma secretária bilíngue, Eliane Pinechi (...)” (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 98).



Figura 13: Primeiros treinamentos de líderes  
Fonte: ARAÚJO, 2000



Figura 14: Primeiro grupo de líderes  
Fonte: ARAÚJO, 2000



Figura 15: Turma da primeira capacitação de líderes, em Florestópolis, 1983  
Fonte: PASTORAL DA CRIANÇA, 2014

Ainda para a primeira capacitação de líderes, Zilda solicitou, ao Distrito Sanitário de Londrina, apoio técnico para o desenvolvimento das atividades metodológicas. Teve seu pedido atendido juntando-se a ela a enfermeira Clea Nascimento, filha de pastor presbiteriano, colaboradora por mais dez anos adiante essa atividade, e a assistente social Maria Alexandrina Vargas Scalassara. Zilda lembra que a essa altura alguns médicos de Florestópolis quiseram, e o fizeram, testar a eficiência da ação promovida pela PC:

Mandaram uma criança, entre 8 e 9 meses, em estado grave de desidratação, para ser reidratada com soro oral. Quando examinei a menina, vi que era um caso difícil e talvez necessitasse de reidratação endovenosa. Mas pedi a Deus que me ajudasse e chamei três líderes que já tinham sido capacitadas em soro caseiro. Orientei-as para que dessem à criança soro e leite materno em contagotas. Passaram a noite de plantão, junto à criança. No dia seguinte, a menina já estava reidratada, então pedi às líderes que a levassem ao médico. Partir desse caso, os médicos começaram a respeitar o tratamento com soro oral. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p 99).

Ganhava notoriedade e respeito a ação preventiva, promovida pela PC, em detrimento da curativa, oferecida pela medicina, na maioria dos casos. O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes acontecia, também, aos poucos, naquela comunidade. Segundo Zilda: “Em um ano, a mortalidade infantil em Florestópolis baixou de 127 para 28 mortes por mil crianças nascidas vivas” (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 100).

### 3.2 Fronteiras, Críticas e Expansão da Pastoral da Criança: Breves Considerações

Em 1984, diante do sucesso do projeto de levar vida aos mais necessitados, Dom Luciano Mendes de Almeida solicita que Zilda vá apresentar a PC aos bispos que estariam reunidos em Assembleia Geral no Itaipu- São Paulo. A UNICEF disponibiliza uma Kombi e um motorista para que a médica chegue até o local. Tendo se perdido no caminho, chegam atrasados no compromisso, mas, ainda alguns bispos a esperava. Ouviram-na falar da proposta de multiplicação de saber e solidariedade. Ela conta sobre a intervenção de um bispo, na ocasião:

O bispo Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, de Afogados da Ingazeira, Pernambuco, com forte voz disse: ‘Dra. Zilda, a senhora fala em amamentação, mas nossas mãezinhas do Nordeste estão desnutridas. Eu desenvolvo um projeto, com o apoio da Alemanha, para comprar leite para as nossas crianças, para que elas não morram’ Eu lhe respondi que os bispos tinham de distribuir o leite para as mães, e não para as crianças, para que elas tivessem melhores condições de amamentar os filhos; o leite materno preparado pela sábia natureza de Deus de jeito nenhum deveria ser substituído, a não ser por razões graves. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 102).

Questionamento de natureza semelhante é feito diante à recomendação de uma alimentação saudável, às mães e crianças acompanhadas, muitas vezes submetidas à extrema situação de pobreza, pelas lideranças comunitárias. Como ter acesso, sem renda?

Foram muitas as barreiras para expandir a PC, Brasil à fora. Em depoimento a fundadora da PC confessa: “encontrei muitos obstáculos e críticas, inclusive por parte da Igreja. Algumas pessoas achavam que pesar as crianças e ensinar às mães como fazer o soro era papel do governo” (PASTORAL DA CRIANÇA, 2014, p. 103). A partir disso a PC torna-se alvo de suspeitas, devido seu trabalho de caráter “assistencialista”. A fundadora garante que a ação não visa assistencializar as famílias acompanhadas, mas apresentar possibilidades de elas próprias promoverem mudanças nas suas comunidades, sem esperar, única e exclusivamente do estado. E, tinha convicção de que criança bem cuidada tem melhor desenvolvimento e evita gastos no SUS.

Em 1985, a PC chega a Sergipe. A primeira experiência se efetivará no município de Lagarto/SE.

## CAPÍTULO III

### CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

*(...) as ciências da religião, a partir de sua interdisciplinaridade e pluralidade epistemológica, podem contribuir para que "outra" ciência seja feita, uma ciência que veja, ouça e visibilize o que as mulheres têm a dizer.*  
(Ana Freire)

De início, convém que tenhamos algumas considerações sobre as principais razões e decisões tomadas acerca da estruturação do caminho metodológico adotado para essa pesquisa empírica.

Cientes de que a pesquisa qualitativa favorece a emergência de respostas a questões particulares trabalhando “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2013, p. 21) e que as “respostas” ao problema deste trabalho são parte da subjetividade das mulheres voluntárias entrevistadas, essa pesquisa assumiu postura qualitativa.

O trabalho qualitativo está ancorado em três etapas, todas elas percorridas nesse estudo. São:

**1. Fase exploratória** - diz respeito ao processo de produção do projeto de pesquisa (delimitação do objeto de pesquisa, fundamentação teórica, metodologia a ser adotada, elaboração de um cronograma de ação). Em síntese, essa etapa prepara o/a pesquisador/a para adentrar no campo a ser investigado.

**2. Trabalho de campo** - Colocar em prática aquilo que foi desenvolvido na fase anterior. Nesta fase faz-se uso de “instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros” (MINAYO, 2013, p. 26). É o momento a partir do qual será possível confirmar ou refutar hipóteses e construir uma teoria.

**3. Análise e tratamento do material empírico e documental** - processamento dos dados empíricos buscando compreendê-los e interpretá-los em consonância com a fundamentação teórica da pesquisa bem como outras leituras, que se fizerem necessárias ao longo da análise.

Importante destacar que, “a análise qualitativa não é uma mera classificação de opiniões dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações” (MINAYO, 2013, p.27). Ainda que o viés qualitativo tenha sido adotado como primeiro plano metodológico, dados quantitativos não serão desprezados ao longo das nossas análises.

## 1. UNIVERSO

Antes da criação da sua primeira diocese, o estado de Sergipe, dependia da Arquidiocese de Salvador/BA para desenvolver seus trabalhos de evangelização. Esta dependência perdurou por três séculos. Em 03 de janeiro de 1910, através da iniciativa do 21º Arcebispo da Bahia, Dom Gerônimo Tomé da Silva, pela bula “*Divina Disponente Clementia*” do papa Pio X, foi encaminhada a criação da diocese de Aracaju. O primeiro bispo a assumir o governo da igreja foi Dom José Tomaz Gomes da Silva, no ano de 1911. Cinquenta anos depois, exatamente aos 30 de abril de 1960, através da bula “*Ecclesiarum Omnium*” do papa João XXIII, a Diocese de Aracaju é elevada a Arquidiocese<sup>22</sup>, tendo sido Dom José Vicente Távora seu primeiro arcebispo. As dioceses de Estância e Propriá passam a ser sufragâneas<sup>23</sup> da Arquidiocese de Aracaju<sup>24</sup>. Abaixo, os bispos e arcebispos<sup>25</sup>, que assumiram a direção dos trabalhos da diocese e depois arquidiocese, em ordem cronológica:

---

<sup>22</sup> Apresentamos os conceitos de diocese e arquidiocese a fim de esclarecimento:

“Cân. 369 - Diocese é uma porção do Povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que, unindo-se ela ao seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (Código de Direito Canônico, 2015, p. 197).

“A Igreja Católica está organizada em províncias eclesiais. Cada uma dessas províncias é constituída por algumas dioceses (não há um número pré-fixado) e uma arquidiocese. À frente da Arquidiocese está o Metropolitano, ou o Arcebispo daquela que seria a diocese-sede. As palavras “arqui” e “arce”, colocadas junto às palavras diocese e bispo, vêm da língua grega, e significam “a primeira”, “o primeiro”. Assim, a Arquidiocese e o Arcebispo são “a primeira” e “o primeiro”, não em linha de importância, mas para serem aquela e aquele que devem estar a serviço e promoção da comunhão” Conceito extraído do espaço virtual da Comunidade carismática católica Canção Nova. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/palio-a-expressao-da-missao-apostolica/>> Acesso em: 26 jun. 2017.

<sup>23</sup> Dioceses integradas à Arquidiocese.

<sup>24</sup> Os dados apresentados nesta seção podem ser consultados na edição comemorativa do centenário da Diocese (1910-2010) e quinquentenário de Arquidiocese (1960-2010), anexada à Bíblia Sagrada, tradução da CNBB.

<sup>25</sup> Arcebispo Atual (atualização do dado): Em 18 de janeiro de 2017, Dom João José Costa assumiu a titularidade de Arcebispo da Arquidiocese de Aracaju/SE, dada a renúncia do Dom José Palmeira Lessa.

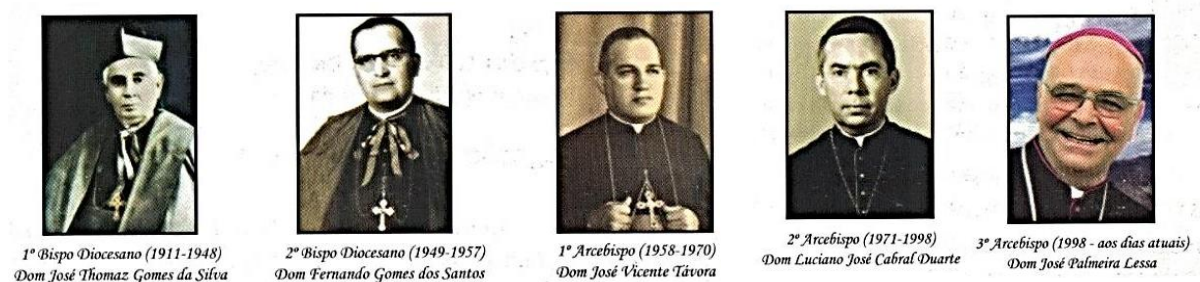


Figura 16: Bispos e Arcebispos da Arquidiocese de Aracaju/SE, em ordem cronológica  
Fonte: Bíblia Sagrada (Tradução CNNB) – Edição comemorativa

Não é intenção, desta pesquisa, apresentar detalhes da história da criação da diocese de Aracaju nem de sua elevação à Arquidiocese. Interessa, contudo, alguns dados referentes à Arquidiocese para situar as posicionalidades institucionais e geográficas das voluntárias entrevistadas. Por isso, esse breve percurso.



Figura 17: Mapa da Arquidiocese de Aracaju/Sergipe  
Fonte: Site da Arquidiocese de Aracaju/Sergipe



A Arquidiocese de Aracaju está incluída no Regional Nordeste III da CNBB, juntamente com a Bahia. Abrange, atualmente, 118 paróquias, distribuídas entre 33 municípios.

Os municípios pertencentes ao Setor<sup>26</sup> 114- Aracaju/SE, de abrangência da Arquidiocese de Aracaju/SE, são: Aracaju, Areia Branca, Barra dos Coqueiros, Campo do Brito, Capela, Carira, Carmópolis, Cumbe, Divina Pastora, Feira Nova, Frei Paulo, General Maynard, Itabaiana, Itaporanga D Ajuda, Laranjeiras, Macambira, Malhador, Maruim, Moita Bonita, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Socorro, Pedra Mole, Pinhão, Riachuelo, Ribeirópolis, Rosário do Catete, Santa Rosa de Lima, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão, São Domingos, São Miguel do Aleixo e Siriri.

O cânon 374, do Código de direito Canônico, no seu artigo primeiro, orienta: “Toda diocese ou outra igreja particular<sup>27</sup> seja dividida em partes distintas ou paróquias<sup>28</sup>”. No artigo 2, acrescenta: “Para promover o cuidado pastoral mediante ação comum, diversas paróquias mais próximas podem unir-se em entidades especiais, como os vicariatos forâneos”.

Por isso, dentro de cada diocese vai existir um ou mais vicariatos<sup>29</sup> e, no interior destes últimos, haverá um agrupamento de paróquias. No caso específico da Arquidiocese de Aracaju, aos oito de dezembro de 2006, Dom José Palmeira Lessa, à época, Arcebispo metropolitano de Aracaju, institui oficialmente os Vicariatos dessa arquidiocese, a fim de

---

<sup>26</sup> Os setores são cadastrados e identificados por números no sistema de informação da PC. No estado de Sergipe, há três setores: Setor 114 – Aracaju; Setor 115 – Estância; Setor 117 – Propriá. O termo setor refere-se a um dos níveis de coordenação da PC. O Artigo 11 do Estatuto da Pastoral da Criança, em seu capítulo V, trata dos referidos níveis: “A Pastoral da Criança se organiza por comunidade, ramo, setor, estado e país, tendo equipes de coordenação e conselhos em cada um deles, com normas e estruturação determinadas pelo Regimento Interno, aprovado pela Assembleia Geral”

**Coordenação Comunitária** – exercida por um dos líderes da Pastoral da Criança da comunidade.

**Coordenação de Ramo (paróquia)** – responsável por diversas comunidades com Pastoral da Criança de uma mesma paróquia. O coordenador é indicado, em lista tríplice, pelos coordenadores comunitários do respectivo ramo (paróquia) e ratificado pelo pároco.

**Coordenação de Setor (diocese)** – responsável por diversos ramos (paróquias) com Pastoral da Criança da Diocese à qual pertence. É indicado pelos coordenadores de ramo e ratificado pelo bispo diocesano.

**Coordenação Estadual** – responsável pelos diversos setores (dioceses) com Pastoral da Criança do Estado. É indicado pelos coordenadores da Pastoral da Criança de Setor e ratificado pelo bispo responsável pela Pastoral da Criança no Estado.

**Coordenação Nacional** – dar apoio ao trabalho das coordenações da Pastoral da Criança em todo o Brasil. O coordenador nacional é nomeado pelo Presidente do Conselho Diretor e ratificado pela CNBB. Conselho Diretor da Pastoral da Criança – é eleito pela Assembleia Geral da Pastoral da Criança e ratificado pela CNBB. (SITE OFICIAL DA PASTORAL DA CRIANÇA).

<sup>27</sup> Cân. 368 – As igrejas particulares, nas quais e das quais se constitui a una e única Igreja católica, são primeiramente as dioceses... (Código do Direito Canônico, 2015, p. 197).

<sup>28</sup> Cân. 515 - Paróquia é uma determinada comunidade de fieis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo Diocesano. (Código do Direito Canônico, 2015, p. 263).

<sup>29</sup> Vicariato - uma determinada área geográfica ou uma outra realidade da Arquidiocese que terá um vigário episcopal próprio, um sacerdote que fará as vezes do Bispo diocesano nas questões designadas pelo próprio Bispo, respaldado pelo Código de Direito Canônico. (Informação extraída do site da Arquidiocese de Aracaju).



garantir uma organização pastoral administrativa. Quatro vicariatos foram firmados. São eles: Vicariato São Mateus (43), Vicariato São Marcos (37), Vicariato São João Evangelista (16) e Vicariato São Lucas (22)<sup>30</sup>.

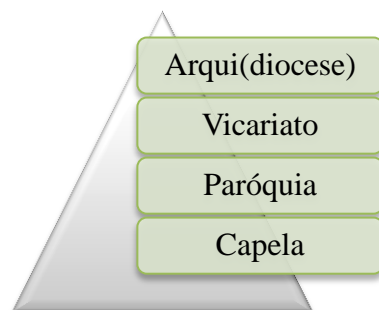


Figura 18: Representação administrativa da igreja católica romana  
Fonte: Elaborada pela pesquisadora

A organização da PC espelha-se nas organizações da CNBB e da República Federativa do Brasil. O objetivo do estabelecimento dessas relações está na facilidade para articulação das suas atividades pastorais. Vejamos como esses três blocos de organização se inter-relacionam:

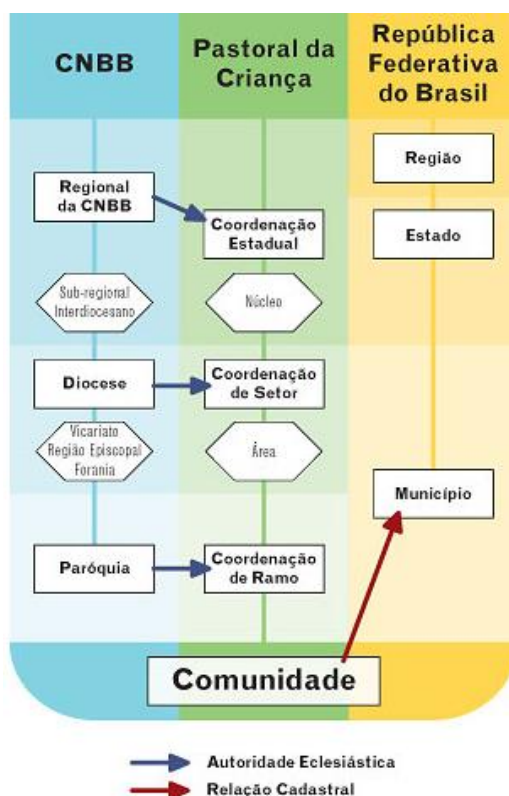


Figura 19: Relação da Pastoral da Criança com a Igreja e a República Federativa do Brasil  
Fonte: Site oficial da Pastoral da Criança

<sup>30</sup> O número entre parênteses identifica o quantitativo de paróquias incluídas no vicariato.

Como se pode perceber na hierarquização territorial, anteriormente apresentada, a PC tem sua estrutura e linguagem própria, mas influenciadas pelas da igreja e da república. Observe que a comunidade é a base de todo o trabalho, seja na igreja, na PC ou na república. Imaginemos que a comunidade é a célula, a unidade estrutural e funcional de algo macro. Sem ela não existem órgãos, sem estes não haverá sistemas nem organismo.

Todo o esforço feito para explicação desses conceitos, intrinsecamente ligados à organização da igreja católica romana, é de fundamental importância para o entendimento do “recorte” feito para essa investigação. Adiantamos que as mulheres líderes entrevistadas, estão inseridas no universo dessas paróquias, pertencentes à Arquidiocese de Aracaju.

## 2. SELEÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Antes da seleção das mulheres a serem entrevistadas, acessamos o Sistema de Informação da Pastoral da Criança<sup>31</sup>. A intenção foi verificar o quantitativo de municípios, com paróquias pertencentes à Arquidiocese de Aracaju/SE, com o trabalho voluntário ativo. Cada município, em questão, foi representado, na pesquisa, por uma mulher líder.

No período em que se deu essa busca (Janeiro-2017), observamos um número de 15 municípios (Anexo B), com PC ativa, cadastrados no Sistema de Informação. Eram:

1. Aracaju;
2. Areia Branca;
3. Barra dos Coqueiros;
4. Campo do Brito;
5. Capela;
6. Carira;
7. Frei Paulo;
8. Itabaiana;
9. Maruim;
10. Nossa Senhora das Dores;
11. Nossa Senhora do Socorro;
12. Rosário do Catete;
13. Santa Rosa de Lima;

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://si.pastoraldacrianca.org.br/pastcri-prg/>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

14. São Cristóvão;

15. Siriri.

Finalizada essa etapa, realizamos um sorteio das paróquias que representariam cada município, no estudo. Convém ressaltar que alguns municípios agregam mais de uma paróquia. Quando era o caso, antes do próximo sorteio, sorteávamos a paróquia que representaria o município em questão. Uma vez sorteadas as paróquias, realizamos um segundo sorteio para definição das comunidades que representariam cada paróquia. Seleccionadas as comunidades, sorteamos, dentre as líderes voluntárias atuantes, em cada comunidade definida, aquelas que participariam da pesquisa, no caso de aceite. Optamos pela técnica de sorteio para evitar um estudo enviesado. A escolha não foi realizada, desse modo, por conveniência, mas aleatoriamente.

Por fim, estabelecemos contato telefônico com as selecionadas para agendamento das entrevistas individuais. Uma das contatadas não aceitou participar da pesquisa justificando ser tímida e outra, aceitou, em um primeiro momento, não emitindo retornos, a posteriori. Dois novos sorteios foram realizados. Essas últimas aceitaram participar da pesquisa.

Com relação ao produto quantitativo estabelecido para esse estudo (15 mulheres voluntárias), contamos com impossibilidades, não previstas, para entrevistar as representantes de dois municípios, Rosário do Catete e Barra dos Coqueiros. Os motivos estão relacionados à indisponibilidade de agenda, para recebimento da pesquisadora, dentro do prazo do nosso cronograma de execução. Finalmente, “concluímos” a pesquisa com a participação de 14 respondentes (13 delas representando cada um dos municípios com PC ativa e 01 outra, a pessoa em atividade e com o maior tempo de atuação). Serão apresentadas 14 histórias-testemunhos.

Os informes descritos não estão correlacionados com uma preocupação nossa a despeito de detalhes quantitativos, afinal de contas “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2008, p. 68). Interessamos, através da descrição metodológica detalhada, o que inclui alguns dados numéricos, e não estamos rejeitando a metodologia quantitativa, apresentar às/aos leitoras/leitores o caminho trilhado para o alcance de uma variedade de pontos de vista. Variedade esta possibilitada pelas pertencas culturais, segmentações geográficas, e valores subjetivos, das entrevistadas.

### 3. O MÉTODO FENOMENOLÓGICO FEMINISTA

A fenomenologia feminista proposta pela freira, teóloga e filósofa Ivone Gebara em sua obra *“Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”* se configura numa metodologia renovadora para o campo dos estudos da religião, ao considerar a experiência vivida das mulheres. Essa consideração influenciou a adoção dessa perspectiva para esse estudo. Para a cientista da religião Ana Freire, “o método fenomenológico de Gebara vai além da conceituação, propondo uma prática feminista libertadora, que permita conhecer o fenômeno religioso a partir das experiências das mulheres” (FREIRE, 2016, p. 14). O teólogo e professor de Ivone, no doutorado, na Universidade Católica de Louvain, Adolphe Gesché, prefaciando o supramencionado livro sublinha a nova e renovadora visão da pesquisa e explica que a fenomenologia está empenhada em captar aquilo que se mostra:

A fenomenologia procura mostrar (“monstration”) esta realidade, esta coisa (a *Sache*) e não a fazendo aparecer nas concepções que já se fazem dela e em representações exteriores à “própria coisa” (Husserl); em suma no teatro, na cena de um discurso que já sabe e diz de que se trata. A fenomenologia faz explicitamente *époché*, coloca entre parênteses aquelas representações exteriores para deixar, ao contrário, a própria coisa, aquilo que está em questão, aquilo de que se trata, “mostrar-se” ela mesma no seu próprio teatro, em sua própria cena, exatamente lá onde ela mesma e por si se manifesta (Heidegger), onde a verdade não significa mais “coerência ou verificação, mas manifestação” (P. Ricoeur). “O olho permite que as coisas sejam vistas pela graça de seu ser” (Michel Foucault). (GESCHÉ in GEBARA, 2000, p. 21).

Para ele, Gebara faz exatamente isso, deixa a coisa falar na sua fenomenalidade, na sua intencionalidade. E avalia a façanha: “a autora saiu-se bem, fazendo aparecer, numa das primeiríssimas vezes em teologia geral e pela primeira vez na teologia feminina, a realidade vivida(...) Eis que aparece em teologia, não mais um discurso sobre as mulheres, mas um discurso das mulheres” (GESCHÉ in GEBARA, 2000, p. 22). Adotamos exatamente essa postura nesta pesquisa – convidamos as mulheres líderes a falarem a partir de suas experiências. Essa escolha foi de fundamental importância para que convergíssemos para os objetivos da nossa pesquisa.

Ivone, ainda ao longo da já mencionada obra, delimita suas análises fenomenológicas, a apropriação do termo fenomenologia da história da filosofia e afirma que utiliza as intuições do método fenomenológico, especialmente “seu aspecto de descrição do real, da palavra dita,

dos gestos, da vivência cotidiana, para apreender o sentido presente” (GEBARA, 2000, p.39). Mas ressalta: “Não vou desenvolver as teorias de fenomenólogos como Husserl, Paul Ricoeur e outros, mas apenas inspirar-me livremente em suas intuições” (GEBARA, 2000, p.43). Contudo, reconhece a significativa influência, em seu método fenomenológico, da fenomenologia e da hermenêutica de Paul Ricoeur, em especial das obras *Finitude et culpabilité* I e II. Sua proposta resguarda um diferencial potencial para os estudos que entrecruzam religião e gênero, por se tratar de “uma fenomenologia existencial a partir do discurso sobre uma vivência particular, isto é, a vivência das mulheres” (GEBARA, 2000, p.43). Como bem reforça Ana Freire, “na fenomenologia feminista, a vida é o ponto de partida” (FREIRE, 2016, p.15). Eis a base fenomenológica desse estudo!

#### 4. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA FEMINISTA

Fator a ser considerado nas pesquisas empíricas da ciência da religião é a crença subjetiva da pessoa religiosa. Há que se considerar que a religião possui duas dimensões – uma visível e outra invisível/transcendente, que se relaciona com a esfera espiritual. Sobre isso, escreve Greschat: “Cientistas de outras disciplinas ignoram essa dimensão sem que isso distorça seus resultados. Se cientistas da religião negassem o transcendente, não levariam os fieis a sério e posicionar-se-iam arrogantemente contra eles” (GRESCHAT, 2005, p. 33). Por isso mesmo, “cientistas da religião são competentes para avaliar se uma religião é corretamente entendida ou não. Todavia, não atestam a verdade ou falsidade de uma religião” (GRESCHAT, 2005, p. 34). Apreciamos o nosso “objeto” de estudo partindo desses princípios metodológicos básicos.

Nesta pesquisa, ainda, na tentativa de cuidar para que a análise não se configurasse engessada ou, que fenômenos fossem rotulados, buscamos pensar os conceitos feministas adotados, como ferramentas analíticas. Por isso, lidaremos com essas ferramentas sem perder de vista o caráter instável e provisório das mesmas. Essa instabilidade, como esclarece a filósofa e feminista americana Sandra Harding, equivalerá à dinâmica do objeto religião e dos fenômenos religiosos. Sobre essa instabilidade, Harding (1993, p.11) atenta: “As categorias analíticas feministas devem ser instáveis - teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais” Sobre

essa mesma instabilidade, agora se revelando no universo religioso, Klaus Hock nos alerta: “Devemos estar conscientes do fato de que ‘religião’, tanto no que se refere à definição de seu conteúdo como a respeito de suas funções, está atualmente submetida a uma rápida mudança e a profundas transformações” (HOCK, 2010, p. 30). Em síntese, a instabilidade serve tanto para pensar nessas ferramentas analíticas quanto para pensar a dinâmica do campo religioso e do lugar de inserção do nosso “objeto” de estudo.

Em se tratando da possibilidade de relação epistemológica entre a ciência feminista e a ciências da religião, os professores Amauri Ferreira e Flávio Senra, em artigo que destaca a tendência da perspectiva interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil, refletem sobre a distinção entre os objetivos da ciência da religião que emerge no século XIX, com vínculos confessionais institucionais, e as ideias epistemológicas desenvolvidas na segunda metade do século XX, marcadas por uma multiplicidade metodológica. Essas modificações irão favorecer o diálogo entre a perspectiva feminista e as ciências da religião, o que permitirá que o fenômeno religioso seja conhecido, também, a partir das experiências das mulheres, não consideradas nem ouvidas pela ciência positivista e pelos estudos tradicionais sobre as religiões. Uma vez “assumida a perspectiva interdisciplinar das Ciências da Religião, cada disciplina passa a ser entendida como uma específica contribuição nos estudos sobre as religiões” (FERREIRA; SENRA, 2012, p.257). E é a partir dessa abertura à pluralidade epistemológica e metodológica que as relações de gênero passam a ser consideradas nas análises.

É bem verdade que “a realidade atual está fadada a assumir a constituição plural da realidade e terá de enfrentá-la na pluralidade das compreensões disponíveis e na perspectiva relacional orientada pela soma de diferentes perspectivas disciplinares” (FERREIRA; SENRA, 2012, p. 253). Afinal, “a interdisciplinaridade, como método perspectivo, esteve, ainda que não problematizado, atravessando esses mais de 30 anos de processo de consolidação da disciplina Ciências da Religião no Brasil” (FERREIRA; SENRA, 2012, p. 254).

Como não é objetivo dessa dissertação abarcar as reflexões em torno do desenvolvimento das ciências da religião enquanto campo interdisciplinar, nos interessa, e essa foi a intenção dessa breve apresentação, levantar algumas questões que julgamos significativas atentando para a possibilidade e, sobretudo, relevância do estabelecimento dialógico entre a fenomenologia feminista e as ciências da religião, proposta assumida nesse estudo. Como assinala a cientista da religião Ana Ester Freire, “ao lançar mão, então, da

fenomenologia feminista, as Ciências da Religião devem se abrir para um repensar científico que se distancia de pressupostos positivistas, haja vista a complexidade do fenômeno que se propõe a investigar” (FREIRE, 2016, p. 10). Conhecidos os limites dos pressupostos universalistas que, ainda, são incorporados aos campos teóricos disciplinares no âmbito das ciências humanas, essa relação dialógica (ciências da religião e fenomenologia feminista) vem propiciar rupturas epistemológicas tradicionais, constituindo-se numa relevante contribuição para os estudos sobre gênero e sobre religião. Uma ênfase na pessoa concreta em detrimento de idealizações/teorizações abstratas e, por vezes, excludentes, próprias de monismos explicativos.

Em síntese, sendo a religião um objeto de estudo complexo e plural, as ciências da religião passam a demandar, também, perspectivas e metodologias interdisciplinares que favoreçam a elaboração de abordagens holísticas sobre fenômenos multifacetados (FERREIRA & SENRA, 2012; FREIRE, 2016).

## 5. AS ENTREVISTAS

Para a coleta de dados adotamos a técnica de entrevista, do tipo semi-estruturada, com uma única respondente (entrevista em profundidade). Visando atender à questão levantada como problema dessa pesquisa, um tópico guia (APÊNDICE A), contendo perguntas pré-estabelecidas, foi elaborado para orientar a conversação entre a pesquisadora e a entrevistada. Evidentemente, considerando a flexibilidade desse roteiro de perguntas, algumas questões não foram seguidas de maneira sequencial, em casos específicos, dada a condução subjetiva das entrevistadas e, em outros casos, perguntas não planejadas foram incrementadas à conversa, frente à necessidade de alguns esclarecimentos e à exposição de assuntos não previstos, mas relevantes para a pesquisa.

Nossa intenção foi buscar captar, através dessa técnica, as relações estabelecidas, por essas lideranças, com a ação pastoral e com os princípios cristãos da doutrina social da igreja católica. Nas palavras do professor George Gaskell, a entrevista favorece o alcance dessa finalidade, uma vez que “a entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o

desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais<sup>32</sup> e sua situação” (GASKELL, 2008, p. 65).

Na ocasião do encontro<sup>33</sup>, antes da entrevista, a pesquisadora explicava à voluntária a não obrigatoriedade de participação na pesquisa, os objetivos do estudo, os procedimentos metodológicos a serem utilizados e a garantia de anonimato de quem aceitasse participar. Feito isso, perguntava-se se a voluntária tinha alguma dúvida sobre a pesquisa e sobre o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Sanadas quaisquer dúvidas, e no caso de aceite, solicitava que a voluntária assinasse em duas vias o TCLE (APÊNDICE B). Uma cópia desse termo era entregue à voluntária e a outra ficava sob os cuidados da pesquisadora. Tinha início a entrevista. O tempo das entrevistas variou entre onze minutos e uma hora e cinquenta e oito minutos.

As entrevistas foram gravadas e transcritas (APÊNDICE C). Em seguida, realçamos algumas palavras que apareciam com frequência (núcleos de significado) e outras que se apresentavam como novidade no *corpus* dos textos. Feito isso, as falas transcritas, e com realces, foram recortadas e guardadas em envelopes individuais (um envelope por questão-guia) para posterior exercício analítico. Importante ressaltar que nem todas as perguntas foram analisadas ao longo da dissertação. Estamos conscientes da importância de cada uma delas, mas tivemos que fazer algumas escolhas. Por isso, dispensamos atenção àquelas que estavam diretamente relacionadas com o problema inicialmente levantado.

Após cada entrevista, um formulário (APÊNDICE D) foi preenchido com vistas à traçarmos um perfil das respondentes.

## 6. ANÁLISES DAS NARRATIVAS

Uma leitura cuidadosa das narrativas foi desenvolvida para o traçado de interpretações possíveis acerca do fenômeno estudado. Para tanto, partimos do pressuposto de que a linguagem, bem como sentimentos, lugares e práticas sociais são parte de um contexto específico, ou seja, está envolvida pelo circunstancial. Assim, concordamos com Rosalind

---

<sup>32</sup> No caso específico desse estudo, atrizes sociais.

<sup>33</sup> A satisfação que sentiam ao contar suas experiências na PC me marcou de variadas formas. Elas choravam, riam, enquanto rememoravam. Algumas tímidas, no início da conversa, mas tudo fluía, numa energia contagiante, conforme fomos interagindo. Para elas, o simples fato de ter alguém que ouvisse, atentamente, suas histórias, lhe despertava entusiasmo. Ao que parecia, sentiam-se reconhecidas, valorizadas.



Gill (2008), quando afirma que “[...] o discurso não ocorre em um vácuo social”. A fenomenologia segue essa circunstancialidade visto que “não é apenas um método de abordagem do real, mas uma maneira de compreender nossa relação com os seres humanos e não-humanos, abordagem que deve sempre ser retomada segundo os diferentes lugares, tempos e perspectivas” (GEBARA, 2000, p. 44). Por isso, buscamos considerar a pluridimensionalidade das interseccionalidades presentes nas experiências das mulheres líderes entrevistadas. Com isso, reforçamos que, as interpretações apresentadas, ao longo deste escrito, são apenas algumas perspectivas ante um amplo leque de possibilidades.

## 7. PERFIL DAS MULHERES LÍDERES ENTREVISTADAS

Apresentamos, abaixo, algumas características das mulheres líderes entrevistadas. Dado o nosso compromisso com a preservação das suas identidades, seus nomes foram substituídos pela sigla ML (mulher líder), seguida do número de ordem do formulário e das suas idades. Substituímos os nomes de municípios, paróquias e pessoas (familiares, amigos/as, padres, religiosas), citados pelas mesmas, por nomes fictícios.

A faixa etária das entrevistadas variou entre 19 e 61 anos. Com a ressalva de que apenas duas delas tinham idades repetidas. Essa heterogeneidade foi avaliada como positiva, uma vez que nos possibilita conhecer diferentes narrativas atravessadas pelo fator geracional.

Metade (07) das mulheres entrevistadas eram solteiras. Quatro eram casadas. Uma era separada. Outra divorciada e a última viúva. Dez delas tinha filhos/as. Dessas dez últimas, quatro tinham um/a filho/a, três tinham dois/duas filhos/as e as outras três tinham três filhos/as.

A maioria das entrevistadas se autodeclararam negras ou pardas.

Com relação à escolaridade, treze eram alfabetizadas e uma não frequentou a escola devido à instabilidade financeira da família. Dentre as treze, quase 50% concluíram o ensino médio, “encerrando” os estudos. Três concluíram o ensino superior (02 cursaram Letras-Português e uma Pedagogia).

Em se tratando de atividades profissionais remuneradas, 57,1% das entrevistadas disseram trabalhar fora do ambiente doméstico. Seus rendimentos variaram entre um e cinco salários mínimos. Sendo que 25% recebiam menos de um salário mínimo e outros 25% de um a dois salários mínimos. Duas delas eram pensionistas, por tempo de trabalho.

**Tabela 1:** Características socioeconômicas das mulheres líderes entrevistadas, Arquidiocese de Aracaju, 2017 (N=14).

<b>Variável</b>	<b>N<sup>1</sup></b>	<b>%<sup>1</sup></b>
<b>Estado Civil</b>		
Casada	4	28,6
Divorciada/Separada	2	14,3
Viúva	1	7,1
Solteira	7	50,0
<b>Autoclassificação de Cor</b>		
Branca	1	7,1
Negra	6	42,9
Amarela	1	7,1
Parda	6	42,9
<b>Escolaridade</b>		
Não estudou	1	7,1
Ensino Fundamental Menor (1 <sup>a</sup> à 4 <sup>a</sup> série)	1	7,1
Ensino Fundamental Maior (5 <sup>a</sup> à 8 <sup>a</sup> série)	1	7,1
Ensino Médio Incompleto	1	7,1
Ensino Médio Completo	6	42,9
Ensino Superior Incompleto	1	7,1
Ensino Superior Completo	3	21,4
<b>Filha(o)s</b>		
Não	4	28,6
Sim	10	71,4
<b>Trabalho</b>		
Sim	8	57,1
Não	6	42,9
<b>Renda<sup>2</sup></b>		
Menos de 01 salário mínimo	3	25,0
Até 01 salário mínimo	1	8,3
De 01 a 02 salários mínimos	3	25,0
De 02 a 05 salários mínimos	1	8,3
Não estava trabalhando	4	33,3

Nota:

<sup>(1)</sup> Dados apresentados em frequência absoluta e relativa [N(%)].

<sup>(2)</sup> Nessa variável o N=12, pois duas das participantes optaram por não responder.

A metade das mulheres entrevistadas exercia o cargo de líder comunitária da PC. Três eram ao mesmo tempo líderes e coordenadoras comunitárias<sup>34</sup>. Duas eram líderes e coordenadoras de ramo. O tempo de atuação variou entre 06 meses e 29 anos. Sendo que a

<sup>34</sup> Esses níveis de coordenação foram apresentados no início da metodologia.

metade das entrevistadas (50%) estava ocupando alguma função voluntária há dois ou três anos.

**Tabela 2:** Cargos ocupados, na Pastoral da Criança, pelas mulheres líderes entrevistadas, Arquidiocese de Aracaju, 2017 (N=14).

Variável	N <sup>1</sup>	% <sup>1</sup>
<b>Cargo na Pastoral da Criança</b>		
Líder	7	50,0
Líder/Coordenadora Comunitária	3	21,4
Coordenadora de área	1	7,1
Coordenadora de ramo e área	1	7,1
Líder/coordenadora de ramo	2	14,3

Nota:

<sup>(1)</sup> Dados apresentados em frequência absoluta e relativa [N (%)].

Quando interrogadas se assumiam alguma outra tarefa na igreja, além da PC, nove (64,2%) das entrevistadas disseram assumir outras tarefas institucionais. Dessas, cinco afirmaram assumir pelo menos outra tarefa, três afirmaram assumir outras duas tarefas e uma alegou assumir quatro outras tarefas na igreja. Dentre as atividades assumidas estão: a Pastoral do Dízimo, a Ordem Franciscana Secular, o Coral, a Pastoral da Catequese, a Legião de Maria, o Ministério Extraordinário da Eucaristia, o Apostolado da Oração, o Movimento Mãe Rainha e a Pastoral do Batismo.

Desenhado um panorama teórico sobre como o gênero atravessa e conforma a religião e vice-versa, sobre o histórico da PC e sobre a metodologia adotada para essa pesquisa, vem a pergunta: como se sentem/percebem as mulheres voluntárias no sistema de estratificação, do organismo de ação social, ao qual pertencem? É disto que trataremos na próxima seção.

## CAPÍTULO IV

### NARRATIVIVÊNCIAS<sup>35</sup>

*Benditas brechas que abres nos discursos das frias teorias.  
(Irmã Agostinha Vieira de Mello)*

Um discurso de mulheres líderes voluntárias em detrimento de um discurso sobre mulheres líderes voluntárias da PC. Assim foi idealizada essa seção. Ouvir os relatos de experiências concretas, que estão para além de categorias, que são carne e sangue, nos conduziu a uma análise mais situada do fenômeno.

*“Elas passaram pra gente o trabalho voluntário que era da Pastoral da Criança. Muitas não quiseram, porque foi voluntário. Aí, eu não fazia nada, né, eu disse: Eu vou pegar. Seja o que Deus quiser [...] Aí eu sei que, me dediquei a esse trabalho voluntário, por um período, assim, de seis anos, antes né, que foi de líder. Depois passei a ser coordenadora comunitária. Antes de ser coordenadora, eu fui ser uma agente comunitária de saúde, através desse trabalho. Esse trabalho, assim, veio pra mim, como tinha um agente saúde nós se inscrevemos e aí, veio uma entrevista com o povo da secretaria de saúde lá em Aracaju, né. Foi uma entrevista. Aí me colocaram eu numa sala.. E quando chegou lá, perguntou sobre imunização, sobre pré-natal, sobre o peso da criança e eu já fui falando. Aí eu falei pra elas que trabalhava no trabalho da pastoral da criança. [...] Eu pobrezinha, tive que ir trabalhar em roça pra poder sobreviver e depois, quando fiquei grandinha, fui trabalhar também porque não tinha como. Fui trabalhar em casa de família. Aí, também, eu não estudei. Quando eu peguei na pastoral da criança o guia do líder, ele tem umas letras muito, assim, grande, que como eu aprendi a soletrar, naquele tempo, aí eu também fui pegando prática, fui aprendendo mais ainda [...] Aí eu fui ser o agente comunitário de saúde, mas jamais, nunca deixei a pastoral da criança. Porque foi através da pastoral da criança que eu consegui ser agente de saúde. Aí eu fui estudar. Quarenta anos, eu fui estudar [...] ...hoje eu não me troco por certas pessoas formadas. Porque as pessoas formadas hoje não faz o que eu faço [...] Pastoral da criança pra mim foi tudo” (ML10, 61 anos)*

Utilizaremos a narrativa acima, como portal de acesso para os demais testemunhos, resultantes dessa pesquisa, com intuito de, a partir dela, buscar delimitar as nuances reflexivas das quais nos ocuparemos; as relações entre a doutrina católica romana e os discursos subjetivos das entrevistadas e as possibilidades de conciliação entre um trabalho alicerçado em princípios religiosos kyriárquicos e o empoderamento feminino.

Ouvindo essas vozes, outrora, e agora vos oferecendo a escuta transmutada em palavras escritas, vos oferecemos pedaços de vidas cotidianas de mulheres líderes voluntárias da PC, carne e sangue transubstanciados. Esse feito faz lembrar o contador de histórias

<sup>35</sup> Significa dizer, relato de experiências vividas no cotidiano. Para elaboração desse termo, nos inspiramos no termo “escrevivência” cunhado por Maria da Conceição Evaristo de Brito, grande escritora brasileira que se utilizou da literatura para escrever sobre sua “condição de ser mulher negra”.

Rubem Alves<sup>36</sup> e sua genial comparação entre o ritual eucarístico e os atos de escrever e ler. Dizia ele que quem escreve transforma a sua carne e o seu sangue em palavras. Em seguida, se oferecendo para ser comido/a. O/a leitor/a, diante a oferta, lerá o texto e, se gostar do gosto, o comerá. Nesse caso, carne e sangue nosso, bem como das entrevistadas, são ofertados ao longo desse escrito. Se consumado for esse ato antropofágico, haverá ocorrido uma comunhão. Comunhão, sobretudo, com um discurso de mulheres e das lições decorrentes das suas experiências vividas.

Neste tópico nos empenhamos em compreender o fenômeno, intersecção de gênero e religião no contexto da PC, a partir de dentro, de quem vivencia a experiência. A escolha desse método esteve alicerçada na proposta inicial da pesquisa, fugir de um discurso sobre mulheres para ir de encontro com outra tipologia de discurso, um discurso de mulheres. A importância dessa opção metodológica é assinalada por Ivone Gebara, em seu livro *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*: “É no próprio interior do discurso sobre a experiência que se chega à pergunta sobre seu sentido e à tentativa de compreender seu alcance, mesmo que seja de modo limitado e aproximativo” (GEBARA, 2000, p. 43). Buscamos, ao longo do nosso exercício interpretativo, mergulhar nas narrativas das entrevistadas e, com esforço, apreender e compreender aquilo que diz respeito às particularidades de suas experiências.

Adiantamos que há, inevitavelmente, núcleos de sentido “universais”, ou melhor, compartilhados coletivamente, nos dados empíricos coletados. Contudo, buscamos pôr em relevo, também, as particularidades como meio de revelação da pluralidade que constitui a problemática do estudo (catolicismo x mulheres x campo experiencial cotidiano). Começamos a puxar os fios do novelo das experiências vividas dessas mulheres...

## 1. UM APOSTOLADO DE MULHERES: MÚLTIPLOS ENCONTROS DE CORPOS

As mulheres são a coluna-mestra da PC. Prova disso é a representatividade delas nesse organismo de ação social: 92% do total de pessoas voluntárias. O sucesso e a relevância de 34 anos de história, em prol do bem comum, foram alcançados, não se pode negar, devido à disposição para voluntariar, especialmente, das mulheres.

---

<sup>36</sup> ALVES, Rubem. Perguntaram-me se acredito em Deus. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

Mulheres antes acompanhadas se tornam líderes, depois, suas filhas, antes acompanhadas, se somam à missão e a rede vai se tecendo com rosto(s) e corpo(s) feminino(s). O sim dessas muitas mulheres garantiu e garante a relevância e o sucesso desse trabalho missionário que promove vida plena às pessoas mais necessitadas.

A fim de conhecermos e confirmarmos a dinâmica de constituição dos grupos de mulheres voluntárias da PC, no contexto específico desse estudo, perguntamos através de quem e em qual ocasião elas conheceram a PC. Os testemunhos das mulheres que ouvimos nos revela aquilo que já era esperado - a maioria conheceu a PC através de outras mulheres.

*“Através de Roseane. Meus meninos faziam parte da Pastoral. Eu não era uma mãe assídua na Pastoral, mas, quando podia, eu participava. Aí, eles cresceram e saiu. Aí eu também deixei de ir lá e Roseane continuou” (ML05, 45 anos).*

*“Através de Ana. Ela veio até nós e conversou com a gente. A gente era quatro meninas. Ela conversou direitinho. Explicou como era o trabalho da Pastoral da Criança” (ML03, 21 anos).*

*“Eu conheci através de uma colega minha. Da comunidade. Me fez o convite e eu fiquei de pensar” (ML02, 48 anos).*

*“De Arlete” (ML14, 43 anos).*

*“Através da coordenadora da pastoral. Ela é minha colega de trabalho. Ela fez o convite. Eu aceitei” (ML11, 33 anos).*

*“A partir de Valquíria. Que ela é filha da ministra da igreja daqui. Hoje ela também coordena. A gente já se conhecia, pequena né. Frequentava catecismo. Aí, quando foi um dia elas falaram da pastoral da criança, aí eu vim aqui no colégio, aí fiquei na celebração, brinquei com as crianças. Na outra celebração, já fui fazer a visita mais ela” (ML09, 26 anos).*

Já nesse ponto nos deparamos com uma chave de leitura interessante para nossa reflexão – PC, uma “missão para mulheres”. Refletiremos, adiante, a simbólica resguardada nessa dinâmica constitucional e as implicações desta para as relações sociais de gênero.

Outra parcela, de mulheres voluntárias, conheceu a Pastoral a partir da vivência cotidiana; com o voluntariado engajado de pessoas da sua família, especialmente de suas mães e tias. O ativismo, majoritário, de mulheres nesse organismo de ação social é (in)discutível.

*“Eu conheci a pastoral através da minha família porque todos participavam. Eu já fui acompanhada, quando criança. Desde os meus, acho, seis meses, até seis anos” (ML13, 20 anos).*

*“Então, eu conheci o trabalho da pastoral da criança através da minha mãe” (ML07, 19 anos).*

*“E eu tenho uma tia, que é líder comigo, ela já faz dez anos que tá na pastoral, também. Então, eu já assim, já pegava o livro pra ver” (ML11, 33 anos).*

Quando a influência ressoa do seio familiar, a mãe torna-se líder, muitas vezes, como já fora comentado, tendo sido acompanhada antes, por outra líder voluntária, e influencia o ingresso de suas filhas, antes, também acompanhadas. Uma rede vai interconectando pessoas próximas daquelas que já fazem parte.

Algumas voluntárias acreditam ser, o convite a participar da PC, um chamado de Deus e entendem que dizendo SIM(!) estão desenvolvendo um trabalho que atende aos desígnios do Divino. “Pai nosso que estais no céu, santificado seja o teu nome, vem a nós, o vosso reino, SEJA FEITA A TUA VONTADE... AMÉM!”

*“Ela conversou direitinho. Explicou como era o trabalho da Pastoral da Criança. E foi um chamado, um chamado de Deus” (ML03, 21 anos).*

Para outras, religião e PC se unem num só trabalho. Não há espaço para dissociação. A experiência pastoral torna-se ponte para a experiência transcendental.

*“Depois que eu comecei a fazer a capacitação da Pastoral com o livro, que a gente faz, eu comecei a entender o que é a Pastoral e vi que o trabalho religião e Pastoral é um trabalho só. Você trabalha em prol do bem estar da comunidade. Aí eu amei” (ML05, 45 anos).*

Sendo uma ação da igreja católica, a PC, muito embora, segundo os testemunhos, não tenha o apoio desejado, por partes dos líderes religiosos, torna-se conhecida, em alguns casos, através dos mesmos:

*“Eu ouvi um anúncio na missa. Quem quisesse participar procurasse a paróquia (...) E eu já tinha visto antes. A minha agente de saúde, ela era da pastoral da criança” (ML04, 37 anos).*

*“Do padre Arnaldo. Ele era o pároco daqui do bairro e aí ele fez o convite na missa, perguntou se alguém tinha o interesse de participar” (ML12, 42 anos).*

*“De Arlete. Aliás, Arlete chegou ao padre (...) E aí, o padre ligou pra mim. Como sabia que era da dengue, né, agente da dengue, aí eu conhecia muita gente do município e aí ele ligou pra mim. Pediu que eu fosse pra uma reunião que ia ter, explicou. Aí eu fui. Ele perguntou se eu concordava. Eu concordei e fui participar” (ML14, 43 anos).*

As irmãs religiosas contribuem, também, para que a PC seja (re)conhecida e fortalecida em solo sergipano. Não somente em Sergipe. A nível nacional, depois que a Dr<sup>a</sup> Zilda Arns faleceu, duas irmãs religiosas assumiram a coordenação nacional. Primeiro a Irmã Vera Lúcia Altoé e, depois a sua sucessora, Irmã Veneranda da Silva Alencar (atual coordenadora).

*“Eu entrei assim na pastoral da criança, em 89, né... 15 de agosto de 89, sob a orientação do padre da cidade, padre Carlos e da Irmã Fátima, Irma Margarida e Irmã Lurdes e, também, de Dona Marluce, que é uma moça daqui da comunidade” (ML10, 61 anos).*

*“Tinha uma reunião no salão paroquial, aí eu passei, fui passando, olhando o padre e as irmãs conversando, aí as meninas perguntou: “Você não quer participar da pastoral da família, não?”[...] Aí eu fui, a Irmã me convidou, Irmã Clara. Aí ela me ajudou. Quando ela ia fazer a visita, ela me chamava pra me ensinar como era que fazia. Eu sei que foi mais ou menos uns dois meses ela me ensinando” (ML08, 38 anos).*

Roseane, Ana, Arlete, Valquíria, Irmã Margarida, Irmã Fátima, Irmã Lurdes, Dona Marluce, Irmã Clara, Zilda, Vera, Veneranda... Corpo(s) de mulher(es) na(s) sua(s) relação(ões) com outros corpos.

## 2. MOTIVAÇÃO VOLUNTÁRIA: INGRESSO, EXPERIÊNCIA E ADESAO

Neste tópico apresentaremos as motivações para entrada e para permanência das entrevistadas no trabalho voluntário da PC. Conhecer essas motivações nos fez pensar/perceber em que medida o fator religioso está implicado.

A percepção que temos, observando as variáveis resultantes das entrevistas, é a de que a motivação para voluntariar reside, essencialmente, no contexto amostral dessa pesquisa, em princípios religiosos. A representação abaixo contempla as variáveis, em questão.



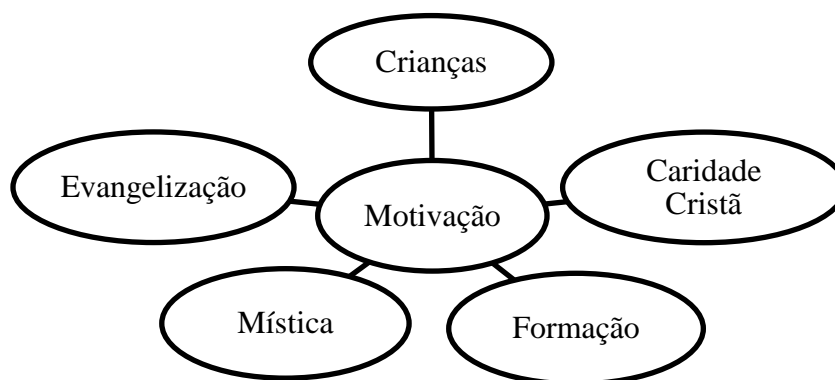


Figura 20: Variáveis resultantes das respostas sobre as motivações para entrada no voluntariado da PC  
 Fonte: Elaborada pela pesquisadora

O trabalho desenvolvido por Cavalcante *et al* (2015), propõe um modelo teórico estrutural que compreenda os motivos que levam uma pessoa a se tornar voluntária. Para testar e validar o modelo, os pesquisadores optaram pelo espaço empírico da PC. As variáveis utilizadas para a construção do referido modelo foram traçadas, segundo Cavalcante *et al* (2015), com base na Hierarquia do Trabalho Voluntário (desenvolvida por Souza; Medeiros e Fernandes (2006)). Não nos ocuparemos em desenvolver discussão a despeito desse modelo, desenvolvido por Cavalcante e colaboradores. Apenas, gostaríamos de apontar uma semelhança entre uma variável constituinte do modelo deles e os resultados da nossa pesquisa. Esses pesquisadores concluíram que os motivos para que algumas pessoas tornem-se lideranças voluntárias na PC giram em torno de 05 constructos teóricos, principalmente. São: caracteres altruístas, de justiça social, de afiliação, de autodesenvolvimento e egoístas. (CAVALCANTE ET AL, 2015, p. 536). As motivações para voluntariar, das mulheres líderes entrevistadas por nós, convergem, todas, para a variável altruísmo<sup>37</sup>.

Tais resultados permitem algumas constatações, sobretudo, uma constatação relacional entre as variáveis e possibilidades de chaves de leitura a partir de princípios doutrinários católicos. Recorremos a alguns materiais formativos da PC e da Bíblia para a análise conseguinte.

<sup>37</sup> Doação, autossacrifício sem aparente recompensa pessoal. (CAVALCANTE ET AL, 2015, p. 534).

## 2.1 Crianças: “Para que Todas Tenham Vida e a Tenham em Abundância”

O conteúdo do guia do líder ampara-se na bíblia a fim de que a vida e os problemas enfrentados nas comunidades sejam iluminados e orientados pela palavra de Deus. Esse embasamento já foi justificado na seção que trata da gênese da PC.

Durante as buscas, na internet, de materiais que tratassem da PC nos deparamos com uma matéria que, de certo modo, nos auxiliou na reflexão sobre a relevância dos ensinamentos bíblicos para o trabalho missionário da PC. Tratava-se de um texto sobre círculos bíblicos e sua influência para o (re)avivamento e como inspiração para as/os voluntárias/os em suas comunidades de atuação. Firmada uma parceria com o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), a PC elaborou e propôs às lideranças voluntárias a realização desses Círculos Bíblicos nas diversas comunidades acompanhadas. A proposta era, justamente, relacionar os temas bíblicos com o cotidiano vivido. Publicados no Jornal da PC, em setembro de 2003, os 10 primeiros Círculos Bíblicos serviam como roteiro para a efetivação da prática reflexiva. A meta era organizar 40 Círculos Bíblicos, subdivididos em 4 blocos, cada um com 10 círculos. E porque estamos tratando desses círculos? Para entendermos a relação entre a variável criança e o trabalho missionário da PC inspirado nas escrituras.

Vejamos o que fora proposto no primeiro bloco desses círculos; aquilo que é difundido no organismo. O bloco intitulado Aprendendo com Jesus tinha como máxima “(...) em todo trabalho da Pastoral da Criança, Jesus sempre será o Mestre a ser imitado<sup>38</sup>” A ideia foi, desde a origem da PC, é e sempre será propagar os ensinamentos de Jesus ao passo em que as atividades de acompanhamento mensal sejam efetivadas.

Voltando para a variável criança, sabe-se que no tempo em que viveu Jesus, as pessoas enfermas, crianças e idosas eram marginalizadas. Jesus, então, começa a valorizar essas pessoas e de maneira especial as crianças. Nessa época, as crianças eram relegadas e não podiam participar da vida societária. Em sua opção pelos pobres, Jesus acolhe as crianças. As crianças são, para Jesus, exemplo de entrega e de confiança em Deus.

Desse modo, ter compromisso com as crianças, além de animar a ação voluntária, equivale a trabalhar pelo Reino de Deus. Seguir o caminho do mestre implica tê-lo próximo, atender ao seu chamado, segundo as entrevistadas:

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/circulos-biblicos?showall=1>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

*“Trabalhar com criança e comunidade. É um trabalho com pessoas carentes mais carentes. Sempre eu gostei de trabalhar com criança, pessoas carentes, visitando, conhecendo. Isso anima a agente na caminhada” (ML01, 61 anos).*

*“É como se Deus tivesse preparando o mundo para o paraíso. Ele já começa do feto. Ele começa do feto, uma renovação do mundo. Pra renovar tem que ser do começo mesmo, né? Da raiz. Então ele já vai no feto. É do começo. Bem do início, que se começa um trabalho religioso, um trabalho divino, podemos se dizer assim. Ter Deus agindo através da gente. Então, essa é a minha maior motivação de permanecer, de gostar, de apoiar esse trabalho que é belíssimo, né. Como todos da igreja, mais esse ele vai na raiz, na raiz do ser humano” (ML14, 43 anos).*

*“Eu, amo pastoral da criança. Amo servir, servir a Deus, porque pra mim, quando eu chego numa casa e as mães me recebem, elas me abraçam (!), assim, como amigas (...) Quando eu tô em reunião com o pessoal, eu digo: Essa camisa, eu vou honrar e vou lutar por ela, até o dia que Deus disser: Vai ser até hoje! No dia que Deus disser: Não vai ser mais por aí, vai ser por outro caminho[...]Eu costumo dizer que se eu tô aqui hoje é porque Deus me escolheu. Ele disse: Você vai ser uma líder da pastoral da criança” (ML09, 26 anos).*

Em síntese, pode-se inferir a possibilidade de relação entre as motivações para entrada PC e a proposta de continuação do projeto de Jesus. Fazer o que fez o mestre, para que, como dizia a Dr<sup>a</sup> Zilda, inspirada na bíblia, *“todas as crianças tenham vida e vida em abundância”*.

## 2.2 Caridade Cristã: “Eis-me Aqui, Senhor!”

*“Eis-me aqui, Senhor! Eis-me aqui, Senhor! Pra fazer Tua Vontade, pra viver do Teu Amor! Pra fazer Tua Vontade, pra viver do Teu amor! Eis-me aqui, Senhor!”* Cantada em muitos rituais católicos, essa música nos direciona para a segunda variável motivacional irrompida nos discursos das voluntárias entrevistadas - a disposição para servir o próximo, de anunciar o Evangelho de Cristo e lutar contra tudo aquilo que fere a dignidade humana. A oração do líder da PC, além de se constituir numa ferramenta de conexão com o sagrado, destaca essas responsabilidades de quem se dispõe a voluntariar.

### **Oração do Líder da Pastoral da Criança**

*Eis-me aqui, Senhor, pois me chamaste para realizar o árduo, mas belo serviço de líder comunitário da Pastoral da Criança na Igreja, nas comunidades, nas famílias, junto a quem mais precisa de atenção, amor, carinho, acolhida e gosto pela vida.*

*Senhor, Tu me confiaste a missão de anunciar Tua palavra e denunciar os sinais de morte, de testemunhar com a minha própria vida os valores do Evangelho, para que “todos tenham vida e a tenham em abundância”. Grande é a minha responsabilidade, mas confio na graça daquele que me escolheu e é fiel. Abençoa, Senhor, minhas mãos, meus pés, meus olhos e todos os meus sentidos.*

*Torna-me expressão do Teu amor, da Tua paciência, da Tua bondade, simplicidade e misericórdia, para que eu aprenda a ultrapassar as aparências, as situações e realidades humanas e Te encontre em cada mãe, em cada criança, na família, na comunidade e em cada ser indefeso que clama por mais vida, justiça e dignidade.*

*Caminha conosco, Senhor, para que possamos fazer da Pastoral da Criança um memorial vivo e permanente de Tua presença e missão junto às crianças, aos pobres necessitados. Amém.*

Figura 21: Oração do Líder da Pastoral da Criança  
Fonte: Guia do Líder da Pastoral da Criança (2015)

A solidariedade humana é o fundamento basilar de todo o trabalho missionário da PC. No guia do líder<sup>39</sup> (material educativo básico da/o líder) está escrito:

Uma pessoa torna-se parte da família da Pastoral da Criança quando põe em prática a sua fé e vai ao encontro das crianças e gestantes de sua comunidade. É como disse São Tiago (Tg 2, 14.24): “Meus irmãos, que adianta alguém dizer que tem fé, quando não a põe em prática? Podeis ver, pois, que alguém é justificado com base naquilo que faz e não simplesmente pela fé” (Guia do Líder, 2015, p. 292).

Ou seja, ser voluntária/o da PC é, acima de tudo, colocar em prática a missão cristã de levar vida plena aos que mais precisam. Uma possibilidade para o serviço da caridade cristã. Esse princípio pastoral está ancorado na Doutrina Social da Igreja Católica quando dispõe:

581 A salvação deve ser principalmente fruto de uma efusão da caridade; entendemos dizer aquela caridade cristã que compendia em si todo o Evangelho e que, sempre pronta a sacrificar-se pelo próximo, é o antídoto mais seguro contra o orgulho e o egoísmo do século. Este amor pode ser chamado caridade social ou caridade política e deve ser estendido a todo o gênero humano.

Observamos no fragmento acima que a propagação da caridade é o caminho para a salvação. Uma espécie de doação salvífica. Desse modo, sacrificar-se para atender a uma

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/circulos-biblicos?showall=1>>. Acesso em: 29 mai. 2017.>.

necessidade humana alheia além de transformar aquele/a que se doa possibilita a construção de um mundo melhor, mais justo segundo a vontade do Cristo. Inclinar-se para a caridade equivale, portanto, no universo cristão católico, a inclinar-se para o Cristo. Sobre caridade, uma voluntária afirma:

*“Caridade é você fazer o bem, sem olhar e sem esperar retorno de nada. Eu sempre digo: - Eu faço o que eu faço e não espero retorno de ninguém, só de Deus” (ML05, 45 anos).*

Perguntei que tipo de retorno ela esperava de Deus. E Ela:

*“Coragem, força, saúde, proteção, amor, compreensão. Eu não quero mais nada” (ML05, 45 anos).*

Retruquei: - Seria uma troca? No que ela respondeu:

*Exatamente. Mas uma troca assim... (sentí que a entrevistada sentiu-se coagida com a possibilidade de eu estar me referindo a uma troca com teor interesseiro) Deus vai me dá a minha graça e eu vou retornar a ele amando o próximo, como tá na bíblia. E ser líder de pastoral é isso. É amar o próximo. (ML05, 45 anos, grifo nosso).*

Talvez esse agir esperando algum retorno esteja de encontro com o que está descrito/prometido na doutrina social da igreja: *A salvação deve ser principalmente fruto de uma efusão da caridade.* Assim, a caridade cristã é tomada como uma prática de justiça que agrada a Deus. Cruzes e ressurreições misturam-se. Para Irmã Ivone, “o que faz viver não é somente a salvação efetiva, mas também a solidariedade como desejo de salvação. Há uma experiência pessoal e coletiva da cruz e da busca de salvação” (GEBARA, 2000, p. 169). Cruzes e desejos de superação coexistem.

Discursos teológicos, sem dúvida, estimulam a aceitação para voluntariar na PC, a depender da pré-ocupação social e religiosa da pessoa que se dispõe a conhecer o trabalho.

*“Depois que eu passei a conhecer melhor, que eu vi que o trabalho que eu tenho na igreja, e o trabalho da Pastoral é um trabalho em prol da comunidade, porque quando a gente trabalha na igreja pra Deus a gente tem que pensar no próximo. Eu vi que com o trabalho, também, eu ia estar mais com contato com famílias e com crianças, também. Foi por isso que a motivação aumentou. Ficou melhor ainda pra entrar na pastoral. Foi isso. Foi o vínculo de religião. Não saí da legião. É tanto que eu sou presidente de cúria, coordenadora da legião. Só que eu uni os dois. Os trabalhos que faço da legião de Maria, eu tô incluindo os trabalhos da Pastoral. Então, não preciso fazer dois trabalhos separados. Nesse mesmo dia que eu faço as visitas da Pastoral, eu já faço minha visita legionária, que é a mesma coisa.: visita, dá palavras de conforto, ver como a família está, ver como a criança tá, observar bem aquela família, incentivar a catequese” (ML05, 45 anos).*

*“Eu acho que o motivo, o que motiva é a gente saber que tá fazendo alguma coisa útil, alguma coisa boa pra outras pessoas” (ML11, 33 anos).*

Em muitas narrativas aparece o questionamento dirigido às mulheres voluntárias quanto ao fato de elas não serem remuneradas pelo trabalho desenvolvido. Talvez, possamos inferir que esta insistência e desconfiança estejam correlacionadas ao individualismo ocidental. Parece inconcebível para a nossa sociedade alguém se dispor, gratuitamente, para ajudar pessoas próximas

*Assim, mulher, até tem pessoas que critica: “Ave Maria, Deus me livre de eu sair da minha casa pra tá fazendo visita sem ganhar nada” (ML12, 42 anos).*

*“Por que você tá lá ajudando? Se você não vai receber nada. Você tá ajudando, mas tá recebendo alguma coisa? Eu vou fazer o que lá? Ajudar? Só? Mas fulano de tal recebe tanto da bolsa família. O pai de fulano de tal trabalha. E você ainda acompanha? Essas crianças não precisam não” (ML13, 20 anos).*

*“Muita gente pergunta: “Você recebe quanto?” Eu digo: Nada. Hoje mesmo, eu fui cadastrar uma família e um pai disse: “Trouxe dinheiro, foi?” Aí eu brinquei com ele: O senhor não tem não um pouquinho aí pra nois? Aí ele: “Tenho não”. Aí ele: “Você recebe quanto?” Eu disse: Nada. O que eu recebo vem de lá de cima. A gratidão do Senhor. Aí ele balançou a cabeça” (ML09, 26 anos).*

*“Tem pessoas que acham que a gente faz isso por dinheiro e não é. É por caridade. Deus lá pra frente vai dar novas bênçãos na nossa vida” (ML03, 21 anos).*

Novamente, a caridade aparece em relação com retornos divinos: *“Deus lá pra frente vai dar novas bênçãos na nossa vida”* ou *“O que eu recebo vem de lá de cima”*

A ação solidária envolve, também, outro tipo de esperança. Esperança de mudanças comunitárias locais. A utopia que acena no horizonte a cada visita, a cada celebração da vida.

*“A minha vontade de melhorar, de ficar com eles. Saio de casa tranquila, vou no sol, tenho uma bicicleta, vou de bicicleta ou de pé. Vou tranquila...(choro)” (ML02, 48 anos).*

*“Por que eu sinto que eu sou capaz de melhorar ainda mais. Fazer com que as mães tenham uma educação através dos filhos, educar, com educação saudável, não batendo, dando conselhos” (ML03, 21 anos).*

"Eu vim para servir" (cf. Mc 10,45). "Ide, sem medo, para servir" (Papa Francisco). O discurso institucional, (re)afirma como o/a leigo/a deve proceder para ser melhor e tornar o mundo melhor. Como consequência, por vezes, tornamo-nos "escravos(os) da linguagem, sobretudo, da linguagem religiosa consagrada como sendo aquela à qual todas(os) devem aderir sob pena de não sermos fiéis à vontade de Deus" (GEBARA, 1994, pp. 32-33). Há, pois, uma força coletiva que exerce influência sobre as individualidades. Trata-se de uma dimensão constituída por uma mescla de aspectos objetivos e subjetivos que norteiam a missão voluntária.

*"Que Deus me conceda sempre essa serva dele. Que me de mais e mais paciência do que faço e que eu dure mais um pouquinho na pastoral. Vou indo como Deus quer e manda. A gente tem que servir a ele, porque sem ele a gente não faz nossa caminhada" (ML08, 38 anos).*

Na visão cristã, a solicitude, a preocupação com o bem-estar de outrem, como virtude, especialmente, feminina, se configura em cumprimento da Palavra Sagrada. Voluntariar se torna um meio possível de salvação. Esse preceito, na forma e no tom bíblicos, resulta na expressiva, quantitativamente falando, e estreita relação entre experiência voluntária e corpos femininos.

### 2.3 Form(ação): "Dai-lhes Vós Mesmas de Comer"

Dentre os valores apreciados na metodologia da Pastoral da Criança está a multiplicação do saber. Esta partilha baseia-se no evangelho da multiplicação dos pães e dos peixes (cf. João 6, 5-15). "Dai-lhe vós mesmas de comer" orienta para que as pessoas não esperem benefícios alheios, inclusive do governo. Entende-se que através da informação e do acompanhamento de líderes da PC muitas doenças podem ser prevenidas, a harmonia familiar pode ser estabelecida, a cidadania pode ser exercida de forma mais plena. A democratização do saber e a prática solidária consistem, pois, numa alternativa para a promoção da inclusão social e da dignidade humana. A próxima narrativa evidencia essa partilha de saberes.

*"Muitas das vezes a gente dá um conselho, conta um pouco da nossa experiência também pra elas e tudo isso conta (...) eu acho que isso é o mínimo que eu posso fazer. E é uma coisa que gosto de verdade, de verdade mesmo; de visitar as famílias, principalmente as carentes, de sentar no sofá e conversar um pouco com a mãe, de dar algumas orientações. Até porque assim, por eu já ter uma base como agente de saúde, a gente orienta, pega a*

*carteirinha de vacina, fala sobre vacina, fala “olhe, esse mês tem campanha de vacina. Deixe eu olhar pra ver se você já deu ou se não deu” A gente dá as orientações. Pergunta da alimentação. Pergunta da escola, se tá indo direitinho tudo” (ML11, 33 anos).*

Para um acompanhamento embasado em evidências científicas, as lideranças, são preparadas para orientar as mães, os pais e os familiares no cuidado com o desenvolvimento da criança em cada etapa da sua vida. Segundo os princípios da PC, a força necessária para essa caminhada advém da espiritualidade cristã: “Na fé no Deus Uno e Trino, ou seja, em Deus Pai, em seu filho Jesus, Salvador e Libertador, e no Espírito Santo” (Guia do Líder, 2015, p. 296). Sobre esses processos formativos, uma das voluntárias entrevistadas afirma ter seu desejo de voluntariar despertado pelas capacitações no guia do líder. Outra entrevistada realça o aprendizado adquirido nas formações. Disseram elas:

*“Os vídeos que o capacitador passou. Me chamou muito atenção quando eu vi os vídeos e as capacitação. Cada capacitação que ia despertava mais o desejo de participar da pastoral da criança” (ML04, 37 anos).*

*“(...) com a capacitação, eu fui gostando muito do trabalho. Eu sempre gostei muito de criança, né? E fui gostando da capacitação por que a gente aprende muita coisa, né? Muita coisa!” (ML07, 19 anos).*

As capacitações da PC, as bases epistemológicas teológicas de um trabalho comunitário, a proposta de ajudar as pessoas próximas, a difícil situação a que são submetidas algumas mães e crianças que habitam as franjas da sociedade, estão no rol de motivações para ingresso das mulheres voluntárias na PC. E, muito embora seja um paradoxo, pode-se considerar que esse trabalho voluntário constitui-se num caminho alternativo e oposto a um sistema de opressão e exclusão social. Eis o milagre da partilha: a comensalidade. O pão nosso de cada dia vivido.

## 2.4 Fé e Corpo em Movimento

A mística cristã, que envolve o serviço missionário da PC, une a fé com a vida, a oração com a prática. Está árvore simboliza a semente lançada em 1983 (ano de implementação da PC). Sua raiz de sustentação é representada pela união da fé e da vida. No tronco encontram-se as ações básicas desenvolvidas pelas lideranças e nos galhos ações que





Figura 22: Árvore da PC

Fonte: Guia do Líder da PC (2007)

complementam essas ações, de acordo com necessidades locais. Os frutos representam os resultados alcançados. Para uma das entrevistadas, foi essa mística, que une fé e vida, a responsável pelo seu ingresso na PC.

*“Foi a mística. Aonde eu vi assim, uma árvore (trata-se da árvore<sup>40</sup> ao lado) que tem no guia do líder, que naquela raiz tem aquelas coisas bonitas. Deixe eu pegar aqui um guia do líder. Aonde nós temos a saúde, nutrição e educação e cidadania. Fé e vida. Quer dizer, é tudo pra gente. Fé e vida é tudo pra gente” (ML10, 61 anos, grifo nosso).*

O guia do líder ensina: “Com Jesus aprendemos que amor é a prática concreta de doação e de martírio. A fé é a expressão do amor na vida cotidiana. Fé é movimento. Fé é vida” (Guia do Líder, 2015, p. 298).

Essa fé está relacionada, pois, com os valores essenciais da vida, valores imbricados ao movimento sócio-religioso do Cristo, valores postos em prática. Na prática, esses valores assumem roupagem solidária para com as pessoas mais empobrecidas. Trata-se, na prática, de valores experienciais que restituem a vida, ressuscitam aqueles/as que sofreram morte espiritual ou física, que ‘vivem’ uma vida sem esperança. PC é corpo, é fé, é agir, é movimento...

## 2.5 A Palavra se Fez/Faz Lâmpada para os Pés, para as Mãos, para o Corpo Inteiro

Um dos objetivos da PC é levar a palavra sagrada às pessoas marginalizadas. Em tese, trata-se de uma missão evangelizadora. Foi motivada pela carência de evangelização no mundo que a próxima líder voluntária aderiu ao projeto de salvar vidas:

*“Eu entrei, eu não conhecia direito, fui conhecendo aos poucos, mas o que motivou foi a precisão da evangelização. Como é uma base, uma base, a criança, é o feto, você já vai formando de forma cristã um feto. Isso é muito importante! Isso é muito sério! Eu vi isso de uma forma muito interessante. Quis conhecer melhor. Como eu via a realidade do povo, precisa de*

<sup>40</sup> Essa árvore foi atualizada no novo Guia do Líder 2015 (16ª edição).

*evangelização urgente, né. Cristãos, precisamos nos acordar mais e mais pra evangelização” (ML14, 43 anos).*

“Na Pastoral da Criança celebramos a presença de Jesus nos sacramentos, no anúncio da Palavra, no serviço de caridade fraterna ao irmão e à irmã. Celebramos sua Palavra, que nos chega pela Bíblia, pela oração e ação no trabalho junto às crianças, gestantes e famílias” (Guia do Líder, 2015, p. 300). Em todo o material de apoio da PC, há excertos bíblicos concatenados com as ações básicas a serem desenvolvidas. A Palavra ilumina e direciona a missão.

### 3. A VOCAÇÃO VOLUNTÁRIA TEM SEXO/GÊNERO

*Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito  
como coisa natural,  
(...) nada deve parecer impossível de mudar.  
(Bertold Brecht)*



Foto: Marcello Calkin

Figura 23: Lideranças da PC  
Fonte: Revista Pastoral da Criança<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Edição 06 (Nov./Dez.2016 e Jan. 2017).

Sugeriríamos uma reformulação da legenda inscrita na fotografia acima: Voluntariado não tem idade, tem sexo/gênero... tem amor ao próximo...

Ao longo das entrevistas foi questionado às entrevistadas, por que, na opinião delas, sempre houve/há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança. Ao passo que elas responderam:

*“Pela questão que eu acho que toda mulher nasce com o instinto maternal” (ML13, 20 anos).*

*“Eu não sei nem lhe dizer essa pergunta. Acho que pelo fato de ser mãe, a mulher ser mãe, né. As meninas acho que tem o lado mais maternal dentro de si, mesmo não sendo mãe” (ML09, 26 anos).*

*“(...) as mulheres também sempre se doam mais. Sei lá, já é de mulher mesmo. Instinto mulher. Como a gente é mais carente, tem mais pena do outro, quer se doar mais. Eu acho” (ML12, 42 anos).*

Ser mulher implica, “naturalmente”, ser mãe. A equação parece soar lógica – mulher = maternidade. Isso acontece, em parte, porque há, ainda, a crença de que o amor materno seja “algo que nasce com as mulheres, verdadeiro apanágio feminino. Fala-se até de “instinto materno” E coitadas daquelas que não o tem! Sofrem um certo preconceito, pois “falta-lhes” qualquer coisa de fundamental!” (LEMOS, 2006, p. 83). Essa construção, histórica, em torno do ideal de realização da mulher estar centrado na maternidade, há muito, vem sendo suspeita e contestada. A filósofa francesa Elisabeth Badinter é uma das que buscam desmontar esse esquema da ideologia maternalista. De acordo com essa ideologia, em toda mulher habita o desejo “natural” de ser mãe. Para Elisabeth isso não passa de um mito – o mito do amor materno – que tenta estabelecer uma identidade feminina universal e que, inclusive, foi título<sup>42</sup> de uma das suas obras. O quantitativo de mulheres voluntárias na PC pode ser explicado por esse estabelecimento de características “maternais”.

Em *O conflito: a mulher e mãe*, a já referida autora, retoma essas reflexões, enfatizando o lugar da maternidade em tempos passados e nos dias atuais. Fazendo um percurso diacrônico, na história da humanidade, e alertando para a problemática ideia maternalista, ela nos fala:

---

<sup>42</sup> Um Amor Conquistado - o Mito do Amor Materno (1980).

Antes dos anos 1970, a criança era a consequência natural do casamento. Toda mulher apta a procriar o fazia sem muitas perguntas. A reprodução era ao mesmo tempo um instinto, um dever religioso e uma dívida a mais para com a sobrevivência da espécie. Era evidente que toda mulher “normal” desejava filhos (...) Contudo, desde que a grande maioria das mulheres passou a utilizar contraceptivo, a ambivalência materna aparece mais claramente (...) O desejo de ter filhos não é nem constante, nem universal. Algumas os querem, outras não os querem mais, outras, enfim, nunca os quiseram. Já que existe escolha, existe diversidade de opiniões, e não é mais possível falar de instinto, ou de desejo universal. (BADINTER, 2011).

Em síntese, se há liberdade de decisão, e não podemos generalizar essa liberdade, senão tenderíamos a uma visão reducionista do fenômeno, não se pode “falar em línguas” de modo universal. “Na verdade, não existem dois modos de viver a maternidade, mas uma infinidade, o que impede de falar de um instinto baseado no determinismo biológico” (BADINTER, 2011, p.70). No guia do líder está escrito: “Líder, a gestação é um momento muito especial na vida das mulheres, e o ideal é que elas se preparem para essa fase” (GUIA DO LÍDER, 2015, p. 21). Quem são essas mulheres? Quais suas posicionalidades? Será mesmo um momento muito especial para todas as mulheres? Esses universalismos são problemáticos, sobretudo, quando nos defrontamos com o perfil de mulheres acompanhadas pela PC - mulheres pobres, em sua maioria, vivendo nas franjas da sociedade, em situação de vulnerabilidade. A religião patriarcal corroborou com esses universalismos, quando tornou a linguagem simbólica, “não mais uma linguagem simbólica, musical, poética, aproximativa, de sonhos, de desejos profundos, mas a cristalizou e passou a acreditar e a transmitir crenças de que, o que é dito existe tal e qual” (GEBARA, 1994, p.32). A vida em geral não pode/deveria ser encarada de forma generalizada. Por que o distanciamento da vida real, daquilo que é ordinário?

A esse ponto da escrita, recorde-me ter, recentemente, expressado, em público, algumas insatisfações pessoais com a maternidade e das respostas a mim dirigidas: “Mulher, não lhe tinha nessa conta?” ou “Mulher, não diga isso não. Nem parece ser você” ou “Sério que você tá dizendo isso?” O amor materno tornou-se dogma inquestionável. “Reconhecer que se enganou, que não era feita para ser mãe, e que obteve com isso poucas satisfações faria/faz de você uma espécie de monstro irresponsável” (BADINTER, 2011, p.24, grifo nosso).

Essa concepção biologizante é sempre invocada pela religião, não sem intenção. Mas, biologicamente, podemos ser e não, devemos ser mães. Para a religião, essa condição anatômica, por si só, justifica a definição de papéis sexuais e campos de atuação. E quando não atingido o gozo da maternidade, a mulher pode assumir a posição de cuidadora.

Para o feminismo, dada essas concepções, o catolicismo é encarado como um sustentáculo do patriarcado, que eleva aos céus a heteronormatividade. A teologia moral insiste nos deveres e não nos direitos das mulheres. No ideário católico, sexo e reprodução não se separam. Não há brechas para tamanha desordem herética. Na PC, também, sexo e reprodução não se separam. Ironia do destino? Trataram de destinar/fixar as mulheres em cruzes-úteros.



Figura 24: Crucifixion de Eric Drooker  
Fonte: <http://www.drooker.com/original-art>

Esse pensamento determinista biológico é um grande aliado para a definição de binarismos em torno das identidades de gênero. Por isso mesmo, a bióloga americana Anne Fausto-Sterling caminha na contramão desses ismos e busca, através dos seus estudos, desconstruir argumentos/teorias de natureza sexista embasadas em teorias biológicas. Para ela o binário gênero-sexo necessita ser dissolvido e pensado como faces da mesma moeda. Por isso ela combina os termos e sugere o conceito sexo-gênero<sup>43</sup> ancorado no seguinte argumento<sup>44</sup>: “Não é só o gênero que é socialmente construído, o sexo biológico também” Quando propõe essa associação está pensando no grupo de pessoas intersexo e no quanto há de construção social na atribuição do sexo biológico, quando, por exemplo, uma cirurgia é indicada por médicos/as para “adequar” os corpos dessas pessoas às identidades binárias de gênero estabelecidas pela sociedade. No caso particular desse estudo, podemos pensar que a

<sup>43</sup> Ver FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 79, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332002000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 Jun. 2017.

<sup>44</sup> Ver a matéria “Não é só o gênero que é socialmente construído, o sexo biológico também” organizada por Nana Queiroz para a revista AzMina. Disponível em:< <http://azmina.com.br/2016/05/nao-e-so-o-genero-que-e-socialmente-construido-o-sexo-biologico-tambem/>>. Acesso em 05 jun. 2017.

parcela significativa de mulheres voluntárias na PC está relacionada com os marcadores sociais que operam sobre o sexo/gênero.

Ainda se tratando desses binarismos de gênero, as entrevistadas abaixo encontram a explicação, para um maior número de voluntárias na PC, na distinção/divisão dos papéis sexuais entre homens e mulheres. Trata-se, para estas, de uma condição sociocultural “posta”:

*“(...) eu acho que as mulheres, é..., infelizmente, geralmente, ficam com a carga maior assim da família, de criar os filhos e tudo. É difícil você ver um pai preocupado com vacina, um pai preocupado de levar o filho ao médico, de levar na igreja. A mãe, não. A mãe já desempenha mais esse papel. Eu acho que é por isso” (ML11, 33 anos).*

*“Eu acho que na verdade tem até um certo preconceito, né, quanto a isso. Uma vez, eu contei um pouco do trabalho da pastoral pra um amigo e ele perguntou: “- Homem também pode participar?” Eu disse, claro que pode. Eu acho que na verdade é um só um preconceito que existe, né, dos homens. Realmente, são pouquíssimos, né? Preconceito com relação de tá ali visitando. As tarefas, assim, que exigem, que é o lanche e o peso. Aí, eu acho que tem essa visão ainda de tarefas femininas” (ML07., 19 anos, grifo nosso).*

Na primeira fala, podemos observar uma lamentação explícita, em torno da divisão social baseada em gênero, uma diferença que serve, inclusive, de pretexto para o estabelecimento de relações assimétricas. É a mulher, mãe, gerente do lar, educadora religiosa da prole, capaz de cumprir todas as tarefas a ela incumbidas que, socioculturalmente, recebe o título de virtuosa, sendo chamada a assumir mais uma “atividade de mulher” – o voluntariado. Sobre essas representações binárias de gênero, no espaço institucional religioso, Ivone afirma: “(...) Os homens da instituição religiosa, em nome da tradição... submetem as mulheres e estas se submetem, muitas vezes com evidente prazer, à mesma domesticidade vivida no lar” (GEBARA, 1990, p. 23). O poder e o não poder conferidos às mulheres.

Na sequência, a entrevistada coloca em pauta a razão do não, ou inexpressivo, ingresso de homens no voluntariado da PC. Para ela, o fenômeno está atrelado à existência de preconceitos que permeiam o processo de delineamento da masculinidade e distanciam os homens do “universo e tarefas femininas”. Sem usar a palavra gênero, ela faz uma breve análise a partir dessa mediação. Aponta para o estabelecimento de papéis biopsicossociais culturalizados e os conflitos decorrentes dessa teoria da diferença. Sinaliza, por meio da sua fala, uma nova compreensão sendo delineada em torno das identidades femininas e da igualdade entre as pessoas como caminho para a diluição de paradigmas de gênero.

A próxima fala trata da servidão das mulheres à instituição religiosa, relacionando essa disposição à fidelidade delas para com Deus. Para a entrevistada, as mulheres buscam imitar Maria de Nazaré, quando servem, oram pela família. Os homens, por outro lado, saem de casa para trabalhar, sem faltar-lhes tempo para servir na igreja. Nisso residiria a explicação para não estarem atuando na PC. Há uma distância entre os homens e Deus e as coisas religiosas, na maioria dos casos.

*“Ai... é difícil essa pergunta. Eu acho que porque, talvez, é um trabalho mais ligado à mulher, né não?! A igreja em si é servida mais por mulher do que homem. Acho que porque as mulheres são mais fiéis a Deus. Devido à necessidade. Devido à primeira mulher cristã, foi Maria, né? O segmento. E a igreja sempre foi ocupada por mais mulheres. Então, antigamente, o que, quem enfrentava mais a igreja, foi as mulheres, hoje já tem muito homem, em relação no início. Necessidade de oração pelos maridos, pelos filhos, entendeu? Buscando uma tranquilidade na vida. Os homens são volúveis. Volúveis. Tanto faz, tanto fez. Não tem muita crença em Deus. Acho que vem da criação. O homem vai trabalhar, a mulher fica em casa, vai pra igreja, não era isso? Então, isso é um hábito antigo. O homem foi construído assim, trabalhar, botar comida em casa e a mulher, tomar conta de casa, ir pra igreja, essas coisas” (ML01, 61 anos).*

Outro fator que explica o “insignificativo” número de homens na PC vem a ser o machismo, principalmente aquele que habita o nordeste brasileiro, lugar de cabra macho com todas as construções de sexo/gênero envoltas.

*“Eu acho que, como tudo da igreja, sempre é mais mulher, né. Tá mudando um pouquinho isso. Os homens estão chegando mais. Mais é sempre mais mulher do que homem. Esse é um grande motivo, eu acho. E, o segundo é falta, talvez, de chamar mais. Tanto as mulheres chamar seus maridos, seus filhos, quanto a própria igreja, ela abrir portas cada vez mais para os homens, tirar o machismo que é muito colocado no nordeste, principalmente. Mas, eu acho que é isso. É convite. É mostrar o que é bom pra igreja e para os homens” (ML14., 43 anos).*

Seguindo a rota do machismo, algumas entrevistadas argumentam que o distanciamento dos homens da missão pastoral está vinculado a processos de delineamento de uma masculinidade hegemônica. Na visão delas, o homem sente sua masculinidade ameaçada ao estar e sair para visitas pastorais com elas. Isso não é sentido, ao que parece, nas reuniões do terço dos homens.

*“Os homens, muitos trabalham, tem, porque antes teve bastante homem, agora não. Aqui mesmo não tem um. Já teve vários homens aqui. Eu ontem tava olhando a foto. Aí, eles, uns casaram vão trabalhar, né, tem filho e aí não tem tempo e aí pronto. **Exatamente nesse ponto da entrevista, perguntei se as mulheres, também, não são ocupadas? E ela continuou...***

*Acomodados. Muitos, também, era da pastoral e o povo dizia que era viado, porque eles andavam mais as mulheres. Tem tudo isso. Aí muitos sai, assim, depois. Eles saem da pastoral da criança. Ontem eu tava olhando as fotos dos homens. Homem que anda na igreja...agora que tão quebrando um pouco isso por causa do terço dos homens, mas antes... comunidade era um auê” (ML10, 61 anos; grifo nosso).*

De fato, há (afirmo por já ter ouvido esse tipo de comentário, estando no campo) essa propensão de julgamento da orientação sexual de homens que tornam-se voluntários da PC. É como se sua masculinidade fosse ameaçada pelo exercício voluntário da PC.

Para o teólogo Adilson Schultz, há marcas de gênero na “não-relação” entre Deus (e no caso dessa pesquisa, de atividades de cunho religioso) e o universo masculino. Advém, essa constituição, de uma estrutura sócio religiosa sexista. E, de acordo com o mesmo, os homens experimentam perdas diversas, consequentes desse sexismo, dentre as quais: morrer mais cedo do que as mulheres, dado o seu estilo de vida; perder a capacidade de desenvolver processos comunicativos criativos; não estabelecer relações mais íntimas com outros homens e mulheres; perder confiança nos outros homens; perder a espiritualidade; perder o direito de se emocionar ante esposa e filho/a ou em público. Para “ser macho” eles passam por um processo formativo que estrutura e define seus comportamentos próprios. (SCHULTZ, 2013, p. 293-294).

Diante as perdas supramencionadas, “os homens” buscam outras possibilidades que venham substituí-las. Nas palavras de Schultz:

No lugar do que perdem, os homens criam estruturas excitantes (!) substitutivas ou fugidias, para aguentar a vida ou justificar sua existência: a excitação das drogas ilícitas, lugar para onde os homens viciados querem voltar sempre de novo; a excitação do álcool (*a próxima narrativa traz esse elemento como parte do cotidiano masculino*), essa droga que formata o masculino desde tão cedo na dureza e no aguentar; a excitação da pornografia, que milita contra o prazer no sexo; a excitação do jogo-disputa-futebol, essa nova e a verdadeira escola universal de ensinar meninos a virar homens; a excitação da violência, especialmente aquela contra a mulher, que eleva os homens para além da vida ao flertar com a morte. (SCHULTZ, 2013, p. 294; grifo nosso).

A próxima fala traz à cena, novamente, os elementos masculinidade hegemônica e terço dos homens. Gostaríamos de chamar atenção para a menção do álcool como constituinte da rubrica de “ser macho”.

*“Porque os homens, hoje, pra você incentivar eles a entrar na pastoral, tá meio complicado, né?! Eles, sei lá. Aqui mesmo, pra você encontrar um homem pra ser líder da pastoral, você não encontra. Só se dizer assim:*



*“Vamo ali num copo de cerveja?” Aí vai. Agora pra participar de uma coisa dessa aqui tá osso viu. Se as mulheres não tão querendo, imagine os homens. Ainda não fiz essa pesquisa. Mas vou fazer essa pesquisa. Por que os homens não participam. Aqui tem a parte dos homens do terço. Mas assim, vamo passar pra outra coisa pra fazer na igreja ninguém quer não. Só que aquele negócio mesmo. Terço dos homens, que só tem os homens mesmo” (ML08, 38 anos).*

Julgamos relevante reinscrever e enfatizar esse fragmento - “... vamo passar pra outra coisa pra fazer na igreja ninguém quer não. Só que aquele negócio mesmo. Terço dos homens, que só tem os homens mesmo” Sobre esse lugar do homem, no terço dos homens, junto com outros homens, só homens, algumas inquietações foram despertadas. Até que ponto essa separação implica numa problemática questão de gênero? A teologia da relacionalidade<sup>45</sup>, defendida por Ivone Gebara, em detrimento do modelo teológico hierárquico, não estaria ameaçada, em certa medida?

A teóloga Solange Maria do Carmo expõe sua opinião<sup>46</sup> sobre o fenômeno do terço dos homens. Para ela, o crescente número de homens adeptos ao movimento nos remonta ao tempo em que homens e mulheres ocupavam espaços separados no templo. E, justifica seu posicionamento:

Nada contra o terço! Nada contra os homens e seu retorno à comunidade eclesial! Mas apavora-me pensar que precisamos de uma prática de oração medieval para agregar os homens, que vivem distantes da vida da Igreja, numa espécie de “clube do Bolinha”, no qual as mulheres não podem entrar. Ameaçados pela presença feminina, pelo protagonismo feminino, nas pastorais e movimentos da Igreja, os homens precisaram excluir as mulheres para se sentirem aceitos, para acharem de volta seu caminho para as paróquias. É o fim de todo exercício de convivialidade e de aceitação do diferente.

Essa separação, para atender a objetivos mercadológicos, no sentido de trazer os homens para a igreja, apesar de se constituir em motivo de esperança para algumas companheiras, pode caminhar para o que Solange denomina de “a morte de toda parceria e cumplicidade conjugal!” No caso específico desse estudo, as respondentes não realçaram uma benevolência suprema, ante uma igreja cheia de homens nos dias do terço dos homens. Para elas, seria fundamental que os homens se envolvessem, também, em outras atividades pastorais, inclusive na PC.

---

<sup>45</sup> Esta proposta visa substituir o modelo hierárquico de dependência e opressão por relações que nos situe sempre em face da outra pessoa, como semelhantes e diferentes, ao mesmo tempo. A dependência de um ser em relação a outra pessoa parte do princípio ético, assim sendo, a nossa própria existência nos coloca no nível da relacionalidade. Relacionalidade com outras pessoas, com o cosmo, com a natureza.

<sup>46</sup> Matéria na íntegra em: < <https://noscaminhosdefrancisco.wordpress.com/2017/05/26/o-terco-dos-homens-uma-analise-fenomenologica-e-antropologica/>>. Acesso em: 27 mai. 2017.

A título de conclusão desse tópico, gostaríamos de nos voltar, nesse momento, à problemática de gênero desencadeada pelo uso “adequado” de artigos definidos, de acordo com as gramáticas de língua portuguesa, nos materiais formativos da PC. A constituição das normas linguísticas e a consequente instituição de lugares de gênero, tem sido, há algum tempo, a ocupação reflexiva de estudiosas/os feministas. (GEBARA, 1990; GEBARA, 2000; LOURO, 1997; LOURO, 2000).

A construção discursiva está para a construção de identidades sociais de gênero. De acordo com Louro (1997, p.65), “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” Partindo desse pressuposto, e das implicações assimétricas que podem ser gestadas a partir dele, (a mim) incomoda bastante folhear os materiais (in)formativos da PC e ler as pessoas voluntárias definidas, quase sempre (porque raríssimas vezes o artigo A aparece no texto), no masculino (Os líderes... Guia dO Líder... Os voluntários... Dia dO voluntário...), quando 92% do voluntariado é composto por mulheres. Ufa! Haja tolerância para tantos universalISMOS (ismo no sentido patológico e esclerosante da palavra, mesmo).

Como nos alerta Ivone: “O uso generalizado, englobante e habitual do termo *homem* pode esconder muitas vezes o desejo de encobrir a realidade sexuada de nossa história e a opressão existente de um sexo em relação ao outro” (GEBARA, 1990, p. 42). Essa linguagem que estabelece o masculino como normativo invisibiliza as mulheres “incluindo-as” num discurso unitário que desconsidera a multiplicidade humana. A mesma Ivone sugere: “ (...) na linguagem, o masculino inclui o feminino; mas esta linguagem se torna então, por si mesma, reveladora da norma estabelecida. Trata de um inclusivo que oculta o outro lado, o feminino. Ora, deveria ser acentuado um inclusivo que revela a mulher (...)” (GEBARA, 2000, p.116).

Sobre essa normatização linguística, propomos um exercício: Relacionemos o texto abaixo (com todos os seus Os) à imagem anexa a ele.

## I Mensagem

# A força transformadora do voluntário



Foto: Arquivo da Pastoral da Criança

**Irmã Veneranda da Silva Alencar**  
Irmãs Missionárias de Santa Teresinha (IMST)  
Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança

Queridos voluntários, vocês certamente conhecem a história do passarinho que ajuda a apagar o incêndio na floresta. Ele voava até um riacho, enchia o bico de água e despejava as gotinhas sobre o fogo. Quando questionado sobre seus motivos, ele respondia: *“Não sei se conseguirei apagar o incêndio. Mas, eu faço a minha parte”*.

Ao fazermos a nossa parte, contribuimos para a construção de um mundo melhor. Ao dividir experiências e conhecimentos, acompanhar as crianças e as gestantes nas comunidades,

vocês, voluntários da Pastoral da Criança, promovem ambientes de paz e solidariedade, levando adiante a nossa missão de levar vida plena aos que mais precisam.

Os voluntários são a força que move a Pastoral da Criança nesses 33 anos. Obrigada por visitar as famílias, as crianças, ouvir, aconselhar, orientar e, principalmente, por todo amor e dedicação. Celebramos o Dia Internacional do Voluntário, junto com o Dia da Pastoral da Criança, com gratidão a Deus por todo o bem que vocês fazem. Parabéns!

Figura 25: Mensagem da Coordenadora Nacional da PC  
Fonte: Revista Pastoral da Criança<sup>47</sup>

Propomos o mesmo exercício, a partir desse texto/imagem.



Figura 26: Reportagem especial “Voluntariado, a força que transforma”  
Fonte: Revista Pastoral da Criança<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Edição 06 (Nov./Dez.2016 e Jan. 2017).

A luta dessas mulheres é prisioneira de um sistema institucional que, dada a sua força simbólica (religiosa, cultural e política), estabelece e normaliza suas funções perante a igreja, a família e a sociedade. Como se não bastasse, tratam de enclausurá-las em gramatizações androcêntricas. Contudo, são mulheres que trans(formam) e são trans(formadas).



Figura 27: Mulheres voluntárias da PC  
Fonte: Guia do Líder da Pastoral da Criança (2015, p. 15)

#### 4. “AS MULHERES É PRA TUDO...”

As relações sociais de gênero, como já comentamos, são atravessadas por discursos, símbolos, práticas sociais, crenças religiosas, segmento geográfico e, através dessa constituição instável, modificável, em constante movimento, as pessoas “vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo” (LOURO, 1997, p. 28). Não obstante, devemos refletir de maneira cuidadosa, como bem alerta a mesma autora, influenciada por estudiosas como a filósofa feminista Judith Butler, as relações atravessadas por gênero para não correremos o risco de estabelecermos uma leitura, baseada numa matriz heterossexual, que não pense a multiplicidade do gênero. No caso específico desse exercício reflexivo consideramos homens e mulheres, o que não quer dizer que perdemos de vista essa multiplicidade.

---

<sup>48</sup> Edição 02 (Nov./Dez.2015 e Jan. 2016).

Pensando nas diferenças anatômicas entre mulheres e homens, na divisão social dos gêneros e na relação estabelecida entre essas diferenças e a figura da Virgem Maria, Ivone Gebara reflete:

Reconhecer algumas diferenças entre mulheres e homens parece óbvio. Entretanto, para além das diferenças físicas constatáveis, acentuaram-se diferenças culturais, psicológicas e sociais em todos os grupos humanos vivendo sob a égide da cultura hierárquica patriarcal. A cultura patriarcal é uma cultura das diferenças precisas, e é preciso mantê-las e naturalizá-las ou colocá-las na esfera do poder misterioso acima de qualquer poder para não permitir que sejam ultrapassadas. Se as diferenças não forem acentuadas e naturalizadas, isto é, tornadas naturais, desaparecem as estruturas de poder hierárquico que as sustenta. (GEBARA, 2009, p.16).

As “características femininas” (doçura, cuidado, atenção, afeto, doação) são, pois, ideológicas e práticas socioculturais que regularam e regulam os comportamentos, os corpos (dessexualizando-os), bem como os valores e discursos das mulheres. Essas construções ganharam sentidos e significados, corpo e materialidade, de modo tal que as problemáticas que os envolvem foram relegadas, encobertas, naturalizadas e, por muitas pessoas, nem conhecidas. E, se recorremos à dimensão religiosa para reparar o discurso em torno dessa pauta, nos deparamos com um aparelho legitimador patriarcal fortalecendo essas difundidas ideias. Para termos conhecimento sobre o que as entrevistadas pensam a respeito dessas “estabelecidas” diferenças entre homens e mulheres, perguntamos se o fato de ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades pastorais:

*“As mulheres tem mais facilidade pra isso. Mas se os homens coisasse assim mais um pouquinho, desse um tempo pra Deus, ajudava bastante. Ter a força do homem, nesse momento, até que era bom. Mas as mulheres tem mais força pra isso do que os homens. Porque eu acho que é dentro da mulher mesmo, sabe. As mulheres é pra tudo. Se é pra parir guenta dor. Pra tudo. Dar baque de tudo. E os homens, não. Os homens é mais fraco” (ML08, 38 anos).*

Como se percebe, parece ter sido definido que ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades desenvolvidas pela PC. Trata-se de uma espécie de “destino herdado”. Contudo, se houvesse algum esforço por parte dos homens, o trabalho seria facilitado, até mesmo pela sua máscula força. Mas, como as mulheres dão conta do recado, já nasce com essa propensão, resta inferir que os homens são fracos, mesmo sendo fortes. Sem intenção de fazer juízo de valor sobre a narrativa, gostaríamos de colocar em relevo dois pontos que emergem a partir dela: a) a força das mulheres e b) a fraqueza dos homens. Um paradoxo. Dizemos se tratar de um paradoxo porque estabeleceu-se que a mulher é o sexo frágil. Mas, aqui, a entrevistada relega esse adjetivo dogmatizado e relaciona as várias atribuições e

responsabilidades destinadas às mulheres como meio de legitimação de sua força. Ela percebeu que “a superioridade social atribuída ao sexo masculino é cada vez mais reveladora de sua fragilidade quando o assunto é sobrevivência, educação, manutenção da vida cotidiana” (GEBARA, 2000, p. 103). Os homens foram delineados, historicamente, como exemplo de força. Mas que tipo de força? Uma força fragilizada? É o que a entrevistada interroga. As mulheres é pra tudo... Os homens é mais fraco, conclui de acordo com sua experiência. Retornando ao perfil dessa entrevistada, constamos alguns eixos de subordinação que talvez estejam implicados na sua percepção. Trata-se de uma mulher negra (duas “maldições”, segundo Ivone Gebara), mãe de duas filhas, atualmente desempregada, mas antes faxineira, casada, por muito tempo com um homem machista e etilista, pelos comentários dela, em conversa informal. Eis que nos deparamos com os eixos gênero, raça, maternidade e classe se inter cruzando na sua história. Imaginemos a lida diária dessa mulher para atender a necessidades imediatas de suas filhas e suas. Uma mulher negra e faxineira desbravando uma sociedade racista e classista como a nossa para garantir sua sobrevivência e a da sua família. Talvez isso explique, o porque, pra ela, as mulheres é pra tudo e os homens são fraco. Sua narrativa nos faz lembrar a obra de Rosana Paulino. Corpo de mulher, corpo negro, elaborações de gênero amarradas ao seu corpo, corpo curvado dos esforços cotidianos para carregar sua cruz pessoal, elementos simbólicos (bebê, aliança, homem ereto) cravados na cruz de madeira (Obs.: Analogia nossa. Na obra, a artista apresenta um tronco de madeira).



Figura 28: Rosana Paulino. Ainda a lamentar, 2011. Cerâmica fria, cordão, madeira, plástico e metal.  
Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/>

Ainda se tratando da fraqueza masculina que, supostamente, vai os afastando do “universo feminino”, a próxima entrevistada traz semelhante diagnóstico. Nesse caso, ela atribui a culpa dessas disparidades ao machismo e ressalva, dos homens do interior.

*“Um pouco. Talvez. Eu acho que facilita porque é mulher, né. Então, mulher com mulher, em relação ao ser mãe, eu acho que facilita um pouco. Mas, também tem a questão do pai, a presença do pai, eu acho que é muito importante. Que infelizmente, se falta muito, eles tem muito receio, principalmente em interior. Se tem muito receio do homem participar, um machismo, é pra mulher, sempre empurra pra mãe, pra mulher, mas eu acho que deveria sim chegar os homens, até pra abranger mais o lado masculino. Então, tem que ser visto de outra forma, eu acho. Não só mulher, mas sim os dois. Até porque a participação da fecundação é dos dois. Do homem e da mulher. Então eu acho que o importante é os dois” (ML14, 43 anos).*

Para a entrevistada essa falta se deve, em parte, ao machismo difundido. Essa ideologia sexista tende a sobrecarregar as mulheres, quando os homens, também, deviam ser partícipes tanto na igreja doméstica<sup>49</sup> quanto na igreja particular. Interessante atentar que, nesse caso, a entrevistada entrecruza três marcadores sociais para explicar a majoritariedade das mulheres na PC: gênero, regionalidade e religiosidade. Talvez, não tenha conhecimento do conceito interseccionalidade, mas fez uma análise com base nele, para explicar a complexidade dos “tráfegos” que constituem o fenômeno a que se refere.

## 5. VIA-SACRA DO COTIDIANO

*Em concreto, a salvação começa na própria experiência do que chamamos “cruz” ou “via-sacra do cotidiano”. É também o lugar de múltiplas ressurreições.*  
(Irmã Ivone)

Ser mulher é uma “maldição” (GEBARA, 2006). “Mulher é o mal que Lúcifer bota fé<sup>50</sup>” Com a condição de que, exercido seus ofícios, o mal pode vim a ser atenuado e a salvação celeste, porventura, alcançada.

<sup>49</sup> 1666. O lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. É por isso que a casa de família se chama, com razão, «Igreja doméstica», comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e de caridade cristã. (Catecismo da Igreja Católica). Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/p2s2cap3\\_1533-1666\\_po.html#ARTIGO\\_7\\_>](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap3_1533-1666_po.html#ARTIGO_7_>). Acesso em: 06 jun. 2017.

<sup>50</sup> Música Ave Dor Maria de Tom Zé.

Dentre as dificuldades enfrentadas, quando no processo de execução das atividades pastorais, as mulheres voluntárias narraram que (re)vivem uma peregrinação mensal (visita domiciliar<sup>51</sup>) sem retorno das famílias acompanhadas, especialmente das mães, no dia da celebração da vida<sup>52</sup>. E que, essa ausência desencadeia tristeza.

*A colaboração das mães das crianças. A gente vai, faz a visita, tudo, e na hora do peso, no meio de oitenta crianças, de oitenta a noventa, se ir é vinte, no máximo trinta crianças. Aí assim, a gente fica até triste. A gente faz a visita, conversa e na hora as mães não vão. A gente faz de tudo” (ML08, 38 anos).*

Observa-se, ainda, que não é esperada a presença dos pais na celebração da vida. As mães as recebem na visita, na maioria dos casos, são orientadas e encarregadas para levar os/as filhos/as no encontro mensal. Os homens, em sua maioria, quando não estão no espaço público, trabalhando, se recusam a participar tanto da conversa, durante a visita, quanto da celebração.

*“Na maioria das vezes quem recebe a gente é as mães, né? São mulheres também. Aí eu acho que...os homens, alguns tá trabalhando. Quando ele tá a gente pede: olhe, venha ouvir também. Mas é muito difícil ver o pai. Tem muitos até que se acanham e saem. Aí eu digo: pai, venha. Eles: não, não, converse aí com elas” (ML04, 37 anos).*

Outras lideranças tem que lidar com longos trajetos, para chegar às comunidades acompanhadas. Dizem que, apesar do cansaço e das intempéries, vale a pena o sacrifício.

*“O percurso. Assim de ida, que a gente não tem transporte. Meia hora, para chegar aonde eu trabalho, mais aí eu vou e rodo a comunidade todinha, né. De casa em casa. Aí, dificulta um pouco mas vale a pena. Por exemplo, a primeira casa fica próximo ao posto médico. Aí eu sigo, a gente vai e depois volta, novamente, o mesmo percurso” (ML04, 37 anos).*

Essa entrevistada caminha a pé, até chegar ao seu local de trabalho, localizado na comunidade de origem das famílias acompanhadas. Chegando ao seu local de trabalho, anda mais alguns minutos para chegar à casa da primeira família a ser visitada. Perguntei sobre os perigos ao longo do trajeto. - É perigoso? Ao passo que ela respondeu:

*“É. Mais ... daqui até chegar no posto não tem casa nenhuma. Mas, a gente vamos assim mesmo. Vale a pena. Faz medo não. Se fosse pra algo material a gente não ia em busca, porque... Graças a Deus nunca aconteceu nada, nem vai acontecer nada. As dificuldades é essas, só o percurso e assim, pra*

<sup>51</sup> Visita mensal às famílias acompanhadas.

<sup>52</sup> Reunião mensal das lideranças com as famílias acompanhadas para celebrar a vida das gestantes e das crianças.



*conseguir a questão de ajuda pra um lanche, uma coisa. Dificulta, mas a gente arruma, também. Tem umas dificuldadezinhas mas a gente consegue” (ML04, 37 anos).*

As dificuldades recebem tratamento diminutivo “*dificuldadezinhas*” diante a recompensa proveniente da busca do imaterial, espiritual, transcendental “*Se fosse pra algo material a gente não ia em busca*” Podemos pensar na influência daquilo que é transcendental no processo de ressignificação da luta diária. Influência essa que torna a vida mais leve e o fardo existencial menos pesado.

Ainda se tratando de longos percursos e dificuldades econômicas, essa outra entrevistada nos fala:

*“Eu acredito que a distância das comunidades. São quatro comunidades, aqui. A mais longe é uma meia hora andando. E, realmente, assim, aquele sol. Pra mim essa é a maior dificuldade. Aí vem também as dificuldades financeiras, né? Que é a questão do repasse. Nem todo mês vem. Aí você tem que ir atrás de doação. São essas coisas assim que pra mim ... a questão da distância e a questão dos recursos” (ML07, 19 anos).*

Contudo, as voluntárias buscam outros meios para que as atividades da PC não sejam comprometidas ante a insuficiência de verba. Tentam fazer o muito com o pouco.

Percebe-se nessas duas falas o problema financeiro enfrentado. A respeito disso, a PC notificou, em seu site oficial, que diante a conjuntura atual do nosso país, também foi atingida pela crise econômica<sup>53</sup>:

Mesmo não sendo uma instituição que visa a lucros, a Pastoral da Criança também foi atingida pela crise econômica que afetou diversos setores da sociedade... Além de um convênio com o Ministério da Saúde, o balanço financeiro da Pastoral da Criança é complementado por doações de empresas e pessoas físicas. Neste cenário de crise, o volume total de doações caiu.

Além dos reflexos da crise econômica, a PC enfrenta outro tipo de crise – a crise do voluntariado. Um entrave concreto, vivido e sentido pelas voluntárias da PC.

*“Nas pessoas que eu busco e não querem ajudar. Quando eu busco assim, por exemplo, essas outras que tinha, na comunidade X, na comunidade Y, e eu lutava, ia, conversava, eu dizia que dava todo apoio, que mesmo com todas minhas dificuldades eu vinha ajudar vocês e elas: ‘Ah, porque eu não posso. Por isso, aquilo...” Aí, a maior dificuldade é essa. Não encontrar pessoas que queira ajudar mais né. Porque se a gente for olhar “Ah, eu não posso porque eu trabalho” Todo mundo trabalha. Ninguém é desocupado. Será que eu não preciso? Eu preciso. Eu trabalho. Mas, quando chega o sábado: Hoje é dia de fazer a celebração da vida. Eu deixo o meu e vou. No*

<sup>53</sup> Solidariedade que se mantém em meio à crise. Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/noticias/24166-solidariedade-que-se-mantem-em-meio-a-crise>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

*domingo: “Ah, eu tenho que fazer uma visita ali em cima” Sim. Eu vou de manhã fazer as visitas às crianças e de tarde vou fazer visita ao enfermo. Porque eu tenho a legião e eu tenho obrigação de fazer visita ao enfermo, né. E aí diz ‘Ah, é porque eu trabalho’ Todos nós trabalhamos. Aí, nesse ponto, eu fico um pouco triste. Porque as pessoas não querem. Quando a gente tem boa vontade arruma tempo de tudo. ‘Ah, mas você não tem marido’ Eu não tenho, agora. Mas eu tinha meu marido e eu dava conta de tudo. As dificuldades são essas. O tempo que eu fico fora, quando eu chego em casa, de noite, eu vou trabalhar. Eu digo as meninas que o melhor horário pra eu trabalhar é a noite. Que eu trabalho mais (risos)” (ML06, 54 anos).*

*“Falta de líderes; falta de compreensão, muitas das vezes, das mães por não entenderem que faltavam voluntárias e que elas poderiam ser voluntárias” (ML13, 20 anos).*

Há, ainda, quem sofra violência doméstica para continuar atuando como voluntária. Essa fala ilustra bem esse tipo de ofensa. Para além disso, a entrevistada atribui valor à sua não desistência do projeto de salvar vidas outras - “eu sempre fui assim essa mulher guerreira”.

*“(...) tive dificuldade com o marido. Quando comecei na pastoral da criança, ele dizia que eu era rapariga do padre porque vivia na igreja (risos). E aí, mas eu não desisti. Eu sempre fui assim essa mulher guerreira” (ML10, 61 anos).*

A falta de incentivo e de valorização aliadas à ausência por parte das lideranças religiosas (os padres) também são sinônimos de problemas a serem enfrentados e de indignação, na cotidianidade da missão voluntária.

*“Pra mim, ele nunca chegou pra mim dizer não. Tem horas que a gente tá no salão paroquial. A gente pesa lá no salão. Às vezes ele chega: “Boa tarde!” Com aquele riso dele. “Boa tarde”. Eu: “Boa”. “Tudo bem?” “Tudo” Pronto! Ele sai e não volta mais. Se ele fosse outro, no dia de sábado, um dia de sábado, ele chegasse pra conversar com as mães lá, até que era uma boa ideia. Eu já disse a ele mas não tem jeito. Eu vou fazer o que? Eu faço o que a gente pode, né?” (ML08, 38 anos).*

Quando a entrevista diz “com aquele riso dele” dá a entender que o descaso por parte do pároco a incomoda muito. A ausência é sentida, principalmente, devido ao distanciamento dele para com as mães acompanhadas.

*“O padre acho que não tá dando muito valor a esse trabalho não (risos). Não. Acho que valoriza, mas acho que não há ponto... Porque do meu ponto de vista, não sei se eu tô certa, eu acredito que as pastorais sociais devam ser mais reconhecidas do que essas pastorais que financiam as festas paroquiais, entendeu? (risos) Que é só pra contribuir, pra ajudar. Por que a pastoral social... Deus disse: Ide e levai o evangelho a toda criatura. É... Pra que todos tenham vida e tenham vida em abundância. Então, se você doar um pouco do seu tempo pra uma pessoa, uma orientação pra uma*

*criança que tá precisando de uma ajuda sua, acho que vale mais do que você ficar o tempo todo em oração, oração, oração e ação nada, né?” (ML04, 37 anos).*

Na sua fala, essa entrevistada destaca a supervalorização de outras pastorais sociais, em detrimento da PC, na sua paróquia. E reconhece que o valor está na prática cristã.

*“O padre, ele até valoriza bem, reconhece bem o trabalho social. Só que eu também acho que eles reconhecem, mas também não faz nada pra ajudar. Eu acho ele poderia participar de uma celebração da vida ou até participar de uma visita. Tenho certeza que o pessoal ficaria bem contente, bem impressionado” (ML07, 19 anos).*

Reconhecer é diferente de ajudar. Para essa voluntária, mesmo o padre reconhecendo a eficácia da PC, ele não se envolve nas atividades desenvolvidas. E, mais, uma vez, insurge a denúncia do não envolvimento do padre com a comunidade local, fora da instituição religiosa.

*“Mais ou menos. Se dependesse dele, por ele, eu já tinha saído. Porque todo mês, quando eu faço a visita: “E aí padre, vai fazer uma visita?” Esses anos todos que eu participo da pastoral, nunca foi nenhum padre. Nunca, foi fazer uma visita. Eu sempre convido... “Ah, tenho que olhar na minha agenda. Vá lá na minha casa.” Então, assim, tem que tá sempre se humilhando. Aí eu acho, assim, desaforo. Ainda de ser humilhada pelas mães e também ser humilhada pelo padre. Aí, eu não convido mais não. E eu acho que ele não valoriza mesmo” (ML12, 42 anos).*

A ausência do padre no acompanhamento da atividade pastoral, mais uma vez é realçada. Para a líder é muito humilhante desdobrar vários convites ao padre, para que o mesmo a acompanhe em algumas visitas domiciliares, e desaforo, essa recorrência constante sem retorno. Nas lentes gebarianas, para algumas mulheres “a dominação masculina não é mais evidente nem inquestionável. Sua submissão aos homens, e dentre eles, os presbíteros, não é mais uma ‘sina’ da qual não se pode sair” (GEBARA, 2000, p. 103, grifo nosso). A recusa, da entrevistada, em fazer novos convites ao padre vai de encontro com a desabsolutização de normas e hierarquias patriarcais vigentes.

Essas falas nos fazem pensar na teocracia e na necessidade de sua superação para que a igreja do povo e para o povo seja materializada. E, nos direciona para a obra *O pensamento católico no Brasil*, onde Antônio Carlos Villaça nos apresenta uma memória, datada de 1900, do padre Júlio Maria<sup>54</sup>, um pregador liberal, que propôs a regra para a salvação do mundo, do ponto de vista social - a união entre a igreja e o povo. Na visão deste último, católicos/as e

---

<sup>54</sup> Ver VILLAÇA, Antônio Carlos. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

padres não devem se encastelar nos santuários, como o fazem muitos/as, mas lutar por causas sociais. Ante o comodismo do clero, Júlio Maria expressa sua revolta:

(...) O clero vive separado do povo. Quase que o povo não o conhece. O clero contenta-se com uma certa aristocracia de devotos. Quase a sua aspiração se reduz a ver os templos bem enfeitados, o coro bem ensaiado, e, no meio de luzes e flores, os paramentos reluzentes. Toda a atividade do clero quase que se resume nisto – festa para os vivos e pompas fúnebres para os mortos. (O Pensamento Católico no Brasil, 2006, pp.119-120).

Parece que, ao longo desses 117 anos, pouca coisa mudou. Ou, qualquer semelhança é mera coincidência.

Recorrendo à Doutrina Social da Igreja para averiguação da função dos padres na missão pastoral, encontramos:

539 Através das celebrações sacramentais, em particular da Eucaristia e da Reconciliação, o sacerdote ajuda a viver o empenho social como fruto do Mistério salvífico. Ele deve animar a ação pastoral no âmbito social, curando com particular solicitude a formação e o acompanhamento espiritual dos fiéis empenhados na vida social e política.

Pode ser constatado, através das falas das entrevistadas, que esse dever de animar a ação pastoral não tem sido exercido pelos sacerdotes.

No rol de dificuldades enfrentadas pelas líderes voluntárias, estão, ainda, os problemas de saúde. Contudo, as patologias que marcam os seus corpos não as impedem de ir ao encontro de outros corpos:

*“Às vezes, eu vou fazer a visita quase chorando fia, de dor na coluna, nas pernas. Mas eu vou. Não desisto” (ML12, 42 anos).*

O cansaço físico, também, é uma constante na experiência voluntária das mulheres líderes. E, esse cansaço é somado, ainda, ao cansaço resultante das atividades domésticas.

*“No dia mesmo, fica tão cansativo, porque eu vou fazer lanche. Eu que faço tudo. Sou de tudo a tudo. Aí eu vou limpar o salão. No dia mesmo da pastoral, minha casa fica uma zona, por que esse dia só é da pastoral. Outra coisa não. Quando eu chego, se as meninas tiver em casa, elas faz. Se não, quando eu chego, eu faço. Nesse dia mesmo, quando é dia da pastoral mesmo, só é da pastoral, não tem outra não, só é da pastoral” (ML08, 38 anos).*

O sacrifício de doação requer oração constante. Isto porque para as mulheres “a cruz não é só o sofrimento cotidiano, mas também a sua condição de mulher. E o cristianismo ensinou-lhes a suportar e acolher sua cruz, em vez de buscar meios de superá-la” (GEBARA, 2000, p.168). Diante as experiências das sucessivas cruzeiras (a tripla jornada de trabalho:

profissional, familiar e educacional; as atribuições na igreja) é preciso “muito jogo de cintura com Deus”...

*“(...) a gente tem que ter muito Deus, muito jogo de cintura com Deus, né, em relação à vida, se doar a Deus, pra poder ter discernimento e sabedoria pra tudo. Que difícil é. Principalmente se pegar muitos trabalhos da igreja. Aí fica difícil conciliar tantos e a casa, o trabalho, o trabalho da pastoral, o trabalho de igreja. Então, às vezes, fica difícil. Se não for Deus, todos os dias, em oração, chega a ser impossível” (ML14, 43 anos).*

A dimensão do martírio está na base da vida cristã, sendo essencial para que as/os fiéis leigas/os sejam seguidoras/es de Cristo. Para ser cristão é indispensável abraçar a cruz.

Falar em cruz, que inclusive não irrompe, de maneira literal, em nenhum momento nos discursos das entrevistadas, mas sua presença pode ser identificada, nos remete a algumas reflexões. Primeiro, nos múltiplos significados da cruz. A cruz como objeto de culto, símbolo de rememoração da crucificação do Cristo; a cruz como símbolo da redenção e da salvação; a cruz como símbolo da dominação. Numa perspectiva feminista, a crucificação do Cristo para salvar a humanidade é utilizada como meio de manutenção da submissão das mulheres e dos pobres. Contudo, como dizem por aí: Deus só dá a cruz que a gente pode carregar. O sofrimento do Cristo é utilizado como justificativa para o sofrimento imposto a essas pessoas, como recurso atenuador das injustiças cotidianas impostas e sofridas na carne. É um dever cristão imitar o Cristo. “Eis a legitimação de seu sacrifício e, em caso de desobediência, sua culpabilização” (GEBARA, 2000, p. 167). Mais adiante vocês poderão constatar a materialização dessa culpabilização na vida concreta das entrevistadas.

Pensar e refletir sobre a(s) cruz(es) das mulheres nos remete a uma obra representativa que causou escândalo à época. Era 1984 quando foi exposta, na catedral anglicana de Nova Iorque, uma crucificação da figura de uma mulher, Crista, pela artista cristã Edwina Sandys. Em meio ao escândalo, “esta obra de arte, cuja intenção era simplesmente representar Cristo (“anthropos” segundo o Novo Testamento) suportando em sua própria carne os sofrimentos das mulheres, foi considerada uma escultura pornográfica” (GEBARA, 2000, p. 172). O escândalo diante da nudez de um corpo feminino renderia muitas reflexões. A conformação do corpo esculpido, também. Mas não é a ocasião. Queremos, apenas, tomar a cruz das mulheres como elemento que conduz a salvação, e ressurreições cotidianas, provisórias. Pensando desse modo, “a ressurreição se torna antes de tudo algo que pode ser vivido e compreendido nos limites de nossa existência. Tentamos assim superar os discursos que concebem a ressurreição somente como evento depois da morte do nosso corpo individual” (GEBARA, 2000, p. 177). Uma mãe acompanhada, com a ajuda de uma líder pode ressuscitar

de uma doença, de um relacionamento abusivo; uma criança pode ter ressuscitado o seu direito de brincar... Ressurreições possíveis, vividas, encarnadas. Esperanças despertadas ante o caminho da cruz. O trajeto da sobrevivência. Mulheres líderes da PC: corpos concretos, cruzeiros carregadas, ressurreições (pessoais e coletivas) cotidianas...



Figura 29: Edwina Sandys. Christa, 1975. Bronze<sup>55</sup>.

## 6. MARIA: UMA MULHER A SER IMITADA.(.)(!)(?)

*Maria, nos guia, nosso caminhar  
Da vida, Maria, força de lutar  
Maria, sua vida, vem nos inspirar  
Mulher, Maria vem nos abraçar<sup>56</sup>*

Quando questionadas se Maria é um modelo de mulher a ser imitado pelas líderes voluntárias da PC, irrompem, nas respostas, as virtudes marianas elevadas pelo catolicismo romano. Há, pois, uma conservação do simbolismo materno construído e significado ao longo da história cristã, no imaginário das voluntárias entrevistadas. Maria é resgatada, quase

<sup>55</sup> Imagem disponível em: <<http://www.newyorksocialdiary.com/the-way-they-live/2011/edwina-sandys>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

<sup>56</sup> Música interpretada por Maria Gadú, para o documentário *Marias: a fé no feminino* de Joana Mariani (2015). O longa trata da fé mariana na América Latina. A diretora viajou pelo Brasil, Peru, Nicarágua, Cuba e México em busca de histórias de mulheres (Marias) devotas de Maria de Nazaré. Um filme que vale muito ser visto! Trailer disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n1nYflwqd14>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

exclusivamente, como o grande exemplo, a serva do Senhor, uma mulher humilde, mãe perfeita, esposa dedicada.

*“Eu acho que nós como mulher temos que se espelhar e ver o exemplo dela. Porque ela foi, é e sempre será o nosso espelho. Exemplo em tudo. Em tudo e em todo sentido. No respeito, no educar e no ensinar... a ser religioso, a respeitar o próximo e ensinar os caminhos de Deus, porque se não for assim, minha fia, as coisa não anda” (ML06, 54 anos).*

Maria torna-se o símbolo de mãe, a quem se recorre nos momentos de aflições humanas. Eis o legado da tradição:

Maria de Nazaré torna-se mãe da humanidade desde que seu filho único é arrancado de seu convívio pela perseguição, crucifixão e morte ou por vontade de Deus pai. Ao perdê-lo, segundo a tradição, ela ganha toda a humanidade como filhas e filhos para cuidar. Ela sai de um exclusivismo em relação ao seu filho único e entra numa perspectiva mais universal. Inaugura-se assim outro tipo de maternidade que foge aos padrões culturais vividos pelas mulheres, visto que se transforma em mãe divina. Nesse sentido, Maria se distancia igualmente da figura de Eva, a mãe dos viventes, pois esta, de fato, é expressão da condição humana limitada e pecadora. (GEBARA, 2009, p. 20).

Maria torna-se uma figura poderosa, nos moldes, porém, da cultura patriarcal vigente. Segundo Ivone, “Maria é resgatada como a grande projeção materna da sociedade patriarcal cristã. Mãe idolatrada, amada, venerada, cuidada apenas no papel de mãe e mãe segundo um modelo idealista e hierárquico, para além das mães reais” (GEBARA, 2009, p.21). Por ter sido dessexualizada, a mãe celeste doa-se para atender aos pedidos dos/as seus/suas filhos/as da terra. Estabelece-se uma relação materna imaginária. Uma relação consolidada pelas devotas e pelos devotos da mãe santíssima.

*“Maria, ela é a mãe dessa nação, dessa obra, de tudo isso. Ser doce, como ela foi, exemplo, na família. Vejo ela como base da família, das mulheres” (ML02, 48 anos).*

O magistério da igreja se encarregou de afirmar Maria como mulher, virgem e mãe. E, “estes três tributos ou identificações de sua pessoa parecem ser os mais indiscutíveis, particularmente na tradução católica romana” (GEBARA, 2009, p.12). Trata-se de características firmadas a partir de uma chave de leitura que despreza a sexualidade de Maria, enaltecendo sua submissão a Deus pai e filho e espírito santo. Partindo desse princípio, ela não pertence a si própria, mas ao Deus criador. Sobre essa dependência Mariana, a doutrina social da igreja proclama:

59. Maria, totalmente dependente de Deus e toda orientada para Ele, com o impulso da sua fé «é o ícone mais perfeito da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos». (Doutrina Social da Igreja).

Maria: um espelho para as mulheres; um protótipo para a definição de suas identidades; uma mulher para ser cultuada e venerada; um caminho para a salvação.

*“Com certeza. Maria é um exemplo de mulher, de mãe, né, que... Então, eu acho que ela é uma referência como mulher pra gente e é um modelo a ser seguido, porque ela foi a mãe de Jesus, porque ela foi, pela conduta dela. Uma conduta de mulher íntegra, mulher honesta, religiosa” (ML11, 33 anos).*

*“Por ela ter sido uma pessoa simples, humilde, uma pessoa que acolheu o sofrimento de Jesus, é isso que devemos fazer com as famílias, acolher o sofrimento do próximo” (ML05, 45 anos).*

*“Eu peço a Jesus todo dia que eu seja igual a ela. Peço a ela que me ensine a ser humilde igual a ela. Quando a gente tá em reunião fala muito de Maria, do sim que ela deu. Nas minhas orações, eu peço muito a ela: Me proteja e me faça humilde. Porque Maria foi tão humilde. Essa palavra eu fico tão assim, que quando eu tô assistindo que alguém fala: “Seja humilde.” Aí, eu fico pedindo: Meu Deus, eu quero ser humilde. Se for alguma coisa, mesmo que eu não queria senhor, se for da sua vontade, eu quero servi-lo. Eu acho que por aí, em outras comunidades, tem muita líder que segue, também. Não segue ao pé da letra, mas que tenta fazer o possível, pra seguir o modelo que Maria foi” (ML09, 26 anos).*

Uma entre todas foi a escolhida para ser o exemplo a ser imitado pelas não escolhidas. O catolicismo delimita algumas características de Maria, enaltecendo-as e as encerrando numa caixinha de protótipos femininos, em detrimento de outras características relacionadas a seu protagonismo e a sua coragem, por exemplo. Acontece que, "o mito de Maria, na realidade, pouco ou nada tem a ver com a Maria de Nazaré histórica. Além disso, ao invés de promover a igualdade entre as mulheres e homens, este mito tem servido para impedir as mulheres de se tornarem plenamente independentes, como seres humanos integrais" (TOMITA, 2006, p. 153).

Uma das nossas entrevistadas assim se expressou: *Eu peço a Jesus todo dia que eu seja igual a ela.* Percebe-se que, embora ela venere Maria, tem ciência do quanto está distante do seu protótipo. Contudo, na ânsia de consumir essa aproximação, ora a Deus para que seja como a Santíssima mãe de Jesus, consiga imitá-la conforme os ensinamentos cristãos católicos.

Ser humilde, conforme Maria de Nazaré, ao que parece, não é tarefa fácil de alcance *“Eu acho que por aí, em outras comunidades, tem muita líder que segue, também. Não segue ao pé da letra, mas que tenta fazer o possível, pra seguir o modelo que Maria foi” Segundo*



Fiorenza, de fato, a mariologia da corrente predominante masculina prega um modelo de mulher que mulheres comuns não podem imitar. Cogita ela: “Maria a serva do Senhor, pura e humilde, que se doa por completo e mãe paciente cheia de tristezas, é pregada às mulheres como o modelo que deve ser imitado, mas nunca poderá ser alcançado” (FIORENZA, 2009, p. 29).

*“Com certeza. É o único grande exemplo, grande exemplo. Tem muitos outros exemplos, das santas, mas Nossa Senhora, sem dúvida nenhuma, é o grande exemplo, grande exemplo de mãe, grande exemplo de esposa, grande exemplo de mulher. Ela é grande, nesse lado feminino, em tudo, em primeiro lugar. Sem dúvida nenhuma ela é a pioneira, né, de tudo em relação à mulher, né. E na pastoral da criança, não seria diferente. É, realmente, a primeira e o melhor exemplo que temos” (ML14, 43 anos).*

O “único grande exemplo” parece envolver alguma lógica de supremacia em torno da imagem de Maria. Essa organização linguística parece destacar uma superioridade divina em contraposição de uma inferioridade humana. Mercedes Brancher desenvolve um exercício hermenêutico, que apresenta essa mesma lógica suposta, na ocasião do encontro entre Maria e Isabel relatado no evangelho de Lucas.

No relato da visitação, Lucas evidencia Maria de Nazaré como a bendita entre todas as mulheres (Lc 1, 42). A linguagem que evidencia a superioridade da Maria em relação a Isabel é típica da perspectiva kyriarcal e androcêntrica de Lucas. Esta linguagem reforça a desigualdade entre as mulheres, a partir de uma concepção hierárquica de importância. Esta prática só interessa ao kyriarcado patriarcal, porque nos mantém divididas. É necessário manter sempre um olhar crítico sobre a linguagem hierárquica e colonialista, porque fortalece a desigualdade, estimula a competição e destrói a solidariedade. (BRANCHER, 2009, p.64).

Aquilo que aponta para dimensão do divino parece maior, mais importante, desejável, mas “separado” das experiências humanas, daquilo que cheira a ordinário. Por outro lado, quando nos voltamos para o episódio da chegada do anjo de Deus até Maria tem-se uma experiência relacional do divino com o humano. Aqui, diferentemente da ocasião da visitação, “o relacionamento do divino com o humano, expresso no encontro do anjo com Maria, não se pauta pela superioridade e inferioridade, mas pela semelhança, pelo frente a frente, face a face” (BRANCHER, 2009, p. 69). Essa dimensão precisa ser resgatada para que o divino contido na experiência vivida seja resgatado e, seja conferida dignidade a toda criatura humana, o bem comum. Nas palavras de Mercedes: “A proposta libertadora de Deus passa pela mediação humana, Maria de Nazaré. Hoje, é através de nossos corpos de mulheres e homens que deus se manifesta e é reconhecido na história” (BRANCHER, 2009, p. 70). E o

verbo se faz carne, na carne das líderes voluntárias que vão ter com os rostos/corpos sofridos das pessoas mais necessitadas, marginalizadas. “É no agir cotidiano dos humanos com suas boas obras que o divino é conhecido e o seu reino é proclamado” (BRANCHER, 2009, p. 70).

Por outro lado, a fala abaixo se constitui numa elaboração “desviante” daquilo que foi instituído a cerca do simbolismo mariano. Desviante no sentido de romper os códigos culturalmente aceitos no universo das devoções marianas populares e ancorado na manutenção de um cristianismo patriarcal. Observou-se que, ao revelar aquilo que contraria a ordem estabelecida, a entrevistada portou-se inquieta, desconfortável, tímida, titubeando entre sorrisos envergonhados. Foi possível perceber, ainda, um certo cuidado na escolha das palavras a serem usadas, palavras em doses homeopáticas. Talvez, isso tenha ocorrido porque “as instituições religiosas muitas vezes desenvolveram em nós esse medo e aprisionaram a nossa capacidade de pensar criticamente ‘as coisas da nossa fé’” (GEBARA, 1994, p. 09).

*“Até um certo ponto sim, né? Mas acredito que, Maria...Ai meu Deus...(risos tímidos/contorções corporais)...Maria foi muito submissa, né, à vontade de Deus e eu acho que na pastoral a gente não pode ser tão submissa a situações. Se não, vai hora que você vai parar. Não vai aguentar. Tem um momento que você tem que ir contra, entendeu? Mas fora isso... Fora a submissão, Maria foi obediente, né? A gente também tem que saber ser obediente na medida certa” (ML07, 19 anos).*

Essa sugestão de *não poder ser tão submissa*, direciona, talvez, para uma vontade de ressignificação da mariologia hegemônica. Essa possibilidade vai de encontro com a proposta, de dissolução da mariologia kyriarcal<sup>57</sup> e estabelecimento de um discipulado de iguais<sup>58</sup>, desenvolvida por Elizabeth Fiorenza.

Conforme afirma a cientista da religião Mercedes Brancher, a mariologia hegemônica está sob o controle do “senhorio masculino” e esta centralidade vai de encontro com o objetivo de institucionalizar e naturalizar atitudes de obediência, submissão e inferioridade do feminino ao masculino. As faculdades de teologia católica romana, também não se eximiram dessa tarefa, quando monopolizou a produção literária e o magistério, configurando-os empecilhos no processo de libertação das mulheres. (BRANCHER, 2009, p. 61).

---

<sup>57</sup> Tratamos desse conceito na introdução. Maiores detalhes ver FIORENZA (2009, p. 28).

<sup>58</sup> Teóloga e professora de Novo testamento, Fiorenza propõe uma nova leitura bíblica, a partir de uma hermenêutica da suspeita e da imaginação, que atente para a problemática construção de paradigmas androcêntricos e a relevância de um discipulado de iguais, para a construção de sociedade baseada na justiça e no amor. Argumenta ela: discipulado seria “seguir uma grande liderança ou uma ideia e visão imperativa” Para o que ela quer resgatar, esse igual “não significa ser idêntico, mas significa que na nossa diversidade todas as pessoas temos igual valor e dignidade” Em síntese, discipulado, para essa chave de leitura, não deve significar seguir algum grande líder, mas seguir e colocar em prática uma visão, como o fez Jesus, entre muitos, no discipulado comunitário de iguais, uma visão prática de encontro ao reino de Deus.

## 7. ELAS METATAMORFOSEARAM...!

Nesta seção apresentaremos o que mudou na vida das mulheres entrevistadas depois que elas passaram a ser parte da rede de solidariedade. As histórias-testemunhos que seguem estão separadas por tópicos que resumem o núcleo em torno do qual ocorreram as mudanças narradas. Embora as mudanças mais amplas estejam de encontro com a experiência religiosa vivida no interior da ação, algumas mudanças enveredam por outros campos.

- a) Sentimento Religioso;
- b) Bençãos de Deus;
- c) Realização pessoal;
- d) Gratidão e Paciência;
- e) O abandono do profano;
- f) O mal de não ter sido uma boa mãe.

### a) Sentimento Religioso

Para as entrevistadas, depois da experiência voluntária, o jeito de encarar o mundo e as pessoas marginalizadas vai sendo modificado. Elas tendem a reavaliar julgamentos alheios, a encontrar o Cristo no rosto dos mais pobres e injustiçados. Maria José Rosado Nunes, ao longo de suas contribuições reflexivas<sup>59</sup> para o Café Filosófico<sup>60</sup>, toca na relação entre crença e conduta pessoal. Dizia ela: “Para uma grande parte da população, as crenças religiosas, elas fazem parte da maneira como as pessoas conduzem suas vidas” vejamos como essa relação se estabelece no campo experiencial do voluntariado da PC.

*“Você começa a ver as coisas de outra maneira. Eu vejo na pessoa, o rosto de Deus. Isso mudou muito. Nem me lembro se eu era de julgar as pessoas. Mas eu tinha um preconceito horroroso. Hoje eu não tenho mais. Com quinze anos eu achava uma coisa absurda uma mulher casar grávida. E hoje, pra mim, é normal. Muitas coisas passou a ser normal. A gente aprende que quem julga é Deus. As pessoas passam por aquele caminho porque o destino tá traçado. Mudou muita coisa. Eu passei a ser mais humana. Olhar as coisas sem maldade, entendeu? Aceitar minha vida, do jeito que Deus me deu. Dentro da pastoral, eu aprendi isso tudo. Aprendi a ser gente. Sou o que sou hoje, devido o trabalho da pastoral que me levou a ser uma pessoa mais frequente na minha igreja. Eu era muito tímida. Não falava. Nem abria a boca. Na pastoral, comecei a falar, tive que falar né? (risos)” (ML01, 61 anos).*

<sup>59</sup> Feminismo e religião. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kFpLZC8tNS0>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

<sup>60</sup> Programa televisivo brasileiro, fruto da parceria entre o Instituto CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz) e a TV Cultura, que visa compartilhar as ideias de grandes pensadoras e pensadores contemporâneos.

*“A questão religiosa mais ainda. Do sentimento pelo outro. De querer me dedicar mais pelo outro. Eu era uma pessoa que ficava muito em casa” (ML02, 48 anos).*

*“Tá melhorando (risos). Pra o que eu era. Tá bem melhor. Eu era bem bocózinha. Agora tá bem melhor” (ML06, 54 anos).*

Depois da PC a voluntária assume o hábito de falar em público, dada a necessidade de orientar as famílias acompanhadas durante a visita mensal e na ocasião da celebração da vida. Desse modo, o seu envolvimento na ação lhe proporciona modificações identitárias, também. De tímidas tornam-se comunicativas. Além disso, elas saem do seu ambiente doméstico e vão ter com outros ambientes e outras pessoas. Assim, a PC, estimula a saída das mulheres voluntárias de suas casas, dos seus espaços privados, dos seus afazeres domésticos. Apesar de ser uma saída extensionista, uma vez que as atividades desenvolvidas na PC são, em certa medida, aquelas desenvolvidas no ambiente do lar, a saída marca sua inserção no ambiente público de maneira diferenciada. Uma nova forma de encarar o mundo e as relações humanas são gestadas.

#### b) Bençãos de Deus

Para essa entrevistada, seu ingresso na PC lhe trouxe alguns retornos divinos. Algumas portas foram abertas depois de ela ter atendido ao chamado de Deus para a missão pastoral. Nesse caso, Deus aparece como aliado no caminho para a realização pessoal e profissional. Uma força, um socorro que vem do alto.

*É, eu recebi várias bênçãos, assim. Eu consegui fazer uma entrevista de emprego, mas ainda não fui chamada. Mas é uma bênção de Deus. A minha amília, também, me apoia bastante. Recebi várias bênçãos de estudo. Até passei no vestibular de lá da UNIT mas não tinha como financiar, aí eu desisti. Mas, eu tô continuando, quem sabe nesse ENEM desse ano eu não tiro boa pontuação e não passo” (ML03, 21 anos).*

Nas lentes gebarianas, “esses seres especiais não podem ser simplesmente a imagem e a semelhança de minha pobreza e de minha falta de poder. Esses aliados precisam ter o poder que não temos, a força que não possuímos e os meios de que não dispomos” (GEBARA, 2000, p. 61). O meio popular recorre a essas forças sobre-humanas para sentir amparo e

consolo antes às adversidades cotidianas. Essa esperança religiosa integra, também, a cultura da pobreza.

### C) Realização pessoal

Ajudar ao próximo, diz a entrevistada, desperta-lhe as sensações de felicidade e realização. Ajudar o próximo corresponde a compensar a vida difícil que ela teve.

*“Eu mim sinto mais feliz. Por saber que posso fazer alguma coisa pelo próximo. Se não é tudo que eu posso fazer, mas algum pouco eu já tô fazendo. Como meu sonho era de cuidar de crianças, criança, assim, abandonada, de idosos, de cuidar. Como eu não posso, na pastoral da criança é uma maneira de ajudar, né (...) Eu me sinto feliz. Eu acho que me sinto mais feliz na minha vida, porque minha vida não foi fácil. Através de cuidar das crianças, assim, na pastoral, eu mim sinto um pouco mais realizada” (ML06, 54 anos).*

Sentir-se útil também é uma sensação desencadeada pelo trabalho voluntário. A utilidade relaciona-se, inclusive, como forma de agradecimento a Deus pelas bênçãos emanadas. Observe-se que, atuando na pastoral, além de se sentir útil, a entrevistada teve acesso a uma cadeira do Conselho da Criança e do Adolescente, em seu município. Essa participação política lhe forneceu, certamente, algum empoderamento e marca sua investidura na dimensão pública e social, um extrapolamento do “ambiental tradicional das mulheres”, o ambiente doméstico.

*“Eu me sinto uma pessoa melhor. Como eu disse, eu me sinto uma pessoa mais útil. A gente coloca em prática a solidariedade. Isso é muito bom, né?! A gente tem que cumprir nosso papel de cidadão. E, eu acho que agente tem tá fazendo isso. Eu me sinto uma pessoa muito abençoada. Sou muito grata a Deus. Tenho saúde, tenho meu emprego, tenho minha casa. Então, eu acho que isso é o mínimo que eu posso fazer. E é uma coisa que gosto de verdade, de verdade mesmo; de visitar as famílias, principalmente as carentes(...)Eu participei do conselho da criança e do adolescente porque era voluntária da pastoral” (ML11, 33 anos).*

Ser voluntária da PC pode influenciar, ainda, a superação de problemas pessoais. No caso abaixo, a entrevistada relata seu drama enquanto mãe de um adolescente usuário de drogas e o medo de outros jovens percorrerem o mesmo caminho trilhado pelo seu filho. Investir na formação das crianças, para ela, se constitui numa forma de livrar a mãe de situações problemáticas futuras.

*“A pastoral entrou na minha vida na hora certa. Deus mandou, sabe. Porque eu tava enfrentando um problema muito grave na minha casa, com meu filho. Quando eu descobri que ele era usuário de droga, então fiquei no fundo do poço... E... então...eu pensava até de fazer besteira, sabe, na minha vida (...)A partir do momento que eu comecei a trabalhar com criança eu mim sinto tão feliz, mais leve. Mas, através dessa questão, do meu filho, mesmo é que os filhos dos outros me levanta(...)E assim, o que eu passo, eu não quero que as outras mães passem. Então eu fico me aproximando mesmo. Dou muito conselho. E converso com as criança” (ML12, 42 anos)*

#### d) Gratidão e Paciência

Há quem passe a agradecer pela vida e pela família quando se depara com duras realidades vividas pelas famílias acompanhadas. O contato com essas realidades modifica também características emocionais. A virtude da paciência, por exemplo, é incorporada à vida da agente voluntária devido ao seu exercício de escuta nas visitas domiciliares, por exemplo. Depois, esse autocontrole influencia também na sua relação intrafamiliar.

*“Com certeza, eu passei a ser uma pessoa mais grata, pelas coisas que eu tenho, vendo a situação das famílias. Mudou... acho que esse foi o ponto mais importante e também aumentou minha paciência. Você ter paciência de chegar na casa, ouvir o problema que aquela família tá passando, que as vezes a gente vai, vai fazer a visita tão carregada e sai tão leve, né?” (ML07, 19 anos).*

*“Mudou muito. Eu não tinha paciência. Depois que eu entrei foi que eu fui ter paciência com minhas filhas. Paciência eu não tinha não. Aí eu começava a me estressar. Aí, assim, quando a gente vai cuidar dos filhos dos outros é que a gente vai dar valor ao que tem em casa. Aí, quando eu entrei foi que eu fui assim prestando atenção nas minhas filhas e tudo. E hoje, não vou dizer que tô cem por cento, mas pelo menos oitenta por cento pra noventa, eu mudei bastante” (ML08, 38 anos).*

#### e) O abandono do profano

Antes, uma pessoa do mundo, depois da PC uma pessoa a serviço de Deus. Um trânsito do profano para o sagrado. Segundo a entrevistada, o abandono de uma vida de prazeres momentâneos. Enquanto narrava seu testemunho, acariciava um terço que trazia envolto em suas mãos.

*Meu testemunho está na pastoral da criança. Antes de eu entrar na pastoral da criança, nessa rota, eu tava uma pessoa, assim, do mundo, festas, não ia pra igreja, não fazia voluntário nenhum. Era uma pessoa do mundo. Até*

*quando uma colega minha me ligou, me lembro como hoje dessa ligação e ela: S.G.S., vamos voltar a pastoral da criança? Aí, eu olhei assim e disse: Vamo. Ela disse: Bora. Vamo marcar uma reunião. Vamo ligar pras meninas que já era. Pronto. Depois que comecei com pastoral da criança, se dissesse assim vai ter uma festa em tal canto e vai ter reunião da pastoral da criança. Eu pensava duas vezes. Eu dizia: vou pra festa. Tá, quando chegou a hora, eu vinha era pra pastoral da criança. Muitas das vezes eu dizia: Senhor, não me deixe ir pro mundo. Eu quero te servir. Eu quero ir pra pastoral da criança. E hoje eu tô aqui” (ML09, 26 anos).*

f) O mal de não ter sido uma boa mãe

Fica evidente, através das falas seguintes, que uma das contribuições da PC consiste no ensinar as mulheres a serem mães, ou melhor, boas mães. E, se depois de ter acessado esses ensinamentos, as líderes voluntárias descobrem que não foram boas o suficiente, advém, da falha, uma culpabilização pessoal que recorre, inclusive, às forças do alto para se redimir do pecado. Sem dúvida, a PC favorece a tessitura de uma identidade simbólica do ser mulher/mãe a partir dos seus princípios bíblico-formativos.

*“(...) eu fui ver quando eu conheci a pastoral muita coisa. Se eu tivesse sido acompanhada pela pastoral muita coisa seria diferente. Apesar de eu ter sido mãe com 29 anos, mas, muita coisa eu não sabia, até porque perdi minha mãe cedo, com seis. Com seis anos eu perdi a minha mãe e minha irmã de 15 quem criou. Então, ela não teve muito pra passar. Então, por ser mãe, o meu lado mesmo maternidade, se eu tivesse conhecido a pastoral antes, muita coisa seria diferente. Então, mudou muito assim, por dentro, nos atos, em tudo, na pessoa, aprendi muito mais, foi outra pessoa. Fui uma pessoa, e hoje sou outra com conhecimento e muita aprendizagem...Como ser mãe, como ser mãe desde bebê, desde feto, desde o feto, porque desde ali, do primeiro dia que há aquela união espermatozoide com óvulo. Então, ali naquele dia já forma um ser e ali já precisa ser trabalhado. Eu acho que a partir dali já precisa ser trabalhado. Então, a pastoral me ensinou mais dessa relação que eu não conhecia tanto, talvez pelo histórico de não ter tido mãe” (ML14, 43 anos).*

Perguntei se ela se culpava por ter assumido esse perfil de mãe, outrora. Ela:

*“Me culpo assim, eu acho que eu fui muito dura com ele, numa fase que eu não deveria ser. Ele hoje tem catorze. Mas na fase de bebê que devia ser mais amável e dócil. Tudo por questões, históricos de vida, então eu, firmei em mim certas ações e atitudes. Então, eu vejo, pra mim, eu errei. Já tive até orações com Deus me mostrando coisas. Que eu deveria tirar isso. Que as vezes é o mal que coloca né, não é a gente. É ele que coloca. Mas, mesmo assim, preciso mais trabalhar isso em oração” (ML14, 43 anos).*

A próxima entrevistada também se reconhece como uma mãe que não soube ser mãe. Tais convenções há de se convir, não surgem por geração espontânea<sup>61</sup>, mas são modeladas no interior de relações humanas com a influência de poderes exercidos.

*“(...) Depois da pastoral eu mudei muito (...) Eu não soube criar meus filhos porque foi antes da pastoral, eu não vou mentir. Eu batia muito. Eu tenho uma menina que ela apanhou tanto. Mas eu não sabia. Depois que eu entrei na pastoral foi que eu vim saber criar um filho. Dar o amor no ventre materno, conversar, acariciar. Vim aprender tudo na Pastoral da Criança. Como cuidar da família. Porque a paz começa em casa e se não tem paz nada vai pra frente. Quando eu fui entrar na pastoral o meu mais novo já tinha seis anos” (ML10, 61 anos)*

A religião, assim como outras instâncias sociais, utiliza-se das mais variadas pedagogias para reiterar identidades, discursos e práticas hegemônicas. Por outro lado, demoniza ou nega identidades, discursos e práticas subversivas. E é, justamente, “através de múltiplas estratégias de disciplinamento, que aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle” (LOURO, 2007, p. 27). Trata-se de uma ferramenta própria das instâncias do poder para “fabricar” sujeitos a seu bel prazer.

“O dolorismo e a culpabilização exagerada foram meios frequentemente utilizados para manter as consciências pouco esclarecidas, dominadas pela impossibilidade de mudar as relações. A culpabilização é um ‘instrumento’ poderoso para gerar remorso de consciência, mas comumente pouco útil para a mudança concreta das relações entre as pessoas” (GEBARA, 2000, p. 174).

...

Além de relatarem mudanças pessoais, as mulheres entrevistadas relatam, também, situações em que, de alguma forma, elas modificam as vidas daquelas que são acompanhadas. O próximo relato nos mostra como isso se efetiva na prática cotidiana.

*A gente tenta dar uma de forte, orientar elas, mas no momento assim, a gente fica triste. Tenta conversar com elas, pergunta assim, orientar elas buscar os direitos delas, o local aonde ela deve ir e falar, ela não vai dizer que foi ela. Falar o que tá acontecendo, procurar a delegacia, a gente orienta assim. Algumas diz que tem medo porque a questão da casa, dos filhos, é...tem medo da separação. Eu digo: mulher, o fato não é a separação, ou viver ou ... mas tem mãe, tem mulher que fala assim: ‘Ah, ele pai dos meus filhos, eu tenho que aguentar, porque tá dando de comer’ Eu digo, não existe isso não. São mulheres que não trabalham, que não tem um apoio da família ou até mesmo a família não tem condições. Porque eu já vi*

---

<sup>61</sup> Grosso modo, trata-se de uma teoria do século XVIII, conhecida como teoria da geração espontânea ou teoria da abiogênese, que afirmava a possibilidade de surgimento de seres vivos a partir da matéria bruta.



*mãe dizer assim: Ah, minha mãe me quer mas não me quer com meus filhos. E aí, pra uma mãe, aí ela diz logo: Sozinha eu não vou. Deixar os filhos. Então, a gente tenta, assim, orientar, dizer a elas que busquem os direitos delas. Que vá procurar os direitos delas. Até teve um fato hoje que, eu não sei se ela tem medo de dizer, mas a gente conversava, orientava, dizia a ela que rezasse pelo marido, pedisse a Deus sabedoria, que mudasse também, a forma de falar com o marido, que hoje ela disse que ele não topa mais a mão nela de jeito nenhum. Eu disse, também: tome uma posição, como mulher. Diga que você vai denunciar. Vai procurar os seus direitos. E ela disse que, hoje, ele, assim, nas palavras é grosso, ainda, mas ela disse assim que topar a mão, ele não topa mais de jeito nenhum, porque ela disse que um dia ameaçou mesmo. Ameaçou, disse que ia dar parte: Olhe eu vou dar parte, tem a delegacia da mulher, tem a lei não sei o que (risos), tem a lei Maria da Penha. Aí eu disse, só não fale que foi a gente que disse, né, que orientou. E ela disse que serviu. Ela disse: olhe, briga, mas não topa a mão em mim. Então, pra mim, é uma conquista já, uma dizer que, não que seja muitas, porque assim, na comunidade toda, assim, tem algumas famílias que mora na comunidade, mas que são acompanhadas por mim, mesmo, só são catorze. Assim de um fato mesmo, da violência mesmo, de agressão, só tinha uma. As outras eram palavras, verbal ou então a violência do abandono. De não se sentir amada, de não sentir... a falta de carinho, né. Essa que sofreu agressões... me disse ela que não sofre mais. Mais eu acredito, porque antes ela reclamava muito. Toda vez que a gente chegava lá ela reclamava. E agora: 'não mulher, graças a Deus, topar não topa mais não' E sinto, assim, que realmente... e se for mentira, eu vou descobrir (risos)" (ML04, 37 anos).*

Percebe-se, através dessa narrativa, que existe uma influência indireta do feminismo na vida de mulheres que não tiveram acesso às elaborações feministas. É inegável que a relevância desses movimentos, sobretudo nos últimos 40 anos, desencadeou mudanças não somente no interior das próprias organizações, mas na sociedade como todo. Tais mudanças possibilitaram que mais mulheres tivessem consciência de seus direitos civis, políticos e sociais. Essa dispersão das pautas feministas se deve, em parte, aos meios de comunicação. Basta ligar a televisão que nos deparamos com o infeliz noticiário de mulheres que foram agredidas ou mortas pelos seus parceiros e com os discursos em torno do termo feminicídio e da Lei Maria da Penha. Algumas vezes as informações são apresentadas de maneira equivocada, distorcida, mas de algum modo toca-se no assunto. Há alguns meses, estava conversando com minha avó, de setenta anos de idade, e ela me falava com indignação desses dados, visualizados por ela na televisão, e refletia: “Esse negócio de machismo é triste. Os homens pensam que são donos das mulheres” As informações vão sendo repassadas, também, no cotidiano, a partir da oralidade, em rodas de conversas informais e assim a “boa nova” vai sendo anunciada mundo afora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*... para que a vida em abundância não seja escrava  
dos dogmas e dos impérios do passado e do presente.*

*(Irmã Ivone)*

A igreja católica romana, dado o seu potencial simbólico, pode tanto conformar relações assimétricas de gênero, legitimando-as, como pode, por outro lado, superar relações que envolvem submissão e violência, a partir de discursos e práticas pautados no protagonismo e libertação das pessoas, sem distinção de sexo/gênero. Nessa pesquisa, a primeira assertiva ganhou destaque, embora sejam identificadas, dentre as narrativas das entrevistadas, situações que dizem respeito à segunda. Partindo desse duplo contraditório, a título de conclusão, teceremos algumas observações gerais que relacionarão a influência doutrinária do catolicismo na “fabricação” das identidades femininas e as análises dessa pesquisa.

Nossas "conclusões" referem-se à "realidade" específica, da arquidiocese de Aracaju/SE. Isso impossibilita ampliarmos nossas constatações para a PC como um todo. Mas, uma conclusão pode ser ampliada, a de que a dinâmica teórico-prática da PC, poderá estar relacionada, além do que ela tem instituído em seu estatuto, pela postura assumida pelas lideranças comunitárias.

Um processo de ressignificação de valores, discursos e práticas religiosas, no interior da própria organização religiosa e social, acreditamos, está distante de ser concretizado ou nunca o será. As duas possibilidades são plausíveis. Nesse sentido, essa pesquisa, não garantiu retornos imediatos à comunidade pesquisada, mas sinalizou e isto reforça, aquilo que alguns estudos já vêm alertando, a necessidade de mudanças epistemológicas no campo do catolicismo e da PC para a concretização de relações igualitárias e o estabelecimento de um reino de justiça. Somente assim as mulheres líderes entrevistadas poderiam ser, indiretamente, beneficiadas.

A partir desse estudo, pode-se inferir que a PC, estando amparada nas diretrizes gerais da CNBB, tende a sustentar convicções morais e religiosas tradicionais, como a valorização

do modelo da família cristã<sup>62</sup>, a maternidade enquanto parte da “natureza feminina” e a manutenção das disparidades de gênero, como consequência das duas convicções primeiras. *“Que Deus me conceda sempre essa serva dele”*. *“Toda mulher nasce com o instinto maternal”*. *“As mulheres é pra tudo”*.

Mas, é a partir da PC, também, que algumas mulheres líderes rompem a prisão doméstica e acessam um mundo além do familiar: *“Eu era uma pessoa que ficava muito em casa”*. *“Participei do Conselho da Criança e do Adolescente porque era voluntária da pastoral”*. *“Foi através da pastoral da criança que eu consegui ser agente de saúde”*. Uma mudança de visões começa a ser processada: *“Se você mudar um pouquinho do ritmo, que sai daquele ritmo que você tinha e vê o ritmo dos outros, você muda”*. Uma nova compreensão do mundo vai sendo gestada: *“Eu era bem bocózinha”*. *“Se tem muito receio do homem participar, um machismo”*.

Além disso, elas acessam conhecimentos e relações humanas que modificam suas vidas, seus corpos, seus sentidos, suas crenças. *“Eu não estudei. Quando eu peguei na pastoral da criança o guia do líder, ele tem umas letras muito, assim, grande, que como eu aprendi a soletrar, naquele tempo, aí eu também fui pegando prática, fui aprendendo mais ainda”*. *“Pastoral da criança pra mim foi tudo”*.

As mulheres líderes, concluímos, tendem a transitar por dois mundos: o mundo das tradições patriarcais e, em paralelo, o mundo dos desejos democráticos que são descortinadas face às experiências vividas. A revelação dessa tese encontra-se nos testemunhos ouvidos - mesmo estando “presas” a um sistema de dominação patriarcal, “confinadas” a lugares tradicionais, experimentando sentimentos de culpabilidade e embebedas da virtude cristã da obediência, as líderes voluntárias assumem, por outro lado, funções que lhes garantem a construção de uma figura protagonista, no ambiente público. Uma liberdade que inclui conquista e sujeição. Uma liberdade subjugada, diríamos. Uma liberdade atravessada pela contradição.

É preciso repensar a visão/estruturação teocêntrica (Deus Pai e Criador) e hierárquica de olhar/encarar o mundo, da instituição religiosa católica romana. Essa organização do pensamento é parte do mundo antigo e medieval. Ou seja, é datada, contextualizada. Não tem porque subsistir na atualidade. Houve mudanças históricas. E, como consequência,

---

<sup>62</sup> Basta observar o logotipo (ANEXO C) do organismo e, com base na perspectiva de gênero, avaliar as sobreposições dos corpos.

modificações hermenêuticas são necessárias. (GEBARA, 1994). Usar texto bíblico fora do contexto para justificar a ideologia de determinados grupos da igreja católica é agir de má fé.

Faz-se necessário, para tanto, a desnaturalização/desconstrução destas relações fixas e disciplinares, mulher-maternidade, mulher-caridade, mulher-assistência, e que se pergunte porque persistem, até hoje, essas (in)compreensões. O método fenomenológico tem muito a contribuir nesse sentido, com os estudos das religiões, uma vez que propõe a ressignificação de conceitos científicos positivistas e uma superação de binarismos e hierarquias patriarcais.

É imprescindível que debates, sobre a condição da mulher na igreja católica, sejam efetivados para que estigmas dogmatizados sejam dissolvidos... É tempo de desconstruir esquemas e certezas... tempo de “garantir uma atitude permanente de crítica aos conteúdos e discursos teológicos patriarcais que legitimam a desigualdade, a injustiça, a submissão, a opressão, estratificadas em sexo, raça, religião, cultura, classe social e outras formas históricas de dominação” (BRANCHER, 2009, p. 58).

#### Prece Comunitária

Que haja uma sensibilização maior ao nível das diferentes dioceses latino-americanas para a questão da mulher, não como um problema à parte, um modismo como qualquer outro, mas uma questão fundamental que atinge igualmente homens e mulheres. (GEBARA, 1990, p. 41).

Rezemos: ..., atendei a nossa prece!

O ser mulher enquanto construção discursiva, construção essa advinda principalmente de elaborações masculinas baseadas em vontades divinas, representadas pelo ser masculino, devem ser superadas, relidas, reinterpretadas para que relações mais horizontais sejam possíveis de serem concretizadas. A PC é constituída por corpos, sobretudo, corpos de mulheres, ainda subjugados pelo cristianismo. Que essa corporalidade seja refletida e ressignificada. Estas mulheres líderes que pisam no chão de templos e sacristias pisam, também, noutros chãos, conforme suas convicções e possibilidades. Chãos esquecidos. Chãos obscurecidos por paramentos reluzentes. Chãos da vida. Onde vive o povo, a carne viva, sofrida e necessitada.

Considerando que a fé cristã está alicerçada na esperança, eis o horizonte para o qual nos voltamos. Não a percamos de vista. Que a igreja, permita-se valer-se das ideias teológicas

feministas. Que ela não se defina democrática fora de si, mas no seu interior, nas suas elaborações doutrinárias e discursivas. Entoemos o canto da esperança<sup>63</sup>:

Sonhar Mais um sonho impossível. Lutar Quando é fácil ceder. Vencer O inimigo invencível. Negar Quando a regra é vender. Sofrer A tortura implacável. Romper A incabível prisão. Voar Num limite improvável. Tocar O inacessível chão. É minha lei, é minha questão. Virar esse mundo. Cravar esse chão. Não me importa saber. Se é terrível demais. Quantas guerras terei que vencer. Por um pouco de paz. E amanhã, se esse chão que eu beijei. For meu leito e perdão. Vou saber que valeu delirar. E morrer de paixão. E assim, seja lá como for. Vai ter fim a infinita aflição. E o mundo vai ver uma flor. Brotar do impossível chão.

A cada mulher que falou, um aprendizado. A cada aprendizado, reflexões. A cada reflexão, perspectivas plurais. Benditos sejam esses CORPOS - corpos gozosos, corpos dolorosos, corpos gloriosos, corpos luminosos! Benditas sejam as suas experiências, suas lutas cotidianas para que as crianças e suas famílias (as pessoas, sem dualidade, sem distinção de sexo/gênero) tenham vida e a tenham em abundância... Amém! Fora Temer!

---

<sup>63</sup> Música Sonho Impossível. Álbum: Chico Buarque & Maria Bethânia. Lançamento: 1975

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma (Organizadora). **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- AGUIAR, Neuma. Para uma revisão das ciências humanas no Brasil desde a perspectiva das mulheres. In: AGUIAR, Neuma (Organizadora). **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Primeiros Passos, 1981.
- ALVES, Rubem. **Perguntaram-me se acredito em Deus**. São Paulo: Planeta, 2007.
- A Bíblia**. Tradução CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2009.
- ANJOS, Gabriele dos. Maternidade, cuidados do corpo e civilização na Pastoral da Criança. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15, nº 1, p.27-44, 2007.
- ARAÚJO, Eli. **Pastoral da Criança: a força da solidariedade**. Londrina, PR: Livre iniciativa, 2000.
- BATALHA, Martha Mamede. **Pastoral da Criança: 20 anos de vida**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Desiderata; São Paulo: Loyla, 2003.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BRANCHER, Mercedes. Em Maria de Nazaré, Deus se manifesta! In: DOMEZI, Maria Cecília e BRANCHER, Mercedes (orgs.). **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: CEBI, 2009.
- BROLHANI, Cristina Aparecida. Consolidação ou mudança? Uma análise feminista da Pastoral da Criança. 2004. 367 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.
- CAVALCANTE, Carlos Eduardo; SOUZA, Washington José de; MOL, Anderson Luiz Rezende; PAIVA, Juarez Azevedo de. Motivação para entrada de voluntários em ONG brasileira. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 50, n. 4, p. 523-540, out./nov./dez., 2015.
- CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social**. 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Constituição apostólica de promulgação do código de direito canônico. 23ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

COMPENDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html)> Acesso em: 18 mai. 2017.

COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: UFBA-NEIM, 2011.

COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira. Feminismo e ética: uma aproximação teórica no campo da educação e da política. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: UFBA-NEIM, 2011.

COSTA, Marcelo Thimoteo da. Pensando o Brasil: discurso religioso e prática social segundo Zilda Arns. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 28, nº 55, p. 151-168, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CRUZ, Maria Isabel da Cruz. **A mulher na igreja e na política**. São Paulo: Outras expressões, 2013.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (org.). **Gênero e Teologia**. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas, Loyola, SOTER, 2003. p.171-186.

DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (orgs.). **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: CEBI, 2009.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade, gênero e educação sexual. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: UFBA-NEIM, 2011.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Caderno Pagu**. Campinas, nº 17-18, 2002.

FERREIRA, Amauri Carlos; RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. Tendência interdisciplinar das ciências da religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. **Numen**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 249-269, dez 2012.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. Mariologia, ideologia de gênero e o discipulado de iguais. In: DOMEZI, Maria Cecília e BRANCHER, Mercedes (orgs.). **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: CEBI, 2009.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Fenomenologia feminista: contribuições para o estudos das religiões **Religare**. Paraíba, v. 13, n. 1, p. 04-26, 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **A mulher faz teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na igreja da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1990.

GEBARA, Ivone. **Trindade: palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista**. São Paulo: Paulinas, 1994.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. Pensar a rebeldia cristã a partir das relações de gênero. In: **Gênero e Religião no Brasil**. Sandra Duarte de Souza (Organizadora). São Bernardo do Campo: Universidade metodista de São Paulo, 2006.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. 03, jun. 1987.

GEBARA, Ivone. Uma leitura feminista da Virgem Maria. In: DOMEZI, Maria Cecília e BRANCHER, Mercedes (orgs.). **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora**. São Leopoldo: CEBI, 2009. 115 p.

GIERUS, Renate. CorpOralidade – História Oral e Corpo. In: STROHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S (Orgs.). **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é ciência da religião?** (Tradução Frank Usarski). São Paulo: Paulinas, 2005.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 1, nº 1, p. 7-31, 1993.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

HUNT, Mary E. Mulher fiel em uma igreja infiel. **Mandrágora**. São Paulo, v.20. nº 20, p. 157-174, 2014.



LEMOS, Carolina Teles. Maternidade e devoções marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero. In: **Gênero e Religião no Brasil**. Sandra Duarte de Souza (Organizadora). São Bernardo do Campo: Universidade metodista de São Paulo, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUCAS. In: A Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2008.

MACEDO, Márcia dos Santos. MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E A PERSPECTIVA DE GÊNERO: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. **CADERNO CRH**. Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**. Campinas, nº13, p.191-221, 1999.

NUNES, Maria José F. Rosado. Feministas interrogam os estudos de religião. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, nº 2, p. 218-520, 2002.

NUNES, Maria José Rosado. As complexas relações entre religião e gênero. In: ROSA DO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

OROZCO, Yury Puello (organizadora). **Religiões em diálogo: violência contra as mulheres**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

OROZCO, Yury Puello. Violência, religião e direitos humanos. In: OROZCO, Yury Puello (organizadora). **Religiões em diálogo: violência contra as mulheres**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Nós somos a Pastoral da Criança: nossa história e organização**. Brasília: Pastoral da Criança, 1996.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Dra. Zilda: vida plena para todas as crianças.** Curitiba, 2014.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Número de crianças, gestantes e voluntários.** Disponível em: <<http://pastoraldacrianca.org.br/pt/quem-somos/2737-numero-de-criancas-gestantes-evoluntarios>>. Acesso em: 21 out. 2015.

PEDRO, Joana Maria. Gênero e feminismo. In: ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso.** Porto Alegre: Zouk, 2005.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Maria e as outras: transgressão, práticas revolucionárias e cristologias feministas. In: DOMEZI, Maria Cecília e BRANCHER, Mercedes (orgs.). **Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora.** São Leopoldo: CEBI, 2009. 115 p.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Com a Virgem Maria na Porta dos Fundos: das “aparições” marianas nas políticas de assistência e as possíveis tarefas de uma teologia queer-feminista. **Coisas do Gênero.** São Leopoldo, v. 1, nº 1, jul.-dez., 2015.

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma (Organizadora). **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

RAGO, Margareth. Comentários ao texto “Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião, de Elina Vuola” In: ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 112 p.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu.** Campinas, n. 16, p. 79-96, mar. 2001.

ROSADO-NUNES, Maria José. A sociologia da religião. In: USARKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2007.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 363-365, Ago. 2005.

ROSADO-NUNES, Maria José. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.1, p. 294-304, abr. 2006.

ROSADO, Maria José (organizadora). **Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

RUETHER, Rosemary Radford. Ivone Gebara: teóloga ecofeminista latino-americana. **Mandrágora**, São Paulo, v. 20. n. 20, p. 175-185, 2014.

RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e religião**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Trabalho apresentado no I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, 5-10 de jun. 2006. Salvador/BA, 12 p.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. A igualdade racial na perspectiva da interseccionalidade de gênero, raça e etnia. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: UFBA-NEIM, 2011.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface**. Botucatu, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat, Recife, s.d.

SCHULTZ, Adilson. A ausência de Deus no mundo masculino: estudo de caso no contexto da violência doméstica. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro, MORI, Geraldo De (orgs.). **Deus na sociedade plural : fé, símbolo, narrativas**. São Paulo: Paulinas, 2013.

SÖLLE, Dorothee. Libertada para a liberdade, condenada ao silêncio. A imagem da mulher no cristianismo. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, n.1, p. 75-84, 1991.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos Estudos Feministas. **Estudos Feministas**. Florianópolis, p. 122, jan. 2004.

SOUZA, Sandra Duarte (organizadora). **Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

STROHER, Marja J.; O que espero da religião? Palavras que me tragam vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (organizadora). **Religiões em diálogo: violência contra as mulheres**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

TIAGO. In: A Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2008.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O Pensamento Católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VUOLA, Elina. Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. In: ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. Tradução por Deborah Pereira. **Estudos da Religião**. São Paulo, nº 1, p.1-11, 2002.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TOMITA, Luiza E. O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21. In: **Gênero e Religião no Brasil**. Sandra Duarte de Souza (Organizadora). São Bernardo do Campo: Universidade metodista de São Paulo, 2006.

#### **MAPA**

Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410800&search=parana|florestopolis>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?

<input type="checkbox"/> Igreja	<input type="checkbox"/> Campanhas
<input type="checkbox"/> Família	<input type="checkbox"/> Material Informativo
<input type="checkbox"/> Amizade	<input type="checkbox"/> Outro _____

2. O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança? O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?

3. Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?

4. Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.

5. Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.

6. Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?

<input type="checkbox"/> Sua família	<input type="checkbox"/> Padre
<input type="checkbox"/> Famílias Acompanhadas	<input type="checkbox"/> Outro _____

7. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?

<input type="checkbox"/> Companheiro/a	<input type="checkbox"/> Parentes
<input type="checkbox"/> Filhos/as	<input type="checkbox"/> Atividades domésticas
<input type="checkbox"/> Profissão	<input type="checkbox"/> Padre

8. Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?

<input type="checkbox"/> Emancipação	<input type="checkbox"/> Relacionamentos
<input type="checkbox"/> Comunicação	<input type="checkbox"/> Oportunidades
<input type="checkbox"/> Acesso	<input type="checkbox"/> Viagens

9. Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?

10. Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?

11. O que mais te marcou na Pastoral da Criança?

12. Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?

13. Alguma reflexão final sobre sua experiência?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa sobre a configuração e princípios da ação social da Pastoral da Criança. A pesquisa **“A histórica feminização da Pastoral da Criança: pressupostos, tramas e implicações de gênero no contexto da Arquidiocese de Aracaju/SE”** está sendo realizada sob a responsabilidade do pesquisador Dr. Romero Júnior Venâncio Silva, do Núcleo de Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe, com mulheres voluntárias da Pastoral da Criança alocadas em paróquias pertencentes à Arquidiocese de Aracaju-Sergipe.

#### **SUA PARTICIPAÇÃO NÃO É OBRIGATÓRIA**

Este termo de consentimento lhe proporcionará informações sobre o estudo. Após você tê-lo entendido e, se decidir participar da pesquisa, solicitaremos sua assinatura no termo de consentimento. Você receberá uma cópia. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Você, também, poderá se recusar a responder qualquer uma das perguntas feitas. Sua recusa não acarretará nenhum prejuízo em sua relação com esta pesquisadora.

#### **OBJETIVO DO ESTUDO**

O estudo tem o propósito de conhecer e refletir sobre o protagonismo das mulheres voluntárias da Pastoral da Criança, quando no cotidiano de suas atividades caritativas.

## **PROCEDIMENTOS**

Serão realizadas entrevistas semiestruturas com as mulheres voluntárias selecionadas. O diálogo, entre entrevistadora e entrevistada, será gravado para posterior transcrição e análise dos dados. Além destes procedimentos, será preenchido, pela pesquisadora, um formulário para avaliação das condições socioeconômicas, educacionais, demográficas e pertença ou não pertença religiosa das respondentes.

## **CONFIDENCIALIDADE**

Você tem garantia de seu anonimato. Os resultados dessa pesquisa não estarão vinculados à sua pessoa. Somente a pesquisadora terá acesso às respostas individuais. Nenhuma identificação pessoal estará vinculada às suas respostas. A utilização dos dados é, estritamente, para fins do estudo.

## **POSSÍVEIS RISCOS**

Os riscos de sua participação envolvem um possível constrangimento ao expor fatos ou opiniões durante a realização da entrevista e/ou ao responder o formulário. Além desta possibilidade, o estudo não oferecerá riscos potenciais.

## **OUTRAS INFORMAÇÕES**

Você pode contatar o professor Dr. Romero Júnior Venâncio Silva, do Núcleo de Ciências da Religião pelo telefone 9 9627-5686, ou no endereço Avenida Marechal Rondon, S/N – Jardim Rosa Elze, São Cristóvão-SE, 49100-000.



## CONSENTIMENTO

Tenho ciência do conteúdo desse termo de consentimento e me foram dadas as oportunidades para esclarecer dúvidas. Minha participação é inteiramente voluntária. Portanto, aceito participar do estudo e assino abaixo em duas vias:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ \_\_\_\_\_

A executora da pesquisa, em parceria com seu orientador, compromete-se com a condução de todas as atividades desta pesquisa de acordo com os termos do presente consentimento e assina abaixo, em duas vias:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ \_\_\_\_\_

São Cristóvão, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

## APÊNCIDE C – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

(ML01, 61 anos)

### **Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Não conheci (risos). Já entrei de cara. Nem sabia o que era. Eu fui na igreja, aí disse assim: - Josefa quero fazer parte de uma pastoral, menos dentro da igreja, distante de padre, distante de todo mundo, só mais gente leigo.*

### **O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança? O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Trabalhar com criança e comunidade. É um trabalho com pessoas carentes mais carentes. Sempre eu gostei de trabalhar com criança), pessoas carentes, visitando, conhecendo. Isso anima a agente na caminhada.*

### **Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Ai... é difícil essa pergunta. Eu acho que porque, talvez, é um trabalho mais ligado à mulher, né não?! A igreja em si é servida mais por mulher do que homem. Talvez seja isso. Igreja, trabalhar com criança, família, o homem às vezes não se sente bem a certos assuntos ligados à mulher. Muitos deles ficam com vergonha de falar em certos assuntos.*

### **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Eu sou muita querida, nas minhas comunidades, aonde eu passei (risos). Até que ponto isso é verdadeiro, eu não sei. Quando chego nas comunidades sempre sou respeitada, sempre deixo boas amizades.*

#### **Pelo padre**

*Sinto. Ele me dava apoio, me dava liberdade pra eu fazer meu serviço, devido as pessoas levar fofoca ele nunca acreditar. Me chamar pra conversar, pedir pra não dar ouvidos. E sempre ele dizer assim: - Não escute o que as pessoas falam de você. Faça seu trabalho, como você gosta de fazer, eu sei e lhe conheço.*

#### **Na família.**

*Meu pai me ajudava muito. Eu fazia sopa. Meu pai cortava todas as verduras. Eu já levava as verduras cortadas. Existe aquela cobrança, porque a gente deixa um pouco a casa. Mas, assim, sempre ele me ajudou. Minha mãe sempre me ajudou financeiramente. Até muitas vezes colocou gasolina no meu carro, pra eu fazer meu trabalho. Então, assim, tem cobrança (Pare mais em casa), mas também tem o valor, né?! Tenho irmãos que me dá apoio. Outros que acha que tô deixando muito minha mãe só. Isso depois que meu pai morreu. Antes, não.*

*Na minha pastoral eu falava tudo. Eu não seguia o livro. Eu faço dentro do livro, mas tem assuntos extras. Eu trabalho numa comunidade onde tem muita prostituta. Onde tem muito, assim, a pessoa vende o corpo. Então, eu tinha que ser mais direta com ela. Por que eu dizia*

*assim: - Gente, não tenha tanto marido ou tanto homem ou tanto sei lá. Transe com um só. Tenha um só, assumo só um. Não queira hoje com um, daqui a amanhã tá com outro. Eu levava advogado, levava médica. O padre formou uma equipe, advogado, médico, economista e mandava me ajudar com palestras. Entendeu?! Aí, depois que eles foram embora, eu assumi essas palestras, do meu jeito (risos). Eu batia muito sexo na parede, entendeu? Por que elas viam sexo como objetivo de vida, como ganha pão. E eu quis passar pra elas que sexo não é ganha pão, sexo é amor. Entendeu? Até elas me chamaram de liberal. Eu dizia não é pecado não, transar sem casar na igreja. Pecado é transar com dois, três, quatro. Um dia Deus vai reconhecer vocês.*

**Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Minha filha, o maior? O humano. Eu acho que é o humano. Tanto na parte das pessoas aceitarem esse trabalho, as famílias, como encontrar voluntários para nos ajudar, entendeu? E a própria igreja não ajuda.*

*A igreja não ajuda em convidar as pessoas para participar da pastoral, em falar mais da pastoral, fazer a propaganda da pastoral. Eu acho que o maior desafio é esse. Se a gente tivesse essas pessoas, tivesse um padre e uma freira que trabalhasse em cima disso, valorizar a PC nas suas comunidades, acho que as pessoas gostariam mais.*

*Antes de ser PC, eu era catequista. Sempre fiz um trabalho na igreja. Quando abracei esse trabalho deixei de ser catequista.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Tem mais facilidade de entrar nas casas, de falar o assunto de igual para igual, que é de mulher. Muitos homens tem vergonha de falar. Para entrar nas casas é mais difícil, primeiro porque é um homem, segundo porque o homem tem vergonha de falar certos assuntos com mulheres estranhas, entendeu? Pra isso ele tem que ter intimidade [...] Mulher com mulher se entende melhor. Na minha comunidade de 50 mulheres, tinha 04 homens, 05, nas celebrações. Atuando nunca teve essa quantidade de homem. Na minha comunidade só teve um homem, assim mesmo saiu logo. No início das capacitações, os homens começam a rir, ficam todos vermelhos. As mulheres ficam normal.*

**Na sua opinião, por que há mais mulheres do que homens na igreja?**

*Acho que porque as mulheres são mais fiéis à Deus. Devido à necessidade. Devido à primeira mulher cristã, foi Maria, né? O segmento. E a igreja sempre foi ocupada por mais mulheres. Então, antigamente, o que, quem enfrentava mais a igreja, foi as mulheres, hoje já tem muito homem, em relação no início. Necessidade de oração pelos maridos, pelos filhos, entendeu? Buscando uma tranquilidade na vida. Os homens são volúveis. Volúveis. Tanto faz, tanto fez. Não tem muita crença em Deus. Acho que vem da criação. O homem vai trabalhar, a mulher fica em casa, vai pra igreja, não era isso? Então, isso é um hábito antigo. O homem foi construído assim, trabalhar, botar comida em casa e a mulher, tomar conta de casa, ir pra igreja, essas coisas.*

### **Como você se sente ocupando um espaço de liderança na igreja?**

*Normal. Não era o que eu queria. Nunca quis ser liderança. A gente serve melhor quando tá na base. Mas aconteceu e eu assumi. Eu aprendi na minha ordem franciscana que a gente nunca deve dizer não. É um chamado de Deus. Um serviço para Deus. Então com competência ou sem competência, a gente tem que arriscar. Mas não me acho melhor, nem pior. Acho igual.*

### **Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Quando eu conheci a pastoral, eu era de missa, domingueira. Você começa a ver as coisas de outra maneira. Eu vejo na pessoa, o rosto de Deus. Isso mudou muito. Nem me lembro se eu era de julgar as pessoas. Mas eu tinha um preconceito horroroso. Hoje eu não tenho mais. Com quinze anos eu achava uma coisa absurda uma mulher casar grávida. E hoje, pra mim, é normal. Muitas coisas passou a ser normal. A gente aprende que quem julga é Deus. As pessoas passam por aquele caminho porque o destino tá traçado. Mudou muita coisa. Eu passei a ser mais humana. Olhar as coisas sem maldade, entendeu? Aceitar minha vida, do jeito que Deus me deu. Dentro da pastoral, eu aprendi isso tudo. Aprendi a ser gente. Sou o que sou hoje, devido o trabalho da pastoral que me levou a ser uma pessoa mais frequente na minha igreja. Eu era muito tímida. Não falava. Nem abria a boca. Na pastoral, comecei a falar, tive que falar né? (risos) Ajudou, né?*

### **Zilda Arns lhe insira?**

*Não. Ela fez um trabalho belíssimo. Uma mulher forte, valente, mas minha inspiração veio de mim, desde pequena. Minha mãe disse que eu queria até ser freira. Eu que procurei. Fui atrás. Não vou dizer que ela não foi uma mulher que modificou muita coisa no Brasil.*

### **Qual o sentido religioso do seu trabalho voluntário?**

*Caridade.*

### **Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*“O povo fala, fala, mas não chega a ser uma coisa aberta, parece que agora nunca mais ninguém falou. As pessoas nasce, cresce, sem nome, sem identificação. Eles que vai determinar o que ele quer ser – homem ou mulher. Um amigo me deu até uma aula. Me disse várias pessoas importantes que escreveu sobre esse assunto. Muito nome difícil. Gente que nem é do Brasil. Essas mulher feminista, sei lá se foi feminista que ele disse, criou, escreveu vários livros em cima disso porque elas moram com outra mulher, então se quer agora dá o direito de abrir esse espaço para o mundo. Então tá lutando com isso. Elas e outras pessoas assim, tanto homem como mulheres, né? Aí, tá abrindo isso, essa discussão para que quando uma criança nascer, os pais não botem nome. Deixar ele mesmo vai decidir quando tiver maiorzinho, quando tiver condições de dizer se querem ser homem ou mulher. Eu acho que deve nascer, colocar um nome. Quando ele ficar homem ele que vai decidir se vai querer ou não. Não é o governo, não é os políticos que vai assinar uma lei sobre isso. Quer dizer, tá é tirando a liberdade dos pais criar os filhos? Numa escola, como é que vai matricular os meninos sem nome, numa escola? Se não pode chamar Eduardo, se não pode chamar Larissa. É você é? Ele? Ei, venha aqui? (Risos) Eu não sei. Nunca li muito sobre isso não. Vi*

*algumas coisas na televisão. Na igreja foi tocado que tá querendo deixar os meninos sem sexo. Sexo assim, se é menino, se é mulher”*

(ML02, 48 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Eu conheci através de uma colega minha. Da comunidade. Me fez o convite e eu fiquei de pensar. Eu disse: Vou pensar. Ela disse: - Olhe é um trabalho voluntário. Você fique a vontade, se você aceitar. Ela explicou, né? É muito bom. Em termos de dinheiro, não tem salário. É um trabalho que você vai trabalhar voluntário. Fazer o trabalho pras crianças, pras mães, pras famílias, e pra Deus, também. Aí, vim, gostei e tô até agora.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Quando eu cheguei aqui e eu vi as meninas aqui e a turma, me chamou atenção, né? Eu disse: - Eu vou. Fui e gostei de ver o trabalho delas. Foi isso. Aquelas crianças, aquelas mães. Muito assim, precisando, não gosto nem de falar. Assim, precisando de você chegar até elas, conversar ... (nesse momento a entrevistada enche os olhos de lágrima, chorando, na sequência, grifo meu).*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*A minha vontade de melhorar, de ficar com eles. Saio de casa tranquila, vou no sol, tenho uma bicicleta, vou de bicicleta ou de pé. Vou tranquila. (choro)*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Por que as mulheres, elas se olha, assim, olha o lado das outras e os homens, não querem, não ficam a vontade de participar, chegar até elas, né?*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Acredito. Quando a gente chega no lugar e ver mulheres pode chegar, conversar e com o homem não tem aquela coisa de chegar perto.*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Me sinto valorizada. Quando a gente chega, a mãe conversa com a gente, a gente sente que elas valorizam. Ah, as crianças... quando vê a gente na rua, já vem logo: Tia, tia! Pra gente é muito gratificante, né?*

**Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

Não respondeu.

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*A questão religiosa mais ainda. Do sentimento pelo outro. De quer me dedicar mais pelo outro. Eu era uma pessoa que ficava muito em casa. E assim, desde que a colega me fez esse convite, eu pensei, vou fazer algo para o próximo.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Vejo. E muito, muito, muito. Maria, ela é a mãe dessa nação, dessa obra, de tudo isso. Ser doce, como ela foi, exemplo, na família. Vejo ela como base da família, das mulheres.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Uma mulher que lutou pelas crianças, pela família, pela pastoral da criança. Uma mulher em si, vencedora. Morreu lutando pelo próximo. Uma mulher de fé mesmo.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Pausa... Assim, um jeito de tratar outra pessoa. Não tô sabendo classificar.*

**Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Tá sendo bom pra mim, uma experiência. Peço a Deus, ao Divino Espírito Santo que ele me capacite. Às vezes, assim, você chega assim, trabalha, vai naquela mãe, uma recebe, outras nem, mas aí o motivo é não desistir. Peço a Deus todo dia. Quando foi pra eu vim pra aqui, ontem eu disse: - Meu Deus, meu pai. Será que eu devo fazer isso? Fiquei né, me questionando, fazendo perguntas a Deus e entregando. Eu disse: Ô senhor eu estou aqui, tô nas tuas mãos, o senhor sabe o que vou falar, então bote as palavras na minha boca e tô aqui.*

(ML03, 21 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Através de Ana. Ela veio até nós e conversou com a gente. A gente era quatro meninas. Ela conversou direitinho. Explicou como era o trabalho da Pastoral da Criança. E foi um chamado, um chamado de Deus. Você ajudar as pessoas, as mães, orientar sobre a educação, como eles criar as criança, a alimentação, a nutrição, pra criança não ficar obesa. Eu faço parte do coral da igreja. Não conhecia a pastoral.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Por que as vezes assim, eu gosto de ajudar as pessoas. Se eu puder ajudar as pessoas, eu ajudo. Pras mães assim como é que se filho tá assim de alimentação. Da educação deles. Conversar mais com os filhos. E, também, assim, a pessoa se sentir bem quando você ajuda outra pessoa. Com relação às crianças, para elas se tornarem adultos saudáveis. Com pensamentos. Melhor convivência com os outros.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Por que eu sinto que eu sou capaz de melhorar ainda mais. Fazer com que as mães tenham uma educação através dos filhos, educar, com educação saudável, não batendo, dando conselhos.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Eu acho assim, não sei se é por contato. Eu acho que as mulheres tem mais, não sei é mais afetivas, mas não é mais corajosas por que todos nós somos corajosos. Acho que a afetividade com as crianças, acho que motiva mais a solidariedade.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Não é que se torna mais fácil, mas é um meio mais cativante pra você chegar, brincar, perguntar como e que a criança tá. Você tem que olhar nos olhos da criança, fazer brincadeira. Tudo bem? Como vai? Você comeu o que, hoje, no almoço? No jantar? Pela manhã? Brinca muito? Você tem que chegar mais brincalhona mesmo. Perguntar o que acontece dentro de casa. Acho que a mulher tem mais cativante com as crianças.*

**Como se sente sendo ocupando uma função de liderança?**

*Eu me sinto graticante por ser uma das escolhidas por Deus pra fazer essa missão de ajudar as pessoas, as famílias.*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Eu, assim, mesmo que as pessoas não me valorizem, mas eu me sinto valorizada, porque eu tô fazendo uma coisa de bem pros outros e isso que basta. O padre valoriza quando tem a missa. Ela fala muito bem da gente. É um trabalho voluntário. Tem pessoas que acham que a*



*gente faz isso por dinheiro e não é. É por caridade. Deus lá pra frente vai dar novas bênçãos na nossa vida. Se a gente fazer por amor é o que basta. Minha mãe fala que, assim, por ser mais pra igreja que eu frequento, por frequentar a igreja, valorizar a religião, por que muitas meninas jovens não frequentam mais a igreja e não participa dessas atividades da igreja, ela me aconselha muito que eu continue, também, a caminhar, nessa caminhada, incentivando as mães, educando.*

**Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral Criança?**

*Meu nervosismo, que eu tenho. Quando eu chegava nas visitas, no início, eu fazia as perguntas mas a gente tem que conversar, se abrir, e eu sou um pouco tímida. Aí, logo no início, foi difícil. Mas a gente tá fazendo uma coisa, tem que fazer com o coração, sabe? Se abrir mais, conversar com as mães, o que tá acontecendo no convívio com elas e as crianças, com os pais. E isso foi me fortalecendo mais. Eu vou conseguir, eu posso. Aí toda vez que eu faço as visitas, a celebração, rezo um pai nosso, faço uma oração com elas, converso e tem mais que eu percebo que é difícil rezar um pai nosso. Eu chamo Vamos rezar? Pegar nas mãos. E elas rezam baixinho, sabe? Eu incentivo. Umas são católicas e tem umas que são evangélicas, mas mesmo assim elas me permitem rezar um pai nosso.*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*É, eu recebi várias bênçãos, assim. Eu consegui fazer uma entrevista de emprego, mas ainda não fui chamada. Mas é uma benção de Deus. A minha família, também, me apoia bastante. Recebi várias bênçãos de estudo. Até passei no vestibular de lá da UNIT mas não tinha como financiar, aí eu desisti. Mas, eu tô continuando, quem sabe nesse ENEM desse ano eu não tiro boa pontuação e não passo.*

*Eu fui pra Ribeirópolis para um encontro das pastorais. Foi muito bom. Muito maravilhoso! Gratificante. Almoçou, fez uma oração bem forte. A gente conheceu a igreja, teve missa. Eu já tinha ido lá, mas não a passeio.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Sim. Eu acho. Eu acho, não. Tenho certeza que sim. Maria, ela é uma mãe de todos. Mesmo que a gente erre, ela vendo que a gente se arrependeu do nosso erro, ela sempre vai nos perdoar com seu manto, sua ternura, sua doçura, de perdão. Por que por mais que a gente erre e sabendo que não vai cometer mais aquele erro é gratificante. E, assim, na minha vida, eu sei que a gente erra, a gente não é perfeito, e mesmo que, algumas vezes, eu erro, mas, eu não vou cometer aquele erro, porque eu sei que errado, porque eu vou cometer aquele erro de novo? E eu tenho que passar isso pras pessoas que está ao meu redor. Se eu dou conselhos, se for errado, porque vocês não tenta de outro jeito pra melhorar? E Maria, ela é assim, a mãe de todos, mesmo que a gente erre e perdoe, se perdoe as outras pessoas, que a gente erre mas se arrepende, acho que é gratificante.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Ah! A fundadora da Pastoral da Criança! Eu sei que ela morreu num acidente lá no terremoto do Haiti. Que foi uma fatalidade (entrevistada se emociona). Mas é muito*

*gratificante ter uma pessoa, com dom de pensar nas outras crianças, na humildade, na pobreza. Uma pessoa pra ficar, sair de seu país pra ir pro outro país pra melhoria das crianças na pobreza. Isso é muito gratificante. Mesmo na sua comunidade você tem que fazer algo pra melhorar, pra crescer a comunidade, e as crianças tenham menos mortalidade.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Masculino. Assim, gênero, quando eu estudava, masculino e feminino. Isso é o que eu lembrei.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Determinação. Por que tem meses que a gente vai visitar e não tá em casa. A gente tenta de novo. E assim, cativando mais as mães irem pra celebração da vida. Porque é muito importante as mães ir pra celebração da vida, pra gente tá mostrando nosso trabalho, nossa gratificação de ir lá, fazer a celebração da vida. Pra elas ir também todo mês. Mesmo que elas não vão a gente vai lá de novo, tenta, pra elas ver, elas vão sim, até conseguir. Acho que é determinação sim.*

**Há um sentido religioso no seu trabalho?**

*Sim. Solidariedade com as pessoas.*

**(ML04, 37 anos)**

*O cabeça da religião ele ajuda bastante porque as mães, sente assim, sabe, é igual você, é igual quando vem alguém de fora, que você convida alguém de fora da pastoral, aquilo ali, chama a atenção, né? É algo diferente. É igual ao pastor. É como se elas sentissem assim, a presença do pai ali. Então elas ficam à vontade. Acho que elas sentem. Que perguntam. Sente falta. As crianças mesmo. As crianças é impressionante. Elas gostam. Pode ser qualquer religião, se o pastor chegar não tem aquela alegria, né? A depender da forma como eles tratam as crianças. Isso ajuda na pastoral. A gente sente falta. Ajuda espiritual é bom também, né? (risos)*

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Eu ouvi um anúncio na missa. Quem quisesse participar procurasse a paróquia. Só que eu não fui. Aí, depois de algum tempo eu fiquei sabendo. Eu disse assim: Oxente! A pastoral da criança eu vi anunciando mas não sabia. Aí falei com o padre pelo whatzap. Aí ele falou bem assim: Não. Já está acontecendo as reuniões. Aí ele disse: Venha. Já tinha parece que a terceira reunião já. Aí eu fui e depois desse dia fiquei. Gostei e fiquei. Só pelo nome assim “Pastoral da Criança” já me chamou a atenção. E eu já tinha visto antes. A minha agente de saúde, ela era da pastoral da criança. Então, eu via o trabalho dela. E eu já achava bonito. Só que isso tem muito tempo já. Isso foi do meu menino de dezoito anos. Ela foi agente de saúde dele. Aí eu ouvia ela falando só, né. Tinha uma questão dos farelos, não sei o que. Aí no dia que eu escutei na missa eu lembrei da pastoral que ela falava. Só que não existia mais, né? Eu disse, agora eu vou nessa. Como eu gosto de trabalhar com criança, eu acho que a criança é a base. Acho que para uma sociedade melhor é preciso começar da base. Aí eu disse, tem que ser algum trabalho feito com as crianças. Aí, me chamou a atenção.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*As reuniões. Os vídeos que o capacitador passou. Me chamou muito atenção quando eu vi os vídeos e as capacitação. Cada capacitação que ia despertava mais o desejo de participar da pastoral da criança.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Mulher... Eu acho que as visitas. Algumas visitas que tem. Algumas casas que eu vou assim, que você vê que aquela pessoa tava realmente precisando de alguém pra ouvir ela. Aí, aquilo ali, quando em penso de sair, eu lembro daquela mãe que, assim, é demais, Micaele. Tem dias que eu vou, as vezes eu aviso, a elas né? Olhe, amanhã eu vou lá. E quando eu chego lá elas dizem: Olhe, eu ia sair, mas como você falou que vinha, sabe, só de ela saber que a gente vai, ficar esperando. Fico pensando. Não posso acabar. Eu tenho que ir, porque ela tá esperando. Tanto elas precisam da gente como a gente precisa delas. Porque depois da visita a gente também sai assim com muita experiência, muita coisa que a gente vê, assim, Meu Deus, eu reclamo tanto e olhe... E aí, assim, aprende...eu gosto. Toda vez que eu vou desperta mais o interesse de ficar.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Eta. Essa eu não sei nem dizer. Talvez seja pelo fato de acompanhar as famílias, né não? Mãe, gestante, criança. Acho que chama mais, a mulher é mais cuidadora, assim, é algo... O*

*homem já é mais... Aí, eu acho que talvez seja isso, o fato de cuidar, de se preocupar. O fato de ser mãe, algumas, né? Algumas tem filho. Eu acho que chama mais atenção do que o homem, né?*

### **Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Acredito que sim. Porque até o fato da visita. Tem homens que se acanha de ir na visita, falar sobre amamentação, da gestação. Na maioria das vezes quem recebe a gente é as mães, né? São mulheres também. Aí eu acho que ... os homens, alguns tá trabalhando. Quando ele tá a gente pede: olhe, venha ouvir também. Mas é muito difícil ver o pai. Tem muitos até que se acanham e saem. Aí eu digo: pai, venha. Eles: não, não, converse aí com elas. Acho que quando diz criança ... acho que chama mais a atenção das mulheres mesmo em participar.*

### **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*O padre acho que não tá dando muito valor a esse trabalho não (risos). Não. Acho que valoriza, mas acho que não há ponto... Porque do meu ponto de vista, não sei se eu tô certa, eu acredito que as pastorais sociais deviam ser mais reconhecidas do que essas pastorais que financiam as festas paroquiais, entendeu? (risos) Que é só pra contribuir, pra ajudar. Por que a pastoral social... Deus disse: Ide e levai o evangelho a toda criatura. É... Pra que todos tenham vida e tenham vida em abundância. Então, se você doar um pouco do seu tempo pra uma pessoa, uma orientação pra uma criança que tá precisando de uma ajuda sua, acho que vale mais do que você ficar o tempo todo em oração, oração, oração e ação nada, né? O padre não liga muito não. Quer dizer, liga, mas não a ponto de focar.*

*Minha família nunca reclamou. Também não são assim de ajudar, mas também não atrapalha, né. Não se incomoda. O marido não se incomoda. Que é um ponto, posso dizer, que ajuda bastante. Só o fato de não se incomodar.*

*Um ou duas não dá muito assim, porque sempre tem aquele que visa a parte material, acha que vai ganhar alguma coisa, mas algumas que são acompanhadas, elas agradecem, o carinho delas. A melhor forma de sentir é o carinho, né? Quando elas sentem falta. Por exemplo, no mês de dezembro, janeiro foi um mês muito corrido, aí a coordenadora disse se vocês não poderem esses mês, ficar sem fazer as visitas, tem problema não, porque querendo ou não, realmente, assim, é um mês de muita coisa. Aí quando a gente não vai, elas já perguntam. Antes de completar um mês da celebração elas já estão perguntando: Que dia vai ser a visita? Então, eu acho que é valorizar, né não? Porque se você tá em busca aquilo, tá valorizando. Ninguém vai sentir falta de algo que é ruim, né? (risos)*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*O percurso. Assim de ida, que a gente não tem transporte. Meia hora para chegar aonde eu trabalho, mais aí eu vou e rodo a comunidade todinha, né. De casa em casa. Aí, dificulta um pouco mas vale a pena. Por exemplo, a primeira casa fica próximo ao posto médico. Aí eu sigo, a gente vai e depois volta, novamente, o mesmo percurso.*

*- Perguntei sobre os perigos ao longo do trajeto. É perigoso?*

*É. Mais ... daqui até chegar no posto não tem casa nenhuma. Mas, a gente vamos assim mesmo. Vale a pena. Faz medo não. Se fosse pra algo material a gente não ia em busca, porque... Graças a Deus nunca aconteceu nada, nem vai acontecer nada. As dificuldades é*

*essas, só o percurso e assim, pra conseguir a questão de ajuda pra um lanche, uma coisa. Dificulta, mas a gente arruma, também. Tem umas dificultadezinhas mas a gente consegue. A profissão me ajuda. Eu uso o posto médico como lugar. Eu faço as celebrações no posto médico. Me ajuda porque querendo ou não se uma criança adoecer, mesmo antes da visita, eu fico sabendo. Quando uma gestante vai parir eu já fico sabendo. Então, o trabalho só ajuda. Não dificulta não. O trabalho ajuda.*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Eu acho que deixei de reclamar mais depois que vi a realidade de outras mulheres. As dificuldades de outras mães. Eu acho que eu melhorei bastante. Deixei de reclamar um pouco da situação, da situação financeira, de filho, de marido. Depois que eu vi lá, a coisa pra mim é uma mil maravilhas (risos) comparada às famílias que eu acompanho. Mudou bastante. E até mesmo se preocupar mais pelo próximo. Na pastoral, também, as capacitações, depois o agir, assim me fez olhar pra o próximo de uma outra forma. Sabe, nunca julgar, antes de conhecer a realidade da vida do próximo. Sempre tem uma história. Todo mundo tem uma história, né? Aí, a gente as vezes julga mas não conhece a história que o outro viveu. E a pastoral ensina, e ensina assim, na pele, pra você sentir mesmo. Então, isso, melhorou bastante a minha vida.*

*O convívio com as mães, eu tinha dificuldade nas celebrações, então agora, querendo ou não, a gente tem que falar, tem que passar um tema, alguma coisa, e isso ajudou bastante. Hoje, eu já falo com elas, que já falo até demais (risos).*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Ah, vejo. O cuidar, o servir, o guardar tudo no coração, assim que Maria guardava tudo no coração, e tem coisas que a gente vê ali e queria agir, queria, mas a gente tem que guardar, né? Tem coisas que as mulheres contam a respeito da vida delas e a gente tem que guardar no coração, rezar. E assim, às vezes a gente tenta orientar: mas você tem seu direito, você pode fazer isso, mas assim o medo delas é maior, né? De fazer uma denúncia, isso e aquilo. E as vezes a gente quer agir, quer tá indo em busca, vai atrás de alguma coisa, fala que tá acontecendo isso. Então, eu acho que sim, a gente tem que se espelhar em Maria sim, no amor pelos filhos. Maria teve tanto amor pelo filho que guardou aquilo no coração dela e Maria é sim um exemplo. Nunca colocar as dificuldades. Se Maria tivesse colocado? As dificuldades, os sofrimentos, à frente? Dificuldades a gente tem que fazer igual a Maria, colocar/guardar no coração e pedir que Deus aja.*

*Como você lida com essa violência doméstica relatada?*

*De momento, a gente fica triste. A gente tenta dar uma de forte, orientar elas, mas no momento assim, a gente fica triste. Tenta conversar com elas, pergunta assim, orientar elas buscar os direitos delas, o local aonde ela deve ir e falar, ela não vai dizer que foi ela. Falar o que tá acontecendo, procurar a delegacia, a gente orienta assim. Algumas dizem que tem medo porque a questão da casa, dos filhos, é...tem medo da separação. Eu digo: mulher, o fato não é a separação, ou viver ou ... mas tem mãe, tem mulher que fala assim: Ah, ele pai dos meus filhos, eu tenho que aguentar, porque tá dando de comer. Eu digo, não existe isso não. São mulheres que não trabalham, que não tem um apoio da família ou até mesmo a família não tem condições. Porque eu já vi mãe dizer assim: Ah, minha mãe me quer mas não me quer com meus filhos. E aí, pra uma mãe, aí ela diz logo: Sozinha eu não vou. Deixar os filhos. Então, a gente tenta, assim, orientar, dizer a elas que busquem os direitos delas. Que*

*vá procurar os direitos delas. Até teve um fato hoje que, eu não sei se ela tem medo de dizer, mas a gente conversava, orientava, dizia a ela que rezasse pelo marido, pedisse a Deus sabedoria, que mudasse também, a forma de falar com o marido, que hoje ela disse que ele não topa mais a mão nela de jeito nenhum. Eu disse, também: tome uma posição, como mulher. Diga que você vai denunciar. Vai procurar os seus direitos. E ela disse que: Hoje, ele, assim, nas palavras é grosso, ainda, mas ela disse assim que topar a mão, ele não topa mais de jeito nenhum, porque ela disse que um dia ameaçou mesmo. Ameaçou, disse que ia dar parte: Olhe eu vou dar parte, tem a delegacia da mulher, tem a lei não sei o que(risos), tem a lei Maria da Penha. Aí eu disse, só não fale que foi a gente que disse, né, que orientou. E ela disse que serviu. Ela disse: olhe, briga, mas não topa a mão em mim. Então, pra mim, é uma conquista já, uma dizer que, não que seja muitas, porque assim, na comunidade toda, assim, tem algumas famílias que mora na comunidade, mas que são acompanhadas por mim, mesmo, só são catorze. Assim de um fato mesmo, da violência mesmo, de agressão, só tinha uma. As outras, eram palavras, verbal ou então a violência do abandono. De não se sentir amada, de não sentir... a falta de carinho, né. Essa que sofreu agressões, me disse ela que não sofre mais. Mais eu acredito, porque antes ela reclamava muito. Toda vez que a gente chegava lá ela reclamava. E agora, não mulher, graças a Deus, topa não topa mais não. E sinto, assim, que realmente... e se for mentira, eu vou descobrir (risos).*

### **Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Ave Maria! Amor! (risos). Amor, doação, exemplo pra ser seguido por todo ser humano. Vixe...menina. sei não. Um exemplo. Um exemplo de vida, de doação, de amor ao próximo. Pra mim, ela é.*

### **Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Não. Depende do gênero (risos). Eu já ouvi. Porque, tipo, se for o gênero masculino, gênero feminino. Eu já ouvi. Às vezes você ouve uma frase assim, com a palavra gênero, mas não sei.*

### **O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*O que mais marcou mesmo, assim, que eu senti foi, não agora, mas, logo assim, com pouco tempo que a gente tinha começado, eu achava, né, que aquelas palestras, que as vezes elas ficam conversando, eu digo vixe, tá despercebido, parece que a gente tá perdendo tempo, mas aí um dia, uma moça, e ela era usuária de drogas, e um dia, em uma das celebrações, a gente tava fazendo a celebração e quando terminou a celebração, depois, ela tava contando a outra mãe, dizendo bem assim: “Olhe, vamos fazer silêncio por favor pra gente prestar atenção no que Rose tá falando, que é a outra líder. Porque um dia eu vim praqui com tanto pensamento besta, pensando em fazer uma coisa tão ruim na minha vida e quando eu cheguei aqui que eu ouvi as palavras de Rose, eu voltei pra casa outra pessoa, ela disse. Voltei pra casa outra pessoa. Mudei de pensamento. Cheguei em casa não pensei nada e disse – Meu Deus, o que era que eu tava pensando em fazer da minha vida? Aí, aquilo ali, falar verdade. Eu disse, meu Deus, e eu achava que aquilo que a gente passava de nada servia. E quando eu ouvi ela dizer aquilo, aquilo ali me marcou. Até hoje, às vezes, tem celebrações que eu comento isso pra que outras mães, assim, tomem aquilo como exemplo, que pare, preste atenção no que a gente tá falando. Isso falar verdade me marcou porque assim, foi até um incentivo pra mim não desistir, não achar que aquilo era besteira, não achar assim, não, elas não tão ligando não!...essas palestras, não sei o que. Mas elas ligam. Ligam. Nem que seja ali no meio daquelas dez, doze, tem uma que tá prestando atenção. Já faz a diferença, né?*

### **Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Minha esperança pra pastoral era que ela crescesse. Principalmente, nas comunidades mais carentes. Porque aqui tem algumas comunidades que ainda não tem. É porque assim, é um trabalho que tem algumas dificuldades. Aí, o pessoal coloca à frente, as dificuldades e desiste. Mas, não deve desistir. A gente deve seguir a frente, adiante, que mais no mais tarde amanhã a gente vai ver os frutos.*

*Agora eu posso fazer a minha pergunta? E a questão do gênero? É o que mesmo? Porque eu fico curiosa.*

(ML05, 45 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Através de Roseane. Meus meninos faziam parte da Pastoral. Eu não era uma mãe assídua na Pastoral, mas, quando podia, eu participava. Aí, eles cresceram e saiu. Aí eu também deixei de ir lá e Roseane continuou. Mas, com o tempo agora, esse tempo que passou, foi que ela tinha feito o convite pra que eu pudesse participar da Pastoral. Que eu tinha visto a capacitação aqui, na igreja, com o pessoal agente de saúde. Só que, assim, eu não estava por ser legionária e não queria botar muitas pastorais juntas pra não endoidar logo minha cabeça.*

*Eu não conhecia o trabalho da Pastoral. Depois que Roseane conversou comigo foi que eu passei a conhecer e eu vim, foi quando ela fez o convite. Como eu faço parte também da legião da juventude, eu quis colocar os jovens pra trabalhar com as crianças pra eles aprenderem melhor um trabalho voluntário. Eles são participativos. São apoio. No momento não tão como líder. Vai entrar agora, que Joana vai fazer a capacitação de alguns. Depois que eu comecei a fazer a capacitação da Pastoral com o livro, que a gente faz, eu comecei a entender o que é a Pastoral e vi que o trabalho religião e Pastoral é um trabalho só. Você trabalha em prol do bem estar da comunidade. Aí eu amei.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Depois que eu passei a conhecer melhor, que eu vi que o trabalho que eu tenho na igreja, e o trabalho da Pastoral é um trabalho em prol da comunidade, porque quando a gente trabalha na igreja pra Deus a gente tem que pensar no próximo. Eu vi que com o trabalho, também, eu ia estar mais com contato com famílias e com crianças, também. Foi por isso que a motivação aumentou. Ficou melhor ainda pra entrar na pastoral. Foi isso. Foi o vínculo de religião. Não saí da legião. É tanto que eu sou presidente de cúria, coordenadora da legião. Só que eu uni os dois. Os trabalhos que faço da legião de Maria, eu tô incluindo os trabalhos da Pastoral. Então, não preciso fazer dois trabalhos separados. Nesse mesmo dia que eu faço as visitas da Pastoral, eu já faço minha visita legionária, que é a mesma coisa.: visita, dá palavras de conforto, ver como a família está, ver como a criança tá, observar bem aquela família, incentivar a catequese. Então, tudo isso eu faço também pra Pastoral. Eu já cadastro família na Pastoral e já faço o trabalho legionário. Por isso que eu assumi. Porque pra ficar com duas pastorais diferentes dá muito trabalho.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*O trabalho. O trabalho voluntário. É que tá me deixando, ainda, firme. Por causa do trabalho voluntário com as famílias. Por que eu gosto. Eu adoro estar em contato com famílias, de ouvir. Às vezes você vai fazer visita e aquela pessoa tá precisando só de um ouvido. Às vezes você não fala nada. Você só ouve. E você só diz, às vezes, uma palavrinha, mas que realmente... e o trabalho da Pastoral é isso. Você vai observar aquelas famílias, as necessidades, vai ver as crianças, se estão crescendo, se as famílias, os pais, ou a mãe, quem cuida, tá cuidando bem. Esse é o que motiva na pastoral da criança.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Não sei se a mulher é mais atenciosa... A mulher ela é mais prestativa. A mulher se doa muito mais pro trabalho voluntário do que os homens. Os homens, eu acho que eles são mais rudes,*



*aquela coisa que não precisa fazer. Não sei se é a criação... Por isso que acho que agora... na minha pastoral, agora, tem mais homem do que mulher. No meu grupo juvenil são mais homens do que mulheres. Nessa pastoral, agora, quem tá me dando mais apoio são os homens, rapazes. Aí já tá mudando a visão daqui. Na legião juvenil tem mais homem. Tem o adulto e o juvenil. É tudo legião de Maria, continua sendo. Eu coordeno o juvenil. Tem mais homens porque foi quando jovens resolveram, realizaram a crisma e não queria ficar afastado dos compromissos da igreja. Me convidaram pra fundar o juvenil. Como eu já era da legião de maria adulto, eu aproveitei eles fundei o juvenil. Foi os meus filhos e amigos dos meus filhos (um sorriso). E eles estão adorando participar da Pastoral, também.*

### **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Me sinto. Como a gente é bem recebida pelas famílias. As crianças quando vê a gente. Eu passo, as crianças: - Tia ML05, aquela colherinha tia ML05. A do soro. Tia ML05, eu guardei, né? Você sente que as famílias lhe recebe bem. Porque você soube ouvir aquelas famílias. Você sabe cativar os filhos. Porque quando a gente cativa os filhos, você tá cativando a mãe. Se maltrata um filho, você, com certeza, naquela porta você não encosta mais. Então, o que vale a pena, é que você sabe que vai ser bem recebida naquela família. Todas as famílias tem obstáculo. Mas na minha, não, graças a Deus. Meus filhos participam, também. Meu esposo, também, graças a Deus, não reclama. Também não tem o que reclamar não porque quem manda sou eu (risos). Não. Mas ele nunca disse não vá, sabe? Não. Se alguém chegar lá e ele diz: - ML05. Tão lhe chamando. Então, ele não é contra, entendeu? Por que também eu coloquei meu objetivo, eu trabalho com isso. Graças a Deus com relação à Pastoral e a igreja eu sou bem acolhida dentro de casa. Que é o principal né?*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*As famílias. Porque tem muitas famílias, tem aquelas, a gente vai, a gente explica, a gente demonstra o nosso trabalho e, às vezes, muitas mães não levam muito a sério o que é a Pastoral, qual o trabalho da Pastoral. Acho que é só isso. Famílias acomodadas. Se eu for na casa dela pra pesar, tudo bem. Agora, pra sair de casa, pra ir até a Pastoral, no momento tá sendo a maior dificuldade que a gente tá tendo. Lá em casa é um trabalho em conjunto. Hoje vai prato, casa, cozinha, almoço. Pronto. Cada um, lá, tem sua responsabilidade. Então não me atrapalha. Se eu tiver que passar o dia fora. Tem alguma coisa da Pastoral ou da Igreja e vou ter que passar o dia fora. Eu saio despreocupada porque cada um tem sua responsabilidade dentro de casa. Eu não vou chegar agora e “ai vou ter que fazer as coisas de casa”. Não. Quando eu chegar tá tudo Okay. Cada um tem sua responsabilidade em casa. Até o marido tem sua responsabilidade. Tá em casa. Então ele faz. Todos eles.*

### **Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Eu passei a valorizar muito mais a família. Porque assim, você visita, você ver o comportamento daquela família e você tenta botar e prática totalmente diferente, entendeu? Porque cada família tem seu jeito. E, às vezes, a gente aprende com os erros e acertos. Então, mudou muito, muito, o meu comportamento, também. E a gente vendo os erros dos outros, tenta, né, se reconhecer.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Com certeza. Por ela ter sido uma pessoa simples, humilde, uma pessoa que acolheu o sofrimento de Jesus, é isso que devemos fazer com as famílias, acolher o sofrimento do próximo. Porque acolheu o sofrimento do filho, viu o que ele passou. A Pastoral é isso. É acolher o sofrimento de todas as famílias. As voluntárias, as líderes tem que se espelhar nessa parte. É acolher o sofrimento sem julgar. Porque você viu que Jesus sofreu na cruz e Nossa Senhora teve aos pés dele e ela não julgou ninguém pelo o que tinha acontecido. Ela não julgou. Ela acolheu com a humildade dela. É o que cada líder tem que fazer. Acolher as famílias de acordo com seu sofrimento. Mas eu posso chegar lá e apenas dizer que essa família tá e julgar ela. Mas eu tô ali pra ouvir. Não sou eu que vou resolver os problemas de ninguém, né isso? Cada família a gente vai acolher e dar uma palavra de conforto como Maria confortou o filho, mesmo na hora da morte, é o que cada líder tem que fazer.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Eu li pouco sobre ela, né, na minha formação aqui, com Fatima. Mas agente ouvia falar um pouco dela na televisão, do trabalho dela. Então, eu vejo um pouco de Nossa Senhora, de Maria, nela. Com aquele acolhimento que ela tinha com as crianças. Primeiro, quando a pessoa se doa pras famílias, já é tudo. Você se desprende de sua família pra se doar pra outras famílias, você está sendo semelhante a Nossa Senhora. Então eu vejo nela isso. Essa semelhança de doação. Doar para o próximo. Ser caridosa e ser amiga e ser família.*

Observando que a entrevistada trazia, na composição do seu discurso, os elementos doação, próximo, ser caridosa, fiquei curiosa sobre seu conceito de caridade. Questionei. Ao que ela respondeu;

*Caridade?*

*Caridade é você fazer o bem, sem olhar e sem esperar retorno de nada. Eu sempre digo: - Eu faço o que eu faço e não espero retorno de ninguém, só de Deus. Perguntei que tipo de retorno ela esperava de Deus. Ela: Coragem, força, saúde, proteção, amor, compreensão. Eu não quero mais nada.*

Retruquei: - Seria uma troca?

Ela respondeu:

*- Exatamente. Mas uma troca assim... (senti que a entrevistada sentiu-se coagida com a possibilidade de eu estar me referindo a uma troca com teor interesseiro) Deus vai me dá a minha graça e eu vou retornar a ele amando o próximo, como tá na bíblia. E ser líder de pastoral é isso. É amar o próximo.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já. Você me pegou. Em que sentido? Em que parte você quer saber? Gênero humano? Que a humanidade tá tão esquecida? Gênero humano. Ser humano com o próximo. Ser uma pessoa mais feliz. Ser escutada. A gente querer falar e não poder falar, porque sabe que por mais que você fale não vai obter resultado. Por mais que você tenha uma ideia, você queira botar*

*em prática, mas não tem alguém que lhe escute e lhe ajude pra você botar e prática, Você é excluída. Tanto gênero humano... qualquer área que você queira. Você é julgada.*

### **O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*As visitas. As famílias. Uma família que eu tenho. Uma família muito, muito, muito simples! Mas eu veja a educação e o apego que o pai tem com os filhos. Eu vejo uma pessoa tão simples, batalhadora, muito batalhadora e assim, e faz de tudo pelas crianças. Às vezes eu, já tentei me tocar assim, pra ajudar, me tocou assim, eu tenho que ajudar essa pessoa por que eu sei que ele trabalha pelos filhos. Ele tem um monte. Não tem nem salário. Tem um servicinho ele vai ali. Ele tem essa família, faz de tudo por essa família, mas ele não deixa de ajudar o próximo. Ele liga pra mim: - Você tá precisando de que? Olhe, eu tirei isso, e isso. Você vai querer? Me ligue, se você tiver precisando. Pra você ver. Entendeu? Isso é que me marca. Essa semana eu me encontrei com ele e ele: “- Olhe, você tinha me falado num sei o que. Eu consegui pra você, viu?” Uma pessoa que precisa, é necessitado, mas se você disser fulano eu tô precisando disso e disso. Mas não é precisando de uma coisa fora do normal não, na da área do trabalho dele, que ele trabalha.*

*A gente tem que trabalhar mais na parte de ser voluntário, porque as comunidades precisam de pessoas voluntárias. Mas que se doem mesmo. Não adianta eu ir pra uma pastoral, aonde eu vá com interesse. Então, o que tenho a dizer é assim... faça, mas faça de coração que você tá fazendo, sem esperar retorno nenhum, a não ser pra si próprio, o retorno seu, o retorno do amor, o retorno da alegria daquela família. Ninguém entre em uma pastoral com o objetivo de ter um retorno além disso ou então um retorno pra o seu ego. Eu não chego aqui... eu sou da pastoral, eu sou da legião. Eu sou eu mesma. Faço caladinha ali, porque eu não quero que ninguém venha me valorizar ou então: “Você é da pastoral. Você tá fazendo isso. Que lindo!” Não, eu não quero esse reconhecimento pra odo mundo ver. Eu quero reconhecimento só pra Deus. Porque se tiver pensando num reconhecimento financeiro ou num reconhecimento pra meu ego, de ver que todo mundo tá vendo o meu trabalho, então não tô fazendo. Eu gosto de fazer o meu trabalho, aquele trabalho silencioso. Faço e pra mim mesma, que eu me sinto feliz e que eu veja que as pessoas estão feliz. Não é bom, se engrandecer em cima das famílias. É só isso. E ser feliz no que você está fazendo.*

(ML06, 54 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Através de Ana. Ela veio um dia de domingo pra missa e aí fez o convite. Até então, eu não participava. Depois uma colega da igreja me chamou pra participar e eu fui. E aí, a gente fez umas reunião, pra ficar preparada. E eu cheguei lá. Foi assim. Através do convite dela tinha várias pessoas. As primeiras reunião. Só que foram, muitos foram saindo aos poucos e quando foi pra assumir mesmo, só ficou em quatro comunidades. E até, quando começou, eu fiquei um pouco meio acanhada, porque todo mundo falava bonito, porque é isso, era o que eu queria. Aí eu fiquei, é como é que eu fico no meio de tanta gente tão inteligente e eu sem saber de nada? Até eu falei com ela mesmo. Aí ela: “Não mulher. Mas o que vale é a força de vontade.” E aí depois todo mundo se afastou e eu tô lá como uma formiguinha, organizando.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Eu gosto de criança. Eu gosto de criança. E eu sempre digo assim, que o maior sonho meu é se um dia eu pudesse formar, assim, como é que eu posso dizer, tipo uma casa, que eu pudesse acolher as crianças, as pessoas idosas, também. Eu gosto. Minha maior motivação é essa.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Porque eu gosto da criança né. E, poder ajudar um pouco, aquelas pessoas que tem menos condições. E o carinho das criança. Quando vê: “Tia!” Quando me vê na rua. Aí aquilo me enche. Às vezes eu digo vou parar. Aí eu digo, não. Eu não posso parar. Mesmo que não sirva como pastoral da criança, mas eu tenho que continuar. Porque eu gosto. É uma tarefa que você faz e se sente feliz. Quando você vai, passa a tarde junto com eles, você chega em casa leve.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Acredito que é porque o homem são poucos interesseiro, assim, pra cuidar, pras crianças né, assim. É um trabalho mais, acredito que se, como é que diz, pra mulher. Se identifica mais com as mulheres. Os homens. Nem todos, né. Mas tem uns que não tem aquela habilidade né, de pelejar com as criança. Tem uns que você vê que tem. Assim, eu mesmo convido os meninos pra fazer parte, assim, pra me ajudar, né. Tem uns que vai com jeito, mas tem outros que é meio devagar viu. Na hora de arrumar...(risos)*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já ouvi falar. Só que agora no momento fia, eu tô meia... eu já ouvi falar a palavra, mas agora eu tô meia devagar, fia. Agora me deu um branco mesmo.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Acredito que sim. O cuidar dela, né. O jeito de buscar as brincadeiras, o cuidar de atenção. Eu acredito que com a mulher é mais fácil.*

### **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Olhe, meu amor, sinto assim, mas é uma coisa que a gente não faz pra ser valorizada, né. E sim, se sentir bem com você mesmo e doar um pouco de amor pra aqueles que você tá fazendo. Eu não faço pensando nisso.*

Perguntei se ela sentia, mesmo pensando assim, algum tipo de valorização por partes das famílias acompanhadas?

*Sim. Sinto. Sempre que vou passando: “Fulano, olhe sua tia.” Se eu não vou fazer: “Meu amor, não veio porque? A gente sentiu falta.” Às vezes eu tô em casa e vejo bater na porta. “Ô tia, por que você não foi lá, tia?” (risos)*

*E o padre? Valoriza seu trabalho?*

*Como ele tá recente aqui, assim, eu não tô, não posso muito avaliar. O outro sim. O outro, ele dava total apoio. Quando ia procurar ele, pra assinar mesmo. Eu dizia: Padre, confira. “Não, minha fia. Não precisa não. Eu confio que você não vai fazer nada de errado.” Assinava e dizia pode fazer e como era que tava e incentivava. E esse, ele tá chegando. Assim, quando eu conversei com ele, ele falou pra me ver se abria nos interior. Mas eu disse a ele: Padre, se as pessoas aqui próximo tão deixando, imagine lá longe. Mas quem sabe né? O futuro a Deus pertence.*

*E a família? Valoriza?*

*Sim. Porque às vezes, assim, você pode dizer “ela é muito egoísta”, mas eu pergunto porque quando elas querem resolver alguma coisa só procura a mim. Acredito que sim. Sempre que eu vou fazer elas dizem “Lá vai ML06. cuidar dos seus menininhos. Vai lá.” Eu acredito que sim, fia. Apesar que a gente não faz pensando, tenho que ir pra que as pessoas... Não. Eu faço porque gosto.*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Nas pessoas que eu busco e não querem ajudar. Quando eu busco assim, por exemplo, essas outras que tinha, na Comunidade X, na comunidade Y, e eu lutava, ia, conversava, eu dizia que dava todo apoio, que mesmo com todas minhas dificuldades eu vinha ajudar vocês e elas: “Ah, porque eu não posso. Por isso, aquilo...” Aí, a maior dificuldade é essa. Não encontrar pessoas que queira ajudar mais né. Porque se a gente for olhar “Ah, eu não posso porque eu trabalho.” Todo mundo trabalha. Ninguém é desocupado. Será que eu não preciso? Eu preciso. Eu trabalho. Mas, quando chega o sábado: Hoje é dia de fazer a celebração da vida. Eu deixo o meu e vou. No domingo: “Ah, eu tenho que fazer uma visita ali em cima.” Sim. Eu vou de manhã fazer as visitas às crianças e de tarde vou fazer visita ao enfermo. Porque eu tenho a legião e eu tenho obrigação de fazer visita ao enfermo, né. E aí diz “Ah, é porque eu trabalho.” Todos nós trabalhamos. Aí, nesse ponto, eu fico um pouco triste. Porque as pessoas não querem. Quando a gente tem boa vontade arruma tempo de tudo. “Ah, mas você não tem marido.” Eu não tenho, agora. Mas eu tinha meu marido e eu dava conta de tudo. As dificuldades são essas.*

*O tempo que eu fico fora, quando eu chego em casa, de noite, eu vou trabalhar. Eu digo as meninas que o melhor horário pra eu trabalhar é a noite. Que eu trabalho mais (risos).*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Eu mim sinto mais feliz. Por saber que posso fazer alguma coisa pelo próximo. Se não é tudo que eu posso fazer, mas algum pouco eu já tô fazendo. Como meu sonho era de cuidar de crianças, criança, assim, abandonada, de idosos, de cuidar. Como eu não posso, na pastoral da criança é uma maneira de ajudar, né. Tô ali, conversando, dando uma palavra de conforto, de carinho. Às vezes tem aquela mãe brava. Mulher, não faça isso não. Que não sabe educar. Diz aqueles nomes: Fia dessa... (risos) Aí, aquilo me dói. Que eu não gosto. Eu fui criada e nunca ouvi minha mãe dizer esses nomão desse dentro de casa. Aí, quando as pessoas falam eu me assusto. Não gosto. Principalmente com uma criança. Criança e idosos... Eu me sinto feliz. Eu acho que me sinto mais feliz na minha vida, porque minha vida não foi fácil. Através de cuidar das crianças, assim, na pastoral, eu mim sinto um pouco mais realizada.*

Sua comunicação em público? Mudou?

*Tá melhorando (risos). Pra o que eu era. Tá bem melhor. Eu era bem bocózinha. Agora tá bem melhor.*

Surgiu alguma oportunidade por você ser líder voluntária da Pastoral?

*Essas oportunidades aparecem mais na igreja. “Vamos participar desse movimento porque você já faz parte desse outro.” Sempre aparece a oportunidade de participar mais de grupo. Mas só que a gente tem que ser limitada, né. Porque a gente não pode participar de tanta coisa pra não fazer nada. Então, é melhor participar de um ou de dois, pra fazer alguma coisa.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Vejo. Eu acho que nós como mulher temos que se espelhar e ver o exemplo dela. Porque ela foi, é e sempre será o nosso espelho. Exemplo em tudo. Em tudo e em todo sentido. No respeito, no educar e no ensinar... a ser religioso, a respeitar o próximo e ensinar os caminhos de Deus, porque se não for assim, minha fia, as coisa não anda.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Uma mulher. Batalhadora. Que lutou e deu sua vida pelo próximo.*

**O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*Você vê a situação de algumas crianças e que você pode, através do seu convívio, você buscar tirar ela daquela situação. Aí, fica marcado na sua vida.*

*Logo quando eu comecei, na pastoral tinha um casal, uma mãe. Logo que eu cheguei, começaram a me denunciar: “Olhe, já que você é líder, você devia denunciar essa mulher porque esse menino, ele tem problema mental e a mãe judeia ele. Preste atenção que ele tá todo beliscado da mãe judiar. Ela pega o cartão dele e dá a um amante. Aí eu disse: Mas eu não posso fazer disso. Eu sou uma espécie de que? De cuidadora? Tem várias partes que eu posso ajudar. Mas eu não posso, você me contar uma história e eu ir denunciar. Aí, eu fui vendo aquela parte. Sempre ia visitar e me aproximava. Aí comecei agradando com as coisas pra que elas pudesse deixar eu me aproximar mais. [...] Vamo supor, a gente vai leva um*

*pirulito. Vai, leva um biscoito. Até ela se mudou [...] Disse: “Ô mulher, abra lá que eu quero participar”. E aí, eu fui vendo, que aquele menino dela, ela maltratava muito ele. E, aos poucos, eu fui tendo a oportunidade e coragem de conversar com ela que o que ela fazia não era justo. Eu perguntava: O que é isso no seu filho? Ela: “Não. “Ele se coçou”. Aí, eu comecei conversando com ela e aconselhando. Que ali não era machucão. Que ela não podia aquilo porque muitas, algumas pessoas já tinha me pedido pra denunciar ela. Aos poucos, convenci ela que aquilo não era a vida e ela não ficou com raiva de mim. Parou. Você não vê mais ele tirado os pedaço. Dizia aqueles nomes bem feio: Fio do capucho. Aquilo me dóia muito. E, através, de conversando, conversando, devagarinho, até que ela maneirou. Graças a Deus. Essa semana eu já perguntei, que ela foi embora, não faz mais parte da região e a mulher disse: “Foi uma benção na vida dela. Foi você”.*

*Teve outra que, ela pós-parto, entrou em depressão, rasgou toda a documentação e ela ficou. Já tinha três meses e ela não registrava o filho. Aí me pediram: “Você faz parte da pastoral da criança. Você não tem como não, conseguir pela pastoral?” Eu disse: Não. Isso aí tem que ser um da gente mesmo. Não é a pastoral não. Aí eu fui pra Aracaju até que consegui o documento dela. Eu fui pra... como é o nome? ... Eu esqueci o nome, agora. Eu sei que lutei até conseguir. Dentro de três meses, consegui a documentação do menino dela. Ave Maria, quando ela me vê: “Essa (eu digo, mulher não faça assim não. O povo pensa que eu sou a rainha da Inglaterra, risos...)é minha mãe. Foi quem fez tudo por mim. Se não fosse ela meu fio não tinha documento”. E fica naquele maior elogio.*

*Então, eu acho que eu já fiz alguma coisa e essas poucas coisinhas me marcaram muito.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Amor ao próximo.*

**Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Gostaria muito que as pessoas, principalmente da minha cidade né, tocassem um pouco nelas, quando eu procurasse que elas pudessem, pra continuar, não só aqui na cidade, mas nos interior também, muitas crianças que necessitam de ajuda. Ajuda, as pessoas acham, às vezes, que ajudar é você doar as coisas. Não é só assim. Uma palavra de carinho. Um incentivo. Eu acredito que seja muito ajuda, valiosa. E nesse ponto eu me sinto assim um pouco triste porque quando eu busco as pessoas que não quer, aí eu fico triste. Mas, naquela confiança que um dia venceremos! E que eu posso dizer assim: Olhe, minha cidade tem, mesmo que não seja eu a coordenadora, mas que diga, minha cidade hoje tem quatro, cinco, seis comunidades funcionando. Aí, eu tá muito feliz. Aí eu posso lhe dizer: Micaele, minha filha, agora eu estou muito, muito, muito feliz.*

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Então, eu conheci o trabalho da pastoral da criança através da minha mãe. Já tinha pastoral aqui, mas tava inativa. Aí, o padre foi conversar com as pessoas. Minha mãe acabou se interessando. Aí ela se capacitou. E logo depois, me colocou, né, também.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Então, inicialmente, foi minha mãe. Só que, depois, com a capacitação, eu fui gostando muito do trabalho. Eu sempre gostei muito de criança, né? E fui gostando da capacitação por que a gente aprende muita coisa, né? Muita coisa!*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Então, o fato de lidar com criança. Eu gosto muito. E também, o fato de estar ali acompanhando. Às vezes, as pessoas só são carentes só de atenção. Nem de nenhum outro bem material. É isso que me faz... eu acho que o contato com as pessoas, assim, é o que me motiva. Mesmo que elas não sejam gratas por isso, eu sou, eu sou grata, me motiva estar ali.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Eu acho que na verdade tem até um certo preconceito, né, quanto a isso. Uma vez, eu contei um pouco do trabalho da pastoral pra um amigo e ele perguntou: “- Homem também pode participar?” Eu disse, claro que pode. Eu acho que na verdade é um só um preconceito que existe, né, dos homens. Realmente, são pouquíssimos, né?*

Perguntei sobre que tipo de preconceito ela se referia. No que ela esclareceu:

*Preconceito com relação de tá ali visitando As tarefas, assim, que exigem, que é o lanche e o peso. Aí, eu acho que tem essa visão ainda de tarefas femininas. Eu acredito que tenha muito isso.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já. Gênero? Se eu não estou enganada, é como a pessoa se reconhece. Não é isso? Mas acredito que seja isso, né? Como a pessoa se reconhece, mesmo você sendo homem, se reconhecer mulher, mesmo você sendo mulher, se reconhecer homem. Eu acredito que seja isso.*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Então, eu acredito que não. Nem pelas pessoas da igreja e nem pelas próprias pessoas que são assistidas. Mas é aquela questão né, a gente não pode fazer nada esperando algo. Você tem que fazer porque você gosta. Porque assim, igreja é aquela coisa, né, todo mundo é de grupo, mas na hora da ação... ninguém quer, ninguém quer tá ali todo mês visitando, ninguém quer ter esse trabalho. E pelas pessoas também. Às vezes elas acham que a gente recebe pra tá ali. Várias vezes já perguntaram: “Quanto vocês ganham?” E a gente não ganha nada, né? Nenhum bem material, pelo menos.*



*Pelas famílias, principalmente, pela falta de presença delas na celebração da vida. Isso me deixa muito chateada. Por que a gente tem o trabalho de ir visitar todos os meses. A gente visita cinquenta famílias. Aí chega no dia da celebração da vida não vai nem vinte e cinco. Aí se você falar assim: “Olhe, hoje vai cesta básica”. Aí aparece umas sessenta.*

*O padre, ele até valoriza bem, reconhece bem o trabalho social. Só que eu também acho que eles reconhecem, mas também não faz nada pra ajudar. Eu acho ele poderia participar de uma celebração da vida ou até participar de uma visita. Tenho certeza que o pessoal ficaria bem contente, bem impressionado.*

*A minha família... Então, minha mãe acaba puxando todo mundo, né? Então (risos) de uma forma ou outra eles valorizam, sim.*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Eu acredito que a distância das comunidades. São quatro comunidades, aqui. A mais longe, é uma meia hora andando. E, realmente, assim, aquele sol. Pra mim essa é a maior dificuldade. Aí vem também as dificuldades financeiras, né? Que é a questão do repasse. Nem todo mês vem. Aí você tem que ir atrás de doação. São essas coisas assim que pra mim ... a questão da distância e a questão dos recursos.*

*Eu acabo passando minha tarefa pra outra pessoa. Como eu estudo a noite, e as visitas aqui são feitas de tarde, minha mãe sempre faz no meu lugar. Eu só tô indo, no momento pra celebração da vida. Então, na verdade, eu tenho que abrir mão de alguma coisa. Não há uma conciliação.*

### **Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Com certeza, eu passei a ser uma pessoa mais grata, pelas coisas que eu tenho, vendo a situação das famílias. Mudou... acho que esse foi o ponto mais importante e também aumentou minha paciência. Você ter paciência de chegar na casa, ouvir o problema que aquela família tá passando, que as vezes a gente vai, vai fazer a visita tão carregada e sai tão leve, né? Com cada situação que a gente vê, até mesmo das crianças, criança passando fome, criança que não tem roupa pra vestir. Tudo isso.*

*Antes, eu tinha até um pouco de receio, como elas receberiam o que a gente tem pra falar e acho que com um tempo, até mesmo elas, passaram a ouvir melhor não só nós, né, que conseguimos nos expressar melhor. Elas também passaram a ouvir mais e melhor.*

### **Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Até um certo ponto sim, né? Mas acredito que, Maria...Ai meu Deus...risos...Maria foi muito submissa, né, à vontade de Deus e eu acho que na pastoral a gente não pode ser tão submissa a situações. Se não, vai hora que você vai parar. Não vai aguentar. Tem um momento que você tem que ir contra, entendeu? Mas fora isso... Fora a submissão, Maria foi obediente, né? A gente também tem que saber ser obediente na medida certa.*

### **Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Eu sempre tive uma admiração muito grande por ela, conhecendo toda a história, e ela realmente se doou. Desde a vida até a morte pra pastoral da criança.*

### **O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*Tanta coisa. Deixe eu ver uma. Olha a que marcou muito foi uma visita que a gente foi fazer pra uma família. Hoje eles não mais da pastoral. Acho que eles se mudaram. Que a criança nasceu, antes do tempo né, nasceu prematura e tinha AIDS. Aí, acho que foi bem marcante assim. Porque, aparentemente, ela só era menor né, do que um bebê que estava acostumada a ver e nem aparentava. Que a AIDS não é algo que se manifesta assim. Mas, eu fiquei um pouco sentida em saber que uma criança já nasceria com esse peso todo né? De ter essa doença já. Acho que esse foi um que posso destacar muito assim. E também o que marca constantemente é o carinho das crianças, sabe. Toda vez que a gente passa, elas abraçam e é tia. Isso também me marca muito, em toda celebração da vida. Sempre tem uma assim, que vem. É isso.*

### **Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Perseverança.*

### **Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Fazendo um resumo, eu aprendi muito esses quatro anos. Não seria a mesma pessoa, se eu não tivesse na pastoral da criança. Enquanto eu puder, eu pretendo estar. E aconselharia sabe, a todas as pessoas, não a ser especificamente da pastoral da criança, mas procurar, assim, um grupo voluntário, algum grupo que pudesse se doar um pouquinho. Isso recomendaria pra todas as pessoas.*

(ML08, 38 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Tinha uma reunião no salão paroquial, aí eu passei, fui passando, olhando o padre e as irmãs conversando, aí as meninas perguntou: “Você não quer participar da pastoral da família, não?”. Eu disse: “Bom, a pastoral da família eu não quero não. Se for a pastoral da criança, eu participo, porque eu acho bonito o que vocês fazem. Eu sempre gostava de participar com minhas filhas. Se quiser eu participo da pastoral da criança, agora da família, não”. Aí eu fui, a Irmã me convidou, Irmã Clara. Aí ela me ajudou. Quando ela ia fazer a visita, ela me chamava pra me ensinar como era que fazia. Eu sei que foi mais ou menos uns dois meses ela me ensinando. Aí, depois, quando eu completei dois mês a três, eu já peguei meu caderno e fiquei como líder. Até hoje, eu gosto do que eu faço. Já tentei deixar mas não consigo deixar (risos).*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Eu via, assim, o prazer que o povo tinha, de trabalhar com a pastoral e eu gostava. Aí, eu entrei assim, por mim mesmo, porque eu gostava de ver o que o povo fazia, eu entrei. É tanto que minha filha dizia: “Mãe, a senhora cansa tanto. É melhor desistir desse negócio”. Eu dizia: Não, mulher. É um objetivo que tô tendo. Não tenho nada o que fazer mesmo, então deixa rolar aonde Deus quiser, deixa rolar.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*As crianças. Eu gosto de trabalhar com elas. Tem dificuldade? Tem. Porque todas cidades, todos bairros, tem dificuldade. Mas eu gosto de trabalhar com elas. Só o sorriso de você chegar na rua: “Tia. Tudo bom, tia?” Aí me mata (risos). Tem daquelas que vem e me abraça quando me vê. E assim eu vou levando.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Porque os homens, hoje, pra você incentivar eles a entrar na pastoral, tá meio complicado, né?! Eles, sei lá. Aqui mesmo, pra você encontrar um homem pra ser líder da pastoral, você não encontra. Só se dizer assim: “Vamo ali num copo de cerveja?” Aí vai. Agora pra participar de uma coisa dessa aqui tá osso viu. Se as mulheres não tão querendo, imagine os homens. Ainda não fiz essa pesquisa. Mas vou fazer essa pesquisa. Por que os homens não participam. Aqui tem a parte dos homens do terço. Mas assim, vamo passar pra outra coisa pra fazer na igreja ninguém quer não. Só que aquele negócio mesmo. Terço dos homens, que só tem os homens mesmo.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Pra mim eu já ouvi. Não me lembro aonde, mas já ouvi. Já faz muito tempo mesmo, mas não lembro mais.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*As mulheres tem mais facilidade pra isso. Mas se os homens coisasse assim mais um pouquinho, desse um tempo pra Deus, ajudava bastante. Ter a força do homem, nesse momento, até que era bom. Mas as mulheres tem mais força pra isso do que os homens. Porque eu acho que é dentro da mulher mesmo, sabe. As mulheres é pra tudo. Se é pra parir quente dor. Pra tudo. Dar baque de tudo. E os homens, não. Os homens é mais fraco.*

### **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Aqui, pra isso, tá difícil. Tem que lutar muito. Que às vezes, tem gente, quando vamo convidar as pessoas pra ajudar na pastoral, aí elas perguntam: “Ganha dinheiro?” Eu disse: “Mulher, não. É só por caridade e servir a Deus. Só Jesus Cristo que lhe dá o que você quer”. “Ah, então não quero não, que não tem dinheiro.” E tem gente que a gente vai no lugar, as mães mesmo, tem mães que recebe mal. Mas eu sou daquele tipo sabe. Eu chego, porque eu sou entrona, quando eu quero ser entrona eu entro: “Mulher eu vou sentar, viu? Deixe eu sentar porque eu tô cansada!” Aí, ela: “É né, sente.” Aí a gente começa. Ela começa a rir. Aí eu faço a minha parte, porque é isso que eu gosto de fazer e pronto. Mas se depender do povo daqui... Tem umas que recebe até bem você. Recebe super bem, Outras não.*

Perguntei se o pároco valorizava o trabalho dela.

*“- Pra mim, ele nunca chegou pra mim dizer não. Tem horas que a gente tá no salão paroquial. A gente pesa lá no salão. Às vezes ele chega: “Boa tarde!”. Com aquele riso dele. “Boa tarde”. Eu: “Boa”. “Tudo bem?” “Tudo.” Pronto. Ele sai e não volta mais. Se ele fosse outro, no dia de sábado, um dia de sábado, ele chegasse pra conversar com as mães lá, até que era uma boa ideia. Eu já disse a ele mas não tem jeito. Eu vou fazer o que? Eu faço o que a gente pode, né?*

*Logo no início, minha filhas mesmo dizia: “Mãe, fica cansativo pra senhora. Tá bom da senhora entregar isso.” No dia mesmo, fica tão cansativo, porque eu vou fazer lanche. Eu que faço tudo. Sou de tudo a tudo. Aí eu vou limpar o salão. No dia mesmo da pastoral, minha casa fica uma zona, por que esse dia só é da pastoral. Outra coisa não. Quando eu chego, se as meninas tiver em casa, elas faz. Se não, quando eu chego, eu faço. Nesse dia mesmo, quando é dia da pastoral mesmo, só é da pastoral, não tem outra não, só é da pastoral.*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*A colaboração das mães das crianças. A gente vai, faz a visita, tudo, e na hora do peso, no meio de oitenta crianças, de oitenta a noventa, se ir é vinte, no máximo trinta crianças. Aí assim, a gente fica até triste. A gente faz a visita, conversa e na hora as mães não vão. A gente faz de tudo. Bota os brinquedos pras crianças, mas, infelizmente.*

### **Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Mudou muito. Eu não tinha paciência. Depois que eu entrei foi que eu fui ter paciência com minhas filhas. Paciência eu não tinha não. Aí eu começava a me estressar. Aí, assim, quando a gente vai cuidar dos filhos dos outros é que a gente vai dar valor ao que tem em casa. Aí, quando eu entrei foi que eu fui assim prestando atenção nas minhas filhas e tudo. E hoje, não*

*vou dizer que tô cem por cento, mas pelo menos oitenta por cento pra noventa, eu mudei bastante.*

Perguntei o que desencadeou a mudança, especificamente. Ela:

*Conviver com pessoas diferentes. Porque se você convive só com aquele ritmo, já vai ficar naquele ritmo. Aí se você mudar um pouquinho do ritmo, que sai daquele ritmo que você tinha e vê o ritmo dos outros, você muda. Porque você vê o que aquela pessoa tá passando, o que a família tá passando. Eu mesma, às vezes, tem mães que chegam, conversam comigo. Eu não era de dar conselho a ninguém não, porque se eu não queria conselho também não dava conselho a ninguém não. Mas hoje, as mães, às vezes me procuram, eu converso com ela, digo pra ter mais paciência... Porque hoje o que essas crianças carregam? Nada. Com elas, eu fiquei, eu sei que mudei bastante mesmo. Depois que eu comecei a participar das reuniões de lá, eu aprendi muito. Quando o povo me perguntava as coisas eu respondia naquela ignorância, hoje não, sou mais calma, mais tranquila. Presto mais atenção quando o povo tá falando. Eu aprendi a ouvir, que eu não ouvia o povo. E hoje, tudo isso, eu faço numa tranquilidade que só eu peço a Jesus, só ele mesmo que dá força, né? A gente tem essa experiência. Porque é uma experiência que nós passamos [...] Hoje eu mudei muito. Tô mais calma. Que eu era agitada.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Ela foi uma obra de Deus, né. Porque ela foi mãe, cativou seus filhos e a gente tem que agradecer muito a ela. Eu creio que sim. Pra mim é, não sei pras outras. Ela foi guerreira. Nunca abandonou seu filho. Por isso que eu digo, que a gente nunca deveria abandonar os filhos da gente, né. Queira ou não queria, aquele grupo, é filho da gente porque no momento que tá ali a gente tá tomando conta. E ela sempre tava ali perto do filho. O filho sofreu aquilo tudo, mas ela nunca abandonou o filho dela.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Uma guerreira. Porque, ela ali pode dizer que foi uma mulher guerreira. Porque ela sai daqui pra ir lá praquela lugar e trabalhar pra pastoral da criança. Ela pode dizer que foi uma mulher e tanta.*

**O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*Foi um encontro que eu tive, que eu assim, aprendi muito nesse encontro. Que foi lá na casa das irmãs. Ali eu aprendi muita coisa. Elas me ensinaram bastante. Eu fiquei fascinada, dos ensinamentos que elas tavam fazendo lá. Uma brincadeira que fizeram. Nesse dia eu chorei tanto! Fizeram tipo um túnel. Menina, mas eu chorei, eu chorei que me acabei. Ali foi onde eu esqueci tudo e me entreguei mesmo pra pastoral. Por que eu tava com um pouquinho de dúvida naquele tempo, tava com um pouquinho de dúvida. Mas depois daquilo...eu não tive mais dúvida da obra que Jesus tava fazendo pra mim.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Amor, esperança e paz.*

**Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Que Deus me conceda sempre essa serva dele. Que me de mais e mais paciência do que faço e que eu dure mais um pouquinho na pastoral. Vou indo como Deus quer e manda. A gente tem que servir a ele, porque sem ele a gente não faz nossa caminhada. Todo dia eu digo, se a gente não tiver Deus no coração da gente...Tem dificuldade? Tem. Mas fazendo com amor o que a pessoa faz.*

(ML09, 26 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*A partir de Valquíria. Que ela é filha da ministra da igreja daqui. Hoje ela também coordena. A gente já se conhecia, pequena né. Frequentava catecismo. Aí, quando foi um dia elas falaram da pastoral da criança, aí eu vim aqui no colégio, aí fiquei na celebração, brinquei com as crianças. Na outra celebração, já fui fazer a visita mais ela, Foi a partir dela que eu comecei.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Eu acho que é porque eu sou um pouco criança, também. Tenho quatro sobrinhos, que às vezes me estressam, aí eu digo: Senhor, não quero mais saber de criança. Aí eu chego aqui não tem ninguém pra brincar com as criança. Aí eu digo: Peraê. É eu que vou. Aí, faço uma xiquinha, boto uma maquiagem. Às vezes pegava eles e botava aqui nessa sala, sentava na cadeira. “Vamo brincar disso.” Eles: “Tia, eu quero, eu quero!” Criança. Porque eu sou um pouco criança. Uma criança se embola com as outras, né.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*O amor. Você tem que ter bastante amor, pelo o que você faz. E, amor. Eu, amo pastoral da criança. Amo servir, servir a Deus, porque pra mim, quando eu chego numa casa e as mães me recebem, elas me abraçam (!), assim, como amigas. Se o filho adocece: “ML09, meu filho adoceceu. Deixou de comer. Eu fui pro hospital com eles.” Mesmo que eu não vá procurar, mas elas me procuram. As mães me procuram pra falar dos filhos. Quando estão tristes, elas me procuram. Pra mim, ali, acaba com meu coração, sou emotiva. O amor pela pastoral da criança. Quando eu tô em reunião com o pessoal, eu digo: Essa camisa, eu vou honrar e vou lutar por ela, até o dia que Deus disser: Vai ser até hoje! No dia que Deus disser: Não vai ser mais por aí, vai ser por outro caminho.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Eu não sei nem lhe dizer. Eu não sei nem lhe dizer essa pergunta. Acho que pelo fato de ser mãe, a mulher ser mãe, né. As meninas, acho, que tem o lado mais maternal dentro de si, mesmo não sendo mãe. Apesar que teve um tempo que aqui na comunidade, a nossa turma de apoio era mais meninos do que mulheres. Mulheres só as líderes. Mas apoio era tudo menino. Se tinha menina era duas, três. Mas homem, era uns seis, sete. Aí depois foram crescendo, crescendo, aí foram deixando, mas a gente ainda tem uns dois. Eu acho que por isso, por ser mãe, o lado maternal.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já. Ai meu Deus! Vixe (risos). Pergunte outra coisa. Gênero? Acho que quando diz assim, gênero feminino e masculino? É isso?*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Por Deus, sim. Eu costumo dizer que se eu tô aqui hoje é porque Deus me escolheu. Ele disse: Você vai ser uma líder da pastoral da criança. Sei que tem famílias que dão valor. Mas*

*tem muitas que não. Muita gente pergunta: “Você recebe quanto?” Eu digo: Nada. Hoje mesmo, eu fui cadastrar uma família e um pai disse: “Trouxe dinheiro, foi?” Aí eu brinquei com ele: O senhor não tem não um pouquinho aí pra nois? Aí ele: “Tenho não”. Aí ele: “Você recebe quanto?” Eu disse: Nada. O que eu recebo vem de lá de cima. A gratidão do Senhor. Aí ele balançou a cabeça.*

*Quando eu chego aqui, independentemente do problema que eu tenha na minha família ou em casa; às vezes eu chego aqui tão triste, quando vejo um sorriso de uma criança, quando vejo ela dizer: “Tia, ML09!” Pra mim, ali, já é uma forma de dizer obrigado Senhor. Porque o sorriso de uma criança, seu dia possa ser do jeito que for, se uma criança chegar pra você sorrindo, um sorriso de felicidade, pra mim eu já ganhei o dia ou até a semana. Porque do tempo que tô na pastoral até hoje são muitas histórias pra contar, muitas histórias.*

Sua família? Valoriza?

*Acho que minha irmã, não. Agora minha mãe, ela até fala. Pronto, em dezembro. Dezembro é um mês muito corrido pra gente. E Suzana, ela é coordenadora e ela trabalha e eu fico daqui com outros e agente fica se comunicando por telefone e é muita correria, muita coisa. E em dezembro, aconteceu um fato. Aí, até eu disse assim: Gente eu quero pedir desculpas, porque muitas das vezes eu quero que vocês amem a pastoral da criança da forma que eu amo. Eu fico sem comer, eu fico sem dormir, eu me preocupo pra ver se vai ter presentes pra todas as crianças, se vai sair tudo certo, se vai ter o lanche pra elas. E muitas das vezes, os outros líderes não levam, levam na brincadeira. “Ah, depois eu faço.” E eu falei algo com um líder e ele chegou lá na porta da minha casa e gritou comigo. E eu comecei a chorar. Minha mãe olhou pra mim e disse: “Depois de tudo que você faz, é isso que você leva.” Aí, pá, chorei mais ainda. Aí disse: Tem problema não. Aí vim. Quando cheguei aqui na celebração, fui, brinquei com os líderes, tentei quebrar o gele, né. E ele de mal ali. Fechado comigo. Quando foi uns cinco dias depois, ele foi lá na minha casa, pegou nas minhas mãos, me abraçou e me pediu desculpa. Aí eu disse: Não. Quem tem que pedir desculpa sou eu, porque muitas das vezes, eu quero que você amem, dê valor da mesma forma que eu dou. Aí ele disse: “Não. Você tava certa. Eu acho que eu tava levando como uma brincadeira e você tava vendo que eu estava brincando.” Eu costumo dizer que eu faço o que for possível. [...] Minha sobrinha tá aqui, hoje ela é apoio. Meu sobrinho tá aqui. Hoje é o último mês dele. Ele fez seis anos. Já disse: “Tia, vou ser um apoio viu?!” Minha filha também tá em casa e o outro. O outro sai comigo pra fazer visita. Eles valorizam. E eu costumo dizer a eles: Olhe, começa de agora, pastoral da criança. Quando eu falo em pastoral da criança, meus sobrinhos querem estar envolvidos. Minha mãe, ela dá valor. O que precisar, às vezes, eu digo eu preciso disso pra pastoral da criança. Só se ela não tiver. Mas se disser, Dona Maria eu quero um quilo de arroz pra fazer um lanche e ela só tiver aquele quilo, ela diz: “Leve. Pode levar. Pode levar que Deus dá mais”*

E o padre da sua paróquia? Valoriza?

*Valoriza. Valoriza. Nesse lado, ele valoriza. Quando eu entrei na pastoral da criança, quando eu voltei, é...quando eu fui pro retiro. Pronto. Eu fui pra um retiro uma vez. Aí foi eu e Suzana, que a gente só anda... Aí, chegou lá no retiro, tal. Eu levei a farda da pastoral da criança e ela também levou. Chegou lá, todo mundo se apresentar, um monte de grupo, aquela coisa. Aí, o pessoal disse: “Vocês, são da onde?”. “Somo do interior”. Somo do grupo tal. Nós duas somo da pastoral da criança. Aí...com uma cara assim de diferença. O que é a pastoral da criança? Ninguém conhecia. E quando o padre Paulo entrou na paróquia, ele abraçou a causa. Nisso, ele tem nota 10. Ele ajudou a pastoral da criança.*



*Ajudou como? Quando tem missa lá, ele, Valquíria mesmo ela faz a celebração, as apresentações com as meninas e ele pede muito que elas vão se apresentar na missa. Quando tem algum evento. Ah, vai ter lanche. “Pastoral da criança, traga o suco”. Que a gente valoriza muito esse lado, de suco, de fruta. E, nisso, ele soube, ele fala muito na pastoral da criança. Depois dele, a pastoral da criança se abrangeu. Antes era bem fechada e hoje... Às vezes eu quero fazer apresentação aqui. “Padre, depois da missão, senhor dá a benção?” Os meninos da Pastoral criança vai fazer uma apresentação. “Vem cá, quanto é minha senhora que a senhora vai me pagar pra eu aguentar isso?” “Vixe, padre” Aí, ele: “Vá lá, vá.” Quando chega no final da apresentação ele tá chorando. Teve uma apresentação que minha filha cantou. Ele não resistiu. Começou a chorar. Levantou e abraçava ela. Chorava ele, chorava eu e chorava o resto da galera. Então, nisso, eu tenho que agradecer a ele.*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Acho que a dificuldade é o meu humano. Muitas vezes... sou eu mesmo. Entre outras coisas, não. Entre líderes, entre coordenadores, não. Mas entre mim. Porque muitas vezes a gente tá passando por uma dificuldade, na nossa vida, e faz com que a gente deixa aquele trabalho. Muitas vezes, já aconteceu isso. De eu tá com algum problema na minha casa ou na minha família e eu chegar pra Suzana e dizer: Suzana eu não vou não pra celebração da vida. Vou passar uma reunião e não ir. Ah, vamo fazer uma oração? Não, não vou. Porque às vezes, quando eu tô com um problema, eu me fecho no meu mundo. É eu e meu mundo. Aí eu não gosto de sair de casa nem nada. Eu acho que a minha maior dificuldade, às vezes sou eu. Os meus problemas. Hoje mesmo eu conversava com Suzana que eu tava passando por uma dificuldade e eu acredito que quando você tá com problema na família, isso prejudica se você faz parte de um grupo. Então, você procura se abrir com alguém do grupo, pra juntos, em oração, vocês conseguir se fortalecer ou nada feito. Aí, a gente, eu liguei na canção nova, ela também ligou e tava passando um jovem sarado. Aí a gente disse, não. O inimigo ele quer nos derrubar mas a gente não vai deixar não. Vamos juntas em oração, como Jesus, Maria e José e a gente vai vencer, eu disse a ela. Aí eu disse a ela: Suzana, eu ia me afastar essas semana, que eu tava passando por uns problemas e eu não queria que os meus problemas interferisse na pastoral da criança. Aí ela disse: “De jeito maneira. Você não tá doida. Vá. Pegue seu terço e vá rezar.” Aí, eu peguei meu terço e fui fazer a visita dela. Aí disse: Olhe, vou ali fazer sua visita, viu? Me ligue depois. Quando foi perto de meio dia ela me ligou. Ela disse: “Você tá com a voz bem melhor.” Eu disse: Lógico né. Você chegar nas casa. Você sai de casa, reza uma Ave Maria. Eu pedi pelas famílias, eu não pedi por mim, pedi pelas famílias. Senhor, que o senhor possa iluminar essas famílias que eu vou visitar. E quando eu chego nas casas as mães me recebem, conversam comigo, perguntam, querem tirar dúvida, aí, pra mim... aí, estou aqui.*

Com relação à sua filha e seu trabalho? Você consegue conciliar com o trabalho voluntário?

*Pronto. Teve um dia que, geralmente salão ele enche dia de sábado, e teve um dia que a gente marcou uma reunião, que a gente ia fazer uma oração, uma reunião, no sábado à tarde. E, geralmente, as minhas clientes, elas marcam, avisam. E quando foi nesse dia, eu tomei banho, vesti a roupa e disse tô indo. Quando eu botei o pé assim do lado de fora chega uma cliente. Aí eu comecei a ligar pra Suzana, ligar, ligar e ela não atendeu. Aí o que foi que aconteceu? Eu não tive como ir. Aí depois um dos líderes me ligou, dizendo: ML09, Suzana não chegou nem você. Eu disse: Meu filho me desculpe, me perdoe. Converse com o pessoal. Diga que houve um probleminha, mas a gente vai marcar outro dia.*

*Questão da minha filha, não. Eu não tenho problema não, com ela, não, graças a Deus. Às vezes, assim, no meu trabalho, um pouco. Quando eu trabalhava na mercearia, prejudicou porque eu trabalhava o dia todo. Aí, eu não tinha tempo de fazer as visitas e nem vim pra celebração. Mas reunião, à noite, eu ia. Mas agora, não. Até que não.*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Meu testemunho está na pastoral da criança. Antes de eu entrar na pastoral da criança, nessa rota, eu tava uma pessoa, assim, do mundo, festas, não ia pra igreja, não fazia voluntário nenhum. Era uma pessoa do mundo. Até quando uma colega minha me ligou, me lembro como hoje dessa ligação e ela: ML09, vamos voltar a pastoral da criança? Aí, eu olhei assim e disse: Vamo. Ela disse: Bora. Vamo marcar uma reunião. Vamo ligar pras meninas que já era. Pronto. Depois que comecei com pastoral da criança, se dissesse assim vai ter uma festa em tal canto e vai ter reunião da pastoral da criança. Eu pensava duas vezes. Eu dizia: vou pra festa. Tá, quando chegou a hora, eu vinha era pra pastoral da criança. Muitas das vezes eu dizia: Senhor, não me deixe ir pro mundo. Eu quero te servir. Eu quero ir pra pastoral da criança. E hoje eu tô aqui, Hoje, às vezes até o trabalho, você acredita, as vezes chegava uma cliente lá: ML09, eu vou lá sábado a tarde. Eu vou converso, chego de mansinho, vou ali: Vamo deixar pra tal hora, porque tem a pastoral da criança. “Ah, tem pastoral? Viu. Não se preocupe não. Depois, você me liga e eu vou.” Deixo, muitas vezes, de estar com o meu namorado, pra vim pra pastoral da criança. Antigamente a gente brigava muito por causa disso. Ele dizia: “Vamo sair?” Eu dizia: eu não. Vou pra pastoral da criança. “Vamos sair?” Eu: Não. Aí, foi quando meu relacionamento começou a entrar em crise. Aí ele dizia: “Tenha um tempo pra mim.” Aí, foi quando eu fui pra um retiro e eu vi que eu tinha que separar tempo pra tudo. Hoje ele diz: “Olhe, hoje eu vou para aí, de tarde, pra casa da sua mãe, passar a tarde com você.” Aí eu disse: Pronto. Aí eu disse: E agora? Suzana, minha fia, você não sabe. Ela: “O que foi?” Meu namorado vem pra cá. E ele tá meio assim porque ele saiu do emprego. Ela era radialista há oito anos e tem outro dono, agora, e colocaram ele pra fora. Aí, eu disse: Nossa Senhora, interceda! Aí liguei pra ele e disse: Olhe amor, hoje de tarde vai ter celebração da vida, vai vim uma moça de Aracaju pra fazer um documentário. Ele disse: “Que bom. Que ótimo.” Eu disse: Vai ser lá no colégio. Eu fiz um suquinho pra você, deixei aqui na geladeira, ou você vem pra casa de minha mãe ou vai lá pro colégio. Ele disse: “Não. Não se preocupe não. Se der, eu apareço lá.*

Ela pede desculpa por ter fugido da pergunta e continua. “Como foi mesmo a pergunta? Eu fugi, não foi?”

*A ML09 de antes. A ML09 que só pensava em si. Que só vivia dentro de casa, muitas vezes. Porque a gente sabe que a vida do mundo, lá fora, eles oferece alegrias momentâneas, né. Mas na hora do aperto mesmo, das minhas tristezas mesmo, eu era sozinha, em casa. Não conhecia o amor. Muitas vezes tem família passando por dificuldade maiores que a minha. Muitas vezes eu tô na minha casa, com o meu problema e chega famílias lá na minha porta pra conversar comigo. Aí eu fico pensando assim, eu digo: Senhor, o senhor me mandou essa família aqui... não sei nem pra que porque às vezes sai coisas da minha boca e a pessoa sai da minha casa tão assim e depois eu fico me perguntando: Meu Deus, o senhor me usou mais uma vez? E eu digo, mudou minha vida hoje cem por cento, à vista do que eu era antes. A pastoral mudou minha vida.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Eu peço a Jesus todo dia que eu seja igual a ela. Peço a ela que me ensine a ser humilde igual a ela. Quando a gente tá em reunião fala muito de Maria, do sim que ela deu. Nas minhas orações, eu peço muito a ela: Me proteja e me faça humilde. Porque Maria foi tão humilde. Essa palavra eu fico tão assim, que quando eu tô assistindo que alguém fala: “Seja humilde.” Aí, eu fico pedindo: Meu Deus, eu quero ser humilde. Se for alguma coisa, mesmo que eu não queria senhor, se for da sua vontade, eu quero servi-lo. Eu acho que por aí, em outras comunidades, tem muita líder que segue, também. Não segue ao pé da letra, mas que tenta fazer o possível, pra seguir o modelo que Maria foi.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Menina, muita coisa (risos). Tem uma coisa dela que me lembra muito, que ela disse uma vez que quando o senhor levasse ela, ela queria estar servindo a Deus, pela pastoral da criança. E eu peço muito a Deus: Senhor, se um dia o senhor for me levar, eu quero estar servindo à igreja, ao senhor, na pastoral da criança. Quando eu olho pra ela, quando eu olho pro sorriso dela, vejo ali tudo que ela fez pelas crianças. É um exemplo a ser seguido.*

**O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*Foi o ano passado. Fui fazer uma visita de uma família junto com uma das líderes e uma mãe, o marido dela está preso, e ela tem três filhos, dois gêmeos e uma menininha. É uma família, assim, difícil. A família toda usa droga, envolvida com roubo, e fiquei vendo assim, sabe. E eu olhando: Meu Deus, a gente pensa que tem dificuldades e mas a gente vemos dificuldades maiores. E ela dizendo a situação que ela tava passando. Tava muito magra, que eu conhecia ela bastante forte, bonita e eu vi ela muito magra. E ela chegou assim, disse que não sabia mais o que fazer pra sustentar os filhos o marido preso; muitas vezes ela pensou em fazer besteira. Mas logo na entrada casa dela tem uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e ela conversando assim e eu olhava pra imagem de Nossa Senhora Aparecida, olhava pra ela e eu dizia: Não tenha medo. Não desista. Quando você tiver assim, nesse momento, você peça força a Nossa Senhora, peça que ela interceda por você e seus filhos. Aí, olhei pra menina e dei a mãozinha assim a ela e comecei a brincar com ela. Aí passou a vontade chorar. Quando eu cheguei em casa, eu liguei pra Suzana: Suzana, tem uma família que tá passando por isso e por isso. E eu quero ajudar essa família. Na reunião, vamo pedir um alimento a cada um, roupa, o que a gente puder pra essa família. Elaine disse: “Vamo.” Aí, quando foi na celebração, eu falei, botei nos grupos: Gente, por favor, vamos ajudar essa família. São crianças. Se você tiver um bolachão dentro de casa, doe. Minha família tava passando, também, por uma situação difícil. Minha mãe disse: “O que você ver aí no armário, você pode dividir. Não tenha medo.” E foram chegando alimentos lá em casa, chegando, chegando, chegando, de tudo que você pensar. Quando eu saí da minha casa, eu saí com duas sacolas e meia e ali e deixou muito feliz, sabe. Quando eu cheguei lá, ela não tava. Aí a sogra disse: “Ela tá por aí, usando droga.” Eu disse: Não. Não tem problema não. Aí, o fundo da casa dela tava aberto. Aí, eu entrei (eu, Suzana e Mercia). Entramos. A casa, assim, tão simples, sabe! Casa de usuário mesmo. A gente foi e colocou lá no fundo. Quando foi no meio do caminho, ela vinha. Eu disse: Vim de sua casa, agora. Aí, ela disse: “Foi?” Eu disse: Foi. Deixei um negócio lá, pra você. Ela me agradeceu. Agradeceu às meninas. Aí eu fui pra casa. Aí me questionaram: “Você ajudou uma família de usuários!” Eu disse: Independente de qualquer coisa, são filho de Deus. São crianças. Quando foi um dia, eu*

*vinha da casa do meu namorado e ela tava no canto, sentada, assim, no chão, com a menina no braço. Aí, eu olhei pra ela. Eu disse: “Tudo bom?” Ela disse: “Tudo.” Com os olhos, assim, cheio de lágrima. Eu disse: Cadê os meninos. “Não, tá com a vó. Eu vou em Maruim pra ver se consigo arranjar o leite e a fralda dessa menina.” Eu disse: Não vou lhe ajudar agora porque não tenho. Não tenho condições. Aí, ela olhou pra mim e disse: “Muito obrigada. Porque o que você fez, ninguém chegou pra mim pra fazer.” Aí pronto. Fui do ponto até em casa...cheguei em casa fiquei pensando assim, falei pra minha mãe: Pra mim, vale mais do que dinheiro. Você ajudar famílias, ajudar crianças. [...] É sofrido. Quando eu me deixei do pai da minha filha, muitas das vezes, eu não tinha o mingau pra dar a ela. Mas graças a Deus, Deus ele me dá. Falta hoje, mas amanhã dá. E se eu puder ajudar uma criança, uma família, eu vou ajudar, só se eu não tiver. Mas ao contrário. Isso tudo. Essa transformação toda é pastoral da criança.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Amor. Amor. Criança pra mim diz muita coisa.*

**Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Muitas das vezes, tem gente que não dá valor à pastoral da criança. Acha que é um trabalho qualquer. Mas, quem está dentro sabe qual é o valor da pastoral da criança. Eu tenho meu sonho, junto com Suzana. Estamos aí lutando. Não tá sendo fácil e não vai ser. É de construir um centro pastoral, aqui. A gente celebra aqui. Muitas vezes, a gente tem dificuldade de celebrar aqui. Então, por que não a gente construir? Ter nosso próprio espaço? E, semana passada a gente conversou com a ministra daqui, porque ela disse uma vez que cedia um espaço aqui, do lado da igreja, da capela daqui. Ela disse que cedia, só faltava falar com o padre. Aí a gente falou com ela, até aí sim. Mas depois vieram os não. Muitas das vezes, os outros grupos não nos entende. Quando a gente pensou em fazer a nossa sede, a gente não pensou só na gente, pensou, também, nos outros grupos. Só que, muitas das vezes, ninguém pensou na gente. Eu digo que eu vou honrar esse nome, essa camisa e eu queria que todas as pessoas que tiverem envolvidas na pastoral da criança honrasse, amasse, servisse. Porque ser líder é servir. E para aquelas pessoas que olham a pastoral como um trabalho qualquer, a gente não recebe dinheiro algum, não recebe, mas o que a gente recebe é a gratidão do senhor. Então, queria que as pessoas valorizassem mais. Porque a gente faz isso tudo pelas crianças. Um dia disseram assim: “A pastoral da criança pega tudo que não presta: branco, negro, macumbeiro, não sei o que, não sei o que lá mais...” Eu disse: Não. Jesus não veio escolher se é branco, se é preto, se é rico. E porque a gente temos que escolher? Se for pra gente ir na casa de um macumbeiro, a gente vai. Se tiver uma criança, a gente vai. Se for pra ajudar, a gente vai aonde der, independente do que for. Às vezes eu passo pior uns lugares aí, periferia, os usuários tão lá. “Boa tarde!” “Oi ela, boa tarde, pastoral da criança.” Não precisa dizer mais nada né? (risos). É isso, eu queria que as pessoas valorizassem mais a pastoral da criança. Eu fiquei muito feliz, o ano passado, quando eu vi a pastoral da criança no criança esperança.*

(ML10, 61 anos)

Antes de responder às perguntas, a entrevistada selecionou alguns documentos que registram sua trajetória na Pastoral da Criança. Um material marcado pelo tempo, mas preservado com muito esmero.

### **Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Em entrei assim na pastoral da criança, em 89, né... 15 de agosto de 89, sob a orientação do padre da cidade, padre Carlos e da Irmã Fátima, Irma Margarida e Irmã Lourdes e, também, de Dona Marluce, que é uma moça daqui da comunidade. Foi assim, chamaram pra uma reunião no centro social e aí nos foi pra essa reunião e quando chegou lá elas saíram de porta em porta mais Fátima, a mandado do padre. Quando chegemo lá no centro social, que fica lá em cima, quando nós chegemo lá, aí foi várias pessoas da comunidade. Elas passaram pra gente o trabalho voluntário que era da pastoral da criança. Muitas não quiseram, porque foi voluntário. Aí, eu não fazia nada, né, eu disse: Eu vou pegar. Seja o que Deus quiser. E através, aí eu fui, uma cinco pessoas comigo. Elas marcaram outra reunião e aí já veio pra nois ir fazer um treinamento em Aracaju. Lá na sala da pastoral da criança. Nós foi fazer o treinamento, quando veio, eu vim assim, com medo de não poder colocar em prática o que eu vi. E assim, meu estudo era pouco, entendeu? Que eu fui aprender mais depois da pastoral da criança, no guia do líder. Aí, meu estudo era pouco aí eu fiquei preocupada de não colocar em prática. Era assim, aquele treinamento de três dias, ia na sexta e terminava no domingo meio dia e aí, eu fui. E eu achei muito interessante o trabalho voluntário. Aí eu peguei, né, abracei a causa e continuei. Nós foi fazer visita. Aí quando viemo de lá nois já foi fazer visita e nois foi fazer visita, como fazia visita na casa das pessoas, porque o alicerce é a visita. Algumas pessoas achavam que nois ganhava. Nois foi explicar que era um trabalho da igreja, em nome da Nossa Senhora da Purificação e aí, eu sei que eu fui tendo aquele laço de confiança coma comunidade e a comunidade acolheu. Eu mesmo não tive dificuldade. Como já sou uma pessoa, assim, da comunidade, dada, aí eu sei que todas elas acolheu. Fomo colocar em prática. Foi muito treinamento. Nois fazendo. E aí, a pastoral da criança...implantemos a comunidade e até hoje nois fiquemo. Eu, fui ser líder da pastoral da criança, assim, passei uns seis anos sendo líder e tendo treinamento. Depois de líder, fui ser coordenadora comunitária. Depois de coordenadora comunitária, eu fui ser coordenadora de ramo, coordenadora paroquial, né. E aí fiquei. Passei muito tempo, né, de coordenadora, porque ninguém queria o cargo, né. Implantei em várias comunidades, no Cominho, implantei em Capela e as outras comunidade ninguém queria porque, também, não recebia nada, era voluntário. Através desse trabalho, aí eu fui ser voluntário, aí, pere um pouco que eu não falei em dona Tereza (risos). Aí passou a ser líder, né, como eu falei, sobre ações básica de saúde, educação, nutrição e cidadania jurisdicionada à Paróquia Nossa Senhora da Purificação. Aí eu sei que, me dediquei a esse trabalho voluntário, por um período, assim, de seis anos, antes né, que foi de líder. Depois passei a ser coordenadora comunitária (era perceptível a desvelação de empoderamento, enquanto a entrevistada ia narrando sua trajetória, especialmente a ocupação de cargos de liderança, na PC, grifo nosso), que nem eu já falei. Antes de ser coordenadora, eu fui ser uma agente comunitária de saúde, através desse trabalho. Esse trabalho, assim, veio pra mim, como tinha um agente saúde nós se inscrevemos e aí, veio uma entrevista com o povo da secretaria de saúde lá em Aracaju, né. E aí, veio e me falou assim que ia ter entrevista de cada um, individual, o que nois queria na comunidade e eu fui, se fosse pra escrever eu não passava, entendeu? Muita gente, o município em peso. Foi no colégio ali. E aí, uma disse assim: “Ah, a prefeita já tem as dela. Quem vai ganhar é as pessoas da prefeita.” Quando elas chegaram de Aracaju, aí*

*falou que era um trabalho, quem ganhasse já recebia o resultado naquela hora, naquele dia. Foi uma entrevista. Aí me colocaram eu numa sala. De um por um. E quando chegou lá, perguntou sobre imunização, sobre pré-natal, sobre o peso da criança e eu já fui falando. Aí eu falei pra elas que trabalhava no trabalho da pastoral da criança. Ela só olhou pra mi e disse: “Esse trabalho é muito importante. Muito importante.” Aí, o soro caseiro, né, e aí, mandou a minha entrevista que eu dei e eu saí pra fora. Ela falou assim: “Se você ganhasse como, pra ser uma agente comunitária de saúde, você gostaria?” Eu digo: Gostaria! Eu já trabalho na pastoral da criança voluntário. Eu gostaria, ganhando, né (risos). Eu até falei, pensava assim, que não era o mesmo trabalho de agente de saúde, mas era o mesmo, a pastoral da criança, ainda melhor ainda, porque a pastoral da criança nois trabalha com multimistura (naquele tempo), muitas crianças desnutrido e nos levantemo com o multimistura, muitas crianças de diarreia morria, nois com o soro caseiro, entendeu? E aí, foi um trabalho riquíssimo pra mim. Eu vim fora. Fiquemo. Quando foi depois convidaram todas. “Interior.” Aí convidou assim, fez uma roda. Colocaram o nome da gente no durex e elas procuraram saber assim, o que nos queria na nossa comunidade. Aí, uma dizia: “Eu quero médico”/ “Quero enfermeira”/ “Eu quero um dentista”... aí eu falei: Pronto. Eu quero tudo que falaram. Mas eu prefiro uma creche pras crianças carentes que tem na minha comunidade. A mãe vai pra roça, vai pescar, vai pra lenha e deixa as criança comendo barro. Porque era chão e as criança ficava em casa comendo barro, porque não tinha nem piso. Aí, eu achei assim que uma creche era importante pras crianças. Mandaram eu sair pra fora e todo mundo saiu. Aí foi outra turma. Nessa turma, quando foi cinco horas foi o resultado. Cabrita, que é o meu povoado, tinha direito a duas vagas. As pessoas formadas e eu, não tinha nada (risos), não tinha nem, tinha o primeiro ano, né, que era o primário. Antigamente eu saí da escola no primeiro ano, primário. Eu pobrezinha, tive que ir trabalhar em roça pra poder sobreviver e depois, quando fiquei grandinha, fui trabalhar também porque não tinha como. Fui trabalhar em casa de família. Chegou lá, nois não podia sair com medo, né. As mães dizia: “Cuidado. Não deixe elas saírem.” Lá em Aracaju. Aí, também, eu não estudei. Quando eu peguei na pastoral da criança o guia do líder, ele tem umas letras muito, assim, grande, que como eu aprendi a soletrar, naquele tempo, aí eu também fui pegando prática, fui aprendendo mais ainda. Quando foi cinco hora, o resultado saiu. Todo mundo esperando. Falou em cabrita. Eu ganhei em primeiro lugar. Aí pronto. Foi aquele auê porque eu ganhei em primeiro lugar. Foi comprado. E gente formado não tinha ganhado. E eu ganhei. Eu fiquei assim, emocionada. Não alegre, porque eu tinha ganhado, em primeiro lugar. E uma pessoa, que não era daqui, mas era formada.. Morava mais distante do povoado, que não era da pastoral, ganhou em segundo. Aí nois foi trabalhar como, teve um treinamento. Eu falei assim pra minhas líderes: Olhe, o que eu ganhar vou dividir pra todas nós. Só que elas, era bom que elas tivesse aqui, só que eu pensei, mas quando veio pra fazer o treinamento, eu tenho o treinamento ainda (nesse momento, ela busca dentre os documentos guardados na pasta, aquele que mostrava a programação do treinamento para o cargo de agente de saúde, grifo nosso). Aí, o treinamento, não podia, tinha que ser eu, só. Aí eu fui trabalhar, fazendo, tive que passar um período, né. Saía daqui pra Capela a pé. Eu, nesse período eu fiz uma cirurgia. Ia com o curativo. Pegava uma colega minha, que foi também da pastoral, mas era estudada do Cominho, e nois ia pro município fazer o treinamento, desse agente comunitário de saúde. E nisso eu fiquei. Vamo prestar conta todo mês. Todo mês tinha que prestar conta. O mesmo que eu prestava conta na pastoral era do agente comunitário de saúde. Só que aí eu fui ensinar as meninas, formada, fazer como prestava conta, porque nois tem que entregar a produção à enfermeira. A pastoral da criança nois fazia na FABS e colocava no correio e a de nois, nois entregava a enfermeira chefe, entendeu? Aí eu fui ser o agente comunitário de saúde, mas jamais, nunca deixei a pastoral da criança. Porque foi através da pastoral da criança que eu consegui ser agente de saúde. Aí eu fui estudar. Quarenta anos, eu fui estudar.*

*Depois que eu fiz a quarta, eu fui pro supletivo. Aí pronto. Estudei o supletivo aqui mesmo, mas aí eu não quis fazer o segundo grau porque eu achei que eu não dava conta. Era em Santos. Transporte, tinha dias que as professoras não vinha pra sala de aula, em Santos. Nois saia daqui pra Santos, era o transporte que levava. Mas depois, tem dia de voltar onze horas da noite. Aí, nesse período que eu tava estudando, eu tava fazendo o meu trabalho, como pastoral da criança e como agente comunitária de saúde. Muito procurada na comunidade e porque sou, já era líder da pastoral e pronto. Aí eu disse: Não. O que eu sei já tá bom. Aí, quanto mais nois faz, mais a gente aprende, entendeu? Porque hoje eu não me troco por certas pessoas formadas. Porque as pessoas formadas hoje não faz o que eu faço. É acanhada. Eu tenho mesmo uma irmã que ela é parada. E ela é professora. Ela é professora. Eu já sou outra pessoa, através, fui, fora os treinamentos, fui visitar muita cidade, agora não que a pastoral da criança tá ... mas nois ia pra muitas cidades, assim, fazer treinamento lá. Pastoral da criança pra mim foi tudo. O voluntário. E ainda eu nem coloquei ali, que eu ainda trabalho com o idoso. O idoso, eu trabalho com o idoso, agora eu tô cansada, mas eles não querem me deixar. Eu tenha a pasta dos idosos com tudo deles, os dados deles todos. Trabalho voluntário, também. Eu tenho ali uma sedezinha que ela é do idoso, mas eu tomo parte e toco a pastoral da criança lá. Tenho várias fotos. Ontem eu tava até, panhei várias fotos pra levar, pra colocar assim, a pastoral do idoso. Pra mim, o voluntário foi tudo. E eu dizia assim: Eu só saio da pastoral quando eu morrer. Ainda eu digo. Não faço mais porque não tenho condições. Porque a pastoral da criança não tá como era antes. Tudo hoje é mais difícil. Até as mães, eu cobro das líderes, as líderes cobram das mães e as mães não vão. Antigamente era bastante criança que tinha na pastoral da criança. Hoje, com esse dinheiro do governo, porque minha fia, são tudo... assim, elas tem tudo. O povo diz que o tempo tá ruim. O tempo não tá ruim não. O tempo tá bom. O tempo já foi ruim. Aí pronto, elas não ligam a pastoral da criança. Nois convida pra elas ir pro peso e elas não vai. Muitas pastorais estão acabando.*

*Quando a gente tá implantando, o padre agora que tá na paróquia de Santos ele é ótimo. Teve uma pastoral social em Trindade, semana passada, e ele, o padre pagou a passagem das três líderes e mandou elas ir. Elas ligou: “ML10, você não vai pra pastoral, não?” Eu disse: Que pastoral? Aí elas me ligou. Eu disse: Não. Porque o daqui não mandou, da minha paróquia. Eu sou das duas, não mandou. Mas não se preocupe não, vocês vão com Deus. Elas disse que gostaram. Quando um padre dá assim apoio, ainda é melhor. Pra você ver, eu moro aqui, o padre mora em Santos. Pra mim sair daqui, eu tenho que ter oito reais pra sair. Chega lá eu não encontro o padre, né. Aí é difícil. E eu sou o que? De área. Mas quem tem que ir em frente é a de ramo.*

### **O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Foi a mística. Aonde eu vi assim, uma árvore que tem no guia do líder, que naquela raiz tem aquelas coisas bonitas. Deixei eu pegar aqui um guia do líder. Aonde nós temos a saúde, nutrição e educação e cidadania. Fé e vida. Quer dizer, é tudo pra gente. Fé e vida é tudo pra gente. E esses outros, que tem aqui em cima, brincadeiras, já foi depois, mas a mística mesmo era essa. E, assim, trabalhar com criança. Trabalhar com criança, que hoje eu amo criança, porque hoje se eu chegar na pastoral as crianças correm tudo atrás de mim, tudo me chama de tia. Ai nós sabemos, aprendi muito a trabalhar com criança. Pra mim foi tudo. A saúde, foi quando, também, eu entrei na saúde. Já aprendi um pouco, né, da saúde que já tinha. A nutrição, aqui, de primeiro, tinha muitas pessoas desnutrido. Hoje, não. A mortalidade infantil, quando eu comecei a pastoral da criança, desde que eu comecei a pastoral da criança, aí morreu uma criança. Depois não morreu mais criança na minha comunidade. Esse tempo todo não morreu uma criança. Quando foi agora, tem uns seis meses, morreu*

*uma criança, mas prematura. Há vinte e sete anos não morreu mais nenhuma criança na nossa comunidade. Pastoral da criança. Mas antes, morria bastante criança. A Dr<sup>a</sup> Zilda foi uma benção.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*A fé. O amor. A dedicação que eu tenho pela pastoral da criança.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*O voluntário. Os homens, muitos trabalham, tem, porque antes teve bastante homem, agora não. Aqui mesmo não tem um. Já teve vários homens aqui. Eu ontem tava olhando a foto. Aí, eles, uns casaram vão trabalhar, né, tem filho e aí não tem tempo e aí pronto. Acomodados. Muitos, também, era da pastoral e o povo dizia que era viado, porque eles andavam mais as mulheres. Tem tudo isso. Aí muitos sai, assim, depois. Eles saem da pastoral da criança. Ontem eu tava olhando as fotos dos homens. Homem que anda na igreja...agora que tão quebrando um pouco isso por causa do terço dos homens, mas antes. Comunidade era um auê.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Não. Gênero como? Eu já ouvi falar mas agora não sei dizer o que é.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Não. Eu acho que não. Porque se quer, se a pessoa tem boa vontade, não tem nada a ver. Como faz homem como faz mulher. Tem tantos homens que faz cada trabalho bonito da pastoral da criança. Aí é só ter boa vontade.*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Sinto. A comunidade valoriza meu trabalho. A dedicação deles, né. Aí eles se sentem feliz quando faz visita a eles. Conheço bastante gente nas comunidades todas. O povo me conhece e eu não conheço o povo. Eu fui mais meiga com eles, sou uma pessoa alegre, eu sou uma pessoa dada, não tem nada para eu passar por uma pessoa e não dizer: Bom dia. Boa tarde, meu lindo/minha linda. Um beijo. A minha comunidade aqui eu sou valorizada. Pelo padre da minha paróquia, o padre muda, entendeu. Não. Ele não dá, assim, entendeu. O padre que entregou aqui, que valorizou, só foi aquele que casou, padre Alcides. Ele valorizou mais a pastoral da criança. Se todo padre fizesse isso.*

**Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Trabalhar com gente. Principalmente, assim, com as líderes. Porque nois faz, nois cobra e elas não aceita. Comparação, visita domiciliar, nois que tá em frente quer cobrar e elas não aceita. Elas não são, assim, de chegar e fazer visita. Essa é uma das dificuldades. E se nois fala, elas acham ruim. Tem muitas que vai fazer a celebração e não leva nem o caderno. E quando nois cobra, na avaliação. Essa é maior dificuldade.*



*Antes, tive dificuldade com o marido. Quando comecei na pastoral da criança, ele dizia que era rapariga do padre porque vivia na igreja (risos). E aí, mas eu não desisti. Eu sempre fui assim essa mulher guerreira.*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Mudou muito. A ML10, mais agressiva, antes, não gostava de levar desaforo pra casa e depois da pastoral da criança, tudo mudou [...]Depois da pastoral eu mudei muito. Mudei assim, saber amar mais o próximo, aconselhar, briga mesmo, se eu for pra rua e tiver dois homens brigando, eu acalmo. Eu não soube criar meus filhos porque foi antes da pastoral, eu não vou mentir. Eu batia muito. Eu tenho uma menina que ela apanhou tanto. Mas eu não sabia. Depois que eu entrei na pastoral foi que eu vim saber criar um filho. Dar o amor no ventre materno, conversar, acariciar. Vim aprender tudo na pastoral da criança. Como cuidar da família. Porque a paz começa em casa e se não tem paz nada vai pra frente. Quando eu fui entrar na pastoral o meu mais novo já tinha seis anos.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Vejo. Mas nem todas é que nem Maria. Assim, Maria, nós sabemos, que Maria, ela é em primeiro lugar. Mas, umas pode fazer um pouquinho que nem Maria, mas nem todas... Ela foi aquela mulher forte, né, aquela mulher, sei lá... Maria é tudo! Ela serve como exemplo da pastoral, mas só que muitas não segue.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Zilda Arns, assim, pra mim, ela foi tudo, né. Porque foi aquela mulher guerreira e, assim, plantou essa pastoral da criança mesmo com todas as dificuldades, dificuldade e, assim, eu tenho ela, eu me exemplo muito por ela porque quando eu vou, assim, pra uma comunidade eu lembro dela. E foi tanto que quando ela morreu no Haiti, eu senti aquele momento, depois veio uma coisa assim pra mim, ela colocou assim... Onde é que eu tenho? (nesse momento, a entrevistada folheia um caderno) Ela colocou, assim, uma história que me gravou. Ela falou assim: Daqui a um mês, ou foi uns dias... Cadê meu Deus? Tá aqui... (E continuou folheando) Ca dê a história que ela gravou? Ela tava indo prio Haiti. Ela foi aquela mulher, ela foi tudo, ela foi idoso, ela foi criança e ela, antes dela morrer, ela falou...pronto! Tá aqui.*

02/01/2010

Mensagem de Dr<sup>a</sup>. Zilda Neumann:

*“Neste mês de janeiro (isso eu peguei no jornal da pastoral) estarei visitando o Haiti onde também houve muita violência. A convite, vou participar da assembleia dos religiosos do Haiti e tenho esperança que eles ajudem na explosão da pastoral da criança em todo país. Já estamos em vinte países com o seu exemplo construir um mundo mais justo e fraterno a serviço da vida e da esperança.”*

*Aí tem o falecimento de Dr<sup>a</sup> Zilda, RS*

*Haiti*

*Fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança*

*Fundadora e coordenadora nacional da Pastoral do Idoso*

*Aí eu sei que a morte dela, o que ela fez, a mortalidade infantil que diminuiu foi muito com ela. Tudo. O amor às crianças. E a morte dela foi um, assim, um exemplo. Ela morreu fazendo o que ela gostaria. Pra nós, assim, foi doloroso. Mas pra ela... foi muito gratificante. Porque ela indo pra Haiti e dizendo “Este mês de janeiro estarei visitando...”, quer dizer ela foi em busca de implantar a pastoral da criança e aí teve esse coisa e ela morreu. Morreu na luta. Então pra mim, eu digo assim, eu me exemplo muito por Dr<sup>a</sup> Zilda. Que ela foi uma mulher guerreira. Uma mulher que enfrentou... quanta pastoral tá implantada no Brasil? Através de Dr<sup>a</sup> Zilda. E até hoje o nome dela não sai da pastoral da criança de jeito nenhum. Vejo a entrevista, que nem essa semana eu vi, né. Passando a Dr<sup>a</sup> Zilda guerreira. Eu disse: Ela morreu, mas ela tá ali. Ninguém esqueceu Dr<sup>a</sup> Zilda. Cheguei a ver ela duas vezes. Foi duas ou foi três? É porque a foto dela tá lá no... que tava aqui no quadro e sábado eu coloquei tudo pra lá. Eu vi ela lá no sesi, sesc, que tinha ali na rua de Bahia. Foi uma chegada dela muito bonita.*

*Ela e teve outra também na pastoral da criança, Magda. Você conheceu Magda? Magda balançou. Magda, o que eu aprendi com Magda não foi no gibi. Vinte e sete anos não é vinte e sete dias, né. Magda ela ia apanhar lá mesmo, no fundo, entendeu? Magda, ela bem balançou. Eu tenho aqui também, ela... (A entrevistada volta a folhear seu caderno)*

*Aí eu peguei assim:*

*“Saudosa Magda*

*24/01 faleceu, de 2013*

*Marcou nossa vida com a sua brincadeira e molecagem. Amou a todos assim como a si mesmo. Guardaremos na memória todos os nossos momentos bons. Deixou seu ensinamento em nossos corações, assim permanecendo pra sempre dentro de cada um de nós. Magda Maria de Moraes.”*

*Em sempre gosto de fazer uma história. Aqui foi que eu fiz para o dia dos nego na escola. Ai botaram lá eu com uma foto, lá na escola. Aí elas bateram eu com essa foto e colocaram lá. Aqui é os certificados que eu tenho, oi. (Ela mostra os certificados adquiridos ao longo da vida, com um orgulho estampado no sorriso)*

*Que é que quer mais Micaele? (risos) Espie se eu conversei muito, viu.*

### **O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*Tem muita coisa. O que marcou na pastoral quando comecei foi eu pegar, foi no Cominho, uma criancinha, só tinha o osso e o couro. E aí, a menina veio me chamar, a de lá, né, e eu fui lá. Quando cheguei lá, nois foi na casa da mãe. Quando chegou na casa da mãe, aí a mãe tão pobrezinha, não tinha água, a criancinha seca, só tinha o olho. E aí, nois foi, tinha um buraquinho assim, lá embaixo e aí nois peguemo “E agora?” Aí, aquela aguinha barrenta, aí peguemo um pano, cuemo a água e demo banho na criança. Não tinha água encanada nesse tempo. Demo banho na criança, arrumemo a criancinha, arranjemo uma roupinha. E aí, nois foi até a secretaria pra procurar a secretária de saúde e nois teve que internar a criança lá no Santa Isabel. A mãe não sabia ir. A mãe não tinha como ficar no Santa Isabel. E aí, eu trabalhava como agente de saúde. Aí, nós falemo lá no hospital e nois, assim, ia, uma tarde uma ia, outra tarde outra ia e aí a mãe não tinha, nois não tinha dinheiro pra levar a mãe. Naquele tempo carro de prefeitura era difícil. Aí, o conselho, naquele tempo nem existia conselho. Porque conselho vai ter um tempo desse, né. E aí, nois corremo até a criancinha morrer. Aí morreu, aí nois fizemo o enterro da criança. E uma que marcou mesmo foi uma mãe, daqui da minha comunidade. Aí a mãe morava com o pai, o marido, um marido ruim. E ela tinha, tava grávida. E grávida, eu ainda não era agente de saúde, ela grávida, o marido*

botou ela pra fora. Ela com três filhinho. Todos os três dele. E tinha uma casa de farinha ali de frente, aquela casa de farinha, aí disseram assim: “E.M.S.!” E a casa de farinha, assim, o motor (brúuuun!) trabalhando e tinha aquela ruma de, meu Deus, é tipo casa de aranha, só que era assim, parecia enfeito, da poeira, tudo penduradinho, pronto. E o motor trabalhando e as casca no lado. Essa pobre não tinha onde morar, aí chegou nessa casa de farinha aqui e ficou. Aí chega uma líder. Disse: “E.M.S.” Eu disse: Oi. “O que nós vamos fazer por ...?” eu: De que? Ela: “Não tá sabendo não? Zé botou ela pra fora ela tá ali na casa de farinha. Vomitando. Colocando aquela fonfada. Com duas criancinha de lado. O barrigão pra pular.” Aí eu disse: Atrás dele eu não vou. Se ele colocou ela pra fora, eu não vou atrás dele. Eu vou atrás dela. Ela e prioridade, né. O que nois vai fazer? Aí ela disse assim: “Olhe, meu sogro tem uma casinha ali.” Aí, tinha casinha que era duas porta, sabe. Só a frente. Aqui vizinho. Aí eu disse: Vamos lá pedir a ele pra nois colocar ela lá. Aí ela foi. Aí ele disse: “Pode colocar.” Nois aí, não era porta. Era uma casa. Ele tinha vendido uma banda. Tava a banda da janela. Aí nois foi, metemo os cotoco, derrubemo pra fazer a porta. E agora uma tábua? Vamo arranjar uma tábua. E essa mulher corria prum lado e nois corria pra outro. Aí juntou a pastoral da criança. Era que nem uma formiguinha. Todo mundo trabalhando. Aí arranjei uma caminha de solteiro, pra ela. Umas varinha, coitada. Arranjei uns pedaço de mofada de colchão. Todo mundo era carente nesse tempo. Aí coloquemo. Ela ia pro hospital e voltava. Aí pronto. Eu fiquei tomando conta. Aí eu pô coloquei ela no hospital. A derradeira vez, ela... Ela disse que não podia criar a criança. Aí uma mulher em Capela queria. Mas só queria se fosse branco. Aí eu disse: Pronto. Não vai dar a ninguém. Pra ela querer, ela tem que querer o que vim. Se for mulher, nesse tempo não tinha ultrassom, se for homem, se for preto, se for branco, ela tem que querer. Se ela quer escolher cor, pronto, não vai dar mais a ela. Aí fiquei, fiquei. Aí eu levei pra maternidade. Chegou lá. Aí a maternidade já era caminho de roda pra ela. Colocaram ela no soro, fizeram tudo, aí ela pariu. Aí o povo - “Sua fia já pariu.” - comigo. E aí eu fui arranjar. E aí, quando veio, eu fui arranjar na comunidade, uma fralda, um sabonete, que eu também não tinha condições de comprar. Aí, arranjei até um berço. Coloquei, mas aí, o berço foi depois. Arranjei essas coisinha e ela chegou da maternidade. Fui panhar ela. Ela chegou da maternidade. A casa encheu de gente. Eu coloquei ela deitadinha mas o pequeno e forrei um paninho, que nesse tempo eu tinha marido e o marido enjoado né, e forrei um paninho no chão, arranjei um pedaço de almofada e coloquei pros dois. Quando foi de manhazinha, eu fui lá. Quando eu cheguei lá, eu chorei. Tava todos quatro, em cima da caminha. Que nem bichinho de ruma. Aí eu disse: Ô meu Deus! Como foi que essa pobre dormiu? Capaz de matarem até o pequenininho né? Aí eu me preocupei. Eu disse: Me Deus, esse menino não pode ficar aqui. Trazer pra minha casa eu não podia, porque tinha marido. Aí eu disse assim: ... você quer me dá esse menino pra ficar lá comigo? Ela dava mama. Eu vinha praqui e ela dava mama. E você fica aqui com os outro. Aí ela disse: “Eu dou.” Aí eu fui, providencieei, arranjei um berço e coloquei ele no quarto, assim, no quarto da minha menina. O quarto tinha uma janela assim. Agora não. Agora eu tô rica, né. Que ali, aquele quarto que eu faço assim, que se tiver alguma pessoa, aí já dorme numa coisa e eu durmo em outra. Já tomo conta, entendeu? Aí eu disse: Meu Deus. Aí eu trouxe pra cá. A casa encheu de gente. Aí arranjei, teve gente que meu um pedaço de pom, pompom né? De menino. Aí botei um pouquinho dos talco das criança. Me deram fralda. Outros me deram uma roupinha. E aí, não tinha essas fralda descartável. Que eu odeio comprar fralda descartável pra dar ao povo. Que é preguiça. Aí nisso minha fia, fiz, fiquei com a criança. Veio uma menina de Capela que é filha daqui e essa mulher casou também com um filho daqui e não teve filho. Morava em Aracaju. Mas essas menina, era gente de quase família da gente, chegou aqui e soube. Aí a mãe disse, se eu achar a quem dá, ela dá. Eu não deixei dar a essa de Capela porque só queria se fosse branco. Aí também ela não deu nem a mulher procurou. E o menino ficou até claro. Aí eu disse assim; Eu fico com o menino.

*Mas essa moça veio, mas não veio aqui. Soube na comunidade que eu tinha essa criança, que a mãe queria dar. Ela chegou lá em Aracaju e falou com essa mulher. Aí, essa mulher disse, não tinha telefone, aí essa mulher: “Vamo nas Pedras?” Ela chegou na segunda. Na terça feira chegou aqui. Conhecia todas duas que era filhas daqui. Aí bateu palma. Aí eu já tinha dado banho no menino. A mãe já tinha dado peito. A mãe vinha aqui, ia em casa. Eu levava pra dar mamar. Aí, ela disse... porque meu medo era dos outros matar ele. Tudo na caminha dormindo com ele. A mãe, não. A mãe queria dormir com eles abraçado e ela só dava porque não tinha jeito. Porque não podia criar. Aí eu fiquei. Daqui a pouco (a entrevista bate palmas). Aí quando eu saí era ela. Aí eu: Diga aí. Aí ela disse assim: “Eu tô sabendo que você tem um menino pra dar.” Eu disse: Eu não. É a mãe que teve filho e ela queria dar. Mas, eu não sei se ela vai querer porque tá aqui na minha casa, né, ela disse poder dar porque ela não pode criar. Mas aí, eu disse: venha ver. Aí amostrei. Aí, ela trouxe uma manta, trouxe umas coisinha já pro menino. Aí eu disse: Vamo lá na casa da mãe. Quando cheguei lá, aí eu falei com a mãe. Aí a mãe chorou. Aí chorou todo mundo (nesse momento, inclusive, nós duas choramos, grifo meu)... Eu disse: Ela veio saber se você dá essa criança. Aí ela ficou assim. Aí ela pegou a chorar. Aí chorou eu, chorou as outra. Aí ela disse: “Eu vou dar porque eu não posso criar.” Isso me deu uma dor no meu coração. Aí eu disse, eu também não podia criar. Aí ela disse: “A senhora me dá?” Ela disse: “Dou.” Ela disse: “Olhe, eu sou filha daqui, moro com um homem daqui, casei, mas eu não posso ter filho.” E até hoje ela nunca teve. “Se a senhora puder me dá. Eu vou criar ele como um filho meu.” .... Aí eu já tinha tomado banho, arrumemo a criança e ela saiu .... (nesse momento, a entrevistada muito se emociona, lembrando a cena, grifo meu) ... saiu com a criança e nois fiquemo chorando. Aí ficou. E agora pra registrar? Pronto. A gente vai se registra como filho dela, como teve em casa, porque pra registrar como filho tinha que ter o papel da maternidade. Aí foram e registraram. Aí depois, não sei como foi que elas teve que falar a verdade, aí teve que fazer outro registro. Ir pra juizado, ir pro juiz. E foi onde tirou o registro do menino. O menino foi, se criou, com todo amor. Ele vem aqui, menina eu quero que tu veja. Aí ele nunca sabia a história dele. Aí eu sei que ele... as que toma pra criar, elas tem medo. Eu digo: Não. Vocês tem que contar a verdade. Não deixar o menino em dúvida. Aí nisso, ele pegou e ficou. Ela criou o menino, com todo amor. A mãe, o menino não conhecia. Aí ela continuou morando na casinha. Depois, ela foi morar com um senhor. Saiu da casinha, em tudo eu não tinha fio pequeno. E o pai ficou com raiva de mim, porque eu dei a mão a ela e à criança. Aí o menino cresceu, ele anda na canção nova, é uma pessoa da igreja, ele já trabalha, ele já tirou a carteira, já vem dirigindo. E aí, mais ele não esquece eu. E aí, ele pegou, assim, amizade com essa menina minha e tem ela como uma irmã. Que ela, também, ainda tomou conta dele. A mãe dele biológica, ele não conhece não porque ela mora em Dorcas e a mãe não apresentou. Aí, quando foi um dia, o ano passado, agora na quaresma, na semana santa, vai fazer um ano. Aí ele veio aqui. Ele sempre vinha. Mas aí, ele falou pra mim assim: “Eu vou querer que a senhora me conte a minha história.” Eu disse: E sua mãe não lhe contou não, ainda? Ele disse: “Não.” Eu disse: Eu lhe conto. Ele chorou. Eu chorei. Aí eu fui e contei. A mãe dele ele não conhece porque ela foi embora, mas conhece os irmão, os dois irmão que ficou. Aí uma irmã dela ficou mais o pai. Aí no fim os menino voltaram pro pai, os dois. A mãe morou com outro, teve outro filho. E aí foi embora. A mãe sumiu. Ele disse: “Eu não sabia dessa história.” Aí ele me agradece. Quando ele me vê ele me beija, me abraça.*

(ML11, 33 ANOS)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Através da coordenadora da pastoral, Marta. Ela é minha colega de trabalho. Ela fez o convite. Eu aceitei.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Antes de entrar, eu já conhecia o trabalho porque eu acompanhava. É... Quando tinha algum evento, natal, ela me convidava pra ajudar. Então eu já conhecia um pouco. E eu tenho uma tia, que é líder comigo, ela já faz dez anos que tá na pastoral, também. Então, eu já assim, já pegava o livro pra ver. Eu já conhecia um pouco e achar bonito o trabalho. Acho que foi uma comemoração de natal que teve, que eu fui ajudar, que eu achei tão bonito! E... aí eu disse: olhe, quando eu me formar. Assim que eu me formar, eu entro na pastoral. E meses depois disso, eu me formei e entrei.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Eu acho que o motivo, o que motiva é a gente saber que tá fazendo alguma coisa útil, alguma coisa boa pra outras pessoas.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Porque eu acho que as mulheres, é.., infelizmente, geralmente, ficam com a carga maior assim da família, de criar os filhos e tudo. É difícil você ver um pai preocupado com vacina, um pai preocupado de levar o filho ao médico, de levar na igreja. A mãe, não. A mãe já desempenha mais esse papel. Eu acho que é por isso.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já. Bom...(risos). Eu já ouvi falar. Eu acho que agora eu não vou conseguir...*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Eu acho que sim, porque eu acho que elas se sentem mais a vontade, as donas de casa assim... quando a gente chega pra fazer as visitas, sendo mulher. Tem mais confiança. Até porque nós somos líderes, mas também somos mães. Muitas das vezes a gente dá um conselho, conta um pouco da nossa experiência também pra elas e tudo isso conta.*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Me sinto sim valorizada. Nós temos uma reunião todo mês pra decidir o dia da celebração, o lanche que vai ser servido e tudo e ele (o padre, grifo nosso) sempre procura participar pra dar alguma opinião. Somos valorizadas por ele, sim. Quando a gente chega elas já ficam. Ah, vai ter pastoral no sábado? Que bom! Eu não sei se... é... elas gostam de ir pra pastoral, não sei se por conta das crianças, tem o lanche, eles já ficam na expectativa. Geralmente sempre a gente faz alguma coisa, leva roupa pra doar, uma doação, sempre tem alguma*

*comemoração. Então eles gostam. Não fica aquela coisa de rotina. Quando eu posso eu levo minha filha pras visitas pra que ela já possa acompanhar um pouco o trabalho, também. No dia da celebração também eu levo pra ajudar.*

**Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Quando a gente começou, nós não cadastramos famílias próximas, nós... era uma família distante da outra. E teve momentos, assim, um pouco... a gente tinha que ver o melhor horário ir, tirar um dia pra visitar todas, de um transporte. Só isso.*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Eu me sinto uma pessoa melhor. Como eu disse, eu me sinto uma pessoa mais útil. A gente coloca em prática a solidariedade. Isso é muito bom, né?! A gente tem que cumprir nosso papel de cidadão. E, eu acho que agente tem tá fazendo isso. Eu me sinto uma pessoa muito abençoada. Sou muito grata a Deus. Tenho saúde, tenho meu emprego, tenho minha casa. Então, eu acho que isso é o mínimo que eu posso fazer. E é uma coisa que gosto de verdade, de verdade mesmo; de visitar as famílias, principalmente as carentes, de sentar no sofá e conversar um pouco com a mãe, de dar algumas orientações. Até porque assim, por eu já ter uma base como agente de saúde, a gente orienta, pega a carteirinha de vacina, fala sobre vacina, fala “olhe, esse mês tem campanha de vacina. Deixe eu olhar pra ver se você já deu ou se não deu. A gente dá as orientações. Pergunta da alimentação. Pergunta da escola, se tá indo direitinho tudo. Então, assim, eu acho que é muito gratificante pra gente. Pra falar em público eu sou muito tímida. Mas nas visita, no dia a dia, não foi problema porque eu já tinha esse contato de família a família, de casa em casa. Então pra mim não foi dificuldade nenhuma. Eu participei do conselho da criança e do adolescente porque era voluntária da pastoral.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Com certeza. Maria é um exemplo de mulher, de mãe, né, que... Então, eu acho que ela é uma referência como mulher pra gente e é um modelo a ser seguido, porque ela foi a mãe de Jesus, porque ela foi, pela conduta dela. Uma conduta de mulher íntegra, mulher honesta, religiosa.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Bom, eu não pesquisei muito sobre ela, mas eu sei que ela foi uma voluntária que iniciou (não foi?) a pastoral da criança. Às vezes eu vejo, no facebook, fotos dela, alguma frase, alguma coisa. Não conheço a história dela por completo, mas sempre vejo alguma coisa relacionada a ela e à pastoral.*

**O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*O carinho das crianças. Quando a gente chega, geralmente eles chamam a gente de tia. “Oi, tia! Vai ter pastoral?” E isso toca muito o coração da gente. Uma coisa que marca muito*

*também, quando tem comemoração, a gente vê a alegria deles e das mães que estão vendo eles ali tão felizes.*

Perguntei se ela acompanhava famílias que residiam no centro ou em bairros periféricos. Ela disse que acompanhava dos dois lugares. Eu retruquei: Então você transita por esses dois universos? No que ela respondeu:

*Você falou assim desses dois universos. É até bom frisar uma coisa... Eu fiz alguns cadastros desses dois universos e o pessoal aqui da sede foram poucas vezes, desistiram, a gente chamava e poucos ficaram frequentando e o pessoal da periferia, todos querem que cadastrem, eles frequentam assiduamente.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Amor. Eu acho que eu tenho amor pelo o que faço.*

*Eu acho tão pouco o que a gente faz, assim, eu acho que a gente precisa fazer tão pouco pra participar, assim no sentido da nossa doação, o que a gente faz é grande, é importante pras famílias. A gente tira um dia, dois dias no mês pra fazer visita e mais outro dia pra fazer a celebração. É muito pouco.*

**Alguma reflexão final sobre sua experiência?**

*Ser voluntária, eu acho que, como eu disse no início, me mudou muito, me tornou uma pessoa melhor. Todo mundo, todo mundo tem oportunidade se quiser na verdade deveria fazer alguma coisa assim, entendeu? Muito bom você fazer alguma coisa pelo próximo, muito bom mesmo. Vale muito a pena e eu acho que isso aos poucos até me ajuda. A gente só tem a ganhar com isso.*

(ML12, 42 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Do padre Arnaldo. Ele era o pároco daqui do bairro e aí ele fez o convite na missa, perguntou se alguém tinha o interesse de participar e eu como sou ousada né, fui a primeira. Aí, eu me ofereci e depois fui arrumando as outras meninas e tive interesse porque ele disse que era pra trabalhar com criança e eu gosto muito de criança.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Pra mi doar. Pra mim doar às crianças. Porque aqui tinha muitas crianças mais carentes do que tem agora. Ainda tem, mas no tempo que eu entrei era aquela, como é que se diz meu Deus? Tinha pessoas, assim, mais carente, mais pobre, entendeu? Não é que deixou de existir. Só que no tempo que eu entrei tinha mais pessoas que assava necessidade.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Aí, é as criança. O amor das criança. Aí, assim, é gratificante pra mim, entendeu? Eles chama de tia, que seja na celebração ou fora. Aí quando eu falo que vou sair eles chora e diz que não. Assim, o carinho das criança. E, também, muitas mães, também, né, que recebe a gente bem. Se bem que tem umas que não. Que deixa a gente no sol/chuva. Mas, outras, convida pra entrar e às vezes a gente até esquece do tempo porque a gente tem que conquistar a confiança, né, deles e quando a gente mostra a eles que pode ter totalmente confiança eles falam muito coisa. Eu chego até a falar da minha vida a eles, também.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Eu não sei assim, se é por falta de oportunidade, né, assim de fazer convite as homens. Porque assim, eu mesma eu já fiz muito convite a muitos jovens, mas eles: “ah, eu tenho vergonha porque não tem nenhum homem.” E, assim, tinha que ter um, o primeiro, né? Assim, já teve homens, mas hoje em dia não tem mais. Os jovens não querem. Os homens, não. E quando tem um ou dois que quer, quem quer exige que tenha um primeiro. E aí? Quem vai ser esse primeiro? E as mulheres também sempre se doam mais. Sei lá, já é de mulher mesmo. Instinto mulher. Como a gente é mais carente, tem mais pena do outro, quer se doar mais. Eu acho.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Gênero? Masculino e feminino?*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Acho que sim. Porque a família, a gente vai fazer uma visita, então aquela mãe se sente mais a vontade de estar conversando com outra mulher. E, até assim, às vezes por causa do marido também. Acha que porque é um homem vai tá confiando. Eu acho que as mulheres ficam mais a vontade quando é outra mulher.*



## **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Não. Assim, mulher, até tem pessoas que critica: “Ave Maria, Deus me livre de eu sair da minha casa pra tá fazendo visita sem ganhar nada.” Aí eu digo assim, que o que eu ganho é carinho das criança. Eu nem olho tanto assim, sabe, pelo o que as mães passa pra gente. Só as criança. Porque tem mães que passa aquele carinho pra gente e outras, esnoba mesmo. Até as mães mesmo. A gente vai fazer a visita e se sente assim rejeitada. É tanto que tem muitas que nem convida a gente pra entrar. A gente fica ali, do lado de fora mesmo. E outras vão só pelo interesse. Elas tem mais interesse de ganhar, do que a própria visita da gente. Às vezes eu vou fazer visita: “E aí, vai ter algum sorteio, no próximo mês?” Aí, eu, as vezes quero conquistar, né? Aí eu digo: Oxente! Vai ter sim. Pode ir que vocês vão ver. Vai ter uma novidade. Aí, cada visita que eu vou. Olhe, esse mês agora, vai ter uma novidade pra vocês. Aí, enche assim, de mãe. Quando chega lá que não vê nada, aí começa a xingar a gente. Mas, no outro mês a gente tá lá de novo. O que me deixa triste, assim, é porque oitenta por cento só vai pra pastoral no interesse.*

*Tinha a doação das verduras. Era toda quarta feira. Elas tavam indo só no interesse das verduras. Aí, uma semana vinha verduras boas, perfeitinha. Saía com um sorriso na cara. Quando vinha coisa estragada, chamava a gente de urubua, fia daquelas doenças ruim, só dá o que não presta. Aí eu digo: “Mulher, esse povo tá muito mal agradecido, então vamo deixar eles uns tempo sem receber.” É tanto que, muitas famílias saíram. Porque só ia, realmente, no interesse de ganhar a verdura. Aí quando a gente fala que vai voltar...” Ah mulher, vá lá fazer minha visita.” Aí, isso ali machuca, a gente. Porque eu sempre falo, gente a gente deixa a casa, deixa o marido, chega do trabalho cansada, se doa a vocês e vocês assim. Só aceita a gente no interesse. Aí, hoje a gente tem pra dar, amanhã não tem, e elas tem que aceitar a gente do mesmo jeito. Eu acho, que tem que ser assim.*

E o padre, valoriza?

*Mais ou menos. Se dependesse dele, por ele, eu já tinha saído. Porque todo mês, quando eu faço a visita: “E aí padre, vai fazer uma visita?” Esses anos todos que eu participo da pastoral, nunca foi nenhum padre. Nunca, foi fazer uma visita. Eu sempre convido...” Ah, tenho que olhar na minha agenda. Vá lá na minha casa.” Então, assim, tem que tá sempre se humilhando. Aí eu acho, assim, desaforo. Ainda de ser humilhada pelas mães e também ser humilhada pelo padre. Aí, eu não convido mais não. E eu acho que ele não valoriza mesmo.*

E a sua família, valoriza?

*Meus pais, sim. Meu marido, não (risos). Meu esposo, ele assim, ele fica reclamando: “Você já tem problema de saúde.” Porque eu tenho problema de coluna. Às vezes, eu vou fazer a visita quase chorando fia, de dor na coluna, nas pernas. Mas eu vou. Não desisto. Aí, ele: “Não ganha nada. Você não ganha nada. Só ganha o que? Língua do povo. E deixar de tá dentro de casa descansando pra tá fazendo favor ao povo de fora.” Ele não valoriza mesmo. Mas, meu pai e minha mãe, toda vida me deu força. Meus filhos, também, sabe. Eles me dão força. Agora, meu esposo ignora mesmo.*

## **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Eu acho que se agente tivesse mais a ajuda do padre, entendeu? A pastoral já tinha crescido. Ele não é presente. Então, eu acho que a maior dificuldade é a ausência dele. Porque, até as*

mães mesmo perguntam: “Esse padre não faz nenhuma visita à gente.” Porque quando a gente era junto com a Nossa Senhora do Bom Parto, eu já sou daquele tempo, não era que vinha padre, entendeu? Mas vinha pessoas de lá, mais forte. Numa celebração, aí vinha e dava uma palestra. E ele, eu já convidei esse tempo todo pra uma palestra e sempre: “Não posso, não posso, não posso. Agenda, agenda, agenda.” Eu acho que a maior dificuldade é essa. Porque pra crescer também a gente tem que ter ajuda. E, financeiramente também. É muito pouco a ajuda que eles mandam. Eu, como não tenho vergonha, aí eu peço mesmo. Saio pedindo a algumas pessoas da comunidade e não peço mais porque o padre já deixou bem claro que não gosta que ninguém peça nada pra igreja. Aí eu peço a ele. Às vezes, não muito, também nunca pedi muito, né? Aí eu chego lá: “Padre, hoje eu tô precisando de cem reais. Que é pra gastar com a pastoral.” Só que a pastoral, não é só o do bairro. Aqui, se vier cem reais, tem que dividir pra todos. Não dá. Cem reais não dá pra o povo do bairro, se for pra fazer uma coisa direitinho, bem feita, sabe?

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

A pastoral entrou na minha vida na hora certa. Deus mandou, sabe. Porque eu tava enfrentando um problema muito grave na minha casa, com meu filho. Quando eu descobri que ele era usuário de droga, então fiquei no fundo do poço... E... então...eu pensava até de fazer besteira, sabe, na minha vida. Um dia mesmo, eu já tinha feito a armação toda já. Uma tia do meu esposo morreu, aí ele saiu. Ele disse: “Eu vou pro enterro da minha tia.” Eu digo: Depois é hoje. Era até um dia sábado. Aí, eu já tinha olhado pro telhado. Vou pegar uma corda. Hoje eu vou me enforcar... E aí, Deus, sabe, através de uma criança mesmo, usou o meu esposo. Quando ele chegou aqui na pista, aí um menininho perguntou: “Cadê tia?” Só parece assim, que foi Deus que mandou aquele menino falar ali com ele disse: “Ela tá em casa”. Aí, ele começou a chorar pra ir pra junto de mim. Depois ele voltou da pista e foi levar o menino lá em casa. Aí quando ele chegou lá que viu aquilo ali, ele disse que tava como tava sentindo também, né. Mas acho que Deus usou aquela criança. E isso aí já foi mais um motivo. Eu já tinha vontade de trabalhar com criança, só que eu tava esperando uma oportunidade. Que assim, entrou padres e padres, mas nunca tinha feito esse convite pra gente entrar na pastoral. Pronto. A partir daquele momento que Deus enviou aquele anjo foi que eu peguei mais carinho e amor pelas crianças e aqui estou. I.F.R.S. era infeliz e hoje eu sou feliz. Não é que era totalmente infeliz, né. Mas, assim, eu não tinha carinho, amor, pelos filhos dos outros. Eu gostava mas não era aquele chamego. A partir do momento que eu comecei a trabalhar com criança eu mim sinto tão feliz, mais leve. Penso sempre em sair, mais quando eu lembro das criança, aí eu volto. Não, não vou deixar meus filhos. Eu digo que é meus filhos. Quando eu vejo eles na rua, eu digo: “Esses aí são meus.” E hoje eu sou mais feliz. E até pela barra. Pela dificuldade que eu encontro na minha casa por conta de meu filho, mas os filhos dos outros me faz reviver... Se eu for falar dos meus problemas, meu com meu filho já vai entrar em outro assunto. Mas, através dessa questão, do meu filho, mesmo é que os filhos dos outros me levanta. E assim, o que eu passo, eu não quero que as outras mães passem. Então eu fico me aproximando mesmo. Dou muito conselho. E converso com as criança. Às vezes até minha menina diz: “Vixe mainha, a senhora fala tanta coisa que não tem nada a ver.” E até os adolescentes mesmo, chega lá no postinho e eu digo: Tome, leve essa camisinha pra você, pra você, né... Aí, eu dou conselho pra eles num ficar na quadra ali, pra não tá atrás de droga e tal. Porque, mulher, o que eu passo... pra mim são criança, são rapaz, pode ser o que for, mas eu enxergo eles como criança. E os pequenininho eu não quero que cresça e faça o que meu filho faz, hoje.

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Sim. Como ela se doou, se doava pela gente, a gente deveria se doar mais, também por ela. Porque às vezes a gente fica assim, acha que o que a gente faz dentro de casa, a gente tá se espelhando por nossa senhora. Eu acho que não. Porque ela não fazia só a bondade dentro de casa. E sim ao próximo. E a gente tem que se espelhar por ela mesmo. Ela se doava. Ela vivia mais para o próximo do que pra ela em si.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Coisa difícil. É da pastoral? Assim eu participo da pastoral mas não sou de tá lendo, entendeu? Eu gosto mais da prática, do que tá em pesquisa, o nome de fulano, o que fulano fez. Eu gosto de fazer por mim.*

**O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*De uma mãe, que o marido é usuário, é não, era, porque mataram, ele era usuário de droga e assim, por coincidência, todo mês, quando a gente ia visitar, o fio de nosso senhor tava lá drogado, não queria deixar ela atender a gente, sabe. E, naquele dia, eu disse: ou tudo ou nada. Já lido com drogado mesmo, dentro da minha casa. Aí as meninas ficou com medo. Aí eu disse: Depois eu vou entrar, hoje. Entrei. Chamei ele. Conversei. E ele tava doidão, sabe. Eu digo, bom, se ele for agredir a gente vocês abrem o portão e a gente corre. E se não for, vamo ver né. Aí, eu fui explicar a ele porque o motivo da visita da gente. Que a gente tava ali pra ajudar, ele e os filhos porque passavam necessidade. Porque o dinheiro que ele arrumava era só cachaça e droga. E assim até hoje, ela me agradece muito, porque daquele pra frente, mulher, parece, parece não, foi Deus que mandou a gente ali, porque eu dei uma lição de moral tão forte aquele homem. contei a história do meu filho. Eu sempre coloco a história do meu filho na frente, de tudo. Que ele olhou assim pra mim. Ele disse: “Hoje eu não vou lhe dizer nada, porque eu tô desse tipo, mas amanhã eu lhe procuro.” Eu disse: Pronto. O homem vai me procurar e vai me matar. Mas não. Ele disse: “A partir de hoje, eu não vou usar droga mais. Eu prometo a você que quando você vier fazer a visita, eu vou ser um homem de verdade.” E foi mesmo. Mataram ele, porque assim, pelos erros que ele já tinha feito né. Mas até hoje, ela inda me agradece.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Amor.*

(ML13, 20 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*Da minha família porque todos participavam. Eu já fui acompanhada, quando criança. Desde os meus, acho, seis meses, até seis anos.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Bom, eu entrei na pastoral da criança tanto pelo motivo de gostar de criança como de ver o trabalho que a minha família fazia.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*Ajudar o próximo. A paixão pelo voluntariado, principalmente com crianças e gestantes.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Pela questão que eu acho que toda mulher nasce com o instinto maternal. Então a mulher tem, requer um cuidado maior, um cuidado maior. Então, ela se preocupa mais com a gestante, com a criança. Então, as mulheres tendem mais a ajudar.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já. Gênero? Vou passar essa.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Talvez. Depende do ponto de vista. Digamos, pra questões de orientação e de rodas de conversa se torna mais fácil pras mulheres porque as mulheres tendem a conversar mais. E por questões físicas, por questões de levantar criança, essas questões são mais fáceis para os homens.*

**Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Às vezes. Você se sente valorizada ao ver o sorriso de uma criança, ao ouvir um agradecimento depois de ajudar uma mãe, mas também você ouve muitas críticas de outras pessoas que não fazem parte. Por que você tá lá ajudando? Se você não vai receber nada. Você tá ajudando, mas tá recebendo alguma coisa? Eu vou fazer o que lá? Ajudar? Só? Mas fulano de tal recebe tanto da bolsa família. O pai de fulano de tal trabalha. E você ainda acompanha? Essas crianças não precisam não. Então são esses tipos de críticas e várias outras.*

Quando perguntado se ela se sentida valorizada pelo padre alocado na sua paróquia de pertença, vejamos a resposta:

*Não. Não.*

*Pelas famílias?*

*Sim. Nesse período que a gente ficou sem fazer as celebrações, as famílias cobravam... “E aí, vai ter quando celebração? Tô sentindo falta.”*

**Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Uma foi em uma das visitas que nós estávamos e aconteceu que tinha alguns fugitivos da polícia e chegaram, acho que, uns cinco carros de polícia e adentraram numa das casas que tinha duas líderes. Aí foi toda aquela euforia. A polícia entrou e os fugitivos passaram pelo lado e foram para o fundo da casa. No mais, acredito que as dificuldades deram pra levar. Falta de líderes; falta de compreensão, muitas das vezes, das mães por não entenderem que faltavam voluntárias e que elas poderiam ser voluntárias; falta de verbas; dificuldades de compromisso de alguns líderes; dificuldade de incentivo do padre da paróquia, que isso, na minha opinião, falta muito. E, no mais, é isso.*

**Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Não posso dizer muito sobre a de antes porque eu ainda era uma criança, quando eu entrei na pastoral da criança, pelo fato de só ter oito anos. Mas, eu tenho a certeza, que a partir do momento, com o passar dos anos, eu estou progredindo na PC. Então, na minha opinião, eu me tornei uma pessoa melhor. No sentido de respeitar, no sentido de ser humano, porque hoje as pessoas vivem mas não sabem o que é ser um ser humano. Acha que você precisa, tô nem aí, se você tá sentindo uma dor. É..., questão de cuidado. Quando você vê um pai que não cuida do filho, uma mãe que só bate, você aprende a amar seu sobrinho, você aprende a cuidar mais dos seus pais. Então, tudo é um ciclo. Com o tempo você vai aprendendo mais e valorizando as coisas que você tem.*

Perguntei se ela havia recebido alguma proposta por conta de ser voluntária da PC.

*Já tive várias oportunidades. Já apresentei a pastoral da criança em vários locais. Teve até uma última oportunidade agora que foi de ser a oradora da minha formatura e falar um pouco sobre a pastoral da criança na colação de grau. Pela questão justamente da humanização. Da falta de humanização nos profissionais de saúde. Então, essa foi uma oportunidade que me foi dada e que eu pretendo agarrar com as duas mãos.*

Você encontrou alguma dificuldade para conciliar os estudos e o trabalho voluntário?

*Eu consegui conciliar e até puxar um pouco do meu curso pra pastoral da criança. Sobre a questão da higiene, dos primeiros cuidados com os bebês, dos recém-nascidos, com o cuidado da higiene bucal, os cuidados com a mãe, sobre aleitamento, principalmente com aleitamento materno.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Sim. A questão do amor de Maria. Não só com o filho dela mas sim pelos filhos dos outros. Que muitas das vezes eu, como voluntária, não tem filho, mas quando chega lá eu tenho que saber cuidar do filho do outro. Querendo ou não, você acostuma e aprende a amar o filho dos outros. É como sempre dizem: Era o filho de Deus, foi gerado por ela, mas ela sabia que*

*ele retornaria, que ele só tinha uma missão. Isso a gente tem que saber, que o voluntariado nosso é uma missão. A gente vai acompanhar as crianças do primeiro ao sexto ano. Ou melhor, da gestação da mãe dele até o sexto ano. E aí, saindo ali, vão ter novas oportunidades pra ele.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*Um exemplo de mulher. Um exemplo a ser seguido. De amor, porque você não ter medo de dar a cara a tapa. É você vencer as dificuldades, as suas dificuldades. Ou melhor, esquecer as suas dores pra cuidar da dor do outro.*

**O que mais te marcou na Pastoral da Criança?**

*Foi uma pequena cena. Eu tava triste, cansada, tive a semana corrida do curso e fui pra celebração e fui até com raiva porque tava muito cansada. Eu cheguei lá, a gente começou a pesar as crianças, e do nada, uma criança, que eu acho que ela não tinha nem dois anos no tempo, ela simplesmente puxou a minha blusa e quando eu me abaixei ela simplesmente me abraçou e beijou meu rosto. Eu acho que essa foi uma cena que eu nunca esqueci. Tipo, a partir daquele momento eu comecei a sorrir e eu percebi que aquela forma era uma forma de dizer obrigado e dizer que ele não precisa me dizer nada. E era o que tava precisando naquele momento, naquele exato momento. Foi uma cena que me marcou muito.*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Amor.*

(ML14, 43 anos)

**Através de quem você conheceu o trabalho da Pastoral da Criança?**

*De Arlete. Aliás, Arlete chegou ao padre, queria a arquidiocese, achou por bem implantar lá, a pastoral da criança. Fizeram um estudo, eu acho, e viu que lá precisava da pastoral da criança. Não sei se pela violência, talvez. Não sei o critério deles. Mas aí, decidiu implantar lá, a pastoral da criança. E aí, o padre ligou pra mim. Como sabia que era da dengue, né, agente da dengue, aí eu conhecia muita gente do município e aí ele ligou pra mim. Pediu que eu fosse pra uma reunião que ia ter, explicou. Aí eu fui. Ele perguntou se eu concordava. Eu concordei e fui participar. Aí tava lá, Arlete e a equipe responsável na época.*

**O que lhe motivou a entrar na Pastoral da Criança?**

*Eu entrei, eu não conhecia direito, fui conhecendo aos poucos, mas o que motivou foi a precisão da evangelização. Como é uma base, uma base, a criança, é o feto, você já vai formando de forma cristã um feto. Isso é muito importante! Isso é muito sério! Eu vi isso de uma forma muito interessante. Quis conhecer melhor. Como eu via a realidade do povo, precisa de evangelização urgente, né. Cristãos, precisamos nos acordar mais e mais pra evangelização. Então aí eu disse quero conhecer esse trabalho que eu nunca tinha visto e aí fui conhecer.*

**O que faz com que você permaneça, até hoje, na Pastoral da Criança?**

*É como se Deus tivesse preparando o mundo para o paraíso. Ele já começa do feto. Ele começa do feto, uma renovação do mundo. Pra renovar tem que ser do começo mesmo, né? Da raiz. Então ele já vai no feto. É do começo. Bem do início, que se começa um trabalho religioso, um trabalho divino, podemos se dizer assim. Ter Deus agindo através da gente. Então, essa é a minha maior motivação de permanecer, de gostar, de apoiar esse trabalho que é belíssimo, né. Como todos da igreja, mais esse ele vai na raiz, na raiz do ser humano.*

**Na sua opinião, porque há mais mulheres do que homens na Pastoral da Criança?**

*Eu acho que, como tudo da igreja, sempre é mais mulher, né. Tá mudando um pouquinho isso. Os homens estão chegando mais. Mais é sempre mais mulher do que homem. Esse é um grande motivo, eu acho. E, o segundo é falta, talvez, de chamar mais. Tanto as mulheres chamar seus maridos, seus filhos, quanto a própria igreja, ela abrir portas cada vez mais para os homens, tirar o machismo que é muito colocado no nordeste, principalmente. Mas, eu acho que é isso. É convite. É mostrar o que é bom pra igreja e para os homens.*

**Ser mulher facilita o desenvolvimento das atividades voluntárias da Pastoral da Criança? Comente.**

*Um pouco. Talvez. Eu acho que facilita porque é mulher, né. Então, mulher com mulher, em relação ao ser mãe, eu acho que facilita um pouco. Mas, também tem a questão do pai, a presença do pai, eu acho que é muito importante. Que infelizmente, se falta muito, eles tem muito receio, principalmente em interior. Se tem muito receio do homem participar, um machismo, é pra mulher, sempre empurra pra mãe, pra mulher, mas eu acho que deveria sim chegar os homens, até pra abranger mais o lado masculino. Então, tem que ser visto de outra*

*forma, eu acho. Não só mulher, mas sim os dois. Até porque a participação da fecundação é dos dois. Do homem e da mulher. Então eu acho que o importante é os dois.*

### **Enquanto voluntária da Pastoral da Criança, você se sente valorizada?**

*Acho que sim. A população em si, pouco. A gente que cobra mais. Assim, a questão delas. Até na participação. Mas então, pela participação, você vê que a valorização não é tanta, porque se fosse, participariam mais. Com mais empenho, com mais gosto. Tanto que dá gosto quando a gente vê mães assim bem participativas. É belíssimas. Tanto na vida dos filhos quanto pelo carinho que tem com a gente. Então isso, eu vejo, dessa forma, eu vejo que elas estão dando valor realmente ao trabalho, não digo ao ser mulher eu, mas ao trabalho mesmo em si. Então eu acho que quanto à comunidade, devia dar mais valor porque é um trabalho feito pra eles. É Deus se doando pra eles, pra comunidade em si. Então, pela comunidade nem tanto. Mas pra o restante, família, o outro lado assim, quem olha, eu acho que é valorizado sim.*

E o padre, valoriza o trabalho? Perguntei à respondente.

*Sim, também, até porque o de lá, ele valoriza bastante cada pastoral. Então eu acho que é sim.*

E sua família?

*Valoriza, ajuda, faz bolo (risos).*

### **Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para atuar como voluntária da Pastoral da Criança?**

*Quando o povo não aceita, mesmo a gente indo com carinho, explicando com jeito, colocando o que é, botando os pontos bons, as coisas boas, a importância da pastoral, mas mesmo assim não é bem vista. Às vezes, não quer receber. Então, esse pra mim é o ponto mais negativo que nos deixa triste. Eu vejo mais esse ponto mesmo. A comunidade não aceitar, muitas vezes, não aceitando o trabalho.*

*Um ajuda o outro. Que é no meu trabalho que eu vejo pessoas, vejo as pessoas que precisam tanto da pastoral quanto da evangelização no sentido geral. Então, o trabalho ajuda, ele ajuda muito.*

Em casa?

*Aí a gente tem que ter muito Deus, muito jogo de cintura com Deus, né, em relação à vida, se doar a Deus, pra poder ter discernimento e sabedoria pra tudo. Que difícil é. Principalmente se pegar muitos trabalhos da igreja. Aí fica difícil conciliar tantos e a casa, o trabalho, o trabalho da pastoral, o trabalho de igreja. Então, às vezes, fica difícil. Se não for Deus, todos os dias, em oração, chega a ser impossível.*

### **Depois que você passou a atuar na Pastoral da Criança sua vida mudou? Em que aspectos?**

*Principalmente porque, é, assim, eu fui ver quando eu conheci a pastoral muita coisa. Se eu tivesse sido acompanhada pela pastoral muita coisa seria diferente. Apesar de eu ter sido*



*mãe com 29 anos, mas, muita coisa eu não sabia, até porque perdi minha mãe cedo, com seis. Com seis anos eu perdi a minha mãe e minha irmã de 15 quem criou. Então, ela não teve muito pra passar. Ela nem tinha muito pra passar, muito menos pra ensinar de mãe. Então, eu não me senti, depois que vi a pastoral, e não me sentia tão boa mãe quando ele era bebê. Então, se eu tivesse sido acompanhada pela pastoral, muita coisa seria diferente. Então, por ser mãe, o meu lado mesmo maternidade, se eu tivesse conhecido a pastoral antes, muita coisa seria diferente. Então, mudou muito assim, por dentro, nos atos, em tudo, na pessoa, aprendi muito mais, foi outra pessoa. Fui uma pessoa, e hoje sou outra com conhecimento e muita aprendizagem... Como ser mãe, como ser mãe desde bebê, desde feto, desde o feto, porque desde ali, do primeiro dia que há aquela união espermatozoide com óvulo. Então, ali naquele dia já forma um ser e ali já precisa ser trabalhado. Eu acho que a partir dali já precisa ser trabalhado. Então, a pastoral me ensinou mais dessa relação que eu não conhecia tanto, talvez pelo histórico de não ter tido mãe.*

*Na igreja, eu era muito tímida, mas participando de grupos de jovens, de igreja, eu fui aprendendo a ser de, pode-se dizer tabaroa, envergonhada, tímida a ser mais extrovertida em Deus. Que se não fosse ele, eu não seria não. Mas em Deus eu passei a ser extrovertida. Trabalhando nesse trabalho, aonde eu vou de casa em casa, todos os dias, conhecendo pessoas, não tinha como não ser comunicativa. Então, mais uma vez Deus me lança desafios. E aí, quando chegou eu já tirei um pouquinho de letra, as visitas da pastoral por fazer visitas também, no trabalho.*

**Você vê Maria, a mãe de Jesus, como um exemplo de mulher a ser imitado pelas voluntárias da Pastoral da Criança? Por que?**

*Com certeza. É o único grande exemplo, grande exemplo. Tem muitos outros exemplos, das santas, mas Nossa Senhora, sem dúvida nenhuma, é o grande exemplo, grande exemplo de mãe, grande exemplo de esposa, grande exemplo de mulher. Ela é grande, nesse lado feminino, em tudo, em primeiro lugar. Sem dúvida nenhuma ela é a pioneira, né, de tudo em relação à mulher, né. E na pastoral da criança, não seria diferente. É, realmente, a primeira e a melhor exemplo que temos.*

**Quando eu falo o nome Zilda Arns o que vem à sua cabeça?**

*A representante da pastoral da criança, né. Ela pra mim é a representante da pastoral. Tem muito mais pra ler sobre ela, mas o pouco que já li, já deu pra ver assim a importância dessa mulher a igreja. Ela foi muito importante na igreja e trouxe algo, assim, pro tempo de hoje, que precisa no mundo de hoje. Deus, em cada tempo, usa os seus anjos, podemos dizer assim né, as suas pedras preciosas. Então, ela foi desse tempo. A pedra preciosa de Deus, sendo até responsável pela pastoral da criança, né. Então, eu vejo ela assim, como uma pedra preciosa de Deus do tempo de hoje.*

**Você já ouviu falar na palavra “gênero”? Se já ouviu, comente.**

*Já. Eu já. Mas eu ouvi pouco, também. E ultimamente então. Pouco eu tô vendo sobre isso. Então, eu não tenho muito a falar, até porque tem muito tempo que eu não vejo, leio, pesquisei sobre isso, entendeu?*

**Se fosse pra resumir seu trabalho voluntário em uma palavra, qual seria?**

*Só tem uma. Amor. A palavra adequada, correta pra esse trabalho, é amor.*

## O que mais te marcou na Pastoral da Criança?

*Como eu já disse, pra mim, o que mais me marcou na pastoral da criança, é a minha mudança de ver e de ser mãe. Eu deveria ser melhor.*

Perguntei se ela se culpava por ter assumido esse perfil de mãe, outrora. Ela:

*Me culpo assim, eu acho que eu fui muito dura com ele, numa fase que eu não deveria ser. Ele hoje tem catorze. Mas na fase de bebê que devia ser mais amável e dócil. Tudo por questões, históricos de vida, então eu, firmei em mim certas ações e atitudes. Então, eu vejo, pra mim, eu errei. Já tive até orações com Deus me mostrando coisas. Que eu deveria tirar isso. Que as vezes é o mal que coloca né, não é a gente. É ele que coloca. Mas, mesmo assim, preciso mais trabalhar isso em oração. Eu me via muito dura e depois da pastoral eu vi assim, queria voltar no tempo pra fazer tudo de novo, entendeu? Fazer melhor. Tudo melhor. Às vezes a gente acha que sabe e não sabe, né, de muita coisa? Mas hoje, graças a Deus, eu tento recuperar esse tempo. Então, pra mim foi que mais mesmo me ensinou, foi essa questão da maternidade. E tento passar pras pessoas. Aquilo que eu sinto, que eu vejo, que eu errei. Então eu tento passar o máximo pra pessoas, aproveitarem. Uma coisa que eu gosto de dizer sempre: - Gente, aproveite o tempo. Ele passa rápido. Então, viva e ame hoje, agora. Aproveite seu bebê. Aproveite enquanto ele tá na barriga. Aproveite enquanto ele tá nos braços, ele é novinho, tão pequenininho. Então, aproveite cada segundo, cada dia, que ele é único e passa muito rápido. Tem até uma jovem lá que diz: - Bem que você me dizia. Desde quando ela tava grávida eu dizia, aproveite, aproveite, que o tempo passa rápido. Quando ela me vê, ela diz, bem que você disse. O tempo passa rápido, ele já tá ficando rapazinho. Eu digo, tá vendo, aproveite ele.*

*Acho que a gente precisa demais é falar de Deus, falar do amor em um mundo que tá fugindo tanto, meu Deus, tá fugindo tanto do amor. Agente precisa cada vez mais levar esse amor a todos, mostrar, falar de deus, mas principalmente falar do amor, que aí a gente tá falando de Deus de verdade.*

## APÊNDICE D – FORMULÁRIO SOCIOECONÔMICO

**“A histórica feminização da  
Pastoral da Criança: pressupostos,  
tramas e implicações de gênero no  
contexto da Arquidiocese de  
Aracaju/SE”**  
(Mestrado em Ciências da Religião/UFS)

Número do Formulário: \_\_\_\_\_

### Identificação

Idade: \_\_\_\_\_

Em que município você reside? \_\_\_\_\_

Estado Civil

( ) Casada ( ) Divorciada/Separada ( ) Viúva ( ) Solteira

Tem filhos (as)? ( ) Sim. Quantos (as)? \_\_\_\_\_ ( ) Não

Quem mora com você?

( ) Moro sozinha

( ) Pai

( ) Mãe

( ) Companheiro(a)

( ) Filhos (as)

( ) Irmãos (ãs)

( ) Outros parentes

( ) Amigos (as) ou colegas

Você se considera:

( ) Branca ( ) Negra ( ) Amarela ( ) Parda ( ) Indígena ( ) Outra \_\_\_\_\_

Qual sua religião? \_\_\_\_\_

## Educação

Sabe ler? ( ) Sim ( ) Não

Sabe escrever? ( ) Sim ( ) Não

Escolaridade:

( ) Não estudou.

( ) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (Antigo Primário).

( ) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (Antigo Ginásio).

( ) Ensino Médio (2º Grau) Incompleto.

( ) Ensino Médio (2º Grau) Completo.

( ) Ensino Superior Incompleto. Área: \_\_\_\_\_

( ) Ensino Superior Completo. Área: \_\_\_\_\_

( ) Pós-Graduação. Área: \_\_\_\_\_

( ) Doutorado. Área: \_\_\_\_\_

( ) Pós-Doutorado. Área: \_\_\_\_\_

Está estudando, no momento? \_\_\_\_\_

## Trabalho e Rendimento

Você trabalha? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, em que trabalha? \_\_\_\_\_

Se você está trabalhando atualmente, qual a sua renda ou seu salário mensal?

( ) Menos de um salário mínimo

( ) Até 1 salário mínimo (R\$ 880,00).

( ) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 880,00 a R\$ 1.760,00).

( ) De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 1.760,00 até R\$ 4.400,00).

- ( ) De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 4.400,00 até R\$ 8.800,00).
- ( ) De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 8.800,00 até R\$ 26.400,00).
- ( ) De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 26.400,00 até R\$ 44.000,00).
- ( ) Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 44.000,00).
- ( ) Não estou trabalhando.
- ( ) Outra resposta: \_\_\_\_\_

### **Serviço Voluntário na Pastoral da Criança e na igreja**

Tempo de atuação na PC? \_\_\_\_\_

Qual o seu cargo na PC? \_\_\_\_\_

Assume alguma outra tarefa na igreja? \_\_\_\_\_

## **ANEXOS**

## ANEXO A - PEDIDO DE ABERTURA DO PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO DE ZILDA ARNS NEUMANN

### *Moção de Apoio*

**Moção de apoio dos fiéis sobre a fama de santidade e sobre o legado evangelizador e pastoral da Dra. Zilda Arns Neumann, fundadora da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa.**

---

Todos os fiéis cristãos somos chamados à santidade de vida pela prática da caridade, tal como Jesus ensina nas bem aventuranças. Na busca do aperfeiçoamento espiritual, Jesus nos leva ao cumprimento da vontade do Pai: Sede perfeitos como o Pai é perfeito... sede misericordiosos como o Pai é misericordioso (cf. Mt. 5,48; Lc. 6,36).

O Pai coopera em tudo para o bem dos que o amam e praticam a caridade, dispondo da própria vida ao serviço dos irmãos. Aos que predestinou, os chamou. Aos que chamou os justificou. Aos que justificou os glorificou (cf. Rm. 8,28-30)

O aperfeiçoamento cristão segue o caminho da cruz, da conversão e do compromisso. Só existe santidade se o cristão desapegar-se de si próprio e, por amor a Deus, se dispor a servir o próximo: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me (cf. Mt.16,24).

A Sé Apostólica propõe que homens e mulheres que se sobressaem pelo fulgor da caridade e de outras virtudes evangélicas, sejam venerados e invocados, declarando-os santos e santas, em ato solene de canonização, após a realização de oportunas investigações (Beato João Paulo II, in Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*).

Nós, signatários, afirmamos que a Dra. Zilda respondeu aos apelos do amor de Deus, por sua vida de total doação aos pobres, cuja vida é negada ou ameaçada. Seu carisma e seu legado é um eco fiel da atitude do Bom Pastor que veio para que todos tenham vida em abundância (cf. Jo. 10,10).

O reconhecimento das virtudes da Dra. Zilda deve passar por um longo processo de informações preliminares, comportando na coleta de dados sobre a sua vida de santidade. Inúmeras pessoas e famílias beneficiadas pelo seu legado testemunham as suas atitudes de coragem e de esperança pela salvação da vida da criança e da pessoa idosa.

Por tais motivos, nós nos dirigimos respeitosamente a S. Exa. Revma., Dom Moacyr José Vitti, CSS, Arcebispo Metropolitano de Curitiba, onde viveu e foi sepultada a nossa amada fundadora, Dra. Zilda Arns Neumann, para que apresente a nossa petição à Congregação para a Causa dos Santos, solicitando a devida licença para a Abertura do Processo Informativo, tendo em vista sua beatificação.

---



**Pastoral da Criança  
Internacional**

Pastoral de la Niñez  
Child's Pastoral

La Pastorale de l'Enfance  
Die Kinderpastoral

Obs: as listas da moção de apoio devem ser entregues, por portadores de confiança, na Sede da Pastoral da Criança, situada à Rua Jacarezinho, 1691, bairro das Mercês, Curitiba, PR, até a primeira semana de dezembro de 2014.

**Moção de apoio dos fiéis sobre a fama de santidade e sobre o legado evangelizador e pastoral da  
Dra. Zilda Arns Neumann, fundadora da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa.**

Diocese: \_\_\_\_\_ Paróquia: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Nome	Doc. de Identidade (RG ou CPF)
1. _____	_____
2. _____	_____
3. _____	_____
4. _____	_____
5. _____	_____
6. _____	_____
7. _____	_____
8. _____	_____
9. _____	_____
10. _____	_____
11. _____	_____
12. _____	_____
13. _____	_____
14. _____	_____
15. _____	_____
16. _____	_____
17. _____	_____
18. _____	_____
19. _____	_____
20. _____	_____
21. _____	_____
22. _____	_____
23. _____	_____
24. _____	_____
25. _____	_____



## ANEXO B - RELATÓRIOS DE ENVIO DE FABS

### PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

#### Relatório de Envio de FABS

Município: ARACAJU -- ARACAJU / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

Ramo: 84 -- BOM JESUS DOS NAVEGANTES / Coord. Sra. Marilene da Ressurreição da Silva												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1
+ 12 RECANTO DA PAZ - ARACAJU	0	0	0	0	0	?	!	!	!	?	!	!
Ramo: 85 -- SANTO ANTONIO / Coord. Sra. Maria do Carmo Araújo Conceição												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
9 SANTA TEREZINHA - ARACAJU	0	0	C	C	?	C	C	C	C	C	C	C
21 SÃO FRANCISCO - ARACAJU	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Ramo: 88 -- Santa Lúcia / Coord. Sra. MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
+ 1 ALOC - ARACAJU	0	0	0	!	C	0	C	C	0	0	C	C
21 SANTO EXPEDITO - ARACAJU	0	0	!	0	0	!	0	0	0	C	0	0
Ramo: 92 -- NOSSA SENHORA DO PERPETUO ... / Coord. Sra. Fatima Quitéria da Silva de Almeida												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	2	1	1	1	2	2	2	2	2	2
1 NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO ...	0	0	!	0	C	0	C	C	C	2	C	C
2 TAMANDARE - ARACAJU	0	0	!	!	0	!	C	C	C	!	!	!
Ramo: 93 -- SANTA CLARA / Coord. Sra. Amélia Gomes Santos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
1 SANTA CLARA - ARACAJU	0	!	C	C	C	!	C	C	C	!	!	C
21 SÃO JOSÉ - ARACAJU	0	0	!	!	C	!	!	!	C	C	C	C
Ramo: 674 -- SAO PEDRO PESCADOR / Coord. Sra. SEM COORDENAÇÃO												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	1	1
+ 5 CONJUNTO JOAO PAULO II - ARACAJU	0	0	0	0	0	0	0	C	0	0	0	0
+ 22 MANUEL SATIRO - ARACAJU	0	0	0	0	0	0	0	!	?	C	?	?

Ramo: 1840 -- NOSSA SENHORA DO PERPETU... / Coord. Sr. Antônio Santos Filho												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
+ 10 NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO...	0	0	0	0	0	C	0	0	0	0	0	0
Ramo: 2537 -- SAGRADA FAMILIA / Coord. Sra. Maria Selma de Jesus												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
2 LAGO DA APARECIDA - ARACAJU	0	0	!	!	!	!	!	!	!	!	!	!
Ramo: 2659 -- SAO PIO DECIMO / Coord. Sra. TANIA MARIA DE SOUZA SALES												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
7 18 DO FORTE - ARACAJU	0	?	C	!	!	!	!	!	!	C	?	?
Ramo: 4111 -- SAO FRANCISCO DE ASSIS / Coord. Sra. Leidiane Vasconcelos Lima												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
1 SAO JOSE - ARACAJU	0	0	C	!	!	!	!	!	C	C	C	C
10 Sao Bras - ARACAJU	0	0	!	!	!	C	C	C	C	C	C	C
12 SANTA LUZIA - ARACAJU	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Ramo: 6408 -- NOSSA SENHORA DA CONCEIC... / Coord. Sra. CRISTIANA QUIRINO COSTA												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	2	3	0	4	0	4	4	4	0	4	4
2 MOSQUEIRO - ARACAJU	0	C	?	0	?	0	C	C	C	0	!	C
3 POVOADO AREIA BRANCA - ARACAJU	0	d/	!	0	!	0	!	C	?	0	!	!
8 MATAPUA - ARACAJU	0	0	?	0	!	0	?	!	?	0	!	!
+ 9 VARZEA GRANDE - ARACAJU	0	0	0	0	!	0	?	!	?	0	!	!
Ramo: 6409 -- NOSSA SENHORA DE GUADALU... / Coord. Sra. ROSA DE FATIMA C. PERGENTINO DE SANTANA												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
1 JARDIM ATLANTICO - ARACAJU	0	0	C	?	C	C	!	!	!	!	C	C
2 COROA DO MEIO - ARACAJU	0	0	C	C	C	C	C	!	C	C	C	C
Ramo: 6410 -- NOSSA SENHORA DAS GRACAS... / Coord. Sra. LUCIA RODRIGUES DE ANDRADE SANTOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0
5 TIA CACULA - ARACAJU	0	0	?	?	?	?	!	?	0	0	0	0
Ramo: 6413 -- NOSSA SENHORA APARECIDA / Coord. Sra. Eliene Melo Santos Ribeiro												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
2 ESTRELA DO ORIENTE - ARACAJU	0	d/	C	?	!	C	C	!	!	!	C	C
3 NOSSA SENHORA APARECIDA - ARACAJU	0	d/	C	?	C	C	C	C	!	C	C	?
4 NOVA ESPERANCA - ARACAJU	0	d/	C	?	C	C	C	C	C	C	C	C
5 Joel Nascimento - ARACAJU	0	d/	!	?	!	C	C	C	C	C	C	C
6 SAO MIGUEL ARCANJO - ARACAJU	0	d/	C	?	!	C	C	C	C	C	C	C
Ramo: 6441 -- SANTA TERESINHA / Coord. Sra. MARGARIDA CALMON SANTOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4
4 ROBALO - ARACAJU	0	0	!	!	!	!	!	!	!	!	!	!
+ 6 TRES PORQUINHOS - ARACAJU	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	!
8 SAO JOSE - ARACAJU	0	0	!	!	!	!	!	!	!	!	C	!
21 SAO FRANCISCO - ARACAJU	0	0	!	?	?	?	!	!	!	!	!	!
Ramo: 8035 -- NOSSA SENHORA DA SOLEDAD... / Coord. Sra. Ana Cristina Santos da Silva												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2
21 FREI AUGUSTO - ARACAJU	0	0	C	?	C	0	C	C	?	!	C	C
22 NOSSA SENHORA DOS PRAZERES - ARAC...	0	0	C	C	C	C	C	C	C	?	C	C
Ramo: 8047 -- SAO COSME E DAMIAO / Coord. Sra. ARLENE MARIA SANTOS SILVA PORTUGAL												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	2	2	2	2	2	2	2
+ 1 MARIA DO CARMO II - ARACAJU	0	0	0	0	0	!	!	!	!	!	!	!
+ 2 SAO CARLOS - ARACAJU	0	0	0	0	0	!	!	!	!	!	!	!
Ramo: 8800 -- NOSSA SENHORA DO CARMO / Coord. Sra. Maria Izabel Pereira Barros												

Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1
+ 1 ALTO DA JAQUEIRA - ARACAJU	0	0	0	C	C	0	C	C	C	C	C	C

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: AREIA BRANCA -- AREIA BRANCA / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 105 -- SAO JOAO PAULO II / Coord. Sra. Margarette Meneses Lima													
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16	
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	0	2	2	2	3	3	3	
+ 1 CANJINHA - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
+ 3 RIO DAS PEDRAS - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
+ 8 ALTO DOS VENTOS - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Ramo: 2363 -- SAO JOAO BATISTA / Coord. Sra. Maria Gicélia Soares Silva													
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16	
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	5	3	4	3	6	3	4	3	5	4	
6 MACACO - AREIA BRANCA	0	0	?	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
11 LAGOA SECA - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
13 MANILHA DE BAIXO - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
+ 16 ESPERANCA - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
17 DRA. ZILDA ARNS - AREIA BRANCA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
21 MONTE SINAI - AREIA BRANCA	0	0	?	0	0	0	0	0	0	0	0	0	



# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

**Município: BARRA DOS COQUEIROS -- BARRA DOS COQUEIROS / SE**

**Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS**

**Setor: 114 -- Aracaju**

CNBB

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 3663 -- SANTA LUZIA / Coord. Sra. Maria Grinauria do Espirito Santo												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	3	3	3	1	2	0	3	4	2	0
1 INVASAO DO CANAL - BARRA DOS COQUE...	0	0	C	C	C	0	?	0	C	C	0	0
2 LOTEAMENTO MARIVAM - BARRA DOS COQ...	0	0	!	!	!	C	0	0	!	!	?	0
+ 3 MALVINA - BARRA DOS COQUEIROS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	C	0	0
16 OLHOS D' AGUA - BARRA DOS COQUEIR...	0	0	C	C	C	0	?	0	C	C	?	0

**PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB**  
04 de Janeiro de 2017

**Relatório de Envio de FABS**

**Município: CAMPO DO BRITO -- CAMPO DO BRITO / SE**

**Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS**

**Setor: 114 -- Aracaju**

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 104 -- BEATO JUSTINO DA SANTISSI... / Coord. Sra. Marinalva Fereira Santana												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
+ 9 GARANGAU - CAMPO DO BRITO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	?
+ 13 TAPERA DA SERRA - CAMPO DO BRITO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	?
+ 21 IRAQUE - CAMPO DO BRITO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	?
Ramo: 5920 -- NOSSA SENHORA DA BOA HOR... / Coord. Sra. Lucy Mary Mendonça Silveira												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	10	10	10	10	10	9	10	10	10	10
1 MUGUIGA - CAMPO DO BRITO	0	0	!	C	C	C	!	C	!	!	!	C
2 BOM JARDIM - CAMPO DO BRITO	0	0	C	!	!	?	!	!	!	!	!	C
3 MUTIRAO - CAMPO DO BRITO	0	0	C	C	C	!	!	!	C	C	C	C
5 LIMOEIRO - CAMPO DO BRITO	0	0	!	!	!	!	!	!	!	!	!	C
6 RUA DO CRUZEIRO - CAMPO DO BRITO	0	0	C	!	!	!	!	!	!	!	C	!
10 CEILAO - CAMPO DO BRITO	0	0	C	?	C	!	C	!	C	C	C	C
11 GAMELEIRA - CAMPO DO BRITO	0	0	!	!	!	!	!	!	!	!	!	C
14 TRAVESSA SAO JOSE - CAMPO DO BRIT...	0	0	C	!	C	C	C	!	C	C	C	C
15 INVASAO - CAMPO DO BRITO	0	0	C	!	!	C	C	!	C	!	C	C
16 USINA - CAMPO DO BRITO	0	0	C	C	C	!	C	!	!	!	C	!

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: CAPELA -- CAPELA / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

CNBB

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 108 -- NOSSA SENHORA DO AMPARO / Coord. Sra. Claudia Cristina Silva Mercena												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	4	3	3	4	4	3	4	4	4	3
1 POVOADO PEDRAS - CAPELA	0	0	C	!	!	!	!	!	!	!	!	!
3 POVOADO CUMINHO - CAPELA	0	0	?	0	?	!	?	0	!	!	?	0
4 BAIRRO SAO CRISTOVAO - CAPELA	0	0	C	!	0	!	!	!	!	!	!	!
8 POVOADO MIRANDA - CAPELA	0	0	?	!	?	?	!	!	!	!	?	!
Ramo: 1841 -- NOSSA SENHORA DA PURIFIC... / Coord. Sra. MARIA JOSÉ SILVA SANTOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	2	2	0	2	2	2	2	2	3	0
21 POVOADO IGREJINHA - CAPELA	0	0	!	!	0	!	C	!	!	!	!	0
+ 22 POV NOSSA SENHORA DA PAZ - CAPELA...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	!	?	0
23 RUA DA PAZ - CAPELA	0	0	?	?	0	?	?	!	!	0	?	0

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: CARIRA -- CARIRA / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

CNBB

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 559 -- SANTA CRUZ / Coord. Sra. Maria Aélia Alves de Oliveira													
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16	
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	2	1	1	0	2	2	2	2	3	3	3	
6 RUA DE BAIXO - CARIRA	0	!	?	!	0	C	?	C	?	?	!	!	
+ 8 MATADOURO NOVO - CARIRA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	?	C	!	
22 FAZENDINHA - CARIRA	0	d///	0	0	0	C	?	!	C	?	!	?	



# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: FREI PAULO -- FREI PAULO / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 87 -- SAO PAULO / Coord. Sra. Savia Santos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	4	7	6	7	7	5	7	7	7	7	7
11 BAIRRO CHA - FREI PAULO	0	0	C	0	C	C	C	C	C	!	!	C
12 Conjunto Carlos Alexandre - FREI ...	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	!	!
13 CONJ. JOAO LIMA FEITOSA - FREI PA...	0	?	C	C	C	C	0	C	C	C	C	C
14 Conjunto Mutirão - FREI PAULO	0	?	C	C	C	C	C	C	C	!	!	C
15 CONJ. JOAO EDNALDO - FREI PAULO	0	?	?	C	C	C	C	C	C	C	C	C
21 CONJ JOSE GREGORIO - FREI PAULO	0	0	C	C	C	C	C	C	!	!	!	!
22 CONJUNTO JUDITE ABILIA - FREI PAU...	0	?	C	C	C	C	0	C	!	!	!	!
Ramo: 102 -- NOSSA SENHORA DA CONCEIÇ... / Coord. Sra. Josefa Salete de Matos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	6	6	5	4	3	4	4	4	4	3	4
1 CATUABO - FREI PAULO	0	C	C	C	0	C	C	!	C	!	!	!
2 ALAGADICO - FREI PAULO	0	C	!	!	C	C	C	!	!	!	C	!
3 MOCAMBO - FREI PAULO	0	!	!	!	!	0	!	!	!	!	!	!
6 SELAO - FREI PAULO	0	!	!	C	C	0	0	0	0	0	0	0
7 AREIAS DE CAIPORA - FREI PAULO	0	?	!	!	!	!	!	C	C	C	0	?
21 PE DE SERRA - FREI PAULO	0	C	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: ITABAIANA -- ITABAIANA / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

CNBB

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 101 -- NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS... / Coord. Sra. VIVIANE DOS ANJOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3
10 SÍTIO PORTO - ITABAIANA	0	?	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
21 LOTEAMENTO SÃO JOÃO - ITABAIANA...	0	?	?	C	C	C	C	C	C	C	C	!
22 SANTA CLARA - ITABAIANA	0	?	C	C	C	C	C	C	C	C	!	C
23 NOSSA SENHORA DAS GRACAS - ITABAI...	0	?	C	!	C	C	C	C	C	C	C	0
Ramo: 111 -- JESUS MISERICORDIOSO / Coord. Sra. Maria Aparecida de Oliveira												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	7	7	7	7	7	8	8	4	4	4	4
6 RIACHO DOCE - ITABAIANA	0	C	C	!	C	!	C	C	!	C	C	C
+ 12 QUEIMADAS - ITABAIANA	0	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	C
21 NOSSA SENHORA DAS GRACAS - ITABAI...	0	C	!	?	?	C	C	C	0	0	0	0
22 SANTA CECILIA - ITABAIANA	0	0	C	C	C	?	C	C	0	0	0	0
23 LUIZ GONZAGA - ITABAIANA	0	C	C	C	C	C	C	C	0	0	0	0
24 CORUJA - ITABAIANA	0	C	0	0	!	C	!	!	0	0	0	0
25 BEATA DULCE DOS POBRES - ITABAIAN...	0	d///	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0
+ 26 DOM BOSCO - ITABAIANA	0	d///	0	0	0	0	!	!	!	X	0	C
27 SÃO FRANCISCO DE ASSIS - ITABAIAN...	0	C	!	C	C	C	!	C	C	C	C	C
28 NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO...	0	C	C	C	0	0	0	0	0	0	0	0
Ramo: 2650 -- NOSSA SENHORA DO BOM PAR... / Coord. Sra. ANGÉLICA DA SILVA SANTOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	4	4	4	4	4	4	4	8	8	8	8
2 EUCALIPITOS - ITABAIANA	0	d///	?	!	?	C	C	!	!	C	!	!
+ 4 CAMPO GRANDE - ITABAIANA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	!
+ 7 LUIZ GONZAGA - ITABAIANA	0	0	0	0	0	0	0	0	C	C	C	!
9 BOM PARTO - ITABAIANA	0	d///	C	C	C	C	C	C	C	C	C	!
+ 11 CORUJA - ITABAIANA	0	0	0	0	0	0	0	0	C	C	C	!
21 MADRE TEREZA DE CALCUTA - ITABAIA...	0	d///	?	?	C	C	C	C	?	C	C	!
22 IRMA AUXILIADORA - ITABAIANA	0	d///	C	C	C	!	!	C	!	!	C	!
+ 23 SANTA MONICA - ITABAIANA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	!
+ 24 NOSSA SENHORA DAS GRACAS - ITABAI...	0	0	0	0	0	0	0	0	C	C	C	0
+ 25 SANTA CECILIA - ITABAIANA	0	0	0	0	0	0	0	0	C	C	C	0

Ramo: 6442 -- IMACULADA CONCEIÇÃO E ... / Coord. Sra. Helenilza dos Santos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	6	6	6	6	6	6	5	5	5	6
3 MIGUEL TELES DE MENDONCA - ITABAIA...	0	0	!	C	C	C	C	C	C	C	C	!
5 SAO MIGUEL ARCANJO - ITABAIANA	0	0	C	C	!	C	C	C	C	!	!	!
6 ESTREITO - ITABAIANA	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
7 SAGRADO CORACAO DE JESUS - ITABAIA...	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
+ 8 SAO FRANCISCO DE ASSIS - ITABAIANA...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	C
21 SAO LUCAS - ITABAIANA	0	0	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
22 SAO MATEUS - ITABAIANA	0	0	C	C	C	C	C	C	0	0	0	0

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: MARUIM -- MARUIM / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

CNBB

Para que todas as crianças tenham vida

Ramo: 4537 -- SENHOR DOS PASSOS / Coord. Sra. Genalva Feitosa Santos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	1	8	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
1 CONJUNTO A. FRANCO - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
3 BAIRRO SAO JOSE - MARUIM	d	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
4 ARAPIRACA - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
9 LACHES - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
11 RUA SAO VICENTE - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
14 PEDRA BRANCA - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
15 JOAO GOMES DE MELO - PAU FERRO - ...	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
16 JOAO PAULO II - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
21 COELHO - MARUIM	0	d	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c



# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

**Município: NOSSA SENHORA DAS DORES -- NOSSA SENHORA DAS DORES / SE**

**Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS**

**Setor: 114 -- Aracaju**

**CNBB**

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 107 -- NOSSA SENHORA DAS DORES / Coord. Sra. Elizabel Melo Silva												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	4	3	2	3	3	3	3	3	3	3
21 VOLTA - NOSSA SENHORA DAS DORES	0	0	C	C	?	C	C	?	C	?	!	?
22 SACO DE CAÇULO - NOSSA SENHORA D...	0	0	!	?	0	C	C	?	!	!	!	?
23 JOAO VENTURA - NOSSA SENHORA DAS ...	0	0	C	!	?	C	C	C	!	C	!	?
24 CRUZEIRO DAS MISSOES - NOSSA SENH...	0	0	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ramo: 6443 -- SÃO CRISTOVÃO / Coord. Sra. Irselma Vieira da Rocha												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0
5 CAMPO VELHO - NOSSA SENHORA DAS DO...	0	0	C	0	0	!	!	0	0	0	0	0

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: NOSSA SENHORA DO SOCORRO -- NOSSA SENHORA DO SOCORRO / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

CNBB

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 103 -- Nossa Senhora Rosa Mist... / Coord. Sra. Taynara Goes dos Santos													
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16	
Comunidade - Municipio \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
22 RAINHA DA PAZ - NOSSA SENHORA DO ...	0	0	C	?	?	0	0	0	0	0	0	0	0
Ramo: 109 -- SAO JOSE / Coord. Sra. Márcia dos Santos													
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16	
Comunidade - Municipio \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
21 MUTIRAO - NOSSA SENHORA DO SOCORR...	0	0	C	!	?	C	!	!	!	?	C	C	
Ramo: 6444 -- NOSSA SENHORA MONTE SERR... / Coord. Sra. ANA APARECIDA DE OLIVEIRA													
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16	
Comunidade - Municipio \ Fabs Enviadas	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	1	1
+ 2 NOSSA SENHORA DO MONT SERRAT/PIABE...	0	0	0	0	0	?	?	0	!	?	0	!	

# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

Município: ROSARIO DO CATETE -- ROSARIO DO CATETE / SE

Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS

Setor: 114 -- Aracaju

CNBB

Para que todas as  
crianças tenham vida

Ramo: 6436 -- NOSSA SENHORA DO ROSARIO... / Coord. Sra. Adriana Pinheiro de Lima												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Municipio \ Fabs Enviadas	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	0
3 POV. TAMANDARE (ANT. RUA DA PALHA)...	0	0	1	1	C	C	C	C	C	C	1	0
4 INCRA - ROSARIO DO CATETE	0	0	?	?	?	?	C	1	?	C	C	0

**PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB**  
**04 de Janeiro de 2017**

**Relatório de Envio de FABS**

**Município: SANTA ROSA DE LIMA -- SANTA ROSA DE LIMA / SE**

**Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS**

**Setor: 114 -- Aracaju**

**CNBB**

**Para que todas as  
crianças tenham vida**

Ramo: 2505 -- SANTA ROSA DE LIMA / Coord. Sra. ROZILENE DOS SANTOS												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Municipio \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
2 R.NOVA BRASILIA - SANTA ROSA DE LI...	0	0	C	!	C	!	!	!	!	!	!	!



# PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB

04 de Janeiro de 2017

## Relatório de Envio de FABS

**Município: SAO CRISTOVAO -- SAO CRISTOVAO / SE**

**Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS**

**Setor: 114 -- Aracaju**

Para que todas as crianças tenham vida

Ramo: 86 -- NOSSA SENHORA DA VITORIA / Coord. Sra. MARIA DAS NEVES SANTOS DE SANTANA												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
8 ARAME II - SAO CRISTOVAO	0	d/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
13 ALTO DA DIVINEIA - SAO CRISTOVAO	0	d/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
Ramo: 110 -- MENINO DEUS / Coord. Sra. Cleodice Izidório Santos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	3	3	3	3	3	3	3	3	3	0	0
21 MADALENA DE GOES - SAO CRISTOVAO	0	/	/	/	/	/	/	/	/	/	0	0
22 ARAME I - SAO CRISTOVAO	0	0	c	c	/	c	/	c	c	c	0	0
23 COLONIA MIRANDA - SAO CRISTOVAO	0	?	?	?	?	?	?	/	/	/	0	0
24 BRASILINHA - SAO CRISTOVAO	0	c	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ramo: 6437 -- Nossa Senhora de Loretto... / Coord. Sra. Elielecia Santos de Oliveira												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
3 Madre Paulina - SAO CRISTOVAO	0	0	/	/	/	/	/	/	/	/	c	/
Ramo: 6438 -- SENHOR DO BONFIM / Coord. Sr. Arnaldo Santos de Santana												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
2 ROSA MARIA - SAO CRISTOVAO	0	d/	/	/	/	/	/	c	/	c	/	/
3 JARDIM UNIVERSITARIO - SAO CRISTOV...	0	d/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
4 MARIA DO CARMO - SAO CRISTOVAO	0	d/	/	/	/	/	/	/	/	?	/	/
8 VARZEA GRANDE - SAO CRISTOVAO	0	d/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/

**PASTORAL DA CRIANÇA - CNBB**

**04 de Janeiro de 2017**

**Relatório de Envio de FABS**

**Município: SIRIRI -- SIRIRI / SE**

**Considerando os últimos 12 meses de envio de FABS**

**Setor: 114 -- Aracaju**













**CNBB**

**Para que todas as  
crianças tenham vida**

Ramo: 5091 -- JESUS MARIA E JOSE / Coord. Sra. Patricia dos Santos												
Mês de Referência:	Dez/16	Nov/16	Out/16	Set/16	Ago/16	Jul/16	Jun/16	Mai/16	Abr/16	Mar/16	Fev/16	Jan/16
Comunidade - Município \ Fabs Enviadas	0	0	1	2	2	2	2	2	2	2	2	0
1 VILA NOVA E BAIXA DA AREIA - SIRIR...	0	0	C	?	C	C	C	C	?	?	C	0
+ 8 Nossa Senhora da Conceicao - SIRIR...	0	0	0	C	?	C	C	C	C	C	C	0

## Informações

### Legenda:

- "+" - Comunidade sem sinal de vida
-  - FABS enviada e correta
-  - FABS enviada e correta e há registro de dados no limbo
-  - Não enviou FABS
-  - Não enviou FABS e há registro de dados no limbo
-  - Erro de preenchimento
-  - Erro de preenchimento e há registro de dados no limbo
-  - Amplitude anormal
-  - Amplitude anormal e há registro de dados no limbo
-  - FABS nula
-  - FABS nula e há registro de dados no limbo
-  - Digitação não concluída
-  - Digitação não concluída e há registro de dados no limbo

Relatório gerado por capacita / PASTORAL DA CRIANÇA - CNPC

Filtros: Considerandos os últimos 12 meses de envio de FABS

**ANEXO C – LOGOTIPO DA PASTORAL DA CRIANÇA**

